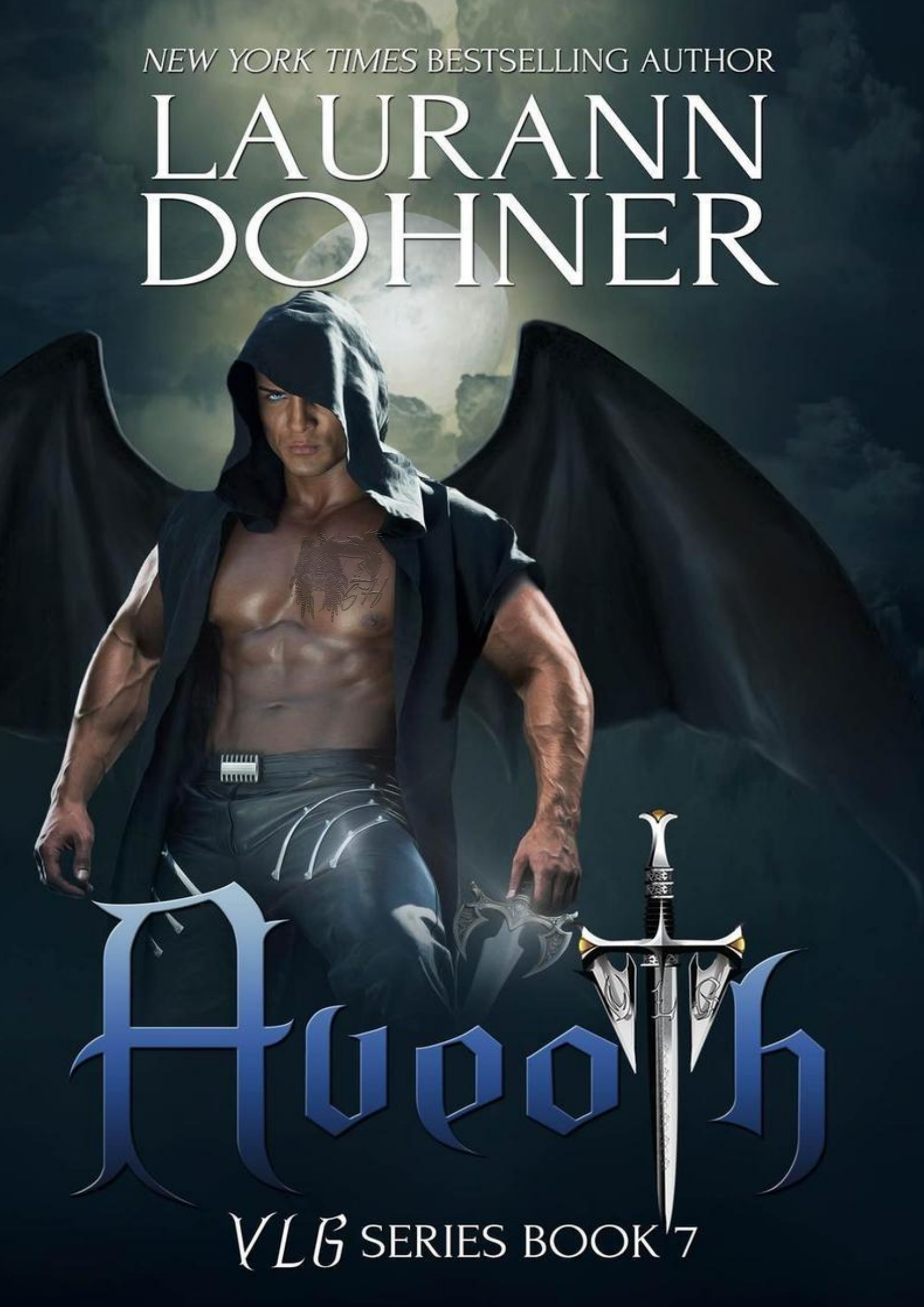

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
LAURANN DOHNER
Awoth
VLG SERIES BOOK 7



AVISO 1

Essa tradução foi feita pelo grupo Shifter's Homeland, de forma a proporcionar ao leitor o acesso à obra, motivando-o a adquirir o livro físico ou no formato e-book. O grupo tem como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso e se assim julgar necessário, retirará do arquivo os livros que forem publicados por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros destina-se, exclusivamente, para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho do grupo, sem prévia autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que,por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.



AVISO 2

Nunca comente com o autor ou seus conhecidos que leu o livro do mesmo em português, e muito menos envie o arquivo ou cite o nome do grupo que fez a tradução.

Se você quer continuar a ter acesso aos livros que não tem nenhuma previsão de lançamento no Brasil, mantenha sua boca e dedos calados.

Repeite o nosso trabalho voluntário e se realmente quiser ajudar o autor, compre um livro dele para contribuir, os autores vivem disso e temos que a fazer nossa parte. Você pode adquirir no formato ebook em vários sites oficiais, assim vai ajudar o grupo e aos nossos amados autores.

Não publique nossas traduções em Sites, Wattpad, Facebook, Blogger ou qualquer lugar público na internet.

Faça sua parte e terá leitura por muito tempo!



Shifter's Homeland

Equipe Shifter

Tradução TM

Mih

Tradução

Silvia Helena

Revisão e Formatação

Bec Devereaux Monteiro



Sinopse

Jillian Milzner viveu uma vida fugindo. Seu doador de biológico de esperma deixou claro que deseja que ela nunca tivesse nascido. A maioria das crianças recebe presentes de seus pais enquanto cresce. Ele enviou bandidos para fazer ameaças de morte para garantir que nunca tentasse encontrá-lo. Ele não precisava ter se incomodado, já que ela não queria ter nada a ver com Decon Filmore. Seu pai, no entanto, pensa que Jill poderá ser útil. As coisas vão de mal a pior, quando os homens de seu avô a sequestram para entregá-la a um homem assustador... e que saiu direto de seus sonhos mais sexy.

Lorde Aveoth não fica surpreso com a chamada de Decker Filmore. O homem está desesperado para fazer com que Lorde GarLycan para de caçá-lo e está igualmente determinado a recuperar seu clã VampLycan. Para atingir ambos os objetivos, ele oferece a Aveoth outra neta meio-humana de sua linhagem.

É solitário ser o Lorde de um clã, assim Aveoth concorda com a reunião e imediatamente sente-se atraído por Jill. Ele também se irrita ao saber que ela foi levada a ele contra sua vontade, mas quer mantê-la. Mesmo que exponha seu segredo mais sombrio... o que poderia separar seu clã.

LANÇAMENTO ESPECIAL
PRESENTE SURPRESA!







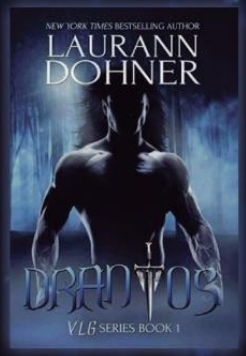
SÉRIE VGL

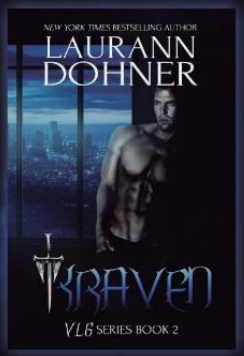
LIVRO 07

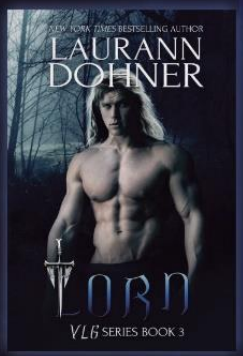
PARABÉNS!
2 ANOS SHIFTERS

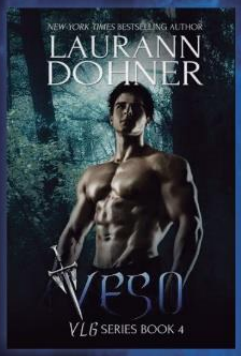
SÉRIE VGL

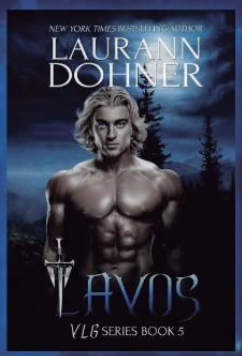
DISTRIBUÍDOS

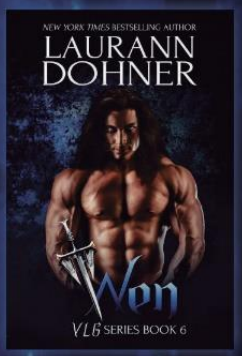




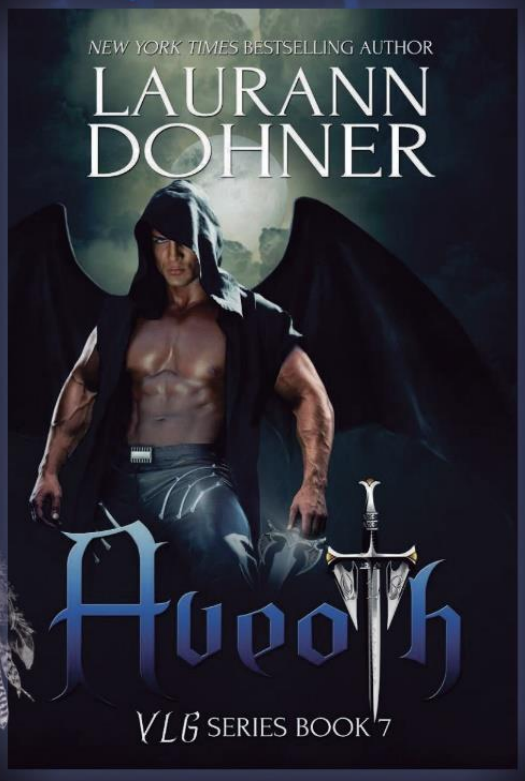


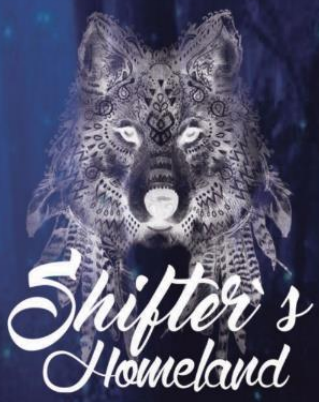




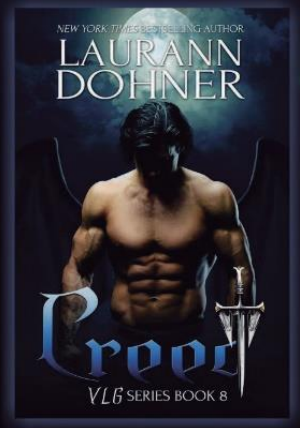


Lançamento!





PRÓXIMO



LAURANN DOHNER

Capítulo Um

Jill desligou o soldador e observou o homem que usava um terno, contornando sua grande loja. Ele olhou para o chão, estremeceu e pisou levemente através das aparas de metal[1] espalhadas por seu caminho.

— Posso ajudá-lo? — Jill não gostou nada de seu olhar.

Suas mãos alisaram o caro terno preto e franziu a testa para sua pergunta. Isso o fez parecer muito amargo e apenas aumentou as linhas profundas perto de sua boca e olhos frios.

— Você é Mack?

Sua espinha endureceu instantaneamente. A máscara protetora que ela usava escondia seus traços e fazia sua voz soar estranha. A blusa volumosa que cobre suas roupas provavelmente também não ajudava, disfarçando sua forma. Mas ainda era insultante ser confundida com um homem.

— Quem quer saber? — Ela o imaginou como um cobrador de contas e isso a colocou no limite.

— Estou à procura de Jillian Milzner.

— O que você quer com ela?

— Apenas preciso localizá-la. — Ele se aproximou, olhou para os sapatos e fez uma careta. — O que é isso?

— Poeira e restos de metal. — Ela decidiu que o rapaz poderia vestir-se bem, mas ele não era muito brilhante. — Você está em uma loja que trabalha com metais.

---

[1]  São restos de metais, fios de mais finos.

— Sou um advogado que busca da Srta. Milzner.

Seu temperamento se acendeu.

— Esse filho da puta. — Ela deixou de lado o soldador e arrancou as luvas. Em segundos, tirou o capacete para olhar o tubarão. Ela não era fã de advogados. — Patrick está me processando? Você está falando sério? Aquele pau mereceu ter o nariz quebrado. Teve sorte de não colocar suas bolas em seu estômago e simplesmente fazer ao mundo o favor de castrá-lo. Ele já apresentou acusações e o juiz idiota ficou do lado dele. A única razão pela qual não apelei foi porque fui condenada apenas a assistir algumas horas daquelas estúpidas aulas. Não valia a pena o aborrecimento.

Ele arqueou as sobrancelhas brancas enquanto a estudava.

— Você é Jillian.

Ela desamarrou a blusa volumosa que protegia suas roupas, empurrou-a sobre sua cabeça e jogou-a sobre a mesa. — Espere. — Ela cavou em seu bolso traseiro e retirou a nota de dez dólares que empurrou lá mais cedo naquela manhã. — Aqui. — Ela se aproximou dele, segurando o dinheiro dobrado. — Isso é tudo o que ele conseguirá. Você é um idiota por aceitar seu caso. Pode manter a metade e dizer-lhe que é para gastar os cinco dólares no papel higiênico, porque ele está cheio de merda.

O advogado não pegou o dinheiro.

— Estou cheia de protestos, e quebrada. Você nunca verá um centavo de outra forma, então pegue. Eu não tenho mais carro já que minha transmissão quebrou. Faço dez dólares por hora, a tempo parcial e vivo em um apartamento de um quarto sobre este edifício trabalhando para Mack. Meu patrimônio líquido fica em torno de cinquenta dólares. Foi o que o guincho me ofereceu para levar meu carro para o ferro velho e eu preciso pagar o aluguel. O mobiliário no andar de cima nem é meu. Pegue o dinheiro e diga a Patrick para ir para o inferno. Você realmente deve ser mais cuidadoso em escolher clientes no futuro. Terminei por aqui.

Seus olhos verdes se arregalaram.

— Eu não trabalho para este Patrick a quem está se referindo.

Jill abaixou o braço e mordeu o lábio.

— Merda. O juiz o enviou? Fui a aulas de gerenciamento de raiva. Pode ligar e verificar. É por isso que estou atrasada com o aluguel. Eles cobram por aquelas estúpidas classes. — Ela empurrou o dinheiro de volta no bolso. — Você não dirá ao juiz que eu perdi a paciência, verdade? Quer dizer, foi totalmente justificado quando eu bati naquele rato. Ele não apenas agarrou minha bunda, deixou marcas vermelhas. Você pode entender como eu ficaria com raiva, por ele estar tentando processar-me, certo? — Ela forçou um sorriso. — Sou totalmente legal. Viu? Não há raiva aqui. Essas aulas realmente ajudaram. — Ela mentiu com coragem.

Ele respirou fundo.

— Nenhum juiz me enviou também. Trabalho para Decon Filmore.

O nome enviou um choque através dela. Era familiar. Ela teve que apertar os joelhos para permanecer de pé.

— Ele é seu pai.

— Doador de esperma. — Ela mudou, sua raiva retornando. — Então veio me ameaçar? Não se preocupe. Está perdendo seu tempo. Não tentaria contatá-lo para nada. Vá embora e nunca volte.

— Esse não é o motivo da visita.

— Ele está morto?

— Não.

— Oh. — Ela recuou e quase bateu na mesa. — Ele está morrendo de alguma doença dolorosa?

— Não.

— Merda.

O advogado franziu a testa.

— Esta não é a reação que eu esperava. Percorri um longo caminho para encontrá-la, Srta. Milzner. Não foi fácil fazê-lo. E também sinto muito sua perda.

— Minha perda? — Ela apertou as mãos nos punhos. — Você não tem ideia. Minha mãe era uma mulher maravilhosa e sua morte há três anos me devastou.

Ele deu um rápido aceno de cabeça.

— Seu pai me enviou para...

— Ele precisa de um rim? — Esperança apareceu e ela sorriu. — Medula óssea?

A boca do homem ficou aberta.

— Não.

Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Este não é meu mês.

— É muito gentil que você ofereça, mas ele...

— Oferta? Você está entendendo muito errado. Quando criança, eu costumava sonhar com esse tipo de situação apenas para que pudesse ficar de pé sobre seu corpo moribundo enquanto eu dizia para ele queimar no inferno. Como um bônus, eu esperava até que ele morresse.

— Srta.. Milzner! — Ele ofegou.

— Oh, me poupe. — Ela fez uma careta. — Você conhece esse idiota?

— Claro que sim.

— Então não deveria ter que explicar minha posição para você, mas talvez precise. Ele nocauteou minha mãe e a ameaçou quando se recusou a se livrar de mim. Você realmente acha que ela não me disse a verdade? Dá um tempo! Minha mãe sempre me disse quem é seu chefe. Ele deu-lhe vinte mil e ameaçou me fazer desaparecer se alguma vez tentasse contatá-lo de alguma forma. Ele também

ameaçou com *seu* pai, jurando que o papai querido iria gastar uma fortuna em um tribunal para me levar para longe dela, provando que era uma prostituta. Para adicionar o insulto à lesão, ele jurou que o papai idiota me colocaria para adoção pela alegria de livrar a família de um bastardo indesejável. Minha mãe teve que me criar sozinha e não contou com aquele idiota para apoiá-la ou a acriança. Os vinte mil foram usados para pagar as contas do hospital onde nasci e nos afastou das ruas logo depois. E a cada poucos anos, alguns amigos dele apareciam para lembrá-la de nunca mencionar seu nome. Você *honestamente* acha que choraria se ele aparecesse por nossa porta?

— Ele sentiu que era necessário.

Seus olhos se estreitaram e ela se lembrou de como deveria controlar a raiva. Aquelas estúpidas aulas de gerenciamento de raiva e as dez horas que suportou passaram por sua mente, mas não ajudou. Ela jogou o braço em direção ao soldador e passou os dedos sobre ele enquanto se debatia quanto tempo um juiz poderia prendê-la se fizesse o que realmente queria fazer.

— Contarei até dez para sair, porque aprendi recentemente, mas se ainda estiver aqui quando terminar, pegarei isso e baterei em você. S*into que é necessário.* Diga ao seu chefe que volte rastejando sob qualquer pedra onde ele mora e não envie outra pessoa para me ameaçar. Não quero nada com ele.

— Senhora. Mil...

— Um. — Ela fez uma pausa. — Dois. E a propósito, não estou bem da cabeça. Esse é um terno muito agradável. Estou totalmente dispostaa ir à prisão, já que minha vida é uma merda de qualquer jeito e eles alimentam você com três refeições por dia, mais do que como. Laranja não é minha cor, mas aposto que preto e azul não é a sua, também. Vá embora. — Ela respirou profundamente.

— Três.

— Boon! — O advogado recuou. — Entre aqui.

A porta da loja abriu-se bruscamente e um bandido entrou. O cara era enorme, corpulento, com cabelos castanhos grossos. Uma cicatriz percorria sua bochecha e

ele escorria tanta maldade que reconheceu por suas muitas experiências em seus estimados trinta anos.

O coração de Jill bateu quando percebeu que estava com problemas. O advogado tinha um comparsa. Ela ergueu o queixo, enquanto olhava para o homem assustador que vestia jeans e jaqueta de couro.

— Eu não quero nada com esse covarde. Pode me poupar das ameaças. Nunca contatarei ele ou sua família. Posso estar quebrada, mas tenho padrões. Não ando com lixo ou me associado a ele. Isso deixa Decon uma merda sem sorte.

O homem olhou para o advogado.

— Problemas, Cole?

— Ela não virá conosco voluntariamente.

— Você explicou a situação? — O bandido tinha uma voz profunda e mal-humorada. Não era agradável.

— Ela não está receptiva quanto a ouvir minha oferta. Ameaçou bater em mim, Boon.

Boon dirigiu seu olhar castanho escuro para ela e sorriu. Ele enviou arrepios pela espinha dorsal. Jill apoiou-se e bateu na mesa enquanto a mão dela segurava o soldador tão forte que poderia dobrar o metal. Os apertos de plástico não eram fáceis de agarrar quando começou a suar. *Ah Merda. Onde está Mack? Ele não está almoçando? Seria ótimo se voltasse agora.*

Seu chefe não apareceu magicamente, apesar de seu desejo. O grande bandido aproximou-se, movendo-se de uma maneira que a fez se sentir perseguida. Ele cheirou o ar. — Isso aqui fede.

— Eu percebi. — O advogado avançou mais.

— O que quer dizer?

— Ela é a filha de Decon, tudo bem. Eu vi fotos. Você pode pegá-la e podemos ir.

— Não, obrigada. — Jill percorreu a borda da mesa. — Você não faz meu tipo. Não gosto de ser pega e prefiro encontrar um cara na rua. Provavelmente eles têm uma melhor higiene do que você. — Ela se moveu ao redor da mesa e a colocou entre ela e o homem marcado. — Retroceda, bárbaro.

— Seu pai solicita que você o visite. — O advogado sorriu friamente, chamando sua atenção. — Você irá conosco para o Alasca. Temos um jato privado esperando.

— Eu não tenho pai. Sou uma bastarda, lembra-se?

Ela mentalmente julgou a distância entre ela e a porta para o beco — então girou em seus calcanhares para correr em direção a ele quando o bandido se aproximou.

Ela quase conseguiu sair do prédio quando ele agarrou a parte traseira de sua camisa. O tecido se rasgou quando ele a puxou. Jill reagiu chorando e se contorcendo. Ela balançou, aponta afiada dos alicates bateu no braço dele, mas errou o alvo e a ferramenta apenas deslizou sobre o couro em vez de esfaqueá-lo.

— Pare. — Ele ordenou.

— Deixe-me ir! — Ela deixou cair a arma inútil, segurando seu braço para tentar conseguir uma alavanca. Então levantou o joelho com força.

Boon tentou girar, mas não foi rápido o suficiente. Ela o atingiu entre as coxas.

Ele rugiu alto o suficiente para machucar os ouvidos, mas o aperto em sua camisa se afrouxou. Ela deu um soco em seu rosto quando ele se inclinou levemente para frente de dor. Seus nódulos bateram em sua bochecha, e ela se contorceu novamente para se libertar.

O homem conseguiu agarrar sua longa trança. Jill gritou de dor enquanto ele puxava suas costas até o corpo dela bater no dele. Ela empurrou o cotovelo para ele o mais forte que pode, batendo no estômago. Ele grunhiu, mas não a deixou ir. Ele envolveu sua mão livre ao redor de sua garganta.

— Você é feroz. Eu gosto disso.

Jill não podia respirar, ele segurava forte seu pescoço. O terror a agarrou, sabendo que ele poderia quebra-lo se quisesse ou sufocá-la. Ele era grande, cerca de um metro e noventa e pelo menos cento e vinte quilos. Sua cabeça não alcançava o ombro, assim não teve escolha senão encostar-se a ele.

— Não a machuque. — O advogado entrou em sua linha de visão e franziu a testa. — Sem hematomas nos braços também. Aveoth não apreciará isso quando a entregarmos a ele.

Quem é Aveoth?

— Ela me deu uma joelhada nas bolas. — Ele grunhiu, fazendo uma ótima impressão de um cão de rua. O que apenas aumentou seu medo. Ele aliviou seu aperto ao redor de sua garganta, mas não a soltou. — Ela deveria pelo menos beijá-las para sarar.

Jill prendeu o folego, enchendo os pulmões quando conseguiu respirar novamente. A raiva superava seu medo.

— Sim. Faça isso. Abra sua calça e me mostre seu cérebro. Não apenas está trabalhando para um perdedor, mas é realmente estúpido se acha que isso acontecerá sem que você sangre e muito.

O advogado riu. Ele parecia divertido com sua ameaça quando se aproximou, segurando seu olhar.

— Ela se parece com seu avô. — Ele olhou para o idiota segurando-a. — Observe sua boca. Ela é sanguinária.

— Você não faz ideia. — Jill odiou quando o bandido a segurando soltou sua trança, apenas para envolver seu braço forte firmemente ao redor de sua cintura. — Tire suas mãos de mim!

O aperto em sua garganta voltou, assim como na cintura. Ela ofegou quando ele a puxou para seus pés. Ele a fez ficar pendurada na frente de seu corpo e ela

não podia respirar. O advogado de repente se apressou para tirar as mãos enormes de seu pescoço.

— Calma. — Ele exigiu, mostrando uma incrível força para alguém em seus sessenta pelo menos, enquanto lutava. — Você dormirá um pouco. Não vamos matá-la, Jillian. Estamos a levando para casa.

Ela lutou mais forte, mas manchas negras apareceram diante de seus olhos. Seus pulmões queimaram por ar e o pânico a agarrou. Ela não podia fugir, não podia respirar, seu chefe não entrava para salvá-la. E eles estavam mentindo para ela. Seu pai queria que ela morresse por algum motivo e sabia que sua vida acabou.

Deus, esse não é o meu mês. Estou sendo assassinada por um tubarão e um idiota cicatrizado que rosna.

* * *

— O que você quer? — Aveoth não se virou quando sentiu uma presença entrar na sala. Ele manteve o olhar na varanda aberta e para o luar. Uma brisa fresca atravessou quando respirou fundo e soube quem o observava. Ele fez um lembrete mental para nunca esquecer de trancar suas portas novamente.

— Meu irmão pensou que poderia querer companhia.

Ele virou a cabeça o suficiente para ver a mulher escondida nas sombras de seu quarto escurecido. Ele teria atacado um homem por ousar invadir seu santuário sem permissão. — Quando irá enfrentá-lo, Winalin?

Ela ficou em silêncio e ele apertou os dentes, sabendo que esperaria ali a noite toda, se ele permitisse. Era o pior de seu povo. Uma pausa na conversa poderia durar horas. A impaciência passou por ele.

— Você pode ir. —Ela não se moveu. — Eu não quero companhia. Isso é suficientemente claro?

— Elco acredita que eu seria uma boa substituta para Lane ou provavelmente uma companheira, se você me escolher.

Aveoth lentamente virou todo seu corpo para encará-la completamente.

— Seu irmão apenas deseja que eu a tome como minha amante ou companheira para ganhar meu favor e elevar seu status dentro do clã. Você é uma ferramenta de barganha para ele.

A mulher alta e magra saiu das sombras o suficiente para o luar tocar seu vestido preto e justo. Seu cabelo de ébano caia até sua cintura em uma trança grossa e seus dedos pálidos estavam sobre sua cintura. Ela abaixou o queixo em uma tentativa de esconder seu medo. Ele sabia que a aterrorizava.

— Você está sozinho e alguém precisa ocupar o lugar de Lane. Você é nosso senhor. É nosso dever fazê-lo feliz.

A amargura apertou seu peito, mas ele se absteve de pronunciar palavras dolorosas para feri-la. Sua situação não era culpa dela. Essa responsabilidade descansava diretamente nos ombros de sua mãe. Ele não mantinha isto contra ela, mas se ressentia das consequências das escolhas que fez há muito tempo. *Ele* seria o único a lidar com as consequências se a verdade fosse descoberta.

— Você sabe porque escolhi Lane como amante?

Ela se recusou a olhar para ele, mas balançou a cabeça o suficiente para ser vista.

— Não. Ela era bonita…

— Eu mal percebi. Ela se apaixonou por um homem que perdeu sua verdadeira companheira. Ele estava solitário e quis encontrar outra mulher. Isso significava que teria que decidir com quem passar o resto de sua vida, ao invés de confiar nos instintos. Ele escolheu outra mulher em vez de Lane. Eu fui seu consolo. Ela pensou que poderia fazê-lo arrepender-se de sua decisão, quando ouvisse que a escolhi. — Seu sangue pareceu congelar por todo o corpo. — Ser minha companheira era sua versão de vingança contra ele.

Um tremor vibrou levemente pelo corpo de Winalin.

— Eu não entendo.

— Ela queria que ele acreditasse que a julgou mal, se eu a escolhesse como minha amante. Irônico, não é? Aceitei-a porque ele causou muita dor. Achei que não podia machucá-la mais do que ele já fez. —Ele balançou a cabeça. — Você não deseja estar aqui. Vá para casa.

— Elco quer que eu esteja com você.

— Você não é mais uma criança. — Sua voz se aprofundou com raiva. — Diga a Elco para conquistar o seu *próprio* caminho em minhas boas graças. Ele não encontrará nenhum favor, independentemente de você voltar para casa ou não. Diga-lhe que se sente grata por minha recusa ou posso decidir causar-lhe danos por usá-la dessa maneira. Sou muito protetor com qualquer mulher que compartilha minha cama. Sentiria a necessidade de matá-lo por tal ofensa.

— Ele está te honrando oferecendo-me.

— Ele está tentando fazer de você sua prostituta, mas não irei tolerar isso. Você também não deveria.

Ela ergueu o olhar então, seus olhos violetas mostrando uma centelha de emoção. Ele sorriu.

— Ah. Você tem algum espírito.

— Elco é tudo o que tenho. Não o prejudique.

Sua diversão morreu tão rapidamente quanto apareceu.

— Meu erro. Acreditei que você tivesse o espirito forte, mas isso é medo nos seus olhos.

— Você é cruel. — Ela sussurrou.

— Sim. — Ele não se incomodou em negar. — No entanto, aqui está você, se oferecendo para tirar seu vestido e me permitir fazer qualquer coisa que queira com seu corpo. Estou tentando decidir se você é muito corajosa ou tola. Qual deles?

— Obedeceço ao chefe da minha casa e desejo servir ao nosso senhor. — O púrpura em sua íris escureceu. — Você matou Lane?

— É o que eles pensam? Que eu a assassinei em um ataque de raiva?

O silêncio dele lhe respondeu. Ele virou-se, voltou a olhar para a varanda e para a lua parcial por trás das nuvens. O inverno se chegaria em questão de meses e com isso viria o frio opressivo.

— Você o fez?

— Você fugiria se eu dissesse que sim?

— Não. Eu vim para servi-lo.

Ele riu, a amargura ganhando.

— Isso o torna ainda mais trágico. Eu não matei Lane. Ela fez isso sozinha. Uma casa é tão quente quanto a pessoa com quem você a compartilha. Apenas o gelo permanece aqui. Vá para casa, Winalin. Não volte. Eu nunca vou recebê-la na minha cama e isso é algo que nós dois deveríamos agradecer.

— Você está sozinho.

Seus ombros ficaram tensos e ele voltou a olhar para ela.

— Estou morto por dentro. Já não sinto muito nada. Respiro e existo. Tudo o que me toca parece morrer. Corra agora, Winalin. Este é o último aviso que darei. Nunca entre em minha casa novamente. — Seus lábios se separaram e suas presas se estenderam. — Corra!

Ela ofegou e desapareceu em um escuro brilho de movimento. Ele ouviu sua retirada precipitada quando seus sapatos atingiram os degraus da rocha até que sua porta bateu.

O silêncio mais uma vez se instalou ao redor dele enquanto enfrentava a varanda. A lua zombava dele enquanto olhava para sua beleza. Estava tão longe de seu alcance, tão impossível de receber, como todo o resto. Ele vestiu sua roupa

exterior poucos minutos depois, amarrou suas armas e agarrou sua capa. Ele tinha horas antes do amanhecer e com sorte, encontraria alguma paz. O sono raramente surgia, mas ele sabia que em algum momento seu corpo enfraqueceria.

Ele caminhou até a escada traseira, em direção ao espaço de armazenagem sob sua casa, onde mantinha um escritório. Seu celular tocou. Ele fez uma pausa, colocou a mão no bolso e retirou-o. O número não era um que reconhecesse.

— O que você quer? — Ele sabia que sua voz era dura quando atendeu, mas achava que provavelmente fosse Elco. O bastardo estava o irritando muito.

— Uma trégua.

A voz do homem era familiar – e muito odiada.

— Decker. — Ele grunhiu. — Onde você está se escondendo? Irei encontrá-lo e quando o fizer, você conhecerá minha ira. Disse para você deixar os outros clãs em paz, mas me desobedeceu.

— Eu tenho algo que você precisa.

— Sua morte em minhas mãos será mais do que suficiente. Irei por você se este for o caso.

— O nome dela é Jillian. Ela é minha neta e está a poucas horas de distância. Ela é da minha linhagem. Você pode tê-la se der sua palavra que a caçada termina. Preciso do seu juramento de honra que não me matará, por você ou por alguém que envie atrás de mim.

A tentação percorreu Aveoth. A determinação de matar Decker enfraqueceu levemente ao pensar em sua neta. Ele nunca tomaria uma Gárgula como amante. Eles eram muito frios e ele precisava de um pouco de calor na vida dele. Nenhuma fêmea GarLycan o interessava e ele se certificou de conhecer todas. Uma VampLycan, porém, tentava-o. Eles eram conhecidos por serem apaixonados. Ela poderia derreter um pouco de seu gelo.

Claro, isso significaria que Decker teria que sequestrá-la. Isso não era uma coisa boa. Ele recusaria a oferta, mas pelo menos advertiria a mulher das intenções de seu avô.

— Com qual clã ela está? Eu já a conheci e não tenho nenhuma atração por ela, linhagem ou não.

Decker hesitou.

— Meu filho Decon passou alguns anos no mundo humano quando esteve na faculdade, aprendendo a gerenciar dinheiro. Ele brincou com uma humana por um tempo e ela ficou grávida. A mãe a levou. Eu recentemente tomei consciência de sua existência. Ela está totalmente crescida e saudável. Sabe que deve ser entregue a você. Foi-me dito que ela não se parece com sua amada Margola, de quem foi noivo, mas Cole jura que ela é muito atraente. Nós temos um acordo?

Seu coração bateu mais rápido com a ideia dessa mulher humana. O fato de ter concordado em vir para ele era quase tentador demais para recusar. Mas o preço era muito alto. Decker não podia ter poder sobre os VampLycans. Não faria mal, no entanto, testar o bastardo em relação ao seu preço pela mulher.

— Acho que o Conselho de Vampiros finalmente se cansou de você.

Decker segurou a respiração, mas não disse nada.

— Você achou que eu não saberia quem o ajudou?

Decker rosnou.

— Nada disso importa. Estou lhe oferecendo minha neta. Ela é meio humana. Essa é a única falha, mas será mais fácil para você controlá-la se for obstinada. — Decker disse. — Algumas mulheres são às vezes. Foi-me dito que não pode mudar, então não haverá garras.

Ele lembrou-se das outras duas netas de Decker que ele conheceu. Dustina e Batina encontraram seus companheiros e estavam felizes com os VampLycans. Ele invejava Drantos e Kraven. Ele desejava dizer sim... mas tinha outras pessoas a considerar.

— O que você quer em troca?

A hesitação na outra extremidade do telefone fez Aveoth duvidar.

— Não lhe darei nada além de sua vida. Eu sei que quer usar seus próprios descendentes para me persuadir a matar seus inimigos. Isso nunca acontecerá. A paz entre os clãs permanecerá. Não permitirei nada menos. Pode manter sua neta se este for o preço. Tenho que ir. Sei onde você está e irei encontra-lo. — Ele mentiu. — Foi um erro me ligar, Decker. Tenho dons especiais que me ajudam a sentir sua localização toda vez que você fala. Era um blefe, mas seu inimigo não sabia disso.

O medo atropelou a voz do VampLycan quando ele respondeu.

— Apenas minha vida? Eu perdi *tudo*. Também quero ser reintegrado à minha posição anterior.

— Isso nunca acontecerá. Não irei caçá-lo se ficar longe do Alasca. Isso também significa que deve ficar longe dos outros VampLycans e nunca mais enviar ninguém atrás deles. Este é o acordo. É pegar ou largar. Caso contrário, irei encontrá-lo independente de onde se esconder neste planeta. Onde ela está?

Alguns segundos de silêncio se seguiram.

— Eu o verei em breve. — Aveoth moveu o polegar para passar o sobre a tela e desligar.

— O jato que a carrega deve chegar perto do amanhecer, na minha pista de pouso particular nos limites do meu território. Acabei de falar com o piloto.

— Você quer dizer o território do seu clã anterior, tenho certeza. Nós temos um acordo. Não quebre os termos que fizemos ou a caça será retomada. — Aveoth desligou e guardou o telefone no fundo do bolso. *Pista de pouso*. Ele bufou. Era realmente apenas um longo pedaço de chão pavimentado.

Seu coração acelerou. Ele estava certo de que era assim que se sentia ao estar vivo novamente. Sua respiração aumentou e suas presas se alongaram dentro de sua boca apenas ao pensar em uma mulher quente e disposta a compartilhar sua

cama. Ele jurou silenciosamente protegê-la. Nada aconteceria com esta. Ele não conseguiria lidar com a perda de qualquer outra pessoa com quem se preocupasse.

Ele bateu na tela, encontrou o número que queria e ligou. Foi atendido no terceiro toque pelo líder de clã com a voz sonolenta.

— Peço desculpas pela hora, Trayis. É Lorde Aveoth.

— Algo está errado?

— Apenas queria deixar você saber que Decker entrou em contato comigo. Ele parece extremamente motivado a encontrar uma maneira de retornar ao Alasca. Está tentando fazer negócios para ganhar minha ajuda para recuperar seu clã. Isso não irá acontecer.

Trayis riu.

— Parece que o Conselho Vamp não é mais o seu porto seguro. Isso é ótimo. Wen ficará emocionado quando eu disser a ele. Nós esperávamos que o louco Horton pudesse despertar alguma merda com qualquer tipo de aliança que Decker fizesse com os Vampiros antes de ser retirado.

— Você pode entrar em contato com os outros clãs e avisá-los? Decker parece desesperado. Eu não colocaria nada além dele. Também queria dizer-lhe que meus homens aumentarão suas patrulhas noturnas. Diga aos outros.

— Farei. Ligarei agora e agendarei uma reunião assim que puder. Você também está convidado, claro.

— Já tenho obrigações, mas mantenha-me informado se algo acontecer.

— Irei. Obrigado, Lorde Aveoth.

— Você é bem-vindo. Podemos vencê-lo se mantivermos todos únidos. Ele é estúpido e virá atrás do clã de Lorn novamente.

Ele desligou e a culpa surgiu. Teria sido melhor compartilhar toda a informação com Trayis, mas não queria que ele soubesse sobre a mulher. Ela era parente de Batina e Dustina, portanto, poderiam protestar contra ele, levando-a embora.

A pista de pouso estava no limite de seu território, mas na verdade nas terras do clã de Lorn. Ele sabia pelos relatos de seus homens que Lorn nunca tinha guardas patrulhando aquela seção. Nenhum inimigo violaria o lado dos GarLycans. Esta noite seria uma exceção, quando aquela aeronave pousasse, mas ele estaria lá – esperando e observando.

Mataria qualquer um dos homens leais a Decker se eles fizeram mais do que deixar a mulher e irem embora em paz.



Capítulo Dois

Jill planejava um assassinato enquanto olhava para Shark[2] e Scarface[3]. Esses eram os nomes com quais os apelidou. Eles a tinham algemada e amarrada em uma poltrona confortável dentro de um jato pequeno e elegante. A turbulência a fez se sentir um pouco doente, mas não reclamou. Eles poderiam gostar se perceberem que estava sofrendo.

— Estamos quase lá. — Shark deu um sorriso. — Você gostaria de algum conselho?

— Escuto melhor quando não estou amarrada como um peru. Deixe-me ir e ficarei mais do que feliz em deixá-lo tagarelar sobre qualquer coisa que quiser. — Uma imagem mental de dar um soco na sua boca a fez sorrir. — Não estou mais irritada.

Scarface riu.

— Ela está mentindo. Não pode esconder a fúria em seus olhos.

— Eu vejo isso. — O advogado sorveu um líquido escuro de um copo e soprou um cigarro fedorento. A fumaça espalhando dentro do ambiente.

— Eu tenho que usar o banheiro.

Scarface balançou a cabeça.

— Nós caímos nessa uma vez já. Você arrancou a tampa do vaso e jogou-a na minha cabeça e apressou-se em gritar sobre como foi sequestrada. Um esforço desperdiçado. Ambos os pilotos são mais do que conscientes do que acontece aqui. Eles viram-me levá-la por cima do meu ombro. Não irão te ajudar.

---

[2] Shark é Tubarão em inglês.

[3] Scarface - É um filme com direção Brian de Palma que apresenta o papel de um imigrante cubano,Tony Montana estrelado por Al Pacino, que tenta formar um império de tráfico de drogas.

O avião virou novamente. Isso fez seu estômago ficar enjoado e rezou para que ela não vomitasse. Não que pudesse restar muito de seu almoço. Ela não tinha certeza de quantas horas se passaram desde que foi sequestrada e quando acordou no avião. As janelas pequenas estavam escuras o suficiente para assegurar-lhe que o sol se pôs.

O avião balançou, levantou-se e depois desceu.

— Ela não parece bem. — Observou Shark.

— Estou bem. — Ela mentiu.

— A turbulência é das montanhas. — Shark soprou em seu charuto ofensivo novamente, a fumaça permaneceu perto do teto arqueado. — Nós passaremos por elas logo e pousaremos. Temos que ficar baixos para evitar a detecção de radar.

Jill não queria saber sobre isso. Imaginou bater no lado de uma montanha e se transformar em uma bola de fogo.

— Você disse que vamos para o Alasca?

— Sim.

— É aí onde o idiota vive?

— Sim. E não fale de seu pai desse jeito. Ele ficaria ofendido.

— Oh, isso seria uma vergonha. — Ela bufou, puxando as algemas. Ela não fez isso por muito tempo, por que as algemas de metal penetraram dolorosamente em sua pele. — Ele é um cara tão grande, afinal, que ameaçou uma mulher grávida e abandonou uma filha. Para adicionar, ele enviou homens para aterrorizar-nos. Ele também chuta filhotes? Deveria colocar isso em seu currículo de vida para realmente impressionar as pessoas.

— Ela é sensual até abrir a boca. — Scarface lambeu os lábios. — Queria ser o único a domesticá-la. Aposto que seria um desafio. Ela não tem qualquer respeito. — Ele abriu a jaqueta de couro e usou os dedos para tocar o cinto no topo de seu jeans. — Tiraria isso e a comeria por trás ela até que ela esquecesse o sarcasmo.

— Uau, isso é tão tentador, mas tenho uma ideia melhor, cabeça de bagre. Por que você não tira isso, vai ao banheiro e se esforça? Faça um favor ao mundo e certifique-se de nunca criar pequenos idiotas. Ficarei mais do que feliz em emprestar-lhe essas algemas para prender seus pulsos atrás das costas, caso você mude de ideia no último segundo. Sinta-se convidado.

Ele inclinou-se para a frente no assento e a olhou.

— O que você disse?

— Pare de permitir que ela o provoque. — O advogado suspirou. — Ela não será nosso problema muito mais tempo.

— Ela é uma cadela, Cole.

— Na verdade, não é. Está sentindo o que sou. Ela definitivamente se parece com sua mãe.

— Tem certeza de que ela herdou algum sangue de seu pai ou avô? E se ela estiver contaminada? Scarface rosnou. — Isso explodiria nossos planos para o inferno se ela fosse rejeitada por Lorde Aveoth.

— Decon disse que testou a criança uma vez quando era pequena. Ele a pegou sozinha, longe da mãe. Ela é sua filha.

— Que porra você está falando? — Jill estava furiosa e entrou em pânico ao mesmo tempo. O doador de esperma se aproximou dela? Era alarmante.

— Seu pai foi à sua escola uma vez quando era criança, para inspecioná-la pessoalmente.

— Não lembro disso. — O bastardo falou com ela? Ele certamente não se apresentou. Ela o teria chutado nas bolas.

— Não mesmo. Ele apenas queria se aproximar o suficiente para vê-la e observá-la. Então roçou contra você e obteve uma amostra de sangue arranhando seu braço.

Ela não se lembrava disso.

— Ele parece um pervertido. Isso é assustador como o inferno. — Também não era uma sensação boa. Como aquele filho da puta se atrevia a espioná-la? — Que covarde.

— Não fale do seu pai desse jeito! — O advogado afastou o charuto e terminou sua bebida. — Decon tentou protegê-la de seu pai. Você não faz ideia do que está falando.

— Isso deve ser bom. Com certeza. Ele estava me protegendo? Vovô é um abusador de menores? Eu não ficaria surpresa com essa família.

Scarface levantou-se, com a mão em punho.

— Como ousa falar assim de Decker!

— Sente-se. — Exigiu Cole.

Shark grunhiu para Jill.

— Você o ouviu. Sente-se, bulldog. É o que você parece. Precisa de alguém para jogar um osso ou pegar um colar de pulga para aliviar o focinho?

— Eu vou matá-la. Arrancarei seus braços. Estou...

— Sente-se, Boon! — O rosto do advogado se contorceu com pura raiva e sua voz saiu rouca e assustadora.

Surpreendeu Jill. Ela ficou olhando-o com a boca aberta, depois fechou-a. Scarface sentou-se, seu traseiro golpeando o assento com força e ele agarrou seu cinto de segurança para prender a sua cintura.

— Ela deveria ter se afogado ao nascer. — Murmurou Boon.

Cole acendeu um novo charuto.

— Querido Deus. Outro? Você já vê a névoa de fumaça aqui? Pensei que me quisesse viva. — Ela olhou para cima. — Isso não tem circulação de ar? Não deveria respirar essa porcaria. É como neblina, de tão grossa.

— Cale a boca. — Shark soprou o charuto, soprou fumaça para cima e relaxou em seu assento. — As cidades nos incomodam com o cheiro de tantos corpos. Desagradam nossos sentidos. Preciso olhar para eles, mas não quero cheirá-lo.

— Tomei banho esta manhã e não estou fedendo. O deve ser o cheiro do Bulldog.

Scarface rosnou e tentou se levantar, mas esqueceu que o cinto de segurança estava prendendo-o. Ele foi puxado para baixo antes que pudesse se mover mais de alguns centímetros.

— *Você* fede. Está acostumada ao fedor de viver com eles toda sua vida. — Cole sorriu. — Sempre foi tão sarcástica?

— Você quer dizer honesta?

Ele riu e virou a cabeça para olhar para seu sequestrador com cicatrizes. — Ela não faz ideia do que ela é. Isso é o que acontece quando você resiste à sua verdadeira natureza. Tenha pena por ela, Boon. Provavelmente experimentou sede de sangue na adolescência e não teve saída para isso. Isso a deixou meio louca.

— Oh, estou sentindo sede de sangue agora. Esqueça minha adolescência. — Jill agarrou os braços cujos pulsos foram algemados. — E iria buscar um espelho e um bom psiquiatra se quiser falar sobre quem está louco. Você me sequestrou!

— Seu pai protegeu você. — Cole ignorou suas palavras. — Ele nunca quis ter você com aquela mulher. Ela era um caso da faculdade e nada mais. Claro, ele sabia que seu pai tentaria usá-la de alguma forma. Naquela época, Decon era ingênuo. Não entendia o alcance total do que estava em jogo, escondendo sua existência ou quem erámos. Sua linhagem o torna valioso. Agora ele é mais sábio e descobriu que o que é bom para todos nós, também é bom para ele. Na verdade, ele foi muito nobre em mantê-la segura.

— Esquilo!

Scarface cheirou e olhou ao redor, procurando por um animal.

Jill riu e balançou a cabeça.

— Ótimo. Fui raptada por idiotas que não fazem piadas. Você está falando besteira. Deixa para lá. Idiotas.

— Espero que Aveoth a rasgue com as próprias mãos. — Scarface olhou para ela. — Ele matou sua última amante.

— Ótimo. Outro louco. É seu irmão? Acho que deve ser de família. Caso contrário, deveria se conectar totalmente com ele se ele mata quem quer que esteja fodendo. Você precisa de um homem amante, Fido.

Ele segurou o cinto de segurança e rosnou novamente.

— Basta. — Exigiu o advogado. — Não falarei sobre o que é, Jillian. — Ele soprou de seu charuto e sorriu para o amigo dele. — Tudo o que quiser fazer com ela, a realidade será muito pior. Aveoth é castigo o suficiente.

A incomodidade fez seu estômago revirar.

— Pensei que você estava me levando para o doador de esperma. Consegue, pelo menos, manter suas histórias loucas?

— Seu *pai*. — Cole sublinhou a palavra. — Precisa de você. Finalmente tem um propósito, porque carrega a linhagem que seu inimigo quer. Irá garantir nossa sobrevivência ao se tornar uma oferta para Aveoth, que atualmente deseja rastrear-nos e matar todas as pessoas associadas ao nosso líder do clã. Esse seria seu avô.

— Eu já gosto dele. — Ela fez uma pausa. — Estou falando sobre este Aveoth, apenas para ser clara. Não o doador de esperma ou seu pai. Você disse clã? — Ela olhou para os cabelos loiros caindo sobre seu ombro, Scarface arruinou sua trança quando a agarrou na loja. — Então, sou parte irlandesa ou algo assim? Gostaria de saber disso para que pudesse usar todos os bonitos pinos no dia de São Patrício.

Um apito soou e ele deixou seu charuto.

— Nós estamos aterrissando. — Ele colocou o cinto de segurança e segurou o copo de uísque, deixando cair no bolso lateral preso a sua cadeira. — Aveoth com certeza está nos esperando se Decker conseguiu fazer o acordo. — Ele olhou para Scarface. — Você está preparado, Boon?

— Para morrer? Não. Lutaremos até que eu não respire se isso não der certo. Você deve fugir, Cole. Um de nós deve sobreviver.

— Eu geralmente odeio voar, aterrissagens especialmente, mas estou excitada de repente. — Jill puxou suas algemas, mas elas recusaram-se a soltar. — Você sabe que apenas os covardes fogem, certo? Quem quer que seja esse cara, espero que seja alguém que os odeie. Acho que um olhar para mim e ele saberá que não sou amiga de vocês. Não deveriam ter me sequestrado.

— Aveoth é perigoso. — Cole olhou para ela.

— Fantástico. Acho que você nunca ouviu falar que o inimigo do meu inimigo é meu amigo? Quer adivinhar onde você está na minha cabeça?

— Ela é louca. — Boon lançou um olhar brilhante.

— Isso é inteligente, vindo de você, Fido. Pelo menos não estou latindo e grunhindo.

— Eu não estou latindo! — Ele gritou.

— Basta! — Cole ordenou novamente, alto. — Temos questões mais importantes para lidar. Aveoth pode estar lá fora e não há como dizer o tipo de humor em que ele estará. Mas se aceitou o acordo com Decker, não ficará feliz com isso e poderia nos matar.

— Merda. — Um olhar de medo cruzou os traços do outro homem.

Jill escondeu sua inquietação. Ambos eram retardados mentais, mas seu medo parecia real. Quem era esse Aveoth, deveria ser uma má notícia para inspirar esse tipo de reação. Sua bravura começou a vacilar.

— Quem é este idiota?

— Seu dono, se as coisas seguirem como esperamos. — Shark parecia nervoso.

Ela não gostou nada disso.

— Você não gosta desse cara?

— Ele é mortal. — Boon advertiu ameaçadoramente.

— E você é um amor. Suas vidas estão em perigo real? — Ela esperava que sim.

O jato pousou de forma áspera e os freios a fizeram virar bruscamente em seu assento – o piloto pousou, diminuindo lentamente a velocidade. Ela desejava poder ver lá fora, mas não podia. O movimento finalmente parou e os motores foram desligados.

— Esse cara realmente é uma ameaça para você? — Ela olhou para Cole.

— Sim.

— Incrível. — No interior, estava aterrorizada, mas se recusava a mostrar isso. Apenas porque o advogado usava um terno não significava nada. Ela apostava que ele era muito pior do que fingia ser. — Vamos sair daqui, então. Abra as portas e diga olá a esse cara.

Boon desabotoou o cinto e rosnou para ela novamente. Raiva retorceu suas feições.

— Espero que ele não esteja lá e que tenha recusado o acordo. Você seria inútil então. Poderia ficar com você. — Seus dedos tocaram seu cinto. — E irei quebrá-la.

— Não fale assim. — Cole estava parado.

— Farei. Irei amarrá-la e chicoteá-la até que ela implore misericórdia. Eu a farei sangrar. E se ela tiver sorte, a permitirei o privilégio de ser montada por mim.

— Espero que você esteja falando sobre encher meu cadáver e pendurá-lo em sua parede ao lado das cabeças dos cervos, tenho certeza que fica na sua sala de estar. Para o tipo de matar Bambi. — Seu olhar desceu a sua virilha. — Porque *ewww,* se está falando sobre sexo, prefiro morrer.

— Você *irá* morrer! Isso é um fato. Sofrerá primeiro e então a foderei. Porra, deixarei todos os que quiserem aproveitar também.

Ela o odiava... e sabia que ele queria dizer isso.

— Bem, se você me tocar, tenho certeza de que vou apreciar seus amigos nesse ponto. Qualquer um seria melhor que você.

Ele se lançou para ela, mas Cole se moveu mais rápido, entrando no caminho dele. A porta da aeronave se abriu e um dos pilotos entrou na cabine.

— Nós temos companhia. — O terror empalidecia o rosto do homem. — Há alguém lá fora.

— Merda! — Cole levantou a mão e passou os dedos pelos cabelos. — Lorde Aveoth aceitou o acordo. — Ele se virou e se aproximou de Jill. — Fique em silêncio se for inteligente.

Ele soltou os cintos segurando-a, abriu as algemas deixou-as na poltrona e seus ombros, colocando-a de pé. Jillian lutou, mas não conseguiu fugir quando o advogado trocou as algemas, movendo as mãos da frente para trás das costas. Ela não podia fazer muito quando ambos os homens a empurraram para frente quando o piloto correu para abrir a porta ao lado da cabine. A escada embutida desceu enquanto seu coração acelerava. Ela odiava sua situação, mas tinha um pressentimento muito ruim sobre quem estava ali para levá-la.

As coisas sempre podiam piorar. A vida ensinou-lhe bem a lição.

Estava escuro e o vento soprava, cegando-a quando os fios de cabelo tocaram seu rosto. Ela não conseguiu empurrá-los de volta, uma vez que as algemas a impediam. Ela abaixou o queixo, virou o rosto para o ombro e tentou ver os degraus. O medo de cair a percorreu. Ela nem conseguia segurar o corrimão com

as mãos atrás das costas. Estava feliz por ser verão pelo menos e não havia neve para lutar. Ainda assim, cair na pista não seria divertido nem indolor. Ela desceu e virou a cabeça, fazendo com que o vento afastasse seu cabelo para longe de seus olhos.

Isso não era como qualquer – aeroporto – no qual já esteve.

Árvores grossas se alinhavam em ambos os lados da pista e as únicas luzes estavam em polos estrategicamente colocados ao longo de seu comprimento, cerca de sessenta metros cada uma. Nenhuma casa ou edifício estava à vista.

Ela não viu ninguém.

Seu olhar percorreu o que ela podia distinguir e não havia nada além da escuridão atrás da pista de pouso iluminada. Percebeu que eles tinham pousado em uma estrada.

— Onde está o verdadeiro aeroporto?

— Não há um nesta área. — Cole estava atrás dela, ajustando seu aperto em seus braços com a corrente entre os punhos. — Existem algumas casas a poucos quilômetros daqui, mas estão abandonadas. Este era o retiro de férias do nosso líder.

— Por que ninguém mora aqui? — Não foi o vento frio que enviou um arrepio pela espinha dorsal.

— Por causa dele.

Algo se moveu pela linha das árvores à sua esquerda e ela observou com trepidação enquanto uma grande figura avançava. Ele ficou nas sombras por alguns passos, mas então um homem de cabelos negros foi revelado. Ele usava algum tipo de capa de capa escura que voava no vento e se abriu quando se aproximou.

Brilhantes olhos azuis e prateados apareceram e ela não pode deixar de olhar para eles. Eram incríveis e meio assustadores ao mesmo tempo. Suas feições atordoaram. Ele era perfeito. Sua estrutura óssea cinzelada para se assemelhar a algum tipo de deus masculino. Ombros largos e um peito impressionante que não

estava escondido por sua estranha roupa. Ele não usava camisa e a capa se abria na frente. As coxas musculosas estavam dentro de couro justo, com botas de motociclista gravemente gastas em seus pés grandes.

Ele parou a dez metros de distância.

— Lorde Aveoth. — Cole ficou de lado, mas manteve a corrente firme.

Jill olhou para ele quando o advogado se curvou levemente, seu olhar abaixou para o pavimento de frente a seus pés. Ela não perdeu a aparência de medo em sua expressão e vê-lo assim era um pouco satisfatório depois de tudo o que fez com ela. Ela olhou de volta para encontrar Boon com a cabeça baixa também, parecendo igualmente assustado.

Sua atenção voltou mais uma vez para o homem que os assustava.

Ele era gostoso. Sua aparência e seus olhos fascinantes sozinhos atraíram a atenção de qualquer mulher, mas o tamanho dele era um bônus. Seu olhar azul prateado segurou o dela e um pouco de seu medo diminuiu. Ele não estava olhando para ela.

— Esta é ela. — Cole deu um leve empurrão com a mão, soltando a corrente que unia seus punhos. — Vá até ele.

— Foda-se. — Ela murmurou, mas ela se aproximou do estranho.

Ele manteve-se imóvel até que ela parou alguns metros na frente dele, sem saber o que fazer. Ele estendeu a mão como se quisesse puxá-la.

— Sou Aveoth.

Até sua voz era sexy, de uma maneira rude e profundamente masculina.

— Eu apertaria sua mão, mas não posso. — Ela girou o suficiente para permitir que ele a visse nas costas. — Eu adoraria se alguém as soltasse.

Um olhar de raiva atravessou seu rosto bonito quando ela se virou novamente, deixando sua boca em uma linha apertada. Ele não olhava para *ela* com aquela expressão, mas em vez disso olhou por cima da cabeça. — Onde está a chave?

Ela olhou para Cole e Boon. Shark torceu uma mão no bolso da frente e jogou as chaves no ar.

Aveoth pegou-as e a rodeou, suas mãos grandes e quentes cobrindo as dela. Ela o permitiu, já que ele parecia querer deixá-la ir. Abriu uma algema e depois outra.

Ela puxou os braços dela para a frente, com a intenção de esfregar os pulsos, mas o grande rapaz se moveu mais rápido. Ele a rodeou e gentilmente segurou seus pulsos em suas mãos maiores para examiná-los. Ela olhou para cima e viu sua raiva quando viu as marcas vermelhas de sua luta com o metal. Ele virou a cabeça e a expressão em seu rosto a deixou instantaneamente assustada. Ele parecia totalmente furioso com os outros dois homens.

— Você a feriu. — Sua voz estava mais rouca.

— Ela lutou. — Boon olhou para cima. — Ela é uma cadela que fala demais. É um milagre que esses sejam os únicos ferimentos.

— Eles também machucaram minha garganta. — Jill odiava seus captores e não tinha nenhum problema entrega-los se esse Aveoth não gostava de homens que abusavam das mulheres. O que parecia ser o caso. O pedaço de homem com os olhos incríveis soltou seus pulsos e aproximou-se.

— Mostre-me.

Ela poderia ter encarado seus olhos por um tempo a mais, mas em vez disso inclinou a cabeça para trás.

— Boon me sufocou enquanto Cole segurava meus braços para não poder lutar. Pensei que fosse morrer.

Ele arrastou seus dedos quentes pela garganta. Seu toque era durou apenas alguns segundos antes de retirar a mão. Ela encontrou seu olhar novamente, brevemente. Virou a cabeça para seus captores.

— O que você quer dizer com ela lutou?

— Ela é violenta. — Explicou Boon. — Não queria vir conosco. Deveria estar agradecido por não tê-la deixado como uma polpa. Espere até conhecê-la. Ela está sendo gentil e mansa agora, mas sua boca é suficiente para matá-la.

— Decker disse que ela concordou em ser minha.

Um silêncio absoluto seguiu as palavras de Aveoth. Jill olhou para Cole e Boon. Ambos os homens pareciam desconfortáveis e quando olhou para Aveoth, a raiva pura mostrava-se em seu rosto – tudo isso ainda dirigido aos homens.

— Com licença, Sr. Aveoth?

Aveoth olhou para ela. Ele era muito mais alto.

— Você pode me chamar de Aveoth. Como eu deveria te chamar?

— Jill.

— O que você quer, Jill?

Ele era tão educado.

— Eu fui sequestrada por eles no meu trabalho. Eles me estrangularam até eu desmaiar para me colocar nesse avião. Pode me ajudar a chegar em casa?

— Você é a neta da Decker Filmore?

Ela hesitou.

— Seu filho engravidou minha mãe e a abandonou assim que ela lhe disse que estava grávida de mim. Decon é apenas um doador de esperma. Ele ameaçou minha mãe até o dia em que morreu. Esta família nunca me quis e eu não quero nada a ver com *eles*.

— Por que Decon ameaçou sua mãe?

— Ele não queria que ninguém soubesse sobre mim. Enviou bandidos atrás dela todos os anos para fazer ameaças. — Ela lançou um olhar desagradável para

os homens. — Idiotas como eles. Ela chorava por dias toda vez que nos encontravam. Depois de lidar com esses dois, entendo o porquê. Odeio essa família inteira e qualquer um que trabalhe para eles.

— Eu não a culpo.

— Nós estamos oferecendo-lhe a linhagem, Lorde Aveoth. — Interrompeu Cole. — Ela foi entregue a você. Podemos ir agora e dizer a Decker que seu acordo foi cumprido?

— Sim. — Aveoth manteve sua atenção nela.

— Espere! — Ela ofegou. — Você apenas irá deixá-los ir?

Suas sobrancelhas arquearam-se.

— O que você gostaria que eu fizesse?

— Eles me sequestraram e estrangularam! — Ela apontou para Boon. — Esse idiota doente ameaçou tirar o cinto e me bater. Não pode apenas deixá-los voltar para o avião. Chame a polícia e faça com que os prenda!

Ele hesitou, então falou. — Eu sou a lei aqui.

— Bem. Exijo que paguem pela merda que fizeram. Boon ameaçou me estuprar e permitir que seus amigos se juntassem a ele.

Todos os traços de suavidade deixaram seu rosto.

— Parem. — Sua voz saiu forte e alta.

Ela olhou para os dois homens e verificou que pararam de andar. Jill olhou de volta para Aveoth.

— Impeça-os e os coloque na prisão.

— Nós não temos uma prisão aqui.

— Não pode apenas deixá-los embarcar nesse avião. Vão voar e fugir depois do fizeram comigo. Podem machucar outra pessoa! Eles são verdadeiros idiotas.

— Eu não tenho muita escolha. Posso adverti-los severamente por fazerem isto e dar-lhe a minha palavra de honra que eles nunca estarão em sua presença novamente.

— Nós nos vamos agora. — Cole parecia nervoso. — Fizemos a nossa parte. Podemos ir?

— Boa sorte com essa cadela de boca grande. Quer meu cinto? — Boon olhou para ela. — Aceite meu conselho e chicoteie-a.

Seu temperamento explodiu. De jeito nenhum ela ficaria parada sem fazer absolutamente nada, enquanto aqueles idiotas simplesmente se voltavam para seu doador de esperma. Mais uma vez, esse bandido ganharia. Não era justo. Decon Filmore aterrorizou sua mãe, arruinou sua infância, porque nunca parou de enviar bandidos atrás deles. Tinham que se mudar sempre.

Ela olhou para o homem na frente dela. Ele era um fisiculturista grande e parecia bem-disposto. Ele também era lindo.

— Aveoth?

Ele parou de olhar para os dois homens o suficiente para olhá-la. — Sim?

— Você disse que é a lei, mas não pode prendê-los, certo?

— Sim.

— Suponho que enterrar seus corpos em um túmulo raso está fora?

Ele assentiu.

— Jurei que eu os enviaria de volta com vida.

Ela deu uma boa olhada no homem. Ele realmente era um bastardo grande e musculoso. Seu olhar deslizou para Shark e Scarface.

— Nesse caso poderia bater neles? — Ela olhou para ele.

— Sim. Facilmente. Por quê?

— Farei o que quiser se chutar a bunda deles e enviá-los sangrando de volta ao meu doador de esperma. Pode fazer isso?

Suas sobrancelhas se ergueram. — Qualquer coisa?

Sua respiração congelou em seus pulmões quando seu olhar caiu em seus seios. Era óbvio onde sua mente estava. Ela esteve com homens o suficiente para reconhecer o olhar. Um pouco de seu medo esfriou instantaneamente enquanto debatia sobre as consequências. Ele era um estranho, provavelmente o macho mais intimidante que já viu pessoalmente, mas não sabia nada sobre ele além de que os bandidos o temiam.

Boon fez aquele grunhido novamente e ela virou a cabeça, encontrando o olhar dele diretamente. Malicia brilhou em seus olhos e suas mãos se apertaram dos lados. Se olhares pudessem matar, ela estaria em agonia neste momento.

Decisão tomada. Valia a pena.

Ela enfrentou o homem alto. — Você me ouviu. Não tem uma prisão. O assassinato é ilegal, certo? Então, bate neles e dormirei com você, se é o que quer. Isso é claro o suficiente?

— Sim. — Ele estendeu a mão e removeu a estranha capa. Em segundos, ele a envolveu em seus ombros. — Você deseja vê-los sangrar?

— Pode apostar que sim.

— Você gostaria de alguns ossos quebrados? — A diversão dava um brilho aos olhos dele e o humor enchia sua voz.

— Isso seria ótimo. — Ela provavelmente se arrependeria mais tarde, quando recuperasse sua sanidade, mas passou por muito em sua vida para recuar quando tinha a oportunidade de derrubar alguém que perseguiu a ela e sua mãe. Ambos os idiotas eram provavelmente os homens que ameaçavam sua mãe.

— Especialmente Boon. Ele adora ameaçar as mulheres com o cinto.

— Seu desejo é uma ordem.

— Espere um minuto! — Boon protestou.

— Merda. — Murmurou Cole.



Capítulo Três

A raiva queimava dentro de Aveoth enquanto se afastava de Jill. Tentou esconder suas emoções tempestuosas com charme, mas não precisava mais disso. Ela *queria que* ele desencadeasse sua raiva sobre os dois membros do clã que a levaram para ele.

Seu pau ficou duro ao saber que logo poderia levá-la para sua cama, mas ignorou o desconforto que causava enquanto caminhava rápido para o Lycan que ameaçou com tortura sexual a mulher delicada agora sob sua proteção. A cicatriz no rosto de Boon seria o mínimo de seus problemas de manhã. Ele parou, porém, olhou para trás, repensando-o. Ele não queria assustá-la com um show de violência.

— Você tem certeza?

Ela assentiu.

— Cem por cento.

— Eu nunca faria isso com *você*. Não bato nas mulheres. Lembre-se disso.

— Não há problema. — Ela ergueu o punho. — Dê-lhes o inferno.

Ela divertia-se e ele gostou dela imensamente.

Ele enfrentou os dois VampLycans. Um era obviamente um executor de Decker, mas o outro era muito suave para ser um lutador. Não importava. Iria primeiro para o com cicatriz. Ele se moveu rápido e deu um soco nele antes que pudesse reagir. Boon bateu no chão com um grunhido. Aveoth girou. Sua bota fez contato com o peito, enviando-o voando alguns metros. Ele se curvou, agarrando o homem desprezível que ameaçou estuprar Jill. Quebrou seu braço segurando-o e colocando o joelho no cotovelo do oponente. Boon rugiu de dor.

Aveoth girou-o antes que pudesse se recuperar e ele caiu novamente no chão. Pisou em sua mão em seguida, quebrando mais ossos. Aveoth olhou para Jill para

avaliar sua reação. Ela não parecia horrorizada ou com medo. Sua atenção estava focada no homem agora no chão, amaldiçoando e sentindo agonia.

— Basta ou mais?

Ela olhou para Boon em seus olhos.

— Aperte-o mais algumas vezes. Ele é realmente um idiota.

— Seu desejo é uma ordem.

Ele chutou Boon nas costelas e depois o levantou, jogando-o no lado da escada do jato. Boon bateu contra ela e caiu no pavimento. O homem gemeu, ainda consciente, mas com dores fortes.

O de terno se levantou e tentou entrar na floresta. Aveoth pegou-o facilmente e jogou-o de volta para o avião. Ele bateu no chão rolando. Aveoth passou por ele e agarrou-o pela nuca enquanto tentava ficar de pé.

— Você não maltrata as mulheres. — Aveoth informou. — É ruim para seu carma. — Ele jogou-o na escada do jato e sua vítima não conseguiu reagir o suficiente para proteger seu rosto do metal. O cheiro de sangue encheu o ar. Ele não era um executor, então Aveoth imaginou que causou danos suficientes a esse. Ele quebrou os ossos do rosto.

Boon levantou-se, segurando seu braço e mão feridos. Grunhiu e olhou para Jill. Aveoth não gostou do olhar odioso nos olhos do executor. Ele se aproximou dele por trás e cravou sua mão com garras no couro cabeludo do macho. Boon gritou. Mais sangue se derramou quando Aveoth o forçou a virar a cabeça e se inclinou até que soubesse que era tudo o que Boon podia ver.

— *Nunca* olhe para ela assim novamente ou mesmo tenha esses pensamentos. — Ele estendeu a mão e tocou um pouco do sangue caindo pelo do rosto do VampLycan das feridas que ele criou, enquanto continuava a segurar o crânio do homem, mantendo suas garras em seu couro cabeludo. Ele cheirava o sangue, fazendo um show para que o idiota entendesse. — Posso rastreá-lo onde quer que

vá. Conheço seu aroma agora e não esquecerei. Ajoelhe-se e implore seu perdão pelo maltrato que sofreu em suas mãos.

Boon não fez o que disse.

Isso irritou Aveoth o suficiente para que ele pisasse para o lado dele e usasse sua bota para chutar o idiota atrás de seus joelhos. O executor entrou em colapso, apesar do fato de Aveoth ainda segurar sua cabeça. Ele se abaixou com a mão livre e permitiu que suas garras passassem lentamente pela frente da garganta de Boon.

— Devo oferecer sua cabeça como uma desculpa ou dirá a sua própria? — Ele sussurrou as palavras para que Jill não ouvisse o que ele disse.

— Desculpe! — Gritou Boon. — Sou um idiota. Pode me perdoar, Jillian Milzner? Realmente quero dizer isso.

Aveoth não ficou impressionado com as desculpas do executor. Não era uma surpresa. Decker não tinha nenhum decoro, então seus agentes de segurança provavelmente nunca aprenderam o verdadeiro respeito. Ele olhou para Jill para ver sua reação. Ela deu alguns passos mais perto, então parou.

— Vá para o inferno, Fido.

— Não posso matá-lo. — Aveoth informou. — Não seria honrado desde que concordei com um acordo com Decker, permitindo que ele e seus seguidores vivessem em troca de sua vida.

Ela tinha belos olhos azuis claros quando olhou para ele.

— Você o feriu. É o bastante. Apenas quis dizer que ele deveria ir para o inferno. Idiotas gostam disso.

— Você quer que quebre mais alguns de seus ossos?

Ela se aproximou e observou o executor de joelhos. Seus olhos se arregalaram e ela empalideceu. Seu olhar levantou-se para ele.

— O que são estas coisas em seu couro cabeludo?

— Minhas garras. Elas não estão totalmente estendidas ou ele morreria. Se fosse assim atingiriam seu cérebro. Não perfurei completamente o osso, mas tenho um bom controle sobre ele.

Jill recuou alguns passos, mas se estabilizou antes de sentir a necessidade de se mover para a frente com medo de cair. Ela engoliu em seco e avançou ainda mais perto, olhando a cabeça de Boon. Seus lábios se separaram, então ela os apertou firmemente.

— Quer que quebre mais ossos? — Aveoth esperava por uma resposta.

Ela balançou a cabeça, mas não olhou para ele. Parecia absorvida pelas garras. Ele soltou a cabeça do executor empurrando-o com força. Boon gemeu e rastejou em direção ao jato.

Aveoth observou Jill enquanto se esforçava para aproximar-se dele. Ele ficou imóvel, permitindo. Ela estendeu a mão em direção a sua mão. Ela olhou para ele. Suas garras não estavam completamente estendidas, como ele disse, mas pingavam sangue. Ela não o tocou, mas os polegares separaram as pontas dos dedos de suas garras.

— Eu não machucaria você, Jill. Vou retrair minhas garras. Não fique alarmada. — Ele puxou-as até que as unhas humanas se mostraram.

Jill respirou fundo.

— Isso não é um tipo de luva. É sua mão.

— Sim.

Ela levantou a cabeça e abriu a boca novamente, olhando para ele.

— O que você é?

Ele hesitou. Começou a entender que ela não sabia a verdade sobre sua herança ou que os outros também não eram humanos. Ele lembrou o que ela disse a ele. Sua mãe era humana e o filho de Decker nunca fez parte de sua vida. Isso significava que provavelmente era totalmente ignorante sobre seu pai.

— Eu sou um Garlycan.

— O que é isso?

— Meu pai era uma Gárgula, mas minha mãe era metade Gárgula e metade Lycan. Acredito que os humanos chamam de lobisomens. Sou predominantemente Gárgula, como todo meu povo, independentemente da mistura de nossas linhagens.

— Oh. — Ela recuou um passo. — Então... você tem asas?

— Sim. — Ele estendeu a mão e esfregou os dedos na calça para limpá-los no caso dela desmaiar. Ele não queria corrompê-la com o sangue do VampLycan.

— Posso vê-las? Quer dizer, se você é realmente uma Gárgula e não apenas um cara louco com algum tipo de mão falsa com armas escondidas nos dedos, como pequenas lâminas.

— Mão falsa?

— Você sabe. Prótese. Eu vi algumas que parecem muito reais.

Ela estava procurando uma explicação razoável para se apegar. Ele sentiu simpatia.

— Não estou mentindo para você, Jill. Posso mostrar-lhe minhas asas, se desejar.

O motor do jato começou e ele olhou para trás. Boon e Cole embarcaram e subiram a escada. A porta estava fechada. Ele podia ver os pilotos pelas janelas da frente. Pareciam aterrorizados enquanto se preparavam para voar para longe. Ele não os culpava por quererem fugir. Jill estava muito perto da pista para seu conforto, então fazia sentido levá-la para casa. Ele lentamente se virou, dando-lhe as costas.

— Não fique alarmada. Você quer provas? Aqui está. — Aveoth concentrou-se e sentiu o leve inchaço à medida que a pele ao longo de seus ombros se esticava até que as fendas geralmente escondidas se separassem. Suas asas saíram enquanto

os ossos se deslocavam. Ele fez isso lentamente para que ela pudesse assistir e evitar a dor abrasadora de uma rápida transformação.

Ele estendeu as asas, mostrando sua extensão total, depois as puxou de voltar e se virou para ver sua reação. Os olhos de Jill estavam arregalados e a boca aberta. Ela tentou falar, seus lábios se moveram, mas nenhum som saiu.

— Sou realmente um Garlycan. Não tema. Nunca vou machucá-la.

— Aqueles bastardos me drogaram. — Ela sussurrou. — Estou alta como uma pipa ou Boon me bateu na cabeça tão forte que estou alucinando.

— Você gostaria de sentir minhas asas? — Ele cuidadosamente as estendeu para frente, roçando seu braço com o lado de uma.

Ela a alcançou timidamente e ele notou o quanto sua mão tremia. Seu toque foi gentil quando ela o acariciou e fez o sangue correr para seu pau novamente. Ela não estava gritando nem tentando fugir. Ele novamente ficou impressionado com sua bravura.

— E é por isso que eu nunca usei drogas. — Ela sussurrou. Olhou para longe de sua asa para segurar seu olhar. — Eu sabia que você era muito gostoso para ser real. Eles não estavam apenas fumando charutos nesse avião. Devo ter inalado algo muito forte.

Ele se aproximou e segurou sua cintura com as duas mãos. Ela não se afastou.

— Sou real. Sente como estou tocando-a?

— Suas asas são negras. Pensei que os anjos tivessem asas brancas.

— Eu não sou um anjo. — Ele olhou para ela. — Acredite em mim. Meus pensamentos não são puros.

— Você me quer, verdade?

— Eu a quero em minha cama. Sim.

— Sim. — Ela colocou as duas palmas das mãos em seu peito. — Isto é como a mãe de todos os sonhos molhados. Você é um guerreiro quente que chuta todos e depois quer me foder. As asas são um bônus.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Mas o rosto sério não é quente. Sorria para mim.

Não era difícil fazê-lo. Ela o divertia.

— Sua mente está tentando encontrar uma desculpa razoável para explicar o que você não pode compreender. É normal, mas não está drogada e eu sou muito real.

Ela lambeu os lábios. Eram grossos e sua boca parecia muito sedutora para beijar.

— Vamos ficar apenas com as drogas. Caso contrário, essa alucinação vai se transformar em algum tipo de pesadelo onde você se transforma em um monstro tentando me matar. Este é *o meu* sonho molhado.

Ele riu. Ela acabaria aceitando a realidade.

— Bem. Vamos voar. Você já quis fazer isso?

— Com certeza. — Ela virou a cabeça. — O jato está se movendo. Eles estão dando uma volta.

— Estou ciente. Voar comigo será muito mais divertido. Coloque seus braços em volta do meu pescoço. Eu vou levantar você e mantê-la perto. Enrole as pernas ao redor da minha cintura. Será mais confortável para você assim que estivermos no ar.

Ele se abaixou o suficiente para que pudesse alcançá-lo. Ela não era alta, como costumava gostar de suas amantes. Ele se ajustaria. Ela o surpreendeu fazendo o que pediu. A sensação de seus braços envolvendo seu pescoço aqueceu seu sangue. Ele olhou para o pescoço dela e desejo disparou através dele tão forte que o

surpreendeu. Ele queria afundar suas presas nela e sentir seu gosto. Fazia tanto tempo desde que tomou sangue da linhagem da família.

Ele apertou o queixo e manteve os lábios pressionados. Levantou-a e ela passou as pernas por sua cintura. Ele ansiava deixá-la nua para que ficassem pele a pele. Ele ajustou seu controle sobre ela, curvando um braço sob o generoso traseiro, que não podia esperar para explorar mais tarde e colocou o outro braço para suportar a parte superior das costas. A capa presa sob seus braços, ainda enrolada em seu corpo, deveria mantê-la aquecida.

Ele flexionou as asas e olhou para o jato. Girou completamente e os pilotos escolheram esse momento para acionar os motores. Ele olhou para cima e saltou. Jill ofegou quando eles deixaram o chão.

— Merda. — Seus membros se apertaram ao redor dele.

Ele subiu mais alto para o céu e longe da pista. Eles chegaram às falésias dentro de dez minutos e logo a teria dentro de seus aposentos.

— Eu não a deixarei cair.

Jill não tinha certeza a que tipo de drogas ela foi exposta, mas eram realmente poderosas. Um homem super gostoso voava com ela em seu abraço, seus corpos grudados, o céu noturno e as estrelas acima dela. Ela virou a cabeça, olhando para baixo. Normalmente, ficaria aterrorizada. O vento era frio, mas seu corpo estava quente. Ela observou a ameaçadora paisagem abaixo. Eles atravessaram muitas árvores escuras a cerca de cem metros de altura.

Ele foi para o lado e viu uma grande massa do que parecia ser uma substância negra e reluzente.

— O que é isso?

— Um rio. Estamos quase em casa. Nós vamos mais alto. Não tenha medo.

— Você está de brincadeira? Este é um passeio de bilhete *E*.

— Não sei o que isso significa.

— Você sabe, como uma montanha-russa, mas sem a queda. Seria muito bom se caíssemos.

— Nós não faremos isso.

Ele ficou quieto e ela voltou sua atenção para as suas enormes asas enquanto elas batiam. Eram grandes, provavelmente um metro e meio de comprimento em cada lado e negras. Ainda não se sentiam como penas. Eram sólidas e tinham uma textura aveludada. Ele parou de bater suas asas que pareceram deslizar. Isso lembrou a ela de um pássaro. Ele bateu novamente e ela olhou para baixo. Eles pareciam subir mais e quando ela inclinou a cabeça para trás, olhando para atrás, viu a forma invertida de uma enorme montanha à distância.

— É minha casa.

— Você deve ter uma visão incrível se está vendo uma casa ali.

— Alto. É o lugar perfeito para o meu povo viver. Tem um penhasco que é quase impossível de escalar em todos os lados. Levaria muito tempo para alguém chegar às nossas casas e isso facilita a defesa.

Ela deixou aquela informação entrar.

— Você mora em uma montanha? Como uma caverna de morcego?

— Existem cavernas onde nossas casas são construídas nas falésias, mas irá acha-las muito confortáveis.

— Eu não vejo como.

— Você verá.

— Então, você é como um super-herói?

Ele soltou um estranho rugido.

— Isso não está funcionando.

— Do que você está falando?

— Você finge que isso não é real?

Ela virou a cabeça, olhando por cima do ombro novamente. Eles foram realmente para o alto, as formas escuras das árvores parecendo pequenas agora.

— São drogas. Caso contrário, iria enlouquecer. Estamos voando. Você tem asas e cravou aqueles pontos brancos que chamou de garras na cabeça de Fido.

— Estamos prestes a pousar. É um pouco irritante. Aguente.

Ele apertou ainda mais, até que quase se sentiu esmagada em um abraço de urso e fez uma manobra que os endireitou como se estivessem de pé. O sentimento de cair a fez ofegar, mas ele pousou em seus pés. Ela o viu dobrar suas asas para trás. Estava escuro, mas o luar era forte o suficiente para que enxergasse.

— Você pode soltar agora. Não quero retrair minhas asas em meu corpo enquanto ainda estou segurando-a.

— Certo. Isso parece perigoso. Eu poderia ser sugada acidentalmente com elas ou algo assim?

— Não. Você ouviria os pequenos barulhos que fazem quando as dobro de volta e como se sente, quando minha pele é pressionada contra suas mãos. Sentiria meus ossos se mexendo. Duvido que acharia isso atraente.

— Elas simplesmente entram nas suas costas?

— É complicado. Meus ossos se transformam em formas diferentes, poderia dizer. Não se parecem com asas dentro do meu corpo. Pense em uma caixa torácica. Minhas asas se contraem apertadas para imitar um segundo conjunto, acho, enquanto dentro de mim. Isso ajuda a explicar?

Ele tinha um grande baú. Ele precisaria, se costumava andar com basicamente duas asas. Ela decidiu que não queria mais respostas naquele momento. As explicações que dava apenas a estava confundindo. Ela soltou as pernas e deslizou pelo corpo dele enquanto segurava seu pescoço. Seus pés tocaram o chão sólido.

Ele se endireitou, rompendo a conexão física.

— Ficarei por perto e você entenderá.

Seus olhos se fecharam e ele inclinou a cabeça. Ela observou o franzir de seus belos traços. Ruídos fortes soaram, mas logo ficou silencioso onde estavam. Suas asas lentamente diminuíram até desaparecer atrás dele. Ela olhou para o peito, mas estava muito escuro para distinguir sua pele, então observou seu rosto novamente.

Ele abriu os olhos. A cor deles pareceu um pouco surpreendente, já que pareciam brilhar um pouco e agora era totalmente prata em vez de azul.

— Bem-vinda à minha casa. Acenderei algumas luzes. Não se mova. É uma queda longa para o fundo, se quiser sair da varanda. Não há trilhos.

— Sua caverna tem eletricidade? Espero que sim.

— Sim. Não somos bárbaros.

— Claro que não.

Ele se afastou e seus olhos o seguiram, olhando para a absoluta escuridão em que desapareceu. Ela virou a cabeça, olhando os arredores. Parecia que estava de pé em uma borda de pedra saindo do penhasco da rocha maciça.

— Nunca faça isso em casa, crianças. Não é para os mansos ou medrosos. Esta merda está ficando mais estranha e mais estranha. — Ela murmurou em voz alta.

— Ouvi isso. — A voz profunda de Aveoth veio da escuridão. — Aguente e não se mova.

— Você me disse isso. Grande queda e gritos envolvidos. Entendi.

As luzes se acenderam literalmente. Eram fracas, depois se apagaram, mas voltou a aparecer.

Ela olhou para uma sala. Parecia uma espécie de biblioteca, com sofás, uma lareira e muitas estantes de madeira carregadas de livros.

— Sim. Isso é tão realista. — Ela murmurou.

Aveoth parou e franziu a testa.

— O que?

— Parece um quarto de uma antiga mansão, mas no meio de uma caverna. Não. Eu não estou drogada. Isso é tão claro.

Ele caminhou até ela e ofereceu sua mão.

— Eu sinto sua cautela. Entre. Fecharei a porta.

— Sobre a entrada de uma caverna? Eu não posso esperar para ver isso. — Ela deixou que ele a guiasse para a frente, pisando no chão de madeira no interior, sobre um trilho de metal na entrada que corria de um lado da grande abertura da caverna para o outro.

Ele a soltou e acenou na direção de onde eles acabaram de sair.

— Assista. — Ele se moveu para a parede e agarrou a corda mais grossa que já viu antes, um loop que corria do teto ao chão. Ele começou a puxar a corda da frente para baixo. Um leve ruído, depois a parede à direita se moveu, fechando a abertura.

— Isso consiste em dez centímetros de metal sólido e pedra. O exterior coincide com o penhasco, então nossos inimigos não conseguem detectar nossas casas de fora quando fechamos essas coisas. Eu não recomendo que você tente abri-las. Estão trilhos, mas ainda são alguns milhares de quilos para mover.

— Certo. — Jill entrou, tentando entender tudo.

A porta parecia estar coberta de paredes de madeira no interior, como as paredes restantes e pintada para combinar com o restante da biblioteca. Uma pintura do mar pendia ali. As costuras eram notáveis, já que havia longas tiras de painéis de madeira escuras que corriam do chão ao teto de ambos os lados que se moviam.

— Nós desfrutamos de elegância e casas confortáveis.

Ela virou a cabeça e olhou para ele. Ele parecia tão calmo e de fato, como se não estivesse enchendo-a de informações.

— Está com fome? Talvez gostaria de bebêr algo?

Ela olhou ao redor.

— Eu caí no buraco do coelho, grande momento.

Ele fez um barulho suave.

— Basta. — Ele caminhou direto para ela e agarrou seus braços, dando-lhe uma forte vibração. A capa que ele emprestou caiu no chão. — Você não está sob o efeito de drogas e isso é real. Estou cansado de sua mente tentando encontrar uma maneira de controlar o estresse sobre o que descobriu. Você não está alta, ficando louca ou está sonhando. Eu sou real e também é tudo isso. Pare de ser tão engenhosa como um ser humano típico, acreditando que eles são os únicos que compartilham seu mundo.

Seu controle sobre ela era firme, mas não prejudicial. O pânico começou a subir dentro dela.

— Acho que quero essa bebida. Você tem bebidas alcoólicas? Algo forte?

— Sim. — Ele recuou e soltou-a. — Isso pode ajudá-la a lidar com o choque. Desculpe, ter descoberto sobre nossa existência dessa maneira. Seu pai deveria ter lhe dito o que ele era.

— O doador de esperma é uma gárgula?

— Ele é um VampLycan e você é quase uma. Você não tem o cheiro de um Lycan, então posso assumir que tenha mais traços de Vampiro. Toma sangue com frequência?

— Eu não bebo sangue. — Um pensamento horrível atingiu. — Você?

Ele caminhou até um bar no canto, pisando atrás dele. Seus músculos se flexionaram quando ele levantou uma grande garrafa de vidro cheia de líquido

escuro e torceu a tampa. Ele colocou dois copos no balcão, despejando uma quantidade generosa de bebidas alcoólicas em cada um. Ele deixou a garrafa e se aproximou dela com o copo. Ele segurou um para ela.

Ela pegou e nem se incomodou em tentar descobrir o que era. Apenas levantou o copo e tomou um gole.

Isso foi um erro. Lágrimas encheram os olhos, cegando-a. Sentia como se ela tivesse engolido fogo, que queimou sua garganta até o estomago. Ela sibilou, quase soltando o copo.

Aveoth curvou os dedos sobre os dela para ajudá-la a segurar.

— Respire.

— Merda. — Ela piscou rapidamente, tentando limpar sua visão e lembrar de como encher seus pulmões. Ela respirou, devagar. Parecia que as chamas saiam de seus lábios separados enquanto ela exalava.

— O que *é* isso? Gasolina em um copo?

Ele abaixou a cabeça, observando-a.

— Uísque envelhecido. Provavelmente é um pouco forte para você. Poderia te dar vinho.

Seu estomago ainda queimava, mas se diminuiu aos poucos. Ela observou o rosto dele. Ele realmente era muito bom para ser real, mas estava começando a acreditar. Ela abaixou o queixo, olhando para seus bronzeados dedos longos e ao redor do vidro. Eles pareciam tão normais... mas ele não era realmente um homem. Não era como qualquer um que conheceu antes.

— Permaneça calma. — Ele tinha uma voz calmante quando saia tão baixa. — Você está segura. Não a machucaria, e Jill. Seu pai provavelmente evitou ser parte de sua vida porque sua mãe era humana. Decker Filmore odeia essa raça. Seu filho provavelmente estava com vergonha de ter uma filha com uma. Decker não teria aprovado ele tomar um ser humano como amante, muito menos ter uma criança.

Ainda não é uma desculpa para você nunca ter descoberto a verdade sobre o que seu pai é.

Ela tentou puxar o copo e ele abriu os dedos, soltando-a. Ela ergueu o copo e tomou um gole menor, esperando a reação enquanto engoliu. Ainda queimava, mas não fazia com que os olhos enchessem de lágrimas.

O pânico e o medo lutavam para dominar dentro dela. Ela não podia olhar para o rosto de Aveoth. Ele tinha asas e garras loucas. Não era uma fantasia induzida por drogas, realmente aconteceu. A realidade estava afundando rapidamente. Ela recuou e bateu em um sofá. Virou a cabeça, encarando a monstruosidade do couro. Era uma peça grande e pesada. *Ele voou até aqui? Acima de um penhasco? Ah Merda!*

— Eu posso sentir o cheiro de seu medo, Jill. Não há necessidade disso. Converse comigo. O que você está pensando?

Ela finalmente encontrou a coragem de encontrar seu olhar. Esses olhos incríveis, azuis com prata neles. *No entanto, ninguém deveria ter olhos como esses. Eles eram muito bonitos.*

— Você está me dizendo que o doador de esperma é meio vampiro, meio lobisomem?

— Sim. Nós os chamamos de Lycans, no entanto.

— Minha mãe disse que ele era um idiota egoísta. — Ela tomou outra bebida.

— Ele não teria revelado a verdade do que era para ela, a menos que fossem companheiros de vida. Está proibido.

— Certo. — Ela queria sair dali. Olhou ao redor e viu uma porta aberta. — Então você está me dizendo que Scarface quando rosnava era porque era *realmente* um cachorro?

— Ele cheirava fortemente a sua herança Lycan. Ele também é parte Vampiro.

— E o advogado *é realmente* um sanguessuga, então? — Ela tomou outro gole. Ajudou.

— Ele cheirava principalmente Lycan também. É raro que realmente deseje sangue humano.

— Eu não estou mais no Kansas. — Ela mordeu o lábio, a realidade de sua situação batendo com força. Ela derrubou o resto da bebida. — Foda-me.

Ela jogou o copo no grande peito de Aveoth e girou, correndo para a única saída, uma porta aberta.

Tinha que sair de lá.

Estava tudo escuro quando ela saiu da sala. Mas precisava escapar. Ela bateu em uma parede e colocou as duas mãos, tentando cegamente sentir o caminho para outro interruptor de luz.

Aveoth amaldiçoou alto de perto. Ele estava atrás dela. Ela afastou-se da parede e correu cega. Seu pé bateu em algo e avançou. A dor explodiu em suas costelas onde bateu contra com um objeto sólido e implacável. Moveu-se e gritou quando pareceu desmoronar debaixo dela, então sua cabeça atingiu algo, forte.

As mãos fortes e quentes de Aveoth a agarraram.

— Porra. Você está sangrando.

Ela não podia ver nada. Seus dedos tocavam o que parecia uma madeira dura, o que quer que ela tivesse conseguido. Ele a ajustou, roçando-a gentilmente. Ela terminou deitada no chão, de costas.

— Irei levá-la para a cama. — Ele resmungou.

— Afaste-se de mim! — Ela tentou se livrar de seu alcance, mas sua cabeça doía. Parecia que um martelo a atingiu.

— Fique quieta, minha coelho. Cuidarei de você. Você está segura comigo.

— Coelho?

— Você foi a única a dizer que você caiu no buraco do coelho. Eu entendi a referência. Você viu os livros na minha biblioteca. É um na minha coleção.

— Ótimo. A gárgula lê.

— Nós fazemos muitas coisas. — Ele a soltou, deslizando seus braços sob suas costas e atrás de seus joelhos. — Não lute. Não há necessidade.

Ele a levantou e a náusea fez o estômago rolar. Ela estendeu a mão e tocou sua cabeça latejante. Estava úmido e quente. — Eu *estou* sangrando.

— Estou ciente. Correu para um dos guardas.

— Nós não estamos sozinhos?

— É uma grande estátua de madeira esculpida de um guarda. Eu possuo alguns deles. Você o derrubou. Acho que você bateu sua cabeça no escudo que ele segura.

— Eu nem quero saber. — Ela estava com medo o suficiente. Fechou os olhos e não lutou quando a escuridão se aproximou para levá-la. Ela nunca desmaiou em sua vida, mas parecia um bom momento para que fosse uma primeira vez.

Capítulo Quatro

Aveoth carregou Jill para o quarto ao lado dele. Não se incomodou com as luzes. Sua visão noturna era excelente. Ele gentilmente a depositou na cama e entrou no banheiro adjacente que compartilhavam. Pegou uma toalha de mão e ligou a água. Estava fria, mas não podia se opor. Ela desmaiou. Apenas esperava que fosse pelo medo e não por uma lesão grave.

Ele voltou para ela rapidamente e limpou o pior do sangue. Apenas então ele estendeu a mão para a lâmpada e ligou-a. O pequeno corte perto da linha do cabelo era pequeno, mas sangrava muito. Ele prendeu a respiração, concentrando-se nela. Ouviu seus batimentos cardíacos lentos e constantes. Era normal em alguém dormindo. O cheiro de seu sangue instantaneamente o atormentou.

Isso não foi tudo o que fez. Ele olhou para ela. Tanto para levá-la para sua cama e deixá-la nua. Jill estava ferida e com medo. Ele nunca gostou do filho mais novo de Decker. Ele o conheceu em algumas ocasiões, quando Decker o enviou com mensagens no território GarLycan. O VampLycan parecia sem pulso. Sua aversão aumentou por causa de Jill. Ele queria matar Decker e agora seu filho também. Decon teve um filho com um ser humano e a abandonou para ser criada no mundo humano.

Era um milagre que os Lycans ou um ninho de vampiros não matasse Jill. Ela cheirava com a maioria de humanos, mas pegou o leve vestígio de outros sobre ela. Eles também o teriam. Então, novamente, ele não sentiu o cheiro até sangrar. Decon com certeza sabia que sua filha seria possivelmente caçada sem um clã para protegê-la. Ela também poderia ter nascido com traços que revelavam que não era totalmente humana. Ele assumiu que ela não tivesse nenhum dom especial ou não ficaria tão chocada com o que descobriu.

Ele se acalmou um pouco quando percebeu que não estava gravemente ferida. O corte não era profundo. O uísque pode ter sido muito forte para ela. Ela parecia totalmente humana e não era grande. Se inclinou e observou sua expressão no sono.

Suas feições eram atraentes. Ela tinha um nariz reto, quase perfeito e lábios cheios e beijáveis. O desejo de roçar a boca sobre a dela tornou-se forte, mas resistiu.

O sangue em sua testa chamou sua atenção.

Vamps tinham a capacidade de curar pequenas feridas em seres humanos. Ele se perguntou se poderia fazer o mesmo. Nunca teve a oportunidade de testá-lo. Lambeu os lábios e depois se aproximou ainda mais dela, apoiando as mãos em cada lado de seus ombros. Abriu a boca e passou suavemente a língua pelo pequeno corte.

Ele fechou os olhos e esperou um enorme e instantâneo instante quando o gosto de seu doce sangue o atingiu. Suas presas dispararam por vontade própria e isso o fez revirar. Uma fome crua agarrou-o chamando-o para que a mordesse. Ele olhou, procurando o local perfeito. Quase podia sentir a veia pulsante.

Não!

Ele virou a cabeça e lutou contra seus instintos. Ninguém *jamais* o afetou dessa maneira. Precisou tomar um pouco do sangue de Lane, mas pareceu mais uma tarefa difícil do que um verdadeiro prazer quando ele a mordeu. O impulso não aumentou muito nos anos em que ela foi sua amante. Eles eram como estranhos na maioria do tempo, somente compartilhavam momentos íntimos quando ela entrava no calor. Ele a evitava a menos que ela precisasse dele.

Pensar na VampLycan alta que compartilhou sua casa o ajudou a esfriar sua luxúria. Lane sempre seria uma linda lembrança se começasse a permitir que qualquer mulher chegasse muito perto dele. Lane era infeliz, mas se recusou a ir embora quando ele ofereceu sua liberdade.

Então, um dia, ele foi caçar... e voltou para não a encontrar. No início, acreditava que ela apenas decidiu visitar sua família vivendo com um dos clãs. Ele perguntou à sentinela quando planejava voltar. O olhar confuso no rosto do homem o alarmou. Não havia nenhuma maneira de Lane partir sem que um de seus homens a levasse pelos penhascos e nenhum deles a viu.

Levou cinco minutos para localizar seu corpo onde ela mergulhou para a morte.

Pode ter sido um acidente, mas Aveoth não acreditava nisso. E o aroma de Lane tinha era o único dentro de sua casa. Isso significava que ela se aventurou sozinha na borda. Ela nunca fez isso porque temia a altura. A única suposição razoável era que ela tirou sua própria vida. Escolheu a morte por permanecer com ele ou retornar a sua família.

— Eu não deixarei isso acontecer com você. — Ele disse suavemente. — Essa é uma promessa, Jill. — Ele pegou a toalha e com ternura, limpou sua testa do sangue. A ferida não estava cicatrizando.

Ele franziu a testa, perguntando-se o que fez de errado ou se não tinha este dom em seus traços mínimos de Vampiro. Ele se inclinou para frente, suas presas estendidas. Ele lambeu novamente a ferida. O gosto de Vamp era fraco, mas estava lá. O Lycan nela era tão fraco que era apenas um leve retrocesso. Ela era principalmente humana. Ele fez uma pausa e recostou-se. A ferida ainda sangrava.

Ele lembrou-se de algo então e usou uma presa para perfurar a língua para tirar seu próprio sangue. Ele se inclinou e lambeu novamente a ferida antes de se afastar. Já não sangrava. Ele observou espantado, quando o corte começou a se curar. Aveoth sorriu e mordiscou o mesmo lugar em sua língua, correndo-o através do corte mais algumas vezes. Ele parou e viu como estava completamente fechado. Sua pele se fechou em um minuto, já não conseguia nem ver onde ela estava ferida. Ele cuidou dos pulsos feridos do mesmo jeito. Os pequenos arranhões desapareceram.

Ele se levantou e tirou os sapatos. Ele observou sua roupa, queria tirá-la também, mas não. Jill poderia acreditar que ele fez algo nefasto se acordasse nua em uma cama estranha. Ele a cobriu com parte do cobertor, dobrando-o do outro lado. Deixou a lâmpada acesa para que ela não acordasse no escuro. Isso também poderia assustá-la.

Entrou no banheiro e fechou a porta. Tinha sangue em sua calça de sua luta anterior. Ligou o chuveiro e tentou ignorar o estado de se corpo. A excitação não era algo que ele sofria muitas vezes, mas Jill estava no quarto ao lado. E ele a queria.

Uma lista de precauções se formou em sua cabeça e que ele rapidamente ignorou. Jill tentaria escapar novamente. Ele também, em seu lugar. Todas as entradas externas precisavam ser seladas. Ela não era forte o suficiente para abri-los por conta própria. Poderia colocar uma barricada na escada para o piso inferior com uma grande e pesada peça de mobiliário. Um guarda colocado na porta da frente não apenas a manteria, mas a protegeria de qualquer um que tentasse alcançá-la.

Alguns de seus clãs não ficariam emocionados por ter Jill nas falésias. As Gárgulas de sangue puro tentariam colocar seu povo contra ele. Isso era um fato. Eles questionariam sua liderança, sua estabilidade mental e até mesmo sua lealdade ao clã por ter um ser humano com sangue VampLycan como companheira. Vampiros eram inimigos de Gárgulas há milênios. Esse velho ódio permaneceu forte nos antigos. GarLycans, na sua maioria eram mais tolerantes, já que eram aliados dos VampLycans. Eles simplesmente não criariam caso com ele.

Aveoth terminou o banho e se secou rapidamente, entrando em seu quarto. Ele vestiu uma calça preta para dormir e localizou seu outro celular que continuava carregando na mesa de cabeceira. Ele o pegou e ligou. Kelzeb respondeu no segundo toque.

— O que está errado?

Isso o divertiu.

— Quem disse que algo estava errado?

— Esta não é sua linha oficial. É o seu particular.

— Preciso falar com você. Venha ao meu quarto e fique em silêncio. Tenho companhia.

— Estou a caminho.

Ele desligou e verificou Jill. Ela ainda dormia. Ele usou a porta para fora de seu quarto para ter acesso ao resto de sua casa e entrou no corredor até chegar na sala de estar e a área da cozinha. Não demorou muito para que seu melhor amigo saísse

da escuridão. Aveoth sorriu ao ver Kelzeb segurando uma espada, um punhal amarrado à sua coxa nua em um coldre enquanto ele usava uma bermuda.

Kelzeb cheirou e franziu a testa.

— Você pode abaixar sua lâmina. Não há ameaça aqui. Decker me ligou com um acordo. Você está sentindo uma neta que nunca conhecemos. Decon teve uma amante humana, ficou grávida e abandonou as duas no mundo humano. Decker fez alguns de seus agentes de segurança pegarem a filha agora adulta e trazê-la para mim.

— Deixe-me adivinhar. Ele quer que você lhe dê seu clã *e* sua promessa de ajudá-lo a acabar com os outros clãs?

— Ele tentaria se eu não o tivesse interrompido. Eu não lhe dei nada, exceto a promessa que poderia viver, desde que ele não voltasse para o Alasca ou começasse mais uma merda com os clãs. Não vou caçá-lo ativamente até me dar problemas. — Aveoth apertou os lábios. — E ele irá.

— Ela concordou em ser dada a você?

— Não. O nome dela é Jill e ela nem sabia que existiam outros seres até Decker a sequestrar.

— Porra. — Kelzeb colocou a espada sobre a mesa e passou os dedos pelos cabelos bagunçados do sono.

— Peço desculpas se o acordei.

— Você deveria ter me acordado antes de buscar a mulher. Poderia ser uma armadilha.

— Por isso que não te levei comigo. Um de nós precisa sobreviver para manter a paz.

— Você levou alguém?

— Não.

— Maldição, Aveoth! Sabe que Decker adoraria te matar.

— Ele poderia tentar, mas duvido que seja inteligente o suficiente para fazê-lo. Fui cuidadoso.

— Por que não levou alguns soldados?

— Não tenho certeza de como o clã reagirá quando descobrirem que trouxe Jill aqui.

— Certo. VampLycan. Tenho que dizer que ela cheira principalmente como humana.

— Mas?

— Sinto cheiro de sangue. Ela está bem?

— Ela ficará bem. Foi um leve corte.

— É aceitável para você manter uma amante. Ninguém pode dizer nada, desde que não se reproduza com ela. Qual é o problema? Eles não se incomodaram quando Lane viveu aqui.

Aveoth observou seu amigo.

— Lane não tinha sangue humano. Você está esquecendo a biologia.

— Merda. Ainda não estou completamente acordado, mas estou chegando lá. Poderia tê-la esterilizada. Dessa forma, não há uma gravidez acidental.

— Não.

— Isso causará grandes problemas se tiver filhos com ela.

— Estou ciente. Mas eu gostaria de ter filhos. — Ele fez uma pausa. — Não pretendo apenas tê-la como minha amante. Eu quero construir uma família.

Kelzeb suavemente amaldiçoou.

— Exatamente. Haverá muitas consequências.

— Provavelmente não com as gerações mais novas, mas algumas das Gárgulas puras vão se levantar contra você se acasalar uma mulher com linhagens VampLycan.

— Estou ciente.

— Alguns ficarão ao seu lado.

— Nomeie um.

— O pai de Fray e Chaz, Hawk. Ele é bem maduro com essa merda. Pode levar Gorzak para seu lado. Ambos perderam companheiras e são solitários. Entenderiam sua necessidade de ter uma, apesar de suas linhagens. Eles também não querem um senhor Gárgula de sangue puro novamente. Sabe que não se comportaram bem com Abotorus.

— Vampiros mataram ambas as companheiras.

— Mas eles são amigáveis com VampLycans e humanos. Eu diria que você estaria sem sorte se aquela mulher fosse uma Vamp completa, mas novamente, ter filhos não seria uma opção.

— Certo. Às vezes me pergunto por que me incomodo em ficar.

— Você faz isso pelo bem de todos. Os outros clãs de Gárgulas nos atacariam se ouvissem que você não era mais nosso senhor.

— Não. Eles nos temem.

Kelzeb bufou.

— Os outros clãs têm medo de *você*. Eles *me* desafiariam.

Aveoth franziu o cenho.

— Você foi o único a matar Lorde Abotorus. Ninguém nunca o desafiou.

— Entendi. Preciso ficar.

— Como trouxe Jill aqui e ela está lidando com você? Você disse que não sabia nada.

— Ela é corajosa. Tenho a impressão de que deu aos homens de Decker um momento difícil quando a sequestraram.

— Eu já gosto dela.

— Eu também. Ela me pediu para bater em ambos.

Kelzeb riu.

— Você não o fez.

— Eu fiz.

— Como ela reagiu à violência? A maioria dos humanos se aborrece isso.

Ele sorriu com a lembrança

— Ela começou a falar. É por isso que estou pensando em mantê-la aqui.

— Não se precipite.

— Ela precisará de tempo para se ajustar a mim e a esta vida primeiro. Não vou forçar o problema até que esteja pronta.

— Isso pode nunca acontecer. Sua mente poderia não suportar. Os seres humanos são bastante frágeis com suas crenças.

— Ela não é fraca.

Kelzeb suspirou.

— Você acha.

— Eu tenho fé.

— Isso é novo.

— Sinto-me atraído por ela, Kelzeb. É uma motivação. Mas queria suas habilidades de avaliação agora. Como acha que o clã reagirá quando descobrirem que trouxe o que eles acreditarão ser uma humana aqui?

— Eles ficarão chocados, pois Elco divulgou que Winalin é sua. Espera-se que você tome uma mulher Gárgula de sangue pura como sua companheira, uma vez que existe uma aqui.

— Elco precisa ser derrotado e eu *nunca* tocaria sua irmã. A vida com Winalin seria pura miséria. Isso nunca acontecerá. E posso lidar com o choque. Qual acha que será a segunda reação?

— Alguns assumirão que você irá usá-la para procriar. E nenhum senhor utiliza uma reprodutora, a menos que não haja outras opções de companheiro ou nossos números de clãs estejam diminuindo. Tem sido assim desde o início. Isso provavelmente causará indignação, já que somos presos à tradição e isso não está em nenhuma dessas situações. Uma vez que perceberem que você planeja acasalar-se com Jill... — Kelzeb suspirou. — Eu não consigo nem adivinhar.

— Eu quero mudança.

— Eu também, mas isso é muito ousado, acasalar com uma mulher com linhagens de Vampiro, especialmente se seus filhos mostrarem sinais de uma necessidade de sangue.

— Existe uma maneira de evitar isso inteiramente se eu me acasalar e ela engravidar. Eu precisaria de sua ajuda com isso.

Kelzeb baixou o olhar.

— Merda.

— Não vou matá-lo. Você é como uma família para mim. Deixá-la tomar seu sangue asseguraria que qualquer descendente seja fortemente gárgula. Isso é pedir demais?

O amigo levantou o olhar e olhou para ele.

— Se seu vínculo permitir, oferecerei meu sangue em uma xícara para ela. Seria uma honra.

— Obrigado.

— De nada.

— Eu também preciso continuar protegendo meu segredo.

Kelzeb aproximou-se.

— Seria o inferno se eles percebessem.

— É por isso que estou pedindo que você compartilhe seu sangue em algum momento.

— Feito.

Aveoth relaxou.

— Obrigado novamente.

— Olhe pelo lado bom. Não teremos que fazer viagens secretas no futuro.

Aveoth assentiu.

— Verdade.

— Você terá seu próprio suprimento de sangue quando precisar.

— Ela é mais do que isso para mim ou será. Felizmente, não tenho o impulso muitas vezes.

— Você poderia ter tomado o meu sangue. Eu ofereci.

Aveoth sorriu.

— Eu sabia que você ficaria desconfortável com isso. É íntimo compartilhar sangue.

Kelzeb riu.

— É verdade. — Uma chama de provocação queimou em seu olhar. — Embora tenha se passado muito tempo desde que *alguém* tenha sido intimo comigo, de qualquer maneira não poderia ter apreciado.

— Continuo dizendo que deve tirar alguns dias para você. — Aveoth estendeu a mão e segurou o ombro de seu amigo. — Quando as coisas se acalmarem, encontre uma mulher para aquecê-lo.

Kelzeb balançou a cabeça.

— Ainda não estou à procura de uma companheira e posso esperar alguns anos. Estou bem. É uma complicação que não preciso. Os seres humanos sentem-se tão atraídos por nós que sinto culpa por esta atração e os Lycans estão sempre procurando se acasalar.

Isso despertou a curiosidade de Aveoth.

— O que quer dizer com que os seres humanos se sentem tão atraídos por nós?

— Você nunca está perto deles. Eu me esqueço. Lembra-se quando tive que passar quatro dias em Anchorage?

Aveoth assentiu.

— Odiei ficar preso no hotel, esperando para ver se algum homem de Decker aparecesse lá. Eles tinham uma academia para humanos, para aliviar parte de sua energia. Decidi tentar. Levantei alguns pesos, corri em uma esteira e depois fiz alguns exercícios. Antes de perceber, cerca de vinte mulheres humanas me rodeavam. Eles foram atraídas para mim de uma maneira não natural.

Aveoth franziu a testa.

— Como?

— Não tenho certeza se foi a visão do meu corpo ou talvez o cheiro do meu suor, mas parece que as atraímos. Podia sentir o cheiro de excitação em todas elas. Algumas mais agressivas se aproximaram de mim por sexo e duas quase lutaram pela minha atenção. Pode ser uma coisa de feromônios. Não tenho certeza. Fui

embora e acabei com isso. Algumas tentaram me seguir de volta ao quarto. Achei errado me aproveitar delas, considerando que não sabia por que estavam tão interessadas sexualmente.

— Você nunca me contou.

— Não foi necessário. Normalmente, evitamos humanos e é extremamente raro que nossos homens permaneçam em hotéis. Quando o fazem, não são exatamente sociáveis. Eles entram, dormem e saem depois de descansar. Não pensei que fosse algo importante para falar.

— Não é, mas talvez possa usar essa informação para ajudar Jill a me aceitar.

Kelzeb arqueou uma sobrancelha.

— Chamaria isso de uma vantagem injusta.

— Eu preciso de uma. Ela será muito resistente a se tornar minha companheira. Quero mantê-la.

— Nós não temos uma academia.

— Não, mas treinamos. Você poderia treinar comigo. Isso geralmente me faz suar.

Kelzeb sorriu.

— Eu não iria facilitar.

— Tudo bem. Todo mundo tem medo de ser muito agressivo.

— Você sabe que eu não tenho motivos para arrancar sua cabeça, então não tem que se preocupar em confundir minhas ações com tentativas veladas contra sua vida.

— Verdade.

— De manhã?

— Tarde.

— Providenciarei para que a área de treinamento esteja vazia exceto por nós dois e sua Jill.

— Obrigado, Kelzeb.

— Voltarei para a cama.

— Desculpe por acordá-lo.

— Apenas queria que tivesse feito isso antes e me levasse com você quando recuperou a mulher. Não faça isso novamente.

— Não faço promessas. Verifique as portas inferiores, por favor.

Aveoth observou seu amigo levantar a espada e sair pela escada traseira. Ele esperou alguns minutos, selou a porta, colocando uma grande peça de mobiliário à sua frente para que Jill não conseguisse movê-la sozinha. Ele fez o mesmo na entrada da frente. Apenas queria mantê-la no andar de cima em sua área privada e longe do espaço espelhado no chão abaixo que os hóspedes visitavam às vezes.

Ele voltou para o quarto e a encontrou dormindo pacificamente. Levantou uma cadeira e colocou-a ao lado de sua cama, sentou-se e a observou. Uma boa hora se passou antes de finalmente ir para seu próprio quarto. Planejava dormir por uma hora, depois voltaria ao seu lado para que quando ela acordasse o encontrasse por perto.

Seu telefone tocou antes que pudesse se deitar. Ele atendeu.

— Sim?

— Você machucou meus homens.

— Então? — Ele apertou os dentes. O bastardo o irritava.

— Eu quero retribuição.

— Foda-se, Decker. Você me deu a impressão de que sua neta concordou em se tornar minha amante. Seus homens a traumatizaram roubando-a do mundo que

conhecia. Seu executor a perseguiu e provocou com ameaças perturbadoras. Eles *mereceram* o que receberam. Sinta-se afortunado de não os enviar em pedaços.

— Eu quero retornar ao meu clã.

— Você deveria ter sido bom quando os liderou anteriormente, mas sua ganância custou-lhe tudo. Eu lhe disse para deixar os outros clãs em paz.

— Eu não tenho que ouvi-lo. É uma questão VampLycan.

— É meu assunto quando tenta me chantagear para aceitar sua oferta. Não pode fazê-lo por conta própria. Nós dois sabemos disso e eles também. Meus homens nunca atacarão um clã VampLycan apenas para que você possa governá-los.

— Lorn assassinou os homens que deixei para trás! Esse bastardo precisa morrer.

— Ele desafiou a liderança e ganhou de forma justa, Decker. Gosto mais de Lorn do que de você. Ele tem minha benção.

— Não depende de você! — Decker gritou as palavras, claramente indignado.

Isso divertiu Aveoth.

— Você está certo, mas Lorn tem meu apoio e o do meu clã. Ajudaremos a defender *seu* clã, se enviar alguém atrás deles novamente.

— Eu não sei do que você está falando. — Gritou Decker. — E *não* é o clã de Lorn. É meu!

A facilidade com que Decker mentia acabou com o bom humor de Aveoth. O idiota não tinha qualquer honra.

— Você está cheio de merda. Trabalhou com os Vamps por um tempo. Colocou uma ordem de caça para sua própria neta com seu conselho e cada matilha Lycan, com a esperança de que eles capturassem Batina para você. Então enviou Vampiros em território VampLycan como vingança por que Lorn assumiu seu clã.

Você provavelmente pensou que isso o tornaria fraco para o clã, tendo um VampLycan sequestrado por um Vamp durante sua liderança.

— Isso não é verdade!

Aveoth bufou.

— Poupe-me suas mentiras. Tem medo de que seu clã não sintam sua falta? Achou que ser atacado iria encorajá-los a acreditar que estavam melhor com você lá? Errado. Lorde Abotorus me ensinou a arte da manipulação. Seu plano falhou. Os VampLycans não são estúpidos e cada clã é consciente de quem é *realmente* responsável por esse ataque vampiro. Você é.

— Eles estão armando algo e tentando me culpar. — Disse Decker.

— Desista. Você tem sua vida, mas a perderá se não deixar todos em paz, inclusive eu. Eu bati em seus homens. E daí? Eu os deixei vivos. Fique grato por isso. Eu o responsabilizarei se houver mais ataques nos clãs. Isso inclui Vampiros, Lycans ou mesmo humanos. Não ligue novamente, Decker e fique longe do Alasca se quiser permanecer vivo. — Ele desligou o telefone.

— Maldito idiota. — Murmurou.

Capítulo Cinco

Jill acordou olhando para um teto de pedra. Demorou alguns segundos para que sua lembrança voltasse. Ela foi sequestrada e levada para uma caverna de Gárgula. Ela se sentou, olhando para o quarto. Tinha que admitir, era extremamente elegante para uma caverna. O mobiliário parecia antigo e caro. Afastou as cobertas e seus pés descalços tocaram tapetes grossos. Descobriu que era um grande tapete. Ficou de pé, olhando todo o quarto. Os topos das paredes não eram exatamente iguais, aparentemente construídas se encaixar com o teto de rochas. Os pisos eram suaves. Planos.

Onde está o homem gostoso com asas?

Ela prestou atenção, mas o silêncio não lhe deu nenhuma pista. Rodeou a cama, afastou o tapete do chão e sentiu o piso de pedra. Ela parou, olhando para a pedra polida. *Impressionante.* Tinha que dar crédito pelo artesanato. Levaram o quarto das cavernas a um nível impensável. Ela encontrou seus sapatos e calçou.

Jill saiu do quarto e entrou no banheiro. Parecia surpreendentemente moderno, com um chuveiro e banheira. Ela rapidamente fez xixi e lavou as mãos. Uma escova de dentes estava em uma taça de vidro no balcão. Pensou que pertencia a Aveoth. Usou sua pasta de dente e seu dedo para lidar com bafo da manhã. Seu cabelo uma bagunça, mas a maioria permaneceu preso na trança. Ela deixou assim.

Havia outra porta fora do banheiro e ela abriu cuidadosamente, tentando ficar muito quieta. A visão de outro quarto maior a surpreendeu. A luz do sol entrava por uma grande abertura na parede. Uma brisa quente tocou sua pele. Ela entrou e seu olhar pousou na enorme cama.

A visão ali a fez congelar, separando os lábios.

Aveoth estava deitado no centro do colchão em lençóis negros, de costas. Seus olhos estavam fechados.

Seu peito se levantava e descia, mas ele não roncava. Ele usava uma calça preta de seda sem camisa. Ela observou seu estômago e os braços musculosos, um deles esticado na cama. Ele ocupava muito espaço porque era um grande homem. Ela se aproximou, perguntando se ele realmente dormia ou se era algum tipo de armadilha. Ele não se mexeu.

Ela abraçou a cintura e engoliu em seco, sem saber o que fazer.

Ele moveu a perna, dobrou um joelho e arqueou seus quadris um pouco. Seu olhar desceu pelo seu corpo. Seu estômago se apertou, revelando muitos músculos. Suas asas desapareceram. Ela não se esqueceu que ele as tinha, no entanto.

Ela viu algo em sua mesa de cabeceira e a esperança se acendeu quando percebeu que ele tinha um celular. Ela poderia pedir ajuda. Foi para frente, mas congelou quando ele de repente se virou sobre o estômago. Espalhou seus membros e ela ficou olhando suas costas largas.

Não havia nenhum sinal de onde suas asas estiveram na noite anterior. Pele lisa e não marcada se esticava em seus ombros. Ela ergueu um pé um centímetro mais perto da mesa de cabeceira e para o telefone, mas ele soltou um grunhido baixo.

Jill recuou. Poderia ser possível que ele pudesse senti-la enquanto se aproximava. Não havia como dizer o tipo de outras coisas estranhas que ele poderia fazer. Embora não se movesse ou fizesse outro som.

Seu olhar permaneceu fixo no telefone, mas não se atreveu a ir até ele. Ele provavelmente acordaria e a pegaria em flagrante. Ela virou-se para a abertura na parede em vez disso, cruzou a sala silenciosamente e entrou em uma saliência plana. A visão que encontrou enquanto olhava para o mundo a deixou sem fôlego.

A visão dessa altura revelava o que parecia ser uma região selvagem infinita. Ela não percebeu sinais de uma cidade, edifícios ou até casas. Apenas árvores e uma abertura através delas revelando um rio à distância.

Ela virou a cabeça, encontrando outra borda a certa distância. Ela também viu cortes na rocha, talvez apoios, que levavam a uma terceira borda muito mais abaixo, provavelmente com seis ou nove metros.

Recuou e voltou para o quarto no qual acordou, saindo para entrar na sala que Aveoth a levou na noite anterior. A parede permanecia selada. Ela caminhou por um corredor e encontrou outra porta. Um grande móvel a bloqueava. Mais exploração levou-a para outro quarto grande e um grande armário.

Filho da puta. Parecia não haver escapatória com a porta bloqueada. Ela voltou para esse ponto e o observou. Aveoth a trancou. Ela estava certa disso. Tentou levantar o armário pesado, mas deveria pesar toneladas. Ela tentou puxar e puxar, mas a madeira raspou o chão apenas um centímetro, o som ecoando alto. Ela parou e ouviu, temendo que o tivesse acordado.

Merda!

Ela precisava escapar. A única saída era aquela varanda dentro de seu quarto. Mordeu o lábio inferior, pensando. Ela se virou, voltando, procurando por outro telefone. Não encontrou nenhum. Finalmente, voltou para o quarto de Aveoth. Ele ainda estava deitado sobre o estômago, na mesma posição em que o deixou. Foi em direção ao telefone, mas quando aproximou-se dele, ele se virou para o lado.

O coração dela bateu quando recuou, olhando por cima do ombro para se certificar de que não bateu em nada. Aveoth resmungou em seu sono e estendeu a mão e esfregou o rosto. Parecia estar sonhando, provavelmente tendo um pesadelo.

Ficou com medo dele acordar. Ela se virou e correu o mais silenciosamente possível para a sacada. Altura nunca foi algo que gostou, mas temia menos do que o homem na cama. Precisava se afastar dele. Ele era uma Gárgula ou um GarLycan, o que fosse. Ele tinha asas e uma associação com a família fodida de seu doador de esperma. Isso era mais do que suficiente para demonstrar ser uma má notícia. Ela também não conseguia esquecer seus dedos com garras ou a visão delas enterradas na cabeça de Boon.

Era um dia bonito e ensolarado. A brisa era boa em sua pele enquanto se afastava da sacada. Ela encarou a parede da rocha e olhou para trás. Não ajudava a olhar para baixo ou a ver até onde cairia para a morte dessa maneira. Observou a rocha e encontrou lugares para colocar os dedos dela e os pés.

— Porra. — Ela virou a cabeça, vendo os cortes na rocha até a borda abaixo. Parecia um longo caminho para descer, mas não tinha escolha. Era possível que pudesse haver uma saída se entrasse por outra sacada. Aveoth mencionou cavernas na noite anterior. Se houvesse muitas delas, talvez ele usasse apenas algumas como sua casa.

— Eu quero sair daqui. — Ela murmurou tentando superar o medo. — Posso fazer isso, mesmo que tenha que escalar todo o caminho até o fundo deste penhasco maldito. Vou para casa. Foda-se essa merda toda.

* * *

Galihia agarrou o braço de Aveoth, impedindo-o de pisar no pátio iluminado pela lua. Ele fez uma pausa, virando a cabeça para olhar para os olhos azuis cobaltos. Eles eram os mesmos que via cada vez que olhava seu reflexo. Seu cabelo preto e sedoso estava preso em um elegante coque.

Ela deu à luz a ele, mas ele nunca a chamou de mãe. Não era permitido.

— Não mostre emoção, independentemente do que ele diz. Irá testá-lo. Não falhe. Percebi que os dezesseis anos que você viveu são muito poucos para entender sobre o controle, mas sua vida está em jogo.

O aviso endureceu sua coluna vertebral. Ela corria perigo ao falar essas palavras. Ele resistiu ao desejo de fazer perguntas. Não tinham tempo. Lorde Abotorus esperava.

Galihia soltou-o e deu um passo atrás, esperando que ele saísse. Inalou lentamente e segurou o ar em seus pulmões enquanto enfrentava o evento que temia.

A lua cheia zombava dele. Aveoth manteve sua atenção nas formas silenciosas esperando testemunhar o momento em que dois clãs selariam um acordo pela paz

contínua. Ele não estava feliz com a forma como ocorreu, mas não foi consultado. Seu pai nunca considerou seus desejos.

Três figuras altas estavam imóveis ao lado de Abotorus, mas foi a menor, ainda completamente envolta, que parou seus pulmões. Ele não sabia seu nome, nem nada sobre sua vida pessoal. Fazer perguntas seria uma ofensa. Era seu dever atender as demandas de seu senhor. Qualquer demonstração de hesitação seria vista como um desafio.

Ele nem conseguiu olhar diretamente para ela, em vez disso, olhou para o altar. Ele usou sua visão periférica para reunir todos os detalhes que poderia sobre a jovem. O capuz escondia muito, mas nem toda. Ela mantinha o queixo para baixo e seu cabelo preto caia até a cintura pela frente de sua capa. Ombros delicados e sua altura o perturbavam profundamente. Ela era uma adolescente muito delicada ou ainda não atingiu a puberdade.

Seu ódio por seu pai, Abotorus, tornou-se mais forte.

— Nós nos reunimos aqui hoje para fortificar as relações entre nossos clãs. — Abotorus fez uma pausa. — Esperemos poder ter mais sucesso do que a última vez que tentamos isso.

Aveoth permitiu que o insulto o percorresse. Ele sabia que o desapontou desde o nascimento. Nunca lhe permitia esquecer isso. As lembranças de sua punição passaram por sua mente, mas manteve suas emoções encobertas. Podia sentir seu pai observando-o por uma reação, então ele não o fez.

— Comecemos, Lorde Abotorus. Isso deve consolidar permanentemente nossos vínculos de clãs. — O VampLycan permitiu que sua impaciência soasse em sua voz.

— Duvido, Decker. Não vejo qualquer da minha espécie convivendo com *seu* clã, mas continuo esperando que o seu venha para o meu.

O líder do clã VampLycan ofegou suavemente.

— Nós oferecemos, mas seus membros do clã se recusaram a deixar as falésias.

— Isso é porque não somos pagãos.

Aveoth concentrou-se em seus batimentos cardíacos, mantendo-se firme. Lorde Abotorus parecia determinado a insultar seus convidados. Ele não se sentia envergonhado com a descortesia. Os VampLycans poderiam tirar a garota e cancelar o acordo.

Sua sorte não era tão boa, porque ninguém se moveu.

— Você concorda com o nosso acordo, Decker? Estou entediado. Qual é o nome dela?

— Margola. Ela é a irmã mais nova da minha companheira. — O líder do clã VampLycan estendeu um braço e levou-a mais perto do altar.

— Espere. — Abotorus resmungou. — Sua companheira não veio de outro clã? Essa garota pertence ao seu clã ou a outro?

— Meu. — Afirmou Decker claramente. — Ela queria viver com a irmã e eu a aceitei. Vamos continuar com isso. — Decker fez um gesto para a garota. — Concorde em aceitar o filho de Lorde Abotorus como seu amante para unir nossos clãs.

Aveoth silenciosamente incentivou-a recusar. Seria melhor para ambos se o fizesse. Ela ergueu o queixo, não que ajudasse a descobrir os traços sem olhar diretamente para ela. Ele não se atrevia.

— Aceito. — Ela sussurrou.

— Aveoth concorda também. — Murmurou Abotorus.

— Isso não é como deveria ser. — Protestou Decker. — Ele deve falar as palavras.

— Eu a aceito como minha amante. — Disse Aveoth alto e claro.

A pequena fêmea estremeceu. Ele não a culpava por sentir medo. Era uma indicação de inteligência. Ele também ponderou por que ela concordou em permitir

que a abrigassem dentro de sua nova casa. Foi seu presente meses antes no décimo sexto ano. Ele foi expulso da casa do pai. Achou que seu pai não o queria mais ali. Isso estava bem para ele.

Aveoth tinha certeza de que os VampLycan deveriam tomar como amante um Lycan, mas mesmo uma gota de sangue de Vampiro tornava impossível para ele aceitá-la como uma companheira ou permitir que dela nascesse seus filhos. Os clãs de VampLycan temiam uma guerra tão forte entre seu povo. O que incentivaria uma das mulheres a aceitar essa loucura?

Seu ódio por seu pai ficou um pouco mais forte. O bastardo provavelmente gostava de inventar acordos infernais. Lorde Abotorus achava que os VampLycans estavam por abaixo deles e pediu que uma de suas mulheres oferecesse seu corpo para sexo com seu filho até que Aveoth encontrasse uma companheira, o que seria insultante para todos os envolvidos. Ele também não tinha pensamentos sensatos em relação ao VampLycan Decker, por basicamente repreender uma das mulheres sob sua proteção.

Resignação surgiu em seguida. Ele não tinha escolha, a não ser concordar em tomá-la como amante. Mas jurou silenciosamente que nunca visitaria sua cama. O que acontecesse por trás das portas fechadas de sua casa não seria preocupação de ninguém. Apenas queria que poder contar-lhe sua decisão. Ela não sentiria medo do futuro.

Aveoth firmou-se para o que viria a seguir. Não podia demonstrar compaixão. Isso chegaria muito mais tarde, quando não estivessem sob o controle constante de seu pai.

— Declaro que a aliança selada e a entregará daqui a cinco anos a partir desta noite, quando Aveoth irá reivindica-la completamente. —Anunciou Abotorus.

Decker sibilou seu desagrado.

— Acreditei que você a tomaria agora e nossa aliança seria imediata.

— Ela terá idade legal nesta época. Meu filho não quer uma criança em sua cama.

Aveoth fez a matemática e escondeu sua revolta. A garota tinha apenas treze anos. Ele ficou surpreso, seu pai tinha compaixão o suficiente para não a forçar a sua cama com sua idade atual. Seus dedos se endureceram, mas ele os forçou a relaxar. Queria bater em Abotorus por forçar seu filho a esse tipo de promessa, em primeiro lugar. Ele não era muito mais velho do que ela, mas teve uma vida dura. Envelheceu além de seus anos.

— Eu lhe darei uma mulher mais velha. — Disse Decker. — Você quem escolheu esta.

— Eu fiz isso por um motivo. Você está ansioso e não confio em você. Isso me dará tempo para observá-lo.

Aveoth olhou para o líder VampLycan para ver o efeito das palavras de seu pai, sem gostar dele ainda. Que tipo de homem oferece uma jovem de seu próprio clã e tenta trocar sua inocência de sua infância por uma aliança? Não um horando. Decker Filmore tornou-se um inimigo neste dia.

— É hora de selar esta negociação com um juramento de sangue. — Abotorus fez um gesto com o dedo para que Aveoth se aproximasse do altar. — Pegue seu pulso e sangre-o. Os pagãos insistiram.

O estômago de Aveoth revirou, mas ele se moveu do lugar e finalmente, ergueu o olhar para encarar suas feições delicadas. O medo puro apareceu em seus olhos azuis pálidos. Provou que ela conhecia o perigo que ele representava. Sua beleza não podia ser negada, mesmo naquela idade tênue. Ele sentiu-se monstruoso quando abriu sua mão firmemente. Isso enfurecia seu pai, mas se recusava a brutalizá-la ainda mais, fazendo com que ela colocasse sua pele contra a pedra fria.

Ela tremia quando colocou o pulso sobre a mão dele. Ele lembrou-se de que Abotorus o observaria com cuidado e abriu os lábios, forçando as presas descerem. Ele se curvou sem pausa, selando os lábios na pele. Ele não afundou suas presas nela, mas em vez disso lambeu uma veia com a língua para dar seu aviso. Seu suspiro de surpresa poderia ser tomado por dor. Ele esperava que seu pai acreditasse nisso. Esperou um segundo para permitir que ela se preparasse antes de apertar sua carne. Ele o fez gentilmente.

O sangue quente fluiu e ele bebêu lentamente. Não queria tomar muito e deixá-la fraca. Ela estava em fase de crescimento. Ele tomou seu tempo para dar a impressão de que não se preocupava com a saúde por ser ganancioso. Quando finalmente se afastou, ele a soltou e girou ao redor, segurando o olhar frio de Abotorus.

— Está pronto. — Ele se certificou de não lamber seus lábios para limpá-los. Dessa forma, não havia dúvida de que realmente tirou um pouco de seu sangue.

Um músculo na mandíbula de seu pai se contraiu e sua boca se apertou.

— Você não a fez se ajoelhar.

Aveoth não quis fazer isso com ela. A humilharia na frente de todos presentes no pátio. Ele poupou-a disso, pronunciando palavras ásperas.

— Irei quando ela for maior de idade e eu a foder. *Será* neste momento que ela irá se ajoelhar diante de mim.

A menina gemeu atrás dele. Aveoth sabia que ela sentiria mede dele no futuro, mas era melhor salvá-la de ser forçada a ficar de joelhos em público. Aprovação curvou os lábios de Abotorus em um sorriso hediondo.

— Nós somos da mesma linhagem.

Aveoth inclinou a cabeça, sem dizer nada. Ele realmente odiava o homem que o gerou.

— Você está dispensado. — Lorde Abotorus dirigiu sua atenção para o líder do clã VampLycan. — Em cinco anos, a menina pertencerá ao meu filho.

— Você pode tê-la agora. — Decker ofereceu novamente.

— Não. Meus homens vão te levar para casa. Deixe minhas falésias. — Seu pai trovejou.

Aveoth nunca olhou para trás, mas podia ouvir suas palavras. Entrou e encontrou os olhos cheios de lágrimas de Galihia. Ele odiava ver a umidade lá.

Continuou andando até chegar aos corredores inferiores, seus passos suaves atrás dele. Ele fez uma pausa, permitindo que ela parasse ao seu lado. Ela olhou em volta antes de se aproximar dele, certificando-se de que estivessem longe de todos.

— Por favor, me diga que você não quis dizer isso.

— É uma criança. Prefere que diga palavras obscenas ou a machuque? Meu senhor esperava que a agarrasse pelo pescoço, a abaixasse nos joelhos e a fizesse me elogiar por ser um bastardo. Ele deixou seus desejos claros antes da cerimônia. Queria mostrar claramente que eles não são nossos iguais.

Galihia empalideceu e ergueu a mão, descansando suavemente sobre o antebraço.

— Não se torne algo como ele.

— Ele a humilhou quando você se acasalou com ele? Ele deixou claro que pensava que seu sangue Lycan fazia você menos do que ele?

Seu olhar se abaixou.

— Nunca pergunte. Você o mataria.

Suas gengivas latejavam, suas presas tentando se estender. Acontecia quando realmente estava com raiva. Ele colocou a mão sobre a dela. Eles não mostravam carinho muitas vezes, mas houve momentos roubados quando o faziam. Abotorus os puniria se descobrisse.

— Não sou nada como meu pai. Chegará o dia em que o desafiarei. Eu já planejo derrubá-lo.

— Bom. — Ela encorajou. — Pratique suas habilidades de espada com frequência e fique mais forte. Ele é um excelente lutador. Mas poderá vencê-lo dentro de alguns anos.

Ela se afastou, indo rapidamente na direção oposta. Ele se virou, esperando. Abotorus apareceu. Ele parou.

— O que você está fazendo parado?

— Esperando por você. — Mentiu Aveoth. Ele queria paralisá-lo para garantir que Galihia escapasse sem ser vista — Você não poderia me dar uma mulher que poderia levar para minha cama agora?

Abotorus sorriu.

— Você ainda não é maior de idade.

— Os anos não significam nada.

— Você *é* da minha linhagem. Sente o mesmo desejo de ter uma mulher presa embaixo de seu corpo. Eu sei por que você se recusou a fazê-la se ajoelhar. Já é doente o suficiente para lidar com aquelas raças mais baixas, mas eles atendem a sua finalidade. Decker está muito ansioso para formar uma aliança. Eu não confio no bastardo. É por isso que eu escolhi a menina.

Aveoth realmente detestava seu pai, mas mascarava suas feições, escondendo seus sentimentos.

— A maior falha deles é que são emocionais. — Seu pai parecia irritado. — É por isso que eles insistiram que você tomasse sangue todos os meses. Eles acham que isso ajudará você a desenvolver algum tipo de apego a ela.

Era a primeira vez que Aveoth ouviu isso.

— O que você quer dizer?

— Ela deve voltar aqui na noite após a primeira lua cheia todos os meses, se o tempo o permitir, até os cinco anos se passarem. Esses imbecis pensam que isso fará você querer cuidar dela e formar uma conexão. Apenas concordei porque era o melhor que ofereciam naquela faixa etária. Ela tem pouco sangue Vampiro, mas esses idiotas realmente pensam que você pode acasalar-se um dia. —Lorde Abotorus bufou. — Como se eu permitisse esse tipo de abominação nas falésias. Nós a teremos esterilizada uma vez que vier a você. É melhor não correr riscos e não deve se limitar ao que pode fazer com ela, uma vez que pertencer a você.

Aveoth escondeu seu horror. A menina nunca poderia dar à luz uma criança, mesmo depois de ter sido libertada de viver em sua casa e capaz de procurar seu verdadeiro companheiro.

Era muito cruel. Ele não permitiria que isso acontecesse.

— Espero por sua causa que ela não seja uma reclamona. — Seu pai zombou. — Eu cometi esse erro com a Galihia. As lágrimas são uma coisa nojenta de se ver.

A raiva ferveu no fundo de Aveoth. Ele a escondeu do homem frio a sua frente. Ele nunca trataria nenhuma mulher com a crueldade que seu pai fazia com sua mãe. Abotorus o dispensou, se afastando.

Aveoth observou-o ir e permitiu que seus punhos se curvassem. Um dia ele o mataria. Sua raiva apenas aumentava enquanto desejava derramar o sangue de seu pai.

* * *

Aveoth acordou e abriu os olhos, aliviado que a lembrança de seu passado terminou. Saiu da cama em um batimento cardíaco, caminhando para o guarda-roupa e vestindo uma camisa. Ficou tentado a verificar Jill. Ele dormiu mais do que pensava, mas ainda não estava pronto para encará-la depois de sonhar com o passado. Foi para o penhasco em vez disso, olhando para fora sobre seu território. Ele respirou o cheiro fresco da floresta abaixo.

As lembranças raramente assombravam seu sono, mas Jill o fez lembrar desse momento no tempo. A garota escapou de seu destino, morrendo antes de atingir a idade em que teria sido enviada para morar com ele. Aveoth assumiu o controle do clã até então, mas seria forçado a honrar o acordo que seu pai fez ao aceitar Margola em sua casa. Ele simplesmente não a teria esterilizado nem forçado a sofrer seu toque. Depois de um curto período de tempo, planejava anunciar que não eram bons juntos e que ela voltasse ao clã.

O rosto de Margola desapareceu de sua mente, mas podia lembrar-se de como era tímida quando foi levada a ele. Não conseguia olhá-lo nos olhos e nem ficar diante dele sem tremer.

Jill era drasticamente diferente. Divertimento o atingiu. Ele gostava de seu espírito. Ela não recuava dele nem se acalmava. A mulher enérgica, até mesmo conseguia bebêr com ele.

Essa diversão desapareceu rapidamente quando um ruído leve e estranho soou a baixo. Ele pisou na borda do penhasco, olhando para baixo. — Filha da puta.

O objeto de seus pensamentos estava em uma fina linha de rocha, um pouco mais de seis metros abaixo. Enfrentava as falésias enquanto se empurrava de lado, agarrando-se à rocha desigual.

Ele avaliou a distância entre eles. Rochas desmoronaram sob seu pé direito enquanto observava e ela congelou.

Ele estendeu a mão e arrancou a camisa. O tecido rasgou facilmente em suas mãos.

Jill estava tentando se matar? Isso irritou-o. A queda do penhasco certamente a mataria. Ela atingiu árvores antes de uma massa de pedras irregulares na base dos penhascos se soltassem. Não seria uma queda suave. Seus ossos se quebrariam com o impacto.

Ele observou o penhasco. Podia descer até ela, mas os destroços podiam afastá-la de sua segurança precária. Ele não podia se arriscar.

Mais pequenas rochas caíram abaixo, soltando-se do penhasco. Ela cairia se não fizesse algo rápido. Dor percorreu suas costas com a força da mudança rápida. Ele mergulhou no ar e deixou-se cair a quase trinta metros abaixo dela.

Uma onda de adrenalina sempre o atingia quando ele abria as asas. Não queria assustá-la, mas ela deve ter ouvido suas asas baterem mesmo daquela distância quando ele se virou, dando voltas e começando a ganhar altura para alcançá-la. Ele

geralmente era silencioso como um predador, mas a velocidade se tornou sua prioridade.

Jill virou a cabeça e viu seus traços pálidos. Os olhos dela se arregalaram e ela hesitou, prestes a recuar. Um de seus pés escorregou e ela ofegou. Ele bateu as asas com força, diminuindo a distância.

Aveoth não foi gentil quando a agarrou pela cintura. Ele estava com muita raiva por sua imprudência. Pegou-a e olhou para cima. Ele não selou a parede de seu quarto, já que trancou a porta. Ele ajustou-a em seus braços e afastou-se do penhasco bruscamente, virando-se para a borda à sua direita. Suas pernas absorveram o impacto para evitar que ela se machucasse quando pousou na borda. Sua raiva explodiu uma vez que a deixou em segurança.

— Que porra estava fazendo?

Ele a deixou de pé e diminuiu o aperto. Ela tremia contra ele. Fez uma pausa e puxou as asas. Suas omoplatas latejaram um pouco quando a pele começou a se curar sobre a carne ferida. Ela tentou se afastar e ele permitiu. Mas ficou entre ela e a borda. Ela girou, seus olhos ainda amplos e seus lábios se separaram.

— Você poderia ter caído. Não tem asas!

— Eu sei disso. — Ela deu um passo para trás, depois outro.

— Observe. Há vasos de plantas atrás de você. Poderia morrer.

— Eu quero sair daqui. — Sua voz parecia mais forte, mas ela ainda parecia instável em seus pés.

— Este era seu ótimo plano de fuga? Mergulhar para a morte? Sabe o quão fácil seria? Nem tem equipamento de escalada. Teve sorte de que acordei e a vi. Caso contrário, talvez tivesse ouvido seu grito de morte.

Jill olhou para trás, viu o grande vaso redondo e o surpreendeu sentando-se na borda. Seus nódulos brancos do aperto que mantinha na borda.

— Você não pode me manter aqui para sempre.

Um pouco de seu temperamento se esfriou. Ele não culpava Jill por tentar escapar.

— Posso. Você não está segura em nenhum outro lugar, Jill.

— Você está errado.

Ele avançou, mas ela se afastou, pousando em seu traseiro na borda do penhasco com plantas cheio de terra. Ele se agachou na frente dela.

— Respire fundo.

Ela piscou algumas vezes levou ar a seus pulmões. Isso o divertiria em qualquer outro momento, vendo-a nessa posição, sentada em um grande vaso semelhante a uma banheira antiga. Ele estendeu a mão para tocá-la, mas ela se afastou. Ele se retirou.

— Não a machucarei. Acabei de salvar sua vida. — Ele não queria perder outra mulher para a morte. — Vamos entrar e comer algo.

Ela balançou a cabeça.

— Estou bem onde estou.

— Eu não queria assustá-la, mas aqueles buracos que você estava usando para segurar não eram estáveis. Você entende? Nunca mais faça isso. É seguro para nós já que a queda não é um problema. Você não pode voar, Jill.

— Apenas queria sair daqui.

— Morrendo? — Sua raiva voltou. — Até onde você acha que teria ido?

— Havia outras sacadas, mas todas estavam bloqueadas por rochas. Não consegui ver até me aproximar. Não tinha como chegar a elas.

— Essas são casas de outros membros do meu clã. Fique feliz por estarem seladas. Caso contrário, você teria invadido a casa deles e a teriam atacado, acreditando que fosse um inimigo.

Ela ficou pálida.

— Vamos assumir que poderia conseguir escalar todo o caminho. Ainda assim não teria uma chance, mas e então? Sabe onde você está? Onde fica uma das nossas cidades? Sabe o tipo de vida selvagem que poderia encontrar se conseguisse sair da minha casa sem ser detectada ou passar pelos meus membros do clã? Não há lugar para onde fugir.

— Eu não pertenço a esse lugar.

Arrependimento surgiu. Ele não a culpava por desejar sua vida antiga.

— Sabe sobre nós agora e não posso protegê-la se voltar para sua casa. Acha que aqueles dois homens nos quais bati, não irão querer se vingar se tiverem a chance?

— Eles não virão atrás de mim novamente. Pensarão que estou aqui com você.

— Tem certeza que não irão verificar?

Ela mordeu o lábio inferior.

— Estarei preparada para eles.

— Eles são VampLycans. Você sabe o que isso significa?

— Como se pudesse esquecer. Metade vampiro, Metade Lycan.

— Como estará preparada? Você atira em um e eles se levantam. Tem sorte de estar viva e ilesa. São mais fortes e mais rápidos do que qualquer coisa que você já enfrentou antes.

— Comprarei balas de prata. Estas matam lobisomens, não é? Poderia mergulhá-las em água benta e pedir um sacerdote para abençoá-los. Dessa forma, posso cobrir minhas bases com estas coisas loucas de duas raças.

Ele sorriu. Ela o divertia.

De repente, pareceu irritada.

— O que é tão engraçado?

— Isso é apenas em filmes e livros. Não é a realidade. Cruzes e águas sagradas não funcionam em Vampiros, e as balas de prata não possuem qualidades especiais, além de serem difíceis de encontrar. Você apenas irá ferir um Lycan com balas, mas eles isso não os impedirá de chegar a você.

— O *que* os mata?

Ele considerou.

— Eu poderia fazê-lo.

— Quero dizer coisas que eu poderia fazer,

— Você tem granadas? Isso funcionaria. Claro, eles são rápidos. Simplesmente conseguiriam fugir da explosão. Na melhor das hipóteses, você poderia deixar um apenas irritado.

Ela parecia estar considerando isso e ele engoliu a risada. Amava sua boca. Ele se aproximou dela e estendeu a mão.

— Entre. Está com frio. — Ele podia vê-la tremendo.

— Estou bem aqui.

— Você realmente quer aprender a matar outras raças?

— Sim.

— Então entre.

Pareceu se debater por alguns segundos, mas recusou sua mão. Ela levantou-se sozinha e limpou a parte de trás de sua calça. — Vá na frente.

Ele recuou alguns passos, mas manteve-se entre ela e a borda de sua varanda, não querendo arriscar-se a fazer outra coisa que pudesse colocar em perigo a vida dela. Ele fez uma nota mental para selar cada abertura dentro de sua casa imediatamente. Não lhe daria a oportunidade de fugir novamente.

— Como posso matá-los?

— Entre. — Ele a lembrou. — Farei o café da manhã.

— Eu não estou com fome.

Ele não acreditava nisso. Podia ouvir seu estômago resmungando. Suas táticas não faziam sentido. Se fosse ele comeria para ficar o mais forte possível e tramar sua fuga. Ela parecia estar com fome. *Mulheres. Nunca as entenderei, não importa quanto viva.*

Ela entrou na sala de estar secundária inferior e olhou ao redor. Parecia não gostar, a julgar por seu olhar franzido. Ele observou o lugar pela primeira vez, tentando imaginar o que ela poderia estar pensando. Era masculino e escuro. A lareira provavelmente precisava ser limpa. Tinha pilhas de livros em algumas mesas de sua biblioteca. A cozinha pequena que ele deixou para uso de Lane estava no espaço aberto. No corredor havia dois banheiros e quartos.

Jill caminhou até a mesa e tocou a capa de um livro.

— Você gosta de ler?

— Sim. — Ela virou-se e encarou-o. — Alguns deles parecem muito velhos.

— Provavelmente são. Você não encontrará uma livraria por aqui.

— Você tem internet, não é?

— Não.

Ela olhou ao redor.

— Sem TV, tampouco?

— Não na minha casa. Alguns possuem antenas parabólicas.

— Oh, meu Deus. — Ela caminhou até o sofá e sentou-se com força. Ela levantou as mãos e cobriu o rosto. — É como o inferno.

— Não é tão ruim.

Ela abaixou as mãos no colo e olhou para ele.

— O que você faz o dia todo?

— Eu governo meu povo e os mantenho seguros.

— Quero dizer no seu tempo de folga.

— Eu leio. Faço caminhadas na floresta ou observo alguns animais. Treino para a batalha.

— Pare. — Ela olhou para longe, olhando a lareira.

Ele não gostava de vê-la infeliz.

— Poderia conseguir uma televisão para você.

— Que legal.

Ele identificou seu sarcasmo.

— Quero que seja feliz aqui.

— Isso nunca irá acontecer.

Ele caminhou até a lareira e inclinou o braço contra ela.

— Entende que não pode voltar?

— Por quê?

— Está sendo teimosa. Já lhe falei sobre o perigo que corre.

— Não estaria se você matasse aqueles dois homens que sequestraram. A situação seria contida. — Ela levantou-se. — O que isso me custaria?

— Eu não sou... — Ele fez uma pausa, incapaz de dizer a ela que ele não era um assassino. Ele fez muito disso na vida e o faria novamente. — Seu avô apenas enviaria mais de homens se deixasse você ir... ou pior.

— O que isso significa?

— Ele pode enviar Vampiros, Lycans e tudo entre isso para caçar você. Ele já fez isso com outra como você.

— Que outros tipos de seres sobrenaturais existem?

— Você quer uma lista?

Ela assentiu. Ele realmente gostava dela.

— Lycans não são o único tipo de shifters. Há shifters urso, grandes felinos e algumas outras raças. Puro-sangue Gárgulas. Vampiros. Ghouls. Pequenos seres humanos com habilidades não-naturais como vê nos filmes. Os seres humanos usados para confundi-los com bruxas e feiticeiros. É o suficiente?

Ela mordeu o lábio inferior.

— Todos irão atrás de você se seu avô colocar uma recompensa por sua cabeça.

— Então precisa mata-lo. Problema resolvido. Além disso, não o chame de meu avô. Ele é um idiota.

— Concordo, mas dei-lhe a minha palavra de que não iria caçá-lo se ele obedecer minhas exigências. Tenho honra.

— *Ele* não tem nenhuma.

— Estou ciente, mas eu sim.

— Então você é um bom sequestrador?

— Eu não vou leva-la ao seu mundo. Precisa aceitar que está no meu. — Ele tentou acalmar seu temperamento.

— Eu não quero ficar aqui!

— Deixou isso bem claro. Mas não irei machucá-la.

— Nossa, que bom.

Sarcasmo. Ele começou a detestar esse tom na voz dela.

— Nós podemos tirar o melhor desta situação. Você está segura aqui sob minha proteção.

— Ótimo. Sou uma princesa em uma torre agora. Deixarei meu cabelo crescer e esperarei que meu príncipe venha me resgatar um dia.

Ele riu.

Seus olhos se estreitaram enquanto olhavam um para o outro.

— Você não pode me manter aqui. Não sou como você. Eu não tenho asas. — Ela olhou para seu peito nu, então de volta para o seu rosto. — Nós não somos nem mesmo da mesma espécie, somos?

— Você é parte VampLycan. Seu pai...

— Doador de esperma. —Ela corrigiu.

— Ele era VampLycan. O que nos torna compatível e os seres humanos *já procriaram com minha espécie.*

— Procriar? Oh inferno, não! — Ela recuou e seus joelhos bateram no sofá, fazendo-a se sentar novamente. Ela permaneceu lá. — Ficar para trás, asas.

— Meu nome é Aveoth.

— Não terei seus bebês morcego. *Nunca.*

Ele sorriu, sem se sentir insultado. Ela era refrescante, mesmo que não quisesse ser.

— Eles não têm asas quando nascem.

— Eles não terão nada, porque isso nunca irá acontecer. Não vou para a cama com você!

Ele ficou desapontado por suas palavras, mas uma ideia veio a ele.

— Farei um acordo com você.

— Já fez. Eu entrei. Diga-me como matar aqueles idiotas que vieram atrás de mim.

— Eu vou ensinar como lutar com uma espada. Decapitá-los sempre funciona.

— Sabe, não estamos em mil setecentos e alguma coisa, certo? — Ela acenou com a mão ao redor do pequeno espaço em sua casa. — Mesmo que pareça que seu decorador tenha vindo desta época. — De repente, ela empalideceu. — Quantos anos você tem?

— Eu não costumo contar. O tempo não tem significado aqui.

— Merda. Dê-me um valor aproximado. Basta dizer um número arredondado.

— Não acho que você esteja preparada para isso ainda.

— Derrame um número de qualquer forma. Estou sentada. Quero saber.

Ele respirou fundo, exalando lentamente. — Em ciclos humanos, não superei um ainda, mas perto.

— O que você considera um ciclo?

— Os seres humanos não vivem cerca de cem anos de idade? Sou mais jovem que isso e considerado muito jovem para governar um clã. Lorde Abotorus governou antes de mim. Agora *ele* era antigo.

— Dê-me um número quanto a ele ser antigo.

— Alguns milhares de anos.

— Você vive tanto tempo? — Suas sobrancelhas se ergueram.

— Gárgulas fazem e ele era um puro sangue

— Mas você, não é?

— Não. Minha mãe é uma GarLycan.

— Quanto tempo eles vivem?

Ele encolheu os ombros.

— Ninguém tem ideia.

— Como é que alguém não sabe algo assim?

— Eles apenas foram criados cerca de duzentos anos atrás. Alguns dos primogênitos ainda estão vivos e fortes. Nenhum deles morreu de velhice, que eu saiba.

— Foda-me.

Seu pau se agitou, mais do que disposto a fazer isso. Ele sabia que ela não queria dizer isso, mas decidiu provocá-la um pouco esperando que o humor dela melhorasse.

— Meu quarto é no andar de cima. Você prefere minha cama ou o sofá?

— Você deseja.

— Sim

Seus lábios se separaram, mas ela fechou-os. Balançou a cabeça, dando-lhe um olhar irritado novamente. O silêncio ficou entre eles. Ela se recusava a falar.

Ele se afastou da lareira.

— Farei o café da manhã. — Ele atravessou a sala.

Seu suspiro o parou e ele se virou. Ela se levantou.

— O que está errado?

— Você está sangrando.

Ele esqueceu suas costas.

— Irá se curar. Isso acontece quando não me preparo para a mudança. Alcança-la antes que mergulhasse para a morte era mais importante do que tomar tempo

para permitir que o meu corpo mudasse lentamente. Cuidarei disso se você jurar por sua honra que não sairá desta sala enquanto o faço.



Capítulo Seis

Jill ficou horrorizada depois de ver todo o sangue nas suas costas. Ela não iria admitir isso, mas sair pelo penhasco não foi sua ideia mais inteligente. Pensou estar perdida até Aveoth literalmente ter aparecido para salvá-la.

Suas asas pareciam ainda mais intimidantes durante o dia do que na noite anterior. Eram grandes e assustadoras, enquanto o observava voar para ela. Não havia nenhum sinal delas quando ele começou a sair da sala, mas ela viu as linhas irregulares em sua pele de onde elas deveriam ter brotado.

A culpa veio a seguir. Ele se machucou por causa dela.

— Você permanecerá aqui enquanto eu cuidarei das minhas costas? Preciso ir até o andar superior. Bloqueei a porta que vem para cá, para mantê-la seguro lá em cima.

Aqueles incríveis olhos azuis e prateados a observavam, esperando por uma resposta. Era a segunda vez que ele perguntava. Ela lambeu os lábios secos e limpou a garganta.

— Sim.

Ele arqueou uma de suas sobrancelhas, como se não acreditasse nela.

— Juro que não tentarei fugir por pelo menos meia hora. Eu quase caí.

— Perdoe-me se se não acredito.

— O que isso significa?

— Na noite passada, você me ofereceu sexo para espancar os homens do seu avô.

Ela sentiu calor em suas bochechas, já que se esqueceu disso.

— Isso foi antes de conhecer todos os fatos. Pensei que você fosse um homem.

— Eu *sou* um homem.

Seu olhar o percorreu. Certamente parecia um quando ele não tinha asas ou garras. Um realmente atraente.

— Juro que não vou ao penhasco novamente. Lição aprendida. Também fiquei com receio sobre o que disse sobre seus vizinhos, então não procurarei por outras portas de saída. Não quero conhecer nenhum deles.

— Acredito em você. Vou cuidar das minhas costas.

— Posso fazer algo para ajudar? — Ela frequentou algumas aulas de primeiros socorros no passado.

— Quer se juntar a mim enquanto tomo banho? Poderia lavar o sangue para mim.

— Vou passar.

— Pode se juntar a mim a qualquer momento. Apenas diga a palavra. — Ele se virou, caminhando para a varanda. — Irei me apressar.

Ele não escondia que queria fodê-la. Tinha que lhe dar crédito pela honestidade. Esperou alguns minutos e seguiu-o para fora do buraco existente na sala que levava para fora. Era fácil vê-lo acima dela. Ele usava as rochas como apoio e se movia mais rápido do que qualquer um que já viu subir, desaparecendo sobre a varanda de seu quarto.

Ela voltou para sala, observando-a. Sentia-se como retroceder no tempo. Seu decorador provavelmente *viveu há centenas de anos.*

Isso era tão louco. *Gárgulas, Lycans e Vampiros eram reais. Ursos? Gatos grandes? Outros seres? Metade de que? Eu nem quero saber. Merda.* Ela sentou-se no sofá e cobriu o rosto com as mãos, usando os cotovelos para apoiar os braços enquanto se inclinava para frente. Respirar fundo a ajudava. Na noite anterior, achou que

estivesse drogada, mas não estava. A vida era uma coisa difícil – estava no covil de um monstro ou o que quer que ele quisesse chamar.

Pensou em se doador de esperma, odiando-o ainda mais. Isso era culpa de Decon Filmore. Não era ruim o suficiente, o que ele fez com sua mãe, mas agora sua família a levou para um mundo estranho. Eles nunca quiseram nada com ela até que de repente sentiram a necessidade de dá-la a Aveoth. Ele a irritava.

Jill ficou de pé, andando.

— Maldito bastardo. — Ela disse. — Como se eu fosse um móvel. — Ah, entregue-a ao garoto de asas e a deixe ter seus bebês morcegos. — Ela parou, olhando pela sala. — Quem não possui uma televisão? Ele lê e governa seu povo. Que porra isso significa mesmo? — Ela começou a andar novamente. — Eu não me importo. Pegarei o telefone e sairei daqui.

Ela caminhou até a abertura da parede e olhou a extensão da floresta bem abaixo da borda.

— Ótimo. Penso como essa ligação ao 911 será: *Olá, estou presa em uma caverna no topo de uma montanha enorme e você poderia rastrear a chamada e enviar um maldito helicóptero para me salvar de pessoas que podem voar? Sim, eu disse voar. Eles fazem sair asas de suas costas.* Porra! Eles vão desligar na minha bunda, porque dirão que sou apenas uma pessoa louca.

Ela se virou e entrou na sala novamente.

— Estou louca. Sim, estou. Matarei Decon Filmore com minhas próprias mãos! Não foi ruim o suficiente, ele foder com minha mãe e nos tratar como uma merda. Não! Agora ele *me* arrasta nesta confusão.

— Com quem você está falando?

A voz a surpreendeu tanto que ela gritou e pulou, girando para encarar o homem que falou. A boca dela ficou aberta. Ele era alto, musculoso e se vestia todo em couro preto, com algum tipo de armadura corporal sobre os braços.

— Eu sou Kelzeb. Minhas desculpas por assustá-la, Jill.

Ela se recuperou.

— Como você sabe meu nome?

— Lorde Aveoth contou-me na noite passada. Liguei para ele há alguns minutos, mas ele não atendeu. Espero que você não o tenha atacado. — Sua voz ficou sombria, um pouco fria. Então, o olhar nos olhos dele. — Sinto o cheiro do seu sangue.

— Eu não o machuquei. Ele está tomando banho. — Ela apontou para o teto da rocha. — Em algum lugar lá em cima.

A expressão do homem suavizou.

— Você está segura. Eu sou um amigo.

— Não um dos meus, a menos que queira me levar para casa.

Ele sorriu.

— Não posso fazer isso.

— Você tem asas?

— Sim.

— Então poderia, mas não irá. Isso foi o que percebi, mas valeu a pena tentar perguntar.

— Você se ajustará à vida nas falésias. Sei não sabia sobre nossa espécie até a última noite. Aveoth é um bom homem que irá tratá-la extremamente bem. Não há motivos para temer qualquer tipo de abuso.

— Isso é reconfortante, ao vindo de você, que me acusou de machucá-lo.

As sobrancelhas se arquearam.

Ela decidiu mudar o assunto. Ele não era humano e provavelmente não tinha senso de humor.

— Você possui uma televisão?

— Claro.

— Seu amigo não.

— Estou certo de que ele irá comprar uma se simplesmente pedir. Aveoth quer que você seja feliz.

Kelzeb a observou.

— Eu me sinto mal por você, Jill. De verdade. Isso deve ser difícil.

— Muito mal para me levar para casa? — Ela teria sorte se isso funcionasse.

— Aveoth precisa de você.

— Certo. Para ter bebês morcego. Não, obrigada.

Choque percorreu seu rosto.

— Desculpe. — Ela olhou para a espada dele. Não era uma boa ideia irritar o estranho musculoso e armado. Ele provavelmente queria uma mulher para ter *seus* bebês morcego também e não iria apreciar que os chamasse assim. — Estou fora do meu elemento.

— Você se ajustará à vida aqui.

Duvidava muito disso.

— Então, o que você faz? Além de ser amigo de Aveoth?

— Sou seu conselheiro e responsável pela execução.

— E isso significa o que?

— Ele cuida de mim e me ajuda a permanecer vivo. — Aveoth entrou na sala. Seu cabelo estava molhado e ele trocou de roupa. Usava uma calça de couro e uma camisa preta de mangas curtas que mostrava seu bíceps. Seus pés estavam nus. — Você conheceu Jill.

— Sim. — Kelzeb virou-se para encarar seu amigo. — Uma questão surgiu. Peço desculpas. Tentei ligar para você, mas não atendeu seu telefone. Precisam de você imediatamente nas câmaras de julgamento.

— O que está errado?

— Delbius e Paltos estão tendo uma disputa e exigem vê-lo. Não pode esperar. Eles precisam que você resolva o assunto por eles.

— Porra. Qual é o problema?

— Delbius começou um novo grupo de treinamento esta tarde e Paltos insiste em que seu filho se junte. Delbius recusou, afirmando que o menino é muito jovem. O pai discorda. Eles não podiam chegar a um acordo, então querem que você avalie o menino.

— Que habilidade está sendo ensinada? — Aveoth olhou para Jill, mas então considerou Kelzeb. — Você conhece o menino?

— Não. O grupo se concentrará em punhais e lutas leves com lâminas. — Kelzeb suspirou. — Nada perigoso demais.

— Quantos anos tem o menino?

— Seis.

Jill ouvia calmamente, mas não se conteve. — Espere. O que?

Aveoth aproximou-se, o olhar fixo sobre ela.

— O que está errado?

— Se entendi isso direito, um pai de um garoto de seis anos quer que ele aprenda a usar armas afiadas e o instrutor está dizendo não, certo?

— Isso resume. — Aveoth virou-se. — Eu volto já. Preciso calçar as botas e trocar de camisa.

Jill olhou para Kelzeb depois que ele saiu.

— Este é realmente um problema?

— Aveoth ouvirá o pai e o instrutor, ouvirá suas preocupações e opiniões, depois tomará uma decisão.

— Parece insensível. O garoto tem seis anos. Isso é um bebê. Quem em seu juízo iria querer que seu filho menino jogasse com algo perigoso?

— Não é tão simples, Jill. Estes não são garotos humanos e precisam aprender a lutar. O ponto de conflito é a idade da criança. É dois anos mais novo do que o normal para essa habilidade de treinamento.

— Vocês são loucos.

Kelzeb sorriu.

— Nós não somos humanos. Somos Gárgulas.

Ele provavelmente tinha um ponto.

— Por que precisa de punhais e lâminas de qualquer maneira? Esse garoto não terá garras como Aveoth me mostrou ontem à noite?

— Sim, mas elas são eficazes apenas com algumas raças.

— E em termos leigos, isso significa o que?

Kelzeb explicou.

— Garras em uma luta pode ferir, digamos, um humano, Vampiro ou Lycan. Mas não tem eficácia contra nossa própria espécie. Você viu Aveoth mudar seu corpo?

Ela balançou a cabeça.

— Ele tem outros poderes? Ótimo. O que isso significa?

— Nós somos a maioria Gárgulas de puro sangue. Observe, mas não fique assustada. Mudarei minha pele. Você está preparada?

Ela se preparou para ver qualquer truque estranho que ele planejasse realizar. Não poderia ser mais chocante do que brotar asas.

— Estou pronta.

A pele de Kelzeb começou a escurecer. A textura mudou, parecendo endurecer. Ele começou passou de bronzeado e normal, para um tom cinza claro.

Ela conseguiu evitar que a boca se abrisse e impediu a maldição que queria sair. Hesitante se aproximou dele. Parecia um manequim de pedra que alguém vestiu com roupas ruins e tinha uma espada até a cintura. Ela estendeu a mão trêmula e pressionou um dedo no braço exposto. O que deveria se sentir como pele agora transformou-se em um mármore duro.

— Uau. — Ela sussurrou.

Ela ergueu o queixo, encarando seu rosto. Seus olhos estavam vivos, mas o resto do rosto parecia congelado, cinza e isso lhe dava arrepios. Ele realmente parecia um manequim pedregoso ou uma estátua de jardim de tamanho natural, mas com uma pessoa real presa dentro desse corpo olhando para ela. Ela afastou o dedo e pressionou toda a mão pela curva do braço, dando-lhe um aperto. Ele se parecia sólido e real.

A cor dele começou a se iluminar e sentiu calor contra sua pele. Ela o deixou ir e recuou rapidamente. Levou apenas alguns segundos para parecer normal novamente. Ele encolheu os ombros.

— Isso é o que chamamos de bombardeio suave. As garras não poderiam romper a pele se eu lutasse nessa forma. É por isso que o treinamento de armas é tão importante.

— Como pode lutar quando está congelado no lugar? Fica parado enquanto alguém tenta machucá-lo até que eles desistem?

Ele riu.

— Isso foi apenas para bombardeios parciais. Poderia me mover se eu quisesse, mas você já parecia assustada. Não queria que você gritasse ou tentasse fugir de mim.

— Eu provavelmente o faria. —Admitiu ela. — É como se fosse algo de um filme de terror. Vocês se transformam em estátuas e em seguida, assustam as pessoas se movendo, apenas para se divertir?

— Não. É proibido permitir que os humanos saibam o que somos.

— Então, por que sou tão especial?

— Você agora pertence a Aveoth e não é completamente humana.

— Gostaria de salientar que é ilegal possuir alguém hoje em dia, mas duvido muito que seja importante para as pessoas que ainda vivem em cavernas. Não tenho presas e eu não consigo mesmo deixar minhas unhas em um comprimento decente, então isso me transforma em uma humana de merda, não é? Normalmente, poderia colocar unhas de acrílico, mas faz tempo que tive o luxo de me permitir algumas dessas.

— Acrílico?

— Unhas falsas. As minhas de verdade são curtas e quebram facilmente. Em outras palavras, não tenho garras. Nem mesmo perto.

Ele olhou para a mão dela, então segurou seu olhar.

— Qual é o ponto das unhas falsas?

— Elas são bonitas e me fazem sentir feminina. Não julgue, Estátua de Jardim.

Uma de suas sobrancelhas arqueou.

— Estátua de Jardim?

— Gosto de colocar apelidos nas pessoas. É assim que penso em você agora. Você parecia pertencer ao quintal de alguém com as outras estátuas de jardim quando estava cinza.

— As estátuas são inofensivas. Eu não sou. Sabe como os GarLycans aprendem a caçar?

— Conte-me.

— Nós ensinamos a eles um jogo chamado *pegar a presa*. Deixamos um animal nos ver e fugir. Então, voamos alto, passamos por cima e os tiramos do chão. É difícil quando se é um menino, mas agora *nada* fica longe de mim quando caço

Ela estava com medo, certo. Ainda assim, não se intimidaria.

— Eu normalmente não digo às pessoas *como os chamo*, mas eu não dou a mínima agora se isso o perturba. Talvez você queira se livrar de mim e me levar para casa para salvar seu amigo de ter que aturar

— Entendo. Como você chama Aveoth?

— Asas.

Ele riu.

— Você é divertida, Jill.

— Eu não quero ser.

Aveoth voltou. Ele usava uma camisa branca de mangas compridas que parecia ter saído do guarda-roupa de um filme pirata. Era solta, e estava aberta perto da gola para revelar parte de seu peito. As botas pareciam ser militares, negras e ele tinha uma espada à cintura também. Ela riria de qualquer outra pessoa naquelas roupas, faria piadas, mas Aveoth combina com elas. Ele provavelmente ficaria sexy em qualquer coisa. Também se ressentia com isso.

Kelzeb tirou o celular do bolso traseiro.

— Verei se Fray ou Chaz estão disponíveis para ficar com Jill. Eles são humanos amigáveis e leais a nós.

— Não. — Aveoth caminhou e agarrou a mão de Jill. — Vou levá-la conosco.

— Não acho que seja uma boa ideia.

— Eu também não. — Ela concordou com Kelzeb e tentou se livrar da grande mão de Aveoth.

Ele aumentou o aperto.

— Não deixarei você sair da minha vista. Quer sobreviver?

Ela parou puxar o braço dela.

— Sim.

— Então fique perto. — Ele colocou a mão em seu braço. — Você deve ficar ao meu lado.

— Merda. —Kelzeb grunhiu. — Sabe que isso se espalhará rapidamente. Eles sentirão o aroma humano e assumirão que você a escolheu como sua reprodutora. Irão perguntar por que permite que esteja fora de seu quarto. Alguns ficarão ofendidos por ela não estar acorrentada.

— Reprodutora? Você apenas me chamou assim? — Indignada, ela olhou para Aveoth. — Isso é o que eu acho que é? E ouvi: acorrentada. Nem pense nisso, Asas.

— É um termo que alguns dos antigos usa para as mulheres que escolhemos para ter nossos filhos. Era costume acorrentar a mulher se ela fosse humana. Eles nos temiam, acreditando que éramos demônios. Algumas mulheres pularam para a morte para evitar dar à luz ao que chamava de *demônio*. Discutiremos isso mais tarde. Preciso lidar com um julgamento.

— Isso é tão insultante! E seu povo não é demoníaco. Você é realmente um homem das cavernas antiquado. Como se sente sendo chamado um doador de esperma ou máquina de fazer bebês?

— Ou Estátua de Jardim. — Disse Kelzeb.

Aveoth franziu o cenho.

— O que isso significa?

— Mostrei a Jill como mudamos a pele. Ela me comparou com uma estátua e me apelidou assim.

Aveoth teve a coragem de sorrir.

— Não faça isso. — Irritava Jill que Kelzeb tivesse um ponto. Ela o *chamou por* um apelido que poderia ser um insulto, apesar de não ser sua intenção.

— Você me diverte, Jill. Não acho que seja uma reprodutora. Alguns do meu povo são o que você chamaria de antiquados. — Aveoth fez um leve arco. — Peço desculpas pelo termo ofensivo.

— Posso pensar em nomes piores para chamar pessoas que pensam dessa maneira. — Admitiu ela.

— Eu tenho certeza que pode. — Aveoth passou a mão por seu braço. — Podemos discutir isso mais tarde. Você é muito inteligente, então lhe direi exatamente que tipo de perigo que enfrentará. — Sua expressão ficou séria e seus olhos ficaram estranhos e a cor começou a mudar, prata e azul brilharam como uma bola de energia elétrica. — Estou prestes a expor você ao meu clã. Eles nos atacarão se não fizer exatamente o que eu disser.

Ela observou seus olhos fazerem aquela coisa louca, tinha que admitir que era fascinante, se não extravagante e cuidadosamente considerou suas palavras.

— Estou ouvindo.

— Deverá se submeter a mim na frente do meu povo. Não pedirei isso a você quando estivermos sozinhos, mas na frente dos outros, seria uma ofensa severamente punível se não o fizer. Eu sou seu senhor e não estamos lutando. Eles não concordarão se a deixar fugir. Você entende? Isso me faria parecer fraco se eu não a punir rapidamente e sem piedade.

— Eles poderiam no atacar. — Advertiu Kelzeb. — Nós morreríamos. Porra, Aveoth. Apenas deixe-a aqui. Nós podemos expô-la aos outros, talvez quando ela tiver mais uma compreensão de nossa cultura.

— Alguém pode tê-la visto quando tentou escalar pela minha varanda para outra. — Aveoth manteve seu olhar em Jill. — Rumores já podem estar circulando. Eu vi alguns reflexos quando fui atrás dela.

— Ela *o que?* O que...

Aveoth cortou Kelzeb com um movimento de sua cabeça.

— Ela se arriscou a sair enquanto eu dormia. É melhor tomar uma medida preventiva mostrando-lhes que não estou tentando esconder que tenho uma mulher na minha casa. Eles se perguntariam por que estou escondendo-a e provavelmente teriam pensamentos perigosos.

Kelzeb resmungou, um som profundo e desagradável.

— Ela não está vestida adequadamente para isso.

— Vamos para nossa sessão de treinamento depois do julgamento. É um espaço grande o suficientemente. Nossas mulheres usam calça quando treinam e tenho a intenção de ensinar autodefesa. Desculparei sua aparência, já que essa era uma questão prioritária e não estava programada.

— Estou ouvindo inglês sair da sua boca, mas não entendo o que qualquer um de vocês está dizendo. — Jill olhou entre eles.

Aveoth inclinou-se para a frente um pouco, atraindo toda sua atenção.

— Apenas fique em silêncio e ao meu lado como se nossas vidas dependessem disso.

Ela engoliu em seco.

— Você disse ser um senhor. Que tipo de lugar você governa?

Kelzeb respondeu antes que Aveoth pudesse.

— Você perguntou sobre a televisão. Já viu uma série ou filme sobre um líder de um estado ou país sendo traído e assassinado por seu próprio povo?

Ela olhou para ele e sentiu-se seu estômago revirar

— Eu odeio aqueles.

— Bem-vinda às falésias.

— Qual é o problema deles? — Ela olhou para Aveoth.

— Nós devemos ir. — Aveoth deu um passo à frente, puxando-a. — Não sou uma Gárgula de sangue puro. Alguns ficariam mais felizes se o meu pai ainda governasse. Ele era puro.

— Onde ele está? — Ela andou com ele, não muito feliz por isso, mas ele tinha a mão presa entre seu lado e seu braço.

— Morto.

— Eles o mataram?

Aveoth fez uma negativa com a cabeça.

— Falaremos sobre esta história mais tarde. Apenas fique em silêncio e seja submissa. Peço desculpas, mas se quiser viver para ver outro dia deve fazê-lo. Quer viver?

— Sim.

* * *

Jill estava muito quieta, mas as rápidas olhadas de Aveoth lhe diziam que estava passando um momento difícil enquanto caminhavam pelas escadas e pelos túneis internos para onde precisavam ir. Ele tentou imaginar quais poderiam ser seus pensamentos. Ela provavelmente não passou muito tempo dentro de uma montanha. Ele duvidava que muitos humanos fizeram.

Delbius esperava fora das portas duplas que levavam às câmaras de julgamento. Um menino pequeno e Paltos ficaram a poucos metros de distância. Ele viu suas expressões surpresas antes de cada homem as mascarar. O menino era outro assunto. Ele ofegou. Paltos alcançou e bateu sua mão no ombro de seu filho para silenciá-lo.

Kelzeb destrancou as portas e as abriu. Aveoth fez uma pausa, Jill parou ao lado dele e indicou que os outros homens entrassem primeiro com um movimento de mão. Ele não iria expor suas costas para um GarLycan. Não àqueles em quem não confiava explicitamente. Ele observou como Paltos usou seu corpo para proteger seu filho do treinador e Kelzeb. Isso significava que ele se preocupava com a segurança do menino.

Jill olhou para ele e ele encontrou seu olhar, balançando a cabeça. Sua boca ficou tensa, mas ela não disse nada. Ele esperava que isso durasse até terminando aqui.

Ele entrou e levou Jill ao seu trono. Ele colocou-a ao lado dele e sentou-se, segurando-a, estendendo a mão para envolver seus dedos em volta da perna logo acima da parte de trás do joelho. Ela lhe lançou um olhar levemente irritado, mas não tentou afastar seu toque. Kelzeb selou as portas e as bloqueou com as costas, acenando com a cabeça para prosseguir, agora que tinham privacidade.

— Lorde Aveoth. — Paltos curvou-se, ajustou sua espada mais às suas costas e depois juntou as mãos na cintura, fechando os dedos em um show de não agressão.

— Meu Senhor. — Delbius também se curvou, mas manteve as mãos ao lado dele e na espada presa à cintura.

Aveoth não ficou alarmado. Delbius era um treinador de armas. Sua espada se tornou uma parte dele. Não era uma ameaça ou uma ofensa. Ele respirou profundamente e explodiu.

— Estava prestes entrar em um treinamento com Kelzeb e mostrar alguns movimentos defensivos. Vamos ignorar as formalidades, certo?

Ambos olharam para Jill e inclinaram a cabeça. Ele podia ver a curiosidade, mas não foi rude o suficiente para perguntar sobre ela. Aveoth relaxou.

— Já sei sobre a questão. Paltos, por que você sente que seu filho deve começar a treinar com armas? Ele ainda deveria se concentrar em exercícios de voo em sua idade.

— Ele se destaca, meu senhor. — O tom de Paltos expunha seu orgulho. — Hawk diz que Jobi é o melhor que ele ensinou. Seus mergulhos e rolos são excelentes. Mesmo os treinadores ficaram impressionados. Eles levam meu filho algumas noites. Yesnor disse que garantiria a Jobi quaisquer referências.

— Isso é verdade. — Admitiu Delbius. — Perguntei a Hawk. É o tamanho do menino que me incomoda. Nenhum dos meus alunos está perto de seu peso e altura. Eles teriam uma vantagem injusta sobre ele.

— Entendo. — Aveoth podia entender o problema. Crianças dois anos à frente do menino seriam mais altas e mais fortes. — Jobi? Deixe-me vê-lo melhor.

O garoto hesitou, olhou para o pai, mas Paltos assentiu. Aveoth sentiu um pouco do amor pelo menino. Ele sabia que sua reputação fazia com que os rapazes se apavorassem. Jobi ergueu o queixo e afastou-se de seu pai para se apresentar. Aveoth escondeu um sorriso e usou sua mão livre para pedir que chegar a menos de cinco metros dele.

Jobi parecia de tamanho médio para sua idade. Isso teria ajudado seu caso se fosse maior. Acontecia. Algumas crianças cresciam mais rapidamente do que outras, tanto em altura e músculo. Aveoth foi assim. Ele soltou Jill e ficou de pé. Ele se moveu lentamente, para não assustar a criança e se agachou diante dele. O menino revelou seu medo em seus olhos, mas seu corpo permaneceu quieto.

— Eu não machuco crianças. — Aveoth suavizou seu tom. — Seu pai tentaria me atacar fizesse isso. Você está seguro. Os exercícios de voo se tornaram chatos?

— Sim, meu senhor.

Aveoth inclinou a cabeça.

— Por quê?

— Não preciso de Hawk para me ajudar. Posso sair de um mergulho direto sem problemas e principalmente ajudo os outros. Sou mais forte do que pareço e rápido.

Isto seria impressionante, se fosse verdade. Ele olhou para Delbius para confirmação, confiando que tivesse conversado extensamente com Hawk sobre a habilidade de Jobi. O instrutor assentiu.

— Eu salvei Kob. — Sussurrou Jobi.

Aveoth olhou para o menino.

— Como?

— Ele estava brincando e não viu o quão perto chegou das falésias. Ele bateu uma asa em uma borda dentada da rocha e não teve tempo de escavar porque não a via. Sua asa amassou. Eu mergulhei atrás dele e o peguei antes de bater no chão. Eu o levei a uma saliência segura. Ele é um ano mais velho.

— É verdade, Lorde Aveoth.

Ele ignorou o pai, lembrando-se de ouvir que um dos jovens quebrou uma asa algumas semanas antes e quase morreu. Hawk assegurou-lhe que nunca mais aconteceria, mas não lhe deu mais detalhes.

— Você entende que os outros meninos em treinamento serão maiores?

— Meu pai treina comigo. Ele disse que sou muito rápido com meus pés.

— É verdade, Lorde Aveoth. Ele é um aprendiz rápido e...

Aveoth olhou para o pai do menino e grunhiu. Paltos imediatamente calou a boca e abaixou a cabeça. Aveoth olhou de volta para o menino, escondendo a raiva de seu pai. Não era culpa do filho que seu pai não soubesse quando ficar em silêncio.

— Tire sua camisa e me mostre suas asas. Também gostaria de dar uma olhada no seu casco de luta.

O garoto se inclinou um pouco para o lado, olhando para Jill. O medo apareceu em seus olhos novamente. Aveoth deslocou seu corpo na mesma direção e bloqueou a visão do menino sobre ela.

— Está tudo bem. Ela pertence a mim e está ciente do que somos. Preciso conhecer a força de suas asas e quão rápido pode reagir se quiser treinar com armas. Preciso saber se pode mudar sua pele rápido o suficiente para evitar o dano do aço.

— Ela cheira e se veste engraçado. O que é ela?

— Jobi! — Paltos disse.

Aveoth olhou novamente para o pai.

— Silêncio! Sem mais uma palavra. — Ele olhou para Jobi e abaixou a voz. — Isso foi rude... mas você é jovem. Ela é humana e acabou de chegar aqui. Essas são as únicas roupas que ela tem até que algumas possam ser feitas para ela. Agora tire sua camisa e me mostre.

Jobi empalideceu e tremeu quando seu pai o repreendeu severamente, mas pareceu se recuperar rápido. Ele tirou a camisa e deixou cair no chão. Seus olhos se fecharam e ele mostrou suas asas, estendendo-as completamente. Aveoth sorriu. Ele podia ver por que o garoto podia se destacar ao voar. Tinha asas notáveis para alguém tão jovem. Aveoth levantou-se e caminhou atrás do menino, observando suas asas.

— Muda sua pele. — Ele pediu. — Agora!

A coloração do garoto mudou rapidamente, a suavidade de suas asas desaparecendo e os sulcos ficando afiados. Aveoth passou os dedos pela borda superior de uma asa, depois puxou-a com força. O menino não se encolheu. Ele desviou os olhos do garoto para lançar um olhar para ver como Jill reagia. Seus olhos estavam amplos, mas ela não fez nenhum som. Ele se agachou na frente de Jobi novamente e tocou o peito do menino. Sua pele era sólida, sem manchas. Aveoth estendeu uma garra e tocou nela. Jobi ficou quieto, tentando não recuar.

— Darei soco de direita e esquerda em você. Evite-os. Na contagem de três. Um. Dois. Três.

Ele deu alguns socos fáceis no menino, mas Jobi esquivou cada um, seu corpo pequeno se movendo rapidamente de um lado para o outro. Aveoth parou e abaixou as mãos.

Ele observou o menino novamente, procurando por qualquer suavização em seu peito e garganta, mas não havia sinais de fraqueza. Aqueles eram os dois lugares onde as crianças VampLycan eram as mais vulneráveis durante o treinamento.

— Reverter.

O menino fechou os olhos e Aveoth ficou impressionado com a rapidez com que a criança de seis anos podia retrair completamente suas asas. Jobi olhou para ele quando terminou. Aveoth sorriu.

— Seu pai tem motivos para se orgulhar. — Ele piscou e ficou de pé, voltou ao seu trono e sentou-se. — Coloque sua camisa, Jobi. Obrigado. Vá ficar com seu pai.

Aveoth estendeu a mão e curvou os dedos atrás da perna de Jill novamente, com o olhar em Delbius.

— Atribua Jobi a alguém para instrução privada, veja como ele faz e nós avaliaremos se ainda se sentir relutante em colocá-lo em suas aulas depois de um prazo razoável. Digamos um mês. Isso lhe daria uma vantagem sobre os outros se ele tiver lições de armas individuais. Eles são adultos, então as crianças um pouco maiores que ele, não serão um problema nesse ponto.

Delbius fez uma careta.

— Sim, meu senhor.

— Eu posso trabalhar com Jobi. — Ofereceu Kelzeb. — Tenho algum tempo livre nas manhãs. Isso funcionará, Delbius? Eu sei que você odeia pedir assistência de qualquer um dos outros instrutores. Passarei uma hora com ele e depois o

deixarei com você. Ele pode, pelo menos, observar o que está ensinando aos seus alunos. Dessa forma, ele não entrará no escuro.

Surpresa cruzou o rosto do instrutor, mas ele assentiu. — Isso funcionaria.

— Bom. Está resolvido. —Aveoth lançou um olhar para Jill, levantou-se e deu alguns passos para a frente. — Vamos continuar com o nosso dia. Encerramos aqui.

Ele esperou que a sala ficasse vazia e Kelzeb fechasse as portas. Seus olhares se encontraram.

— Esse é um garoto feliz. Ele vai gabar-se com seus amigos que o executor principal é seu treinador pessoal. Por que fez isso, Kelzeb?

Seu amigo encolheu os ombros.

— Lembro-me de ser tão jovem e o pai não é um idiota. Ele é muito solidário com seu filho, o que me parece atraente. Jobi promete e um dia ele poderá se tornar um dos nossos melhores homens.

Aveoth virou-se, ainda sorrindo – até ver que Jill se sentar no seu trono.

— Você está bem?

— Você disse que as crianças não tinham asas.

— Eu disse que não nascem com elas. As crianças humanas saem andando e conversando do útero?

Ela o olhou com olhos estreitos, mas não falou.

— O que foi, Jill?

— Nada.

Ela estava mentindo, mas ele decidiu esperar até que estivessem sozinhos para levá-la a compartilhar seus pensamentos.

Capítulo Sete

Jill ficou sentada enquanto Aveoth e Kelzeb tiravam suas camisas. Suas sobrancelhas se arquearam quando ambos os homens retiraram suas espadas.

— O que vocês estão fazendo?

— Treinamento. — Aveoth não poupou seu olhar. — Nós fazemos isso com frequência. Apenas fique onde está.

Eles se encararam, recuaram e então se lançaram para frente, balançando as espadas. O som chocante do metal a fez estremecer nas primeiras vezes até que se ajustou. Eles lutaram, golpeando-se, fazendo uma dança perigosa. Era como ver um filme medieval. Ela ajustou-se na grande cadeira elegante e tentou ficar mais confortável.

Com os homens sem camisa, podia observar seus muitos músculos se flexionavam enquanto lutavam. Um brilho de suor revestia os dois depois de um tempo e a espantava o fato deles continuarem por tanto tempo. Ela teria caído no chão, exausta depois de alguns minutos.

Ela ficou com a respiração presa quando Kelzeb quase foi atingido por um golpe no braço e mudou a pele no último instante, girando para longe. A lâmina passou por um centímetro. Aveoth saltou para trás e ambos os homens olharam um para o outro. Kelzeb mudou, sua pele ficando bronzeada novamente em vez de cinza claro.

Aveoth riu. — Sinto muito.

— Minha culpa. — Kelzeb sorriu. — Estava muito lento para me recuperar. Talvez devesse me preocupar com você com mais frequência. Eu seria um executor de merda se eu não pudesse evitar seus golpes.

— É *minha* culpa. Eu enviei-lhe a algumas missões ultimamente e perdemos as sessões. — Ele guardou a espada.

Kelzeb fez o mesmo.

— No entanto, minhas asas são mais fortes. Quer voar comigo esta noite?

Aveoth virou a cabeça, olhando para Jill.

— Não.

— Não o culpo. — Kelzeb atravessou a sala e pegou duas garrafas de água de uma mesa. Ele voltou rapidamente.

Jill ficou surpresa quando jogou uma a uns seis metros de Aveoth, mas ele a pegou como se não tivesse sido jogada na cabeça dele. Ambos bebêram e Kelzeb se virou para o amigo, inclinou-se e pegou a camisa, colocando-a novamente.

— Vou vigiar a porta para que você possa ensinar-lhe alguns movimentos defensivos. Ela pode precisar deles. — Kelzeb atravessou a sala até a porta fechada, abriu-a e saiu. Ele fechou a porta atrás dele.

Aveoth a encarou e jogou a garrafa de plástico agora vazia no canto. Ele usou uma mão para chamá-la.

— Você precisa aprender a se defender.

— Eu fiz aulas de autodefesa.

— Mostre-me.

Ela não se afastou do assento.

— Eu não vou lutar com você com espadas.

Ele soltou a arma e a abaixou.

— Sem espadas. Ainda não. Preciso ver como você se move e reage primeiro antes de avançar o treinamento até aqui.

— Não, obrigada. — Ela olhou para o chão de pedra. Iria doer se ele a fizesse cair de bunda e sabia que podia. Ela acabou de vê-lo lutar com Kelzeb.

Aveoth avançou com um sorriso no rosto.

— Eu não vou te machucar, Jill.

Ela se recostou na cadeira e segurou os braços.

— Não.

Ele a alcançou e curvou-se, segurando seus pulsos. Ele puxou, puxando-a facilmente da cadeira, apesar de seu apoio para evitar que fizesse isso. Ela encontrou-se conduzida por ele para onde esteve originalmente. Ele a soltou e seu sorriso desapareceu.

— Eu planejo mantê-la perto e protegida, mas pode haver momentos em que seja primordial que possa se afastar de alguém como eu. Você entende?

— Essa é apenas outra razão pela qual você deveria me devolver para onde eu vim.

— Não irá acontecer. Está ciente de que quando você sangra, tem um cheiro fraco de VampLycan? Conseguiu isso do lado de seu pai. Seria um alvo para qualquer coisa que não seja humana. É surpreendente que tenha chegado a sua idade sem ser atacado.

— Não o chame assim! Ele foi apenas um doador de esperma.

— Sinto muito. Compreendo. Também odiava meu pai.

— Pelo menos o seu está morto. Eu ainda sonho com esse dia.

Ela se arrependeu de dizer isso instantaneamente quando jurou vislumbrar uma dor em seus olhos. Ela teve uma vida difícil e não entendia quando alguém se queixava de coisas com as quais não podia se relacionar.

— Sinto muito. Foi difícil crescer sem um pai e tornou pior, ao descobri que o meu era um idiota. Tenho alguns problemas. É estranho pensar que os pais são coisas boas.

— Você teve sorte de não ser parte de sua vida. Minha mãe me criou. Lorde Abotorus era frio e cruel. —Aveoth se aproximou, baixando a voz. — Ele limitava o tempo que podia passar com minha mãe e pedia que a chamasse pelo seu primeiro nome. Eu tinha um ano quando ele me tirou dela.

Jill tentou entender o que ele estava dizendo. Sua vida parecia tão estranha para ela.

— Eles se divorciaram?

— Não. Ela morava aqui nas falésias e ainda o faz. Eles estavam acasalados, mas ele a mantinha em quartos separados. Nunca permitiu que ela se aventurasse fora com medo de que o deixasse. Ele me colocou em seu quarto. Ela não tinha permissão para visitar. Apenas a via em eventos sociais. — Ele lambeu os lábios e olhou para longe, depois voltou para ela. — Quando fiquei mais velho, comecei a fugir para visita-la quando sabia que ele estava ocupado. Ela deixava a varanda do quarto aberta e eu voava para vê-la.

Isso era tão triste.

— Por que ele faria isso?

— Ela me amava. Ele considerava uma fraqueza.

Isso fez com que ela se sentisse mal por Aveoth, tentando imaginar tal infância.

Aveoth limpou a garganta. — Essas são algumas das minhas melhores lembranças. Tinha quatro anos na primeira vez que fui vê-la. Sentia muita curiosidade. Sempre a peguei observando quando meu pai reunia o clã. Temia que ela me entregasse aos guardas e quisesse me punir por quebrar as regras. Esse não foi o caso. Ela me recebeu com um abraço e lágrimas quando descobri qual quarto era o dela e pousei na sacada. Foi a primeira vez que alguém me abraçou com

gentileza, em vez de treinar na batalha, para provar que era rápido o suficiente para evitar a captura.

Jill observou seu rosto bonito e tentou imaginar aquele jovem. O menino que acabou de conhecer tinha seis anos. Aveoth voava aos quatro. Ele era menor e apenas queria conversar com a mãe dele.

— Claro, ela me fez prometer não voltar. Ficou com medo de que alguém me descobrisse lá e eu seria severamente punido. Percebi que não temia por si mesma, mas por mim. Como não poderia correr o risco de vê-la novamente? Passar tempo com minha mãe foi o único momento feliz que tive quando criança. Ela queria saber tudo sobre minha vida e sempre disse que me amava, o quanto eu era importante para ela.

Aveoth estava partindo o coração de Jill.

— Por que seu pai te manteria longe dela?

Seu sorriso desapareceu.

— As gárgulas consideram as emoções como uma fraqueza. Nem todos, mas a maioria. Lorde Abotorus era muito velho. —Ele encolheu os ombros. — Ele não sentia empatia por ninguém, especialmente por sua própria família. Sentiu-se forçado a acasalar com uma Garlycan e se ressentiu com minha mãe, especialmente quando nasci. Ficou decepcionado.

— Por quê?

Ele hesitou.

— Não conseguia esconder minhas emoções dele. Aprendi a uma idade jovem, mas era tarde demais. Ele viu uma fraqueza em mim quando bebê. À medida que envelheci, também não o deixava orgulhoso com atos de rebelião brutal como alguns dos outros. Isso o irritou.

Ela hesitou.

— Eu tenho medo de perguntar, mas... como o que?

— Bressor tinha minha idade e era meu parceiro de voo há anos. Em nosso décimo quinto ano, ele escapou uma noite e foi para um voo. Os exploradores o pegaram voltando antes do amanhecer com sangue na roupa. — A raiva cobriu a expressão de Aveoth e seu tom. — Ele foi levado ante meu pai e forçado a confessar o que fez. Ele voou para uma cidade humana, pegou uma mulher e a assassinou.

A ideia horrorizou Jill.

— Por que ele faria isso?

O maxilar de Aveoth se apertou.

— As mulheres nas falésias estão fora de limites e protegidas. Ele tinha quinze anos e queria fazer sexo com uma. Então sequestrou uma humana, abusou dela e a matou quando terminou para esconder seu crime. Os exploradores tiveram que sair para encontrar seu corpo e descartá-lo para que nunca fosse descoberto. Meu pai o puniu por ter deixado as falésias sem permissão... mas não pelo assassinato ou abuso dessa pobre mulher. Ela era apenas humana, disse ele. Como se não importasse.

A voz de Aveoth se aprofundou ainda mais, quase em um grunhido.

— Então meu pai me chamou e perguntou se eu alguma vez fiz algo semelhante antes. Claro que não. Eu não estupraria ou mataria alguém. Ele disse que eu era uma grande decepção e realmente me incentivou a fazer o mesmo uma noite, porque iria provar que era mais parecido com *ele*. Ele apenas me ordenou ser mais esperto em não ser pego como Bressor foi.

Jill precisava sentar-se. Ela hesitou por um momento e depois sentou-se no chão. Ela não tinha palavras.

— Então, este Bressor está aqui em algum lugar? — Ela era humana ou pelo menos principalmente, de acordo com Aveoth.

Aveoth se agachou na frente dela e sentou-se no chão.

— Eu desafiei meu pai alguns anos depois que isso aconteceu.

— Você lutou contra ele?

— Foi uma luta até a morte para ver quem lideraria o clã. Eu venci. Bressor foi um dos clãs que me desafiaram pela liderança depois. Eu o matei... e não me arrependi de fazê-lo.

Ela olhou nos olhos dele, vendo a verdade lá. Não a incomodava que Bressor estivesse morto. Ele parecia ser alguém que merecesse isso.

Também entendeu que Aveoth estava dizendo que matou seu próprio pai.

— Às vezes, as pessoas precisam morrer. Eles são muito cruéis e egoístas para viverem, Jill. Não há como contar as outras vezes que Bressor se afastou e feriu mulheres. Sente medo de mim porque admiti matá-lo e Lorde Abotorus? Quanto mais descobria sobre meu pai, mais profundo meu sentimento de raiva e ódio queimava. Ele encorajou alguns clãs a cometerem crimes atrozes e a olhar para outras raças como inferiores. Assumi o clã e alguns não estão felizes com isso até hoje, porque não aceito essa merda. A maioria das gárgulas de sangue puro ainda são tão cruéis quanto ele e rejeitam as leis que escrevi. É punível com a morte matar por entretenimento doente. Mas ainda tenho que esconder a maioria das minhas emoções quando estou lidando com o clã. Eles as veem como uma fraqueza.

Tudo o que ele dizia fazia sentido e ela concordava. O mundo era um lugar melhor com algumas pessoas mortas.

— Compreendo. Eu mataria meu doador de esperma se pudesse depois de tudo o que ele fez com minha mãe. Ela morreu porque ficou doente e se recusou a ir ao hospital porque custaria dinheiro. Quando percebi o quão doente ela realmente estava e chamei uma ambulância, era muito tarde. A pneumonia colapsou seus pulmões e ela estava muito fraca para responder ao tratamento. Tínhamos poucas economias no momento, mas ela sabia que ele enviaria aqueles idiotas até nós em breve e esse dinheiro nos ajudaria a fugir novamente. Eu odeio aquele filho da puta.

— Sinto muito, Jill.

— Eu também.

Ele lentamente ergueu a mão, segurando-a para ela.

— Você precisa aprender a lutar. Não está cansada de fugir? Posso ensinar-lhe como matar idiotas como os dois que a sequestraram.

Ela hesitou e então lhe deu a mão. Ele se levantou e gentilmente puxou-a para seus pés.

— Não tenho tanta certeza de que esta seja uma boa ideia.

— Eu não sou como Lorde Abotorus, mas às vezes tenho que agir dessa maneira. Não quero que me tema. Nunca irei machucá-la, Jill. Pode confiar nisso? — Ele soltou sua mão.

— Eu tenho uma escolha? Estou presa aqui por enquanto.

— Eu não te tirei da sua vida. — Ele a lembrou. — Apenas a aceitei na minha. Decker poderia tê-la matado se não a trouxesse aqui ou a usaria de alguma maneira horrível para ganhar algo que quisesse. Ele e Lorde Abotorus eram muito parecidos. Uma linhagem não significa nada e se você não é útil para eles, parecem pensar que você não merece viver.

Respirou profundamente e explodiu.

— Eu fiz algumas aulas de autodefesa porque fui criada em alguns bairros ruins. — Ela o observou da cabeça aos pés. Aveoth era um homem grande com um corpo forte. Então ela olhou para o chão duro. — Vocês não usam tapetes quando lutam? — Ela encontrou seu olhar. — Não posso endurecer meu corpo para me impedir quebrar os ossos se cair sobre algo sólido. Assumo que é isso que planeja fazer comigo.

— Irei para você, mas não a deixarei cair. Tente evitar que a agarre.

Foi o único aviso que ela conseguiu quando ele avançou e tentou pegá-la pela cintura enquanto ele se curvava um pouco. Ela jogou um braço e derrubou uma de suas mãos, torcendo para o lado e se virando como aprendeu. O sapato fez contato com a calça logo acima do joelho.

O golpe em sua coxa realmente o fez dar um passo para trás e ele se endireitou. Ele arqueou uma sobrancelha.

— O que? Eu não fui para suas bolas.

— Obrigado.

Ele pulou novamente, mas mais rápido.

Ela ofegou quando seus braços se envolveram ao redor dela e ela foi levantada de seus pés. Ele a abraçou com seu lado pressionado contra o peito. Eles tinham seus rostos muito juntos. Sua pele estava quente e um pouco úmida. Qualquer que fosse o perfume que ele usava, cheirava muito bem. Ela realmente teve que lutar contra o desejo de lambê-lo para ver se ele tinha um gosto tão bom como seu cheiro.

Ele sorriu.

— Tenho você. Precisa fazer melhor.

Ela agradeceu que ele falasse, isso a obrigou a parar de pensar em passar língua sobre a pele dele.

— Eu nem vi você se mover.

— Você não é completamente humana. Pare de agir como se fosse. — Ele a desceu e a deixou-a ir dando passos para colocar um espaço entre eles. — Tem sangue de Vampiro. Precisamos descobrir quais vantagens lhe dá. Irei para você novamente e desta vez, evite-me. Pronta?

— Não. — Ela colocou mais espaço entre eles, olhou para a superfície dura do chão novamente, depois voltou para ele. — Coloque espuma e depois faremos isso. Eu sei que um de nós acabara em seu traseiro, e sei que serei eu. Não quero quebrar meu traseiro ou algo mais.

— Não usamos isso aqui nas falésias.

A porta do corredor se abriu e Kelzeb entrou.

— Não pude deixar de ouvir sua conversa. Posso fazer uma sugestão?

Aveoth parecia irritado.

— O que?

— Você tem quartos de hóspedes na parte inferior do seu quarto. Eu retiraria os colchões das camas e usaria para amortecer o chão. Acho que o quarto de hospedes seria grande o suficiente para colocá-los se colocar os móveis contra as paredes. Kelzeb sorriu. — Irei ajudá-lo a preparar o espaço e depois deixá-los sozinhos.

Aveoth sorriu de repente.

— Isso funcionaria.

Jill olhou entre os dois homens e percebeu que ambos pareciam divertidos. A ideia dela e Aveoth sobre o que equivalia a uma cama grande em algum quarto a deixou com suspeita.

— Talvez possamos simplesmente não fazer isso.

Aveoth segurou seu olhar.

— Você queria espumas. É o melhor que podemos fazer. — Ele caminhou até a camisa e a vestiu. Ele prendeu a espada em seguida, depois se aproximou dela. — Vamos, Jill.

— Merda. — Ela murmurou. Entrou diretamente nisso e era sua culpa.

Aveoth apenas sorriu e pegou sua mão, prendendo-a entre o braço e o peito. Ele a levou para fora da sala e voltou para sua casa. Uma vez que chegaram lá, ela se desculpou para usar o banheiro no andar de cima. Apenas porque queria se esconder enquanto os dois homens colocavam colchões no chão.

* * *

— Sua Jill o observou muito. — Sussurrou Kelzeb, inclinando o colchão contra uma parede. Ele empurrou os sofás e as mesas para o lado, fora do caminho.

Aveoth franziu a testa. — Ela não se sentiu excitada. Nada de feromônios e suor para ela.

— Este é um espaço muito menor e ela pode ter se sentido desconfortável nas câmaras de julgamento. É aconchegante aqui.

— É. — Ele concordou.

Kelzeb colocou o colchão primeiro e empurrou-o para o lugar.

— Você deveria apenas levá-la para sua cama, amarrá-la e seduzi-la.

Aveoth soltou o outro colchão no chão e segurou o olhar de seu amigo.

— Você recebeu este conselho de uma Gárgula?

Kelzeb se encolheu.

— É verdade. Não consigo imaginar o quão difícil seria persuadir uma humana desconfiada deixar você chegar entre suas coxas.

Aveoth verificou os colchões, certificando-se que se encaixassem sem intervalos entre as laterais.

— Eu quero Jill, mas não estou disposto a empurrá-la muito rápido. Ela pode se ressentir disso e já está com raiva por mantê-la aqui.

— Ela me pediu para voar para casa.

— O que você disse a ela?

— Não.

Aveoth suspirou e olhou para a escada.

— Ela provavelmente está se barricando dentro de seu quarto. Vá. Eu selarei as portas para que ninguém possa entrar. Te ligo mais tarde.

— Farei uma reunião com os exploradores para verificar listas de suprimentos para inverno esta tarde. Isso deixará seu dia livre. Apenas mantenha seu telefone dentro do alcance. Ligue se surgir uma emergência.

— Porra. Esqueci estava programado para mais tarde.

— Você tem muito em sua mente. — Kelzeb caminhou até ele e estendeu a mão, segurando seu ombro. — Eu cubro você. É uma honra como seu amigo poder carregar um pouco deste fardo. — Ele sorriu. — Apenas se concentre em descansar. Você realmente precisa disso.

Aveoth bufou e balançou a cabeça.

— Esse é seu lado Lycan. O sexo não soluciona todos os problemas.

— Seria bom se pudesse, no entanto. Eu sei que isso iria melhorar *o meu* humor na maioria dos dias.

— Você precisa encontrar uma companheira.

— Não é o momento certo ainda. As mulheres precisam de muita atenção, a que não quero dar. O preço seria sua infelicidade. —Kelzeb soltou-o e acenou. — Ligarei se precisar de você. Não vou interromper, a menos que seja muito importante. Boa sorte.

Aveoth o seguiu até a saída e segurou a porta. Ele correu para o andar de cima e foi ao seu quarto primeiro, fechando a varanda. A lembrança do quão perto Jill esteve de cair para sua morte já o fez proteger todas as aberturas do penhasco do andar de baixo. Eles agora estavam em segurança. Ele ouviu sons em seu quarto e atravessou o banheiro para bater na porta fechada.

— Você está pronta, Jill? — Ele tentou a maçaneta e encontrou a porta destrancada.

Ela estava junto à cama e se virou quando ele entrou.

— Estas não é realmente a roupa certa para treinos.

Isso o lembrou que ela precisava de roupas.

— Servirão por enquanto. Depois de ver o que pode fazer, pedirei que Renna venha medir você. Pode vestir qualquer coisa do meu guarda-roupa até que ela faça seus vestidos.

— Vestidos?

— Nós não estamos mais no seu mundo. — Ele gentilmente a lembrou. — Nos vestimos de certo modo aqui nas falésias.

— Estamos falando de uma tonelada de tecido que irá dos ombros aos meus pés?

— Sim.

— Não vou deixarei sua caverna elegante novamente se isso for verdade. De jeito nenhum usarei um vestido.

Ele não a culpava. Ela era uma mulher moderna, costumava vestir a roupa de uma.

— Por sorte para você, iremos para outra parte da minha casa agora. Vamos.

— Por que está tão determinado a chutar minha bunda?

— Não estou. Apenas quero ver como você pode se defender e se tiver algum traço que não percebeu antes. Precisamos testar suas habilidades.

— Você quer dizer como se eu tivesse algum golpe supersecreto que posso fazer? Não tenho.

— Você não sabia quais eram suas linhagens de sangue antes.

— Entrei em muitas lutas na minha vida, Aveoth. Nada de estranho aconteceu.

— Você estava com seres humanos. Agora não está. Vamos, Jill.

Seu olhar passou por seu corpo, depois ela olhou nos olhos novamente. Ele a viu engolir, mas caminhou em sua direção.

— Bem. Vamos acabar com isto. Depois de você.

Ele atravessou seu quarto e abriu a porta do corredor, mais do que ciente de que ela se mantinha bem atrás dele enquanto subia a escada ao nível mais baixo e entrava. Os dois grandes colchões king-size estavam juntos no centro. Ele fez uma pausa, depois sentou-se no chão para tirar as botas.

— Porque você está fazendo isso?

— Tire seus sapatos.

Ela se sentou longe dele e removeu-os. Surpreendeu-o quando não discutiu. Ele ficou de pé, desabotoou o cinto da espada e depois tirou a camisa. Jill continuava olhando para ele, mas não disse nada. Ela se levantou e hesitou perto da borda dos colchões. Ele não o fez. Caminhou até o centro deles e apontou para o espaço na frente dele.

Ela se aproximou e parou a dois metros de distância, com uma careta firme no rosto atraente. Ele a achava incrivelmente fofa. Revirou os ombros, relaxando.

— Mostre-me algo que aprendeu com essas aulas de autodefesa dobre a qual falou.

Seus olhos se estreitaram.

— Tudo bem. — Ela se virou e pressionou contra ele, suas costas se fundindo em sua frente. Isso o atordoou. Ela virou a cabeça, olhou para ele e sorriu. — Não há abraços de urso, mas envolva os braços ao redor dos meus ombros, como se você estivesse atrás de mim para me matar ou algo assim.

Ele gentilmente envolveu seus braços ao redor dela... mas depois se lembrou do que disse anteriormente.

— Não me acerte nas bolas, Jill. Não vou me divertir com isso.

— Não o farei.

Ela olhou para longe dele para olhar em frente – e de repente alcançou.

Uma de suas mãos segurou seu antebraço e a outra apertou a curva de seu ombro. Ela se inclinou de repente, torceu a parte superior do corpo para um lado, puxando-o.

Ele não esperava isso e caiu. A surpresa o manteve imóvel enquanto a encarava de costas para o colchão.

Ela o derrubou. Jill endireitou-se.

— Funcionou! Pensei que você pudesse ser muito pesado.

Ele ficou deitado, olhando para ela. Parte dele estava divertida, outra impressionada. Ela parecia satisfeita consigo mesma. Isso o transtornou mais. Ele se sentou e ficou de joelhos, virando-se para encará-la.

Ele a pegou uma batida de coração depois, levando-a para baixo no outro colchão. Teve o cuidado de fazê-lo suavemente e não a esmagar sob ele quando a deitou de costas. Ele rastejou um pouco, então ficaram cara a cara. Ela parecia frágil sob ele, então ele se segurou nos braços e tirou um pouco do peso dela. Seus olhos se arregalaram e sua respiração aumentou quando ela olhou para ele.

Ele sorriu.

— Solte-se.

Suas mãos pressionaram contra o peito e ela empurrou. Isso fazia cócegas. Ela parou.

— Eu teria que bater em você e então você me atingira. Não, obrigada.

— Duvido que poderia me machucar a menos que fosse para minhas bolas. Não.

Ela lambeu os lábios e seu foco foi para a língua rosa. Desejo disparou através dele e seu pau reagiu. O sangue desceu. Ele queria beijá-la.

— Seus olhos estão fazendo aquela coisa estranha, onde eles me estão lembrando um relâmpago.

Ele olhou para a dela.

— O que?

— Deixa para lá. Seus olhos são incríveis e assustadores ao mesmo tempo. O que causa isso? Os redemoinhos de prata estão piscando dentro deles agora e o azul está se movendo como se fosse líquido sendo derramado ao redor de sua íris e depois desaparecendo atrás de toda a prata.

— Eu sou parte Gárgula. As cores podem girar com minhas emoções. Não estou escondendo minhas emoções. Os olhos do vampiro iluminam-se a uma cor quase neon quando querem controlar a mente humana ou quando estão excitados sexualmente.

— Bom, você não é um vampiro e ainda não terei seus bebês morcegos. Não pode me fazer mudar de ideia.

Ele estava tentado a confessar sua herança real para ela, mas era muito perigoso. Isso provavelmente faria com que ela o temesse mais. Ele a imaginou grávida e ansiava por isso. Esteve sozinho durante toda sua vida. Com Jill, construiria uma família e eles formariam vínculos estreitos juntos.

— Será tão ruim assim?

Seus lábios se separaram, depois se fecharam. Ela empurrou contra o peito novamente.

— Saia. Pensei que quisesse lutar comigo.

Ele preferia fodê-la. Levantou-se e ficou de pé. Curvou-se, oferecendo-lhe uma mão. Ela ignorou, rolou e se levantou sozinha. Eles enfrentaram um ao outro.

— Que tipo de perfume está usando?

— Eu não estou.

Ela inalou. — E isso que estou sentindo?

— Peço desculpas por suar mais cedo. É ofensivo? Nós usamos desodorante. — Ele tentou conter sua excitação. Kelzeb poderia estar certo sobre excretando feromônios que estimulariam o interesse sexual. Ele se aproximou, tornando mais fácil para ela inalar seu perfume. — Eu cheiro é horrível para você?

— Você não fede. Na verdade, é o contrário.

Ele precisava mantê-la próxima. — Você está parada.

— Sim. — Ela admitiu.

Ele pulou para ela novamente e envolveu seus braços ao redor dela. — Livra-me de mim. Mostre-me o que você tem, Jill.

Ela colocou as mãos sobre os ombros, olhando-o nos olhos.

— Você é realmente forte. Está me segurando como se fosse uma torta.

— Você é muito leve.

— Poderia contar isso ao meu médico? Ele recomendou que eu perca dez quilos no meu último exame anual.

Isso o irritou. Os seres humanos eram idiotas.

— Você é perfeita. Este médico era incompetente.

Seus lábios se separaram novamente, mas ela não disse uma palavra. Isso era raro para ela.

Suas mãos deslizaram sobre sua pele e a sensação se sentia tão boa. Ele gostava que ela o tocasse... muito. Assim como seu pau enquanto crescia dentro de sua calça. Ele o ajustou, mas a segurou em seus braços, seu corpo contra o dele.

Seus olhos se arregalaram.

— Solte-me, Asas.

— Você deveria se libertar de mim.

O pânico apareceu em seus olhos.

— Por favor?

Ele a abaixou para o colchão, então ela ficou de pé e a soltou.

— Não há motivo para ter medo.

Ela baixou o olhar, encarando a parte da frente de sua calça. Ela se afastou dele, então ergueu o queixo e olhou nos seus olhos.

— Não faremos isso.

— Precisamos descobrir se você tem algum traço defensivo do qual não é ciente.

— O único que descobri é que você tem uma enorme protuberância na calça e me tocar parece ser a causa. Não teria seus bebês morcegos. Lutar com você não vai me fazer mudar de ideia. Preciso de comida. Estou com fome. — Ela limpou a garganta. — De comida, claro. E também gostaria de tomar banho.

Arrependimento surgiu. Ele se esqueceu de alimentá-la. Seu desejo de leva-la para a cama era o primeiro em sua mente. Ela também viu sua ereção. Foi o que ele conseguiu por ouvir Kelzeb. Seu amigo passava muito tempo com Gárgulas de sangue puro.

— Arrumarei algo para você comer agora. Pode tomar banho depois disso. Vamos subir a escada. — Ele liderou o caminho.

Ela o seguiu até o andar superior de sua casa.

— Obrigada.

Ele se afastou dela e cruzou a sala até sua cozinha.

— Ovos, bacon e torrada estão bem?

— Soa perfeito. Ficaria feliz com uma tigela de cereal.

Ele sorriu. Ela não era como qualquer outra mulher que conhecesse. As possibilidades o intrigavam.



Capítulo Oito

Jill sentiu-se muito melhor depois de um banho. A caverna tinha água quente. Aveoth lhe contou um pouco sobre os penhascos enquanto comiam. Surpreendeu que uma pequena cidade foi construída dentro de uma montanha. Ela secou a pele e usou outra toalha para esfregar os cabelos escorrendo água.

Aveoth colocou o essencial no balcão do banheiro, que incluía shampoo, condicionador, lâminas de barbear de plástico, sabonete líquido e uma nova escova de dentes. Eram todas marcas que normalmente não podiam pagar. Ele até pensou em desodorante. Ela usou alguns e hesitou. Aveoth estaria esperando na porta? Ele prometeu deixar algo limpo para vestir na cama em que ela dormiu na noite anterior.

— Não posso ficar aqui para sempre. —Ela murmurou e abriu a porta. O quarto estava vazio, mas havia um manto na cama. Era um tecido preto sedoso e fino. Um lembrete de que Aveoth esperava que fizesse sexo com ele. — Merda.

— Algum problema?

A voz profunda de Aveoth a assustou e ela girou quando a porta do corredor se abriu. Ele entrou como se possuísse o lugar, o que era verdade. Ela agarrou a toalha.

— Estava esperando por uma roupa real. Sabe. Calça. Uma camisa. Roupa íntima. Talvez um sutiã.

Ele manteve cerca de quatro metros de espaço entre eles.

— Peço desculpas. Não tive tempo de me preparar para sua chegada. Decker ligou minutos antes de voar para aquela pista de pouso para buscá-la. Foi a primeira vez que me disseram sobre sua existência. Pedi minha mãe para enviar Renna aqui. Ela irá medi-la e fazer algumas roupas.

Ela olhou sua roupa. Ele vestia uma camisa de pirata preta e combinava com uma calça solta que parecia impecável. Seus pés estavam nus.

— Estou quase com medo de ver como serão. Também ficarei parecendo um pirata?

Ele olhou para baixo e franziu a testa.

— Está é uma roupa casual.

— Certo. Se estivéssemos nos anos cinquenta, talvez.

— Entendo seu ponto. Você não gostará dos vestidos que nossas mulheres usam. São vestidos formais.

— Quão formal?

— Vestidos longos que cobrem as pernas das mulheres nos tornozelos.

— Isso é uma piada, certo?

— Não.

— Eu me recuso. — Ela segurou seu olhar enquanto segurava sua toalha, certificando-se de que não a soltasse. — Prefiro me vestir como uma puta. Essas, pelo menos, parecem confortáveis. Você não me verá em um vestido. De jeito nenhum, não. Usei um uma vez para uma festa de Halloween. Entende o que é se sentir miserável? Eu me senti, cerca de um milhão de vezes ao longo de quatro horas. Era volumoso e sempre tropeçava na saia.

— Sinto muito. Apenas terá que se vestir assim quando saímos de casa.

— Com que frequência será isso?

— Não a deixarei sozinha, então irá trabalhar comigo.

— Mais julgamentos?

— Às vezes. Também tenho muitas reuniões na sala principal com vários homens dos clãs sobre nosso bem-estar e necessidades gerais.

— Está é a sala sobre a qual Kelzeb falou no andar de baixo.

— Este é o andar principal. Hospedamos amigos ali. É um termo antigo. Temos uma ala de hospedes para os clãs onde mantenho uma mesa e organizo reuniões. Não está dentro da minha casa.

— Oh. — Ela chamou sua atenção para o manto e levantou-o, observando. — Agradável. Pertence a uma mulher. De quem era?

Ele não disse nada, então ela olhou para ele. Ele parecia desconfortável.

Ela deixou cair o manto como se estivesse quente. Ciúme foi a emoção que a atingiu. Se ressentia *disso* também. Não importava que Aveoth tivesse tentado lhe dar algo que provavelmente pertenceu a uma de suas ex-namoradas. Ela certamente não planejava se tornar uma atual.

— Vestirei minha roupa suja.

— Use o manto.

— Não, obrigada.

As linhas ao redor de sua boca se apertaram.

— Acho que pertencia a alguém com quem dormia. — Ela imaginou que não estivesse muito longe disso. — Nojento, Asas. Muito de mal gosto.

— Ela nunca o usou. Foi algo que comprei como um presente. Ela morreu antes de seu aniversário.

Um instante de dor apareceu em seu rosto. Isso a fez estremecer interiormente com suas palavras ásperas.

— Sinto muito.

— Não estava apaixonado por ela. O manto é novo. Pode usá-lo. É a única coisa feminina que tenho. Enviei seus pertences de volta à sua família, mas esqueci da túnica até que procurei algo em meu armário para você usar.

— Estou bem com minha própria roupa.

— Nunca dormi com ela. — Ele se aproximou. — Nós fomos amantes ocasionais, mas ela dormia em um quarto abaixo. Este quarto e o meu estavam fora de limites para Lane.

Jill achava isso triste e frio ao mesmo tempo.

— Isso não ajuda em nada.

Aveoth ergueu a mão e passou pelo cabelo. Ele caminhou até a cama e sentou-se.

— Merda. Estou fazendo uma bagunça disso. — Ele olhou para ela. — Você é tão estranha para mim quanto eu sou para você. Tudo o que digo parece fazer você não gostar de mim. Quero que as coisas funcionem entre nós.

Vê-lo soando tão vulnerável tocou seu coração. Isso a lembrou de sua maldita infância, as histórias que contou a ela. Uma imagem de um menino pequeno com asas, rompendo as regras para passar tempo com sua mãe entrou em sua mente. Havia tanto que não sabia sobre ele.

— Conte-me sobre sua ex.

— Sou o Senhor deste clã, Jill. Certas coisas são esperadas de mim. Lane era uma delas. Era uma VampLycan.

Jill se aproximou e na verdade, sentou-se na cama a poucos metros dele. — Não entendo. O que sua namorada tem a ver com seu clã?

— Os senhores não casados tendem a manter um amante. É uma coisa de status. — Ele suspirou, esfregando as pernas com as duas mãos e olhando o tapete no chão. — Eu não tive uma por anos. Não era um segredo, então às vezes as mulheres do clã se ofereceriam para se tornar minhas amantes. Rejeitava todas. Elas não me queriam. Ser amante de um senhor as colocam em condições de esperar certos favores e ter vantagens. Apenas aceitei Lane porque ela não era do meu clã e não queria nada comigo, exceto fugir de seu clã. Eu entendia isso.

— Por que ela queria escapar de seu clã?

— Ela se apaixonou por um homem de quem se tornou amante. Eles estavam juntos por sete anos. Ele era um executor saia para algumas missões de vez enquando. Foi ajudar uma matilha de Lycan que estava sendo atacada por Vampiros e encontrou uma mulher lá. — Aveoth virou a cabeça para encará-la. — Este VampLycan perdeu sua própria companheira para a morte anos antes de Lane entrar em sua vida. Ele jurou que não teria outra companheira, mas Lane esperava que ele se apaixonasse por ela. Às vezes, um vínculo profundo cresce entre amantes. Eles não são verdadeiros companheiros, mas fazem um compromisso ao longo da vida de ficarem juntos. Em vez disso, ele sentiu uma forte luxúria por esta Lycan naquela missão e ela concordou em voltar para casa com ele se fosse seu companheiro. Ele fez esse compromisso com ela. Magoou profundamente Lane.

— Oh homem. Isso é uma bagunça. — Jill sentiu-se mal pela mulher.

— Lane não aguentou vê-los juntos e me contou sua história quando me pediu para ser minha amante. Eu a aceitei. Pensei que estivesse fazendo uma coisa boa. Daria a ela tempo para curar e parte de mim esperava que encontrasse alguém aqui que tocasse seu coração.

Isso a atordoou.

— Você queria que ela se apaixonasse por outra pessoa enquanto estava com você?

— Nós não estávamos no que você consideraria um relacionamento. Deixei-a viver na minha casa. Lycans entram em calor e Gárgulas sentem a mesma coisa, mas o chamamos de devastação. Sabe o que é isso?

— Posso imaginar. Alimentei um gato fêmea perdida por um tempo. Ela não foi castrada e não tinha dinheiro para leva-la a um veterinário. Ela entrava no calor e desapareceria por dias para se encontrar outros machos.

Aveoth assentiu.

— Era o único momento em que visitava a cama de Lane. E ela precisava de mim quando estava no calor. Era apenas sexo. Eu nem dormia ao seu lado. Eu a deixava sozinha depois. Funcionava para nós dois. Então, um dia cheguei em casa e não consegui encontrá-la. Ela saltou para a morte. Eu não sabia que estava deprimida aqui. Poderia ter voltado para casa a qualquer momento. Certifiquei-me de que soubesse que era livre para partir.

Diferente de mim. Jill não disse isso em voz alta.

— Sinto muito. Ouvi dizer que a maioria das pessoas que estão realmente preparadas para cometer suicídio não dá sinais de alerta ou muitas vezes é uma decisão súbita. Elas simplesmente fazem isso para que ninguém possa impedi-las.

Ele olhou novamente para o tapete.

— Fiquei com raiva dela por escolher a morte. Alguns nos meus clãs acreditam que eu a empurrei pela borda. Não o fiz. Nunca machucaria uma mulher. — Ele olhou para ela novamente, sua expressão estava dolorida. — Por favor acredite em mim.

Ela não precisava pensar sobre isso. Ele não a machucou e não tinha medo dele.

— Acredito.

— Certo. Gostava de ter Lane aqui. Tinha minhas razões egoístas.

— Sexo?

Ele balançou sua cabeça.

— Ela manteve outras mulheres longe de mim.

— Quanto tempo ela morou com você?

— Quatro anos.

Ela fez a matemática.

— O que aconteceu com a amante que teve antes dela?

— Não havia uma.

Isso a surpreendeu.

— Ela foi a única mulher com quem fez sexo?

Ele sorriu.

— Não. Sou mais velho do que pareço, lembra-se? Voava para áreas humanas e fazia sexo com outras mulheres, mas isso era muito raro. — Seu humor desapareceu rapidamente. — A mulher que deveria ser minha primeira amante foi escolhida por meu pai. Ele não conseguiu resistir a me usar para formar uma aliança com Decker. Eu tinha dezesseis anos na época e não tinha decisão sobre o assunto. Nem a garota. Ela tinha uma relação de sangue com você. Descobri mais tarde que era a irmã mais nova da companheira de Decker. A irmã de sua avó. Eu...

Merda.

— Você fez sexo com minha tia-avó? — Isso era assustador e um grande fator.

Ele balançou sua cabeça.

— Nós nunca nos tornamos amantes. Ela tinha apenas treze anos na época que a aliança foi feita e meu pai felizmente decidiu esperar até que ela chegasse aos dezoito anos para viver comigo. Eu não a teria tocado se ela viesse a mim tão nova. Não sou doente o suficiente para roubar a infância de alguém, ao contrário de Decker e meu pai. Não demorou muito para que desafiasse meu pai depois disso.

Ele fez uma pausa.

— Decker ofereceu-a para mim assim que soube que eu venci. Recusei, exigindo que mantivéssemos a linha de tempo original. Eu deveria tê-la tirado de seu clã, mas não sabia que ela estava em perigo. Ela fazia uma visita uma vez por mês, mas nunca me disse o que lhe pediam para fazer.

— O que foi isso?

Ele apertou as mãos nos punhos.

— Decker tinha uma tendência a usar algumas de suas mulheres solteiras do clã como assassinas. Acredito que ele treinou Margola para ser uma, de forma que pudesse usá-la um dia para me matar. Esse bastardo disse que morreu se afogando no rio e por isso não podia me mostrar seu corpo. Ele afirmou que nunca foi recuperado. Mas mergulhei mais fundo. Ele a enviou atrás de um VampLycan que fugiu do clã. Ela morreu quando tentou atingir seu alvo.

— Como você descobriu que ela era uma assassina?

— Nem todos no clã de Decker gostavam dele. Recebia informações de alguém que desprezava Decker e rastreou o VampLycan que fugiu para descobrir se ele a matou. Ele o fez.

— Você o matou?

Aveoth balançou a cabeça.

— Ele estava apenas tentando proteger a si mesmo e a sua companheira humana. Ela estava grávida de seu filho. Por isso fugiram. Decker o enviou para uma missão. Ele se apaixonou e estavam esperando um filho. Ele sentiu-se terrível, mas Margola o forçou a matá-la. Ele implorou para deixá-los escapar. Ela atacou e não recuou.

Jill assentiu.

— Faz sentido. Provavelmente temia que fosse morta de qualquer forma se ela voltasse sem fazer o trabalho.

Aveoth franziu o cenho, olhando-a com olhos estreitos.

— Eu assisti filmes de assassinos e li livros sobre eles. Você faz um trabalho se há uma sentença de morte.

Seu rosto relaxou.

— Ela apenas tinha que me dizer o que Decker estava fazendo e eu teria a protegido. Você é de sua linhagem, mas são drasticamente diferentes. Ela não era obstinada, pelo que eu sabia. Você se recusou a obedecer.

Isso lembrou Jill do que ouviu de Boon e Cole.

— Qual é o problema com a coisa da linhagem? Aqueles idiotas que me sequestraram disseram que eu era importante. Naquele momento, gritei com eles dizendo que eram loucos, mas agora que sei um pouco mais... eles implicaram que você me queria por minha linhagem.

— Margola me visitava uma vez por mês especificamente para eu tomar um pouco de seu sangue. Não era sexual. — Acrescentou rapidamente. — Mordia seu pulso. Isso era porque o clã pensava que se tomasse seu sangue, me sentiria apegado a ela de alguma forma. Acreditam que as Gárgulas não têm capacidade para sentir. Não que os culpe. Alguns parecem assim ou escondem tão bem, que mesmo eu não consigo detectar suas emoções. Decker se convenceu que ficaria viciado em seu sangue. Por isso ele acha que faria qualquer acordo em troca de você. Porque você é sua descendente, com a mesma linhagem.

— *Você* se tornou viciado no sangue de minha tia-avó?

Ele sorriu.

— Não posso te contar todos os meus segredos, linda. Dê um tempo. — Ele ficou de pé. — Pegarei algo meu para você vestir.

Ela o observou usar a porta de ligação para sair e não pode deixar de se sentir confusa. Era uma pergunta simples, mas a resposta deveria ser complicada, já que ele fugiu para o outro quarto. Tinha certeza de que sua resposta seria um sim. Isso também significava que ele não iria desistir dela facilmente ou sem uma briga, se o que corria por suas veias fosse algo que ele ansiava.

Ela conheceu muitos viciados nos bairros em que viveu. Eles cometiam crimes terríveis para conseguir a próxima dose.

Seu sangue deixaria Aveoth alto? O que ele estava disposto a fazer para ter acesso a ele?

Ele voltou logo, segurando uma camisa dobrada e calça.

— Aqui. Não tenho roupa inferior que lhe sirva. Vá para a sala quando estiver vestida. Você disse que gosta de ler. Veremos se tenho algum livro que gosta. — Ele saiu pela porta do corredor, fechando-a atrás dele.

— Você não irá fugir facilmente, Asas. — Ela sussurrou.

* * *

Aveoth abaixou o copo, sorriu quando Jill caminhou pelo corredor e engoliu em seco. Ele lhe deu uma de suas camisas e um short de algodão que deveria cair logo abaixo dos joelhos. Todas suas calças ficariam muito longas.

Parecia que ela escolheu usar apenas a camisa. A visão de suas coxas nuas provocou-o enquanto caminhava.

— É bom que sua casa seja quente.

Ele desviou o olhar da metade inferior para olhar em seus olhos.

— Eu lhe dei mais para vestir.

— A cintura do short ficou muito grande.

— Tem cordões dentro da cintura.

— Oh. — Ela encolheu os ombros. — O que cheira tão bem?

— Não fique excitada demais. Apenas aqueci algumas sobras. Estava com fome. Você é mais do que bem-vinda a se juntar a mim para um lanche. Espero que goste de alces.

Ela enrugou o nariz.

— Eu nunca comi isso para ser honesta. — Ela caminhou até o balcão que os separava, escondendo suas pernas. Sua expressão suavizou. — Sou aventureira, no entanto. Experimentei algumas refeições estranhas em alguns encontros.

Ele não gostou de pensar nela com outros homens e forçou a atenção para a panela na frente dele.

— Como o que?

— Sushi. Sabe o que é isso?

— Claro. Vivo aqui, mas não sou tão desconectado do mundo. Você gostou?

— Alguns eram bons, mas prefiro minha comida cozida. Fui levada a um restaurante de frutos do mar que servia tubarão e enguia. Não era para mim.

— É uma coisa boa, nós não estamos muito perto do oceano então. — Ele desligou o fogo da a panela e colocou o ensopado em dois pratos. Ele as ergueu e caminhou para o balcão, colocando-as na frente dela. Foi até a geladeira. — O que você gostaria de bebêr? Tenho refrigerante, água, cerveja e leite.

Ela não respondeu.

Ele se virou, erguendo uma sobrancelha para ela.

— O que?

— Leite? Há algum supermercado em algum lugar?

— Temos vacas.

Parecia momentaneamente surpresa e depois suspirou.

— Somos civilizados, Jill.

— Você também tem galinhas?

— Eu te direi se me disser o que quer bebêr. Estou com fome.

— Refrigerante, por favor.

Ele pegou duas latas e sentou-se ao lado dela, os talheres e guardanapos já estavam ali antes.

— Nós temos galinhas. Deixamos que alguns filhotes cuidem dos animais perto da base do penhasco. Ensina-lhes a ter responsabilidade.

— Filhotes. Você quer dizer crianças.

— Sim.

— Por que na base dos penhascos?

— Nos meses quentes, permitimos que os animais saiam. Sabe o quão difícil seria voar com uma vaca com toneladas de peso da base do penhasco? Elas precisam ser mantidas do lado de dentro durante os meses de inverno ou morrerão pelo frio.

— Certo. Acho que isso faz sentido. — Ela comeu um pouco.

Ele a observou, avaliando sua reação. Queria fazê-la feliz ao servir algo que gostasse. Ela comeu mais, então ele relaxou, comendo de seu próprio prato. Imaginou que Jill reclamaria se odiasse.

Ele comeu rápido, não costumava compartilhar suas refeições. Encheu seu prato mais uma vez e comeu tudo.

— Que outros tipos de animais você tem?

Parecia uma coisa boa ela mostrar interesse por algo nas falésias.

— Cabras, cordeiros, ovelhas, vacas, galinhas e alguns touros para reprodução.

— Posso entender as vacas leiteiras e as galinhas para ovos. Até mesmo os touros, mas porque os demais?

— Para produzir lã, carne, leite e são bons animais capazes de sobreviver nas falésias. Não gostamos de depender completamente da caça de carne ou dos peixes abundantes nas áreas próximas. Adoro ovos mexidos de vez enquando. Não temos cavalos. Eles odeiam ficar contidos por meses.

— Você tem um jardim?

— As condições são muito duras com o crescimento denso das árvores, por isso não é viável. Não há luz solar suficiente para sustentar uma área suficientemente grande para crescer por todo o clã. Nós encomendamos algumas coisas de grandes empresas. São entregues em um armazém que o clã possui perto de uma cidade maior e nós os transportamos durante os meses de verão para armazenar no inverno.

— Seria muito mais fácil viver nas cidades.

Ele sorriu, adivinhando onde sua mente estava.

— Provavelmente seria, mas não poderíamos voar em áreas povoadas. Seria um risco alguém nos pegar com uma câmera e postar na internet. Por aqui, somos livres para sermos nós mesmos. O meu território está livre dos humanos.

— *Eu estou* nele.

— Você não é totalmente humana.

Ela parou de comer e pousou a colher.

— Eu não tenho presas ou problemas de pelos. Não pertenço a esse lugar.

Ele olhou para ela, observando o brilho de lágrimas em seus olhos.

— Lamento que tenha sido arrastada para isso, Jill. Parece ser uma mulher muito razoável. Não mentiria para você. Não é seguro devolvê-la à sua antiga vida. Serei completamente franco. Você está pronta para ouvir?

Ela assentiu.

— Estou esperando com a respiração presa.

Ele admirava sua voz.

— Quando você bateu na estátua da guarda, você sangrou. Lembra-se?

— Sim.

— Você não cheira completamente humana quando está ferida. É um milagre que nunca tenha sido atacada por Lycans ou Vampiros. O aroma de seu sangue diria que não é completamente humana. Isso colocaria um alvo em suas costas. Eles odeiam VampLycans e os matam ou fazem como seu avô, tentam usá-los para conseguir algo que querem. O melhor resultado teria sido se eles tivessem negociado com os VampLycans por sua vida. O pior seria entrega-la a um mestre Vampiro louco que poderia torturá-la. Sua linhagem torna você única. Para ser franco, você é o sonho molhado de qualquer um.

— Por quê?

— Por que eles querem você? Não tem a força de um VampLycan para que seja uma ameaça para eles. Pode até mesmo ser imune ao controle mental de um Vampiro. Quando ficam excitados, seus olhos começam a brilhar. Humanos típicos ficam fascinados pela visão, hipnotizados. Vê o problema se um Vamp causar terror e fizer alguém gritar? Isso mata sua diversão. Você seria perfeita. Eles podem ser bastardos viciosos. Além disso, realmente desprezam os VampLycans.

— Por que eles os odeiam tanto?

— Você deve conhecer sua história. — Ele suspirou. — Um ninho de vampiros e uma matilha de Lycans se uniram algumas centenas de anos atrás, depois que ambos estavam cansados de ser caçados pelos humanos. Os vampiros podem apagar e mexer com a memória humana, mas a luz solar os mata. Eles tinham que se esconder durante o dia. Isso muitas vezes significava ficarem presos em pequenos espaços confinados correndo o risco de serem encontrados. Enquanto isso, os Lycans precisavam viver como nômades para evitar serem encontrados. Os humanos percebiam que Lycans eram diferentes quando estavam ao redor deles tempo suficiente. Além disso, tendiam a mudar se estivessem com medo ou raiva extrema. Então, os Lycans protegiam os Vamps enquanto dormiam e os vampiros se certificavam de que os humanos nunca se lembrassem se tivessem visto algum Lycan.

— Uma equipe perfeita. — Murmurou Jill.

— Foi no início, até alguns Lycans e Vampiros se tornaram amantes. Deveria dizer que eles eram mais do que isso. Lycans tem companheiros e Vampiros tem companheiros. É basicamente a mesma coisa. Eles se comprometem entre si para a vida toda e emoções profundas estão envolvidas. — Ele encolheu os ombros. — Era considerado uma coisa boa fortalecer sua aliança. O problema surgiu quando as mulheres Lycan se acasalaram com os Vampiros e ficaram grávidas. Os vampiros são estéreis – mas finalmente encontraram uma lacuna. O ninho se voltou contra os Lycans. Os Vamps mais fortes mexeram com as mentes das mulheres Lycan e as convenciam a se acasalarem com eles quando ovulassem.

Jill precisou fechar a boca. Estava aberta.

— Eles também podiam hipnotizar Lycans?

Aveoth assentiu.

— É complicado. Um mestre ou alguém igualmente forte pode. Os Lycans perceberam o que estava acontecendo rapidamente e lutaram para ser livres. Entende, o controle da mente sobre Lycans não dura muito tempo como com os seres humanos. Uma vez que o Vamp lança algo na mente Lycan, eles ficam imediatamente conscientes do que foi feito com eles. Eles se lembram de cada momento de quando estavam sendo controlados. Era primordial que os Lycans escapassem antes que os Vamps pudessem enfraquecê-los e aprisionar toda sua matilha. Então, todos os vampiros, independentemente da sua idade ou força, poderiam controlar suas mentes.

— Como enfraquece um Lycan? — Jill tinha a sensação de que não iria gostar da resposta, mas estava curiosa.

— Tortura, espancamentos, perda de sangue e fome.

— Merda. — Ela ficou doente.

— Os Lycans fugiram. Vieram para o Alasca, onde não havia humanos suficientes na época para alimentar um ninho de Vampiro. Crianças VampLycan nasceram e vigiam os Vampiros agora. Os VampLycans não querem que o passado se repita. Eles caçam qualquer lugar onde as mulheres Lycan estejam. É uma

sentença de morte forçar as mulheres a terem seus filhos. Vampiros gostam de pensar que estão no topo da cadeia alimentar, mas criaram algo muito mais forte do que eles. Isso causou muito ressentimento e raiva.

— Há algo mais forte do que um VampLycan nesta cadeia alimentar?

Aveoth assentiu.

— Nós somos, mas nunca irei a guerra contra VampLycans. Somos aliados. Eles têm honra e não abusam de seus poderes. Nós compartilhamos valores e queremos manter a paz entre todas as raças. Os caras maus precisam morrer e os bons devem vencer.

Ela olhou para ele com interesse.

— Decker é um VampLycan. Você não parece gostar dele. Eu sei que *tenho* certeza de não gostar.

— Ele e seus homens são uma raridade. Eles precisam morrer porque não têm honra e não valorizam *qualquer* vida. Decker queria escravizar seu próprio povo e outros. Há um mal em cada raça.

— É verdade.

— Você não está segura com Vampiros ou Lycans, Jill. Ambos vivem em cidades humanas. — Ele olhou para ela com sinceridade. — Um corte de seu dedo perto de um e eles saberiam que você não é totalmente humana. Lycans vivem em matilhas. Não são considerados uma ameaça à sua existência, porque não é natural para eles serem solitários. A maioria dos desgarrados são infratores, assassinos e as matilhas o caçam ativamente. Poderiam vê-la como um.

— Ninguém nunca me incomodou.

— Você teve sorte. Eles tentam se misturar com os humanos. Isso os ajuda a encaixar e ganhar uma base no seu mundo. Você poderia ter um acidente de carro e o policial ou o paramédico não ser humano. — Ele fez uma pausa. — Eles têm empregos que lhes dão acesso ao sangue, para encobrir incidentes que possam revelar o que são e alguns até trabalham com o governo.

Ela deixou isso afundar.

— Você está segura aqui, Jill.

Ela franziu a testa.

— Não parece assim. Você está preocupado com sua própria gente se virando contra você. Esta manhã estava prestando atenção.

— É verdade, mas eu a manteria em segurança se isso acontecesse. Eu a levaria aos VampLycans. Eles a protegeriam enquanto lido com a bagunça aqui.

— Eles podem me entregar a Decker ou Decon.

— Nunca. Eu deixaria você com o clã Velder. Eles têm honra e você tem família lá.

— Acho que eu gostaria de evitar qualquer Filmore.

— Você tem duas primas que são meio humanas. Ambas as mulheres se acasalaram com VampLycans nesse clã.

Essa notícia surpreendeu Jill.

— Tenho?

— A filha de Decker fugiu para viver com humanos e se acasalou com um. Ela teve duas filhas. Decker enganou-as para vir ao Alasca e seus companheiros as salvaram de acabar sendo usadas por ele.

Ela abriu a boca, cem perguntas encheram sua cabeça. Um barulho alto soou antes que ela pudesse falar com qualquer um deles.

Aveoth se levantou rapidamente.

— Vá para seu quarto. Espere-me lá e não saia. —Ele se afastou, descendo um corredor que conduzia a escada.

Seu tom abrupto e curto implicava perigo. Ela se levantou, mas ao invés de fazer o que lhe pediu, seguiu-o silenciosamente. Se eles fossem atacados por seu povo,

ela queria dar uma mão. Ela subiu a escada e foi nas pontas do pé para onde os colchões foram colocados no chão.

— Eu pedi que você não voltasse aqui. Vá direto ao ponto. —O tom de Aveoth não era amigável.

— Você tem uma humana aqui? — A voz era feminina e gelada.

— O que faço não é sua preocupação, Winalin. Vá embora.

— Você gostaria de ter esta discussão aqui no salão onde qualquer pessoa possa ouvir ou prefere deixar-me passar para permitir privacidade?

— Eu não tenho nada para dizer a você. Deixei isso claro. —A voz de Aveoth ficou mais séria.

— Eu tenho coisas a dizer para *você*. — O tom de Winalin subiu um pouco. — Deixe-me passar ou as fofoqueiras ficarão ocupadas hoje.

— Foda-se. — Retumbou Aveoth. Uma porta bateu.

Jill hesitou, sem saber se deveria continuar espionando ou fugir para o andar de cima. Ele deve ter batido a porta no rosto da mulher. A verdadeira pergunta que a incomodava, quem era Winalin para ele?

— Diga o que você precisa e então saia. — Disse Aveoth.

Jill ficou tensa, percebendo que ele deixou a mulher entrar.

O silêncio se esticou e ninguém falou. Isso fez Jill querer se aproximar da abertura e olhar para a outra sala para ver o que estava acontecendo.

— Porra. —Aveoth gritou, fazendo Jill saltar. — Você queria conversar, então vamos. Para de olhar para mim. Não estou disposto a perder um dia esperando que você forme as palavras. Solte logo, Winalin.

— O que você fez na ala de hospedes?

— Não é assunto seu, mas estou usando colchões para treinamento. Apenas diga o que quer e depois saia.

— Não era necessário que você fosse atrás de uma reprodutora humana, meu Senhor. Estou bem aqui. Meu irmão e eu discutimos isso muitas vezes. Seus filhos devem nascer de linhagens fortes por causa do futuro do clã.

— Vejo que você ainda está ansiosa para se tornar uma prostituta para Elco. Vá embora, Winalin. Eu lhe disse que não quero ir para sua cama, nem que você venha a minha. Preferia voar através de um incêndio selvagem do que tocá-la. Seria uma experiência mais prazerosa para mim.

— Está me insultando? — A voz da mulher ficou calma e letal.

— Como se eu pudesse. Você faz isso consigo mesmo toda vez que oferece seu corpo para meu uso.

— Eu sou uma Gárgula de sangue puro disposta a me acasalar ou procriar com você. Essa é uma grande honra.

— Não tenho nenhum interesse. Não deixei isso claro?

— Você escolheu uma reprodutora humana para dar à luz seu bebê de sangue puro?

Aveoth grunhiu.

— Por que você e seu irmão assumem que a humana está aqui para procriar?

— Não há outra razão, meu senhor. Você escolheria outro VampLycan se procurava uma amante. Eu me ofereço para ser sua companheira. Isso resolveria tudo.

— *Resolveria*? — Aveoth riu. Parecia severo. — Eu sou seu Senhor. Elco pode me desafiar se acha o contrário. Eu ficaria feliz em mostrar a ele.

— Você está torcendo o significado das minhas palavras! Um senhor com filhos fortes é o melhor para o futuro do clã.

— Elco te disse isso? Nunca nasceria se as linhagens não fossem misturadas. Uma das minhas primeiras ordens foi mudar o título de nosso clã para GarLycans depois de desafiar meu pai. Eu *o venci* e ele era um sangue puro. Você sabe por quê? O sangue Lycan me dá algumas vantagens. Faça um favor e encontre um Garlycan que a faça sentir algo, qualquer coisa, Winalin. Saia da sombra de seu irmão e controle seu futuro. Elco é arcaico nos seus caminhos e pensamentos. Não é um crime buscar a felicidade em sua vida. Você não quer estar comigo mais do que desejo estar com você.

— Você precisa me escolher. Eu sou melhor do que a humana.

— Não. — Aveoth fez uma pausa. — Você não é. Eu fiz a minha escolha. Saia.

Jill esforçou-se para ouvir a porta se abrir e fechar, mas apenas o silêncio podia ser ouvido.

— Porra! — Aveoth gritou. — Não tire a roupa! Não quero você, Winalin.

— Estou lhe oferecendo meu corpo, minha vida e tudo o que sou. Pode me tomar como sua companheira ou como uma reprodutora. Não voltarei para Elco sem seu filho dentro do meu útero.

— Vou jogar seu traseiro nu no corredor se continuar tirando esse vestido. Você me entende? — Aveoth parecia irritado. — Eu *não* sinto *nada* por você.

— Seu lado Lycan aparecerá. A pele nua incitará sua luxúria.

— Outro dos conselhos ruins que conseguiu de seu irmão? — O tom de Aveoth parecia aborrecido agora. — Seus seios não estão fazendo isso comigo.

A boca de Jill se abriu. Parecia que a mulher realmente estava tirando sua roupa.

As emoções a atingiram e nenhuma delas era boa. O ciúme assumiu a liderança. Ela não gostou nenhum que alguém tentasse seduzir Aveoth. Uma parte dela queria ir até lá e dizer à cadela para parar de agir como uma puta. Ele deixou claro que os avanços da mulher não eram bem-vindos.

O silêncio a incomodou mais, fazendo com que ela se perguntasse que inferno estava acontecendo.

— Ainda não quero você. — Aveoth realmente bocejou. — Vá embora, Winalin.

— Posso tocá-lo se você não me tocar.

— Não faça isso. Eu odiaria bater em uma mulher, mas ficarei tentado se você se aproximar.

Jill teve o suficiente. Aveoth passou a manhã flertando com ela. Ela seria condenada se ele fizesse sexo com uma cadela Gárgula, já que não a deixaria ir para casa. Não aconteceria.

Ela se afastou a parede e passou pela porta, entrando na sala.

A visão que a cumprimentou foram as costas de Aveoth enquanto ele estava de pé com as pernas afastadas e os braços cruzados sobre o peito. Winalin estava completamente nua e atravessava a sala lentamente em sua direção. Ela tinha um corpo alto e pálido e era magra, mas uma figura assassina, com seios pequenos e firmes que balançavam a cada passo e que mostrava os pelos negros entre suas pernas.

Ela parou quando seu olhar incomum caiu em Jill. O fato de a Gárgula ser linda e parecia ter saído de um filme pornô sofisticado irritou Jill ainda mais. — Estou interrompendo algo, meu senhor? — Ela conseguiu não apertar as palavras.

Aveoth não virou a cabeça para olhar para ela, nem sequer tentou.

— De modo algum. Esta é uma daquelas coisas desagradáveis com as quais tenho que lidar. Fico feliz que esteja aqui, Jill. Nossa convidada precisa se vestir e sair.

Jill olhou de cima abaixo para Winalin. Esta era a última coisa que teria dito se fosse um homem. A maioria deles teria adorado deixar alguém que se parecesse com a Gárgula ficar nua para eles. Eles estariam sobre ela. A mulher fez com que Jill se sentisse um pouco consciente de si mesma. Ela com certeza não tinha aquele

corpo ou aquela aparência digna de uma modelo. Isto a fez se perguntar por que Aveoth não saia do lugar e caminhava para a mulher nua. Winalin queria ter seus bebês morcego e ele não fazia nada sobre isso.

— É ela? — Winalin apertou os lábios. — Ela é insignificante. — Seu olhar glacial percorreu o corpo de Jill. — Ela também não é muito atraente.

— A beleza está nos olhos de quem vê. — Aveoth respondeu. — Jill é impressionante para mim. Você é cega para as coisas importantes da vida, Winalin. Saia da minha casa. Sugiro que se vista antes de fazê-lo, pois duvido que possa chegar em casa, sem incitar *a* luxúria de alguém. Apenas não será a minha.

A Gárgula ignorou Jill com um aceno de sua mão.

— Ela não é nada, meu senhor. Estou diante de você, oferecendo-lhe o melhor. Não se conforme em procriar com esta criatura patética.

Criatura patética? Jill queria dar um soco na cadela, mas não era tão estúpida. Viu do que estas pessoas eram capazes, entre a capacidade de Aveoth de voar e Kelzeb de mudar sua pele. Cairia sobre seu traseiro em uma luta com ela. Em vez disso, ela caminhou até Aveoth, mantendo-se um pouco atrás dele, em vez de ao seu lado, no caso de a Gárgula atacar. Ela acreditava que ele a protegeria, desde que deixou claro que estava segura com ele.

Jill hesitou por um instante e em seguida, pressionou contra seu corpo. Havia outras maneiras de ganhar uma luta. Ela sorriu para a cadela e levantou a mão, passando os dedos levemente pelo braço de Aveoth em uma carícia e em seguida, colocando a mão em seu quadril. — Pode ir embora logo? Nós tínhamos planos de irmos para o quarto.

Isso conseguiu uma reação de Winalin. Ela ofegou e seus olhos se uma única cor se iluminou, transformando-se em esferas de violeta em movimento. Sua pele branca começou a escurecer um pouco, tornando-se cinza. Isso chocou Jill e ela percebeu que segurava Aveoth mais firmemente. Ela era uma cadela assustadora.

Ele reagiu rindo e descruzando os braços. Virou-se e colocou os braços ao redor de Jill e empurrando-a contra seu corpo grande.

— Nem pense nisso, Winalin. Jill está sob minha proteção. Você a ataca e eu não apenas a colocarei para fora, mas ficará presa nos próximos quatro meses. E colocarei seu irmão com você para que não fique sozinha.

— Ela é *humana*. É um insulto! — Raiva apareceu no rosto de Winalin e devido a pele cinza, rachaduras aparecerem como ela tivesse envelhecido. — Você ousa escolhê-la sobre mim?

Aveoth olhou para Jill.

— Este é um exemplo de como não se comportar. A presunção é um traço feio, não é?

Jill quase sorriu.

— Sim, meu senhor.

— Talvez Winalin precisa de uma lição sobre por que eu prefiro *você* na minha cama e não ela.

Diversão provocou seus olhos e ela estreitou os dela. Percebeu que ele planejava tirar proveito da situação. Ela olhou para a Gárgula e ao vê-la nua e olhando para Jill, foi o suficiente para entrar no jogo.

— O que tem em mente, meu senhor? — Ela lhe lançou um olhar de advertência. É melhor não ser algo humilhante. Ela tinha seus limites sobre o que fazia ou dizia para não se nivelar a alguém que a insultou. Não iria de forma alguma se ajoelhar ou agir como uma escrava sexual.

Ele deslizou uma mão por suas costas e segurou sua cabeça. Ele abaixou o rosto em sua direção e ela fechou os olhos, achando que ele planejava beijá-la. Seu coração acelerou e ela se esticou um pouco, mas tentou não o mostrar externamente, uma vez que estavam sendo observados.

Ele roçou a boca muito suavemente sobre a dela e lambeu seus lábios. Ela abriu-se a ele para aprofundar o beijo. Aveoth não hesitou. Jill ficou contente seu braço estar ao redor de sua cintura e ele ser forte o suficiente para segurá-la, quando uma onda de necessidade sexual explodiu dentro dela.

Seu corpo se aqueceu por dentro, como se ela estivesse sendo iluminada por chamas sob sua pele. Seu gosto, cheiro e a forma agressiva do beijo, fez seu corpo responder com uma intensidade próxima a assustadora. Seus seios doíam e seu clitóris pulsava. Ela se agarrou a ele, o desejo de rasgar suas roupas era esmagador.

Ele rompeu o beijo e ela olhou para ele em choque, ofegante. Seus olhos pareciam líquidos, prata e azul em movimento, piscando as cores. Um rugido profundo retumbou de seu peito e então ele rompeu o contato com seu olhar. Suas feições endureceram, os olhos ficarem azuis brilhantes quando olhou para sua direita.

— Vá embora, Winalin. Não venha a minha casa novamente. Você não é bem-vinda. — Ele aliviou seu domínio sobre Jill, em seguida, inclinou-se e agarrou seus quadris. Seu ombro bateu em seu estômago suavemente antes dele colocar seu corpo sobre o ombro. Ele segurou a parte de trás de seus joelhos com um braço, sua outra mão que descansa na curva de seu traseiro. — Eu tenho coisas muito mais agradáveis para fazer com meu tempo do que passá-lo com você.

Jill estava de cabeça para baixo se recuperando da forma como reagiu a Aveoth. Isso não era normal. Ela não era uma virgem. Na verdade, não teve muitos parceiros sexuais, mas nenhum deles a deixou tão excitada e tão rápido com apenas um beijo.

Ele não é humano, lembrou-se. Não apenas Aveoth têm asas, que surgem e pode voar, mas ele deve ter algum louco hormônio que a fez passar de zero em uma escala de sexo para *foda-me agora.*

Ah Merda. Estou em apuros.

— Saia. — Aveoth trovejou.

Jill estremeceu com o volume de sua voz, mas não lutou para se libertar. Confusão e emoções misturadas a manteve imóvel. Ela se concentrou em seu traseiro. Ele tinha um muito bom e ela desejava tocá-lo para ver se era tão firme como parecia. Ela apertou os punhos em vez de tocá-lo. Essa sensação de vazio interior estava se se tornando insuportável e sabia exatamente como curá-la.

Ela mentalmente foi lá, imaginando o grande e musculoso homem nu, fodendo-a. Pânico veio em seguida ao perceber o quanto queria Aveoth. Um beijo a transformou em uma furiosa viciada em sexo.

Aveoth se moveu e a porta se abriu, então bateu. Ela ouviu o rangido do metal, provavelmente quando ele trancou a porta.

— Ela se foi. — Ele se virou, andando em direção aos colchões que estavam no chão. Ele se curvou.

Os pés de Jill tocaram a espessura suave do colchão e seu poder sobre ela se soltou. Ela se endireitou e ele a deixou ir ficando de pé diante dela. Ela recuou de repente, tentando colocar mais espaço entre eles e caiu, aterrissando sobre seu traseiro.

Aveoth franziu a testa e se agachou, olhando-a nos olhos com uma careta.

— Você está bem?

Sua boca se abriu.

— Que porra foi aquela?

— Winalin é uma dor no meu traseiro. Sinto muito por isso. — Ele estendeu a mão, provavelmente para ajudá-la a se levantar.

Ela rolou, lutando para fugir. Temia que se ele a tocasse, ela o atacaria. A necessidade de tocá-lo e ficar nua era quase arrogante. Não foi o mais gracioso dos movimentos, mas se levantou para fugir. Jill correu como se os cães do inferno estivessem em seu traseiro, tentando colocar espaço entre eles e não parou até que chegou ao quarto que lhe deu.

Ela entrou e se virou, apenas para encontrá-lo indo em sua direção com um olhar preocupado em seus olhos. Ela bateu a porta.

— Fique longe de mim!

— Jill? O que está errado?

Ela a trancou. Um segundo depois, ele tentou abrir a porta. Ela recuou, respirando com dificuldade por sua corrida selvagem da escada ao corredor.

— Jill? — Ele suavizou o tom. — Peço desculpas se beijá-la a incomodou, mas eu precisava mostrar Winalin que não estava interessado nela.

Ela abraçou seu corpo, encolhendo-se sobre a forma como sensível seus seios estavam sob a camisa. Seus mamilos estavam duros, sua pele muito quente. Ela recuou mais e girou, indo em direção ao banheiro. A água fria poderia diluir o que quer que ele tenha feito com ela.

— Jill? — Ele bateu na porta. — Fale comigo.

— Foda-se, Asas. Mantenha sua boca louca e qualquer que seja a porra da droga que você expele, longe de mim. — Ela gritou sobre o ombro.

Ela entrou no banheiro e trancou a outra porta. Era imperativo que se esfriasse antes que se jogasse contra o grande bastardo e implorasse para fodê-la. Era uma possibilidade real.

Ela ligou o chuveiro, foi até a pia e abriu a torneira. A água estava fria quando a segurou nas mãos e inclinou-se para bebêr um pouco, na esperança de apagar o doce sabor de seu beijo. *GarLycans devem expelir alguns químicos sexuais naturais para deixar as mulheres indefesas com um tesão do inferno.*

A porta que trancou se abriu. Ela se levantou e girou, olhando para Aveoth com a boca aberta. Ele estava parado na porta do banheiro.

— Que porra há com você? O que quis dizer com drogas?

Ela ficou contra a pia e viu suas narinas se abrirem. Um olhar de surpresa arregalou seus olhos e seu olhar desceu até as coxas.

— Merda.

— O que você fez comigo?

Seu olhar se levantou, segurando a dela.

— Não foi intencional. Juro por minha honra.

— Besteira! — Ela não estava comprando isso. O suor escorria em sua pele, o calor voltou. Ela ouviu falar sobre calor, mas isto parecia pior. Seu clitóris pulsou dolorosamente novamente e seus seios realmente estavam sensíveis.

A cor dos olhos de Aveoth ficaram quase prateados.

— Juro que eu não fiz isso de propósito.

— O que é isso? — Ela se apoiou contra o balcão e agarrou-o para tentar se manter de pé. Seus joelhos não queriam suportar seu peso e suas pernas tremiam. — Faça parar!

— Porra. — Ele agarrou o batente da porta e este rangeu, a madeira soando como se estivesse sendo esmagada. — Sou diferente de outros GarLycans. Isso nunca aconteceu antes. Bem, não assim. Sinto muito, Jill. Precisa acreditar em mim.

— Dê-me algo para neutralizar está merda! — Ela se virou, inclinando-se sobre a pia já que pernas tremiam ainda mais. A necessidade estava se transformando em pura agonia. — Eu não terei seus bebês morcego, maldição.

— Ouça. Eu disse sobre essa coisa que acontece com as gárgulas a cada trinta anos. Chama-se a devastação. Não é o meu tempo, mas acho que você de alguma forma desencadeou meus hormônios e... você deve ter engolido um pouco quando nos beijamos.

Ela apertou os olhos fechados, inclinando-se mais sobre a pia.

— Você está me culpando? *Mesmo?* Está brincando comigo?

— Não! Claro que não. Estou chocado com isso. A devastação é complicada.

— Então você está no calor como aquele gato de rua que eu alimentei. Maldição, Asas.

— Eu não sou o único no calor, mas acho que coloquei *você* nele. Não foi intencional, Jill. Juro pela minha vida. Como eu disse, sou diferente. Eu realmente

quero você e por qualquer motivo, os meus níveis hormonais devem ter aumentado desde que te conheci. De alguma maneira os transferi para você com o beijo. Eu nem sabia que isso poderia acontecer.

Ela gemeu e começou a cair. Aveoth estava lá imediatamente e a pegou. Ela teria lutado, mas apenas desabou no chão, se não tivesse chegado a ela. Ele girou, levando-a através da porta quebrada e para sua cama. Ele se sentou no colchão grande, embalando-a em seus braços.

— Eu realmente não sabia que isso era possível. Eu juro. Deixe-me ajudá-la.

— Certo. Colocando um filhote no meu ventre? Foda-se. — Ela tentou sair de seu colo e ele se virou, ajudando-a. Ela rolou em sua cama e ficou como uma bola. Ela estava queimando, sentindo dor e podia sentir a umidade entre suas coxas. Era mais do que isso. Ela estava encharcada.

— Estou sangrando?

— Não. — Sua voz se aprofundou. — Não é seu período causando isso. É luxúria.

— Saia de perto de mim.

— Isso não vai ajudar, Jill.

— Coloque-me no chuveiro. Com água fria.

— Não irá adiantar.

A cama se moveu e ela virou a cabeça, olhando para ele. Aveoth começou a ficar nu, abaixando sua calça.

— Não se atreva.

— Irei ajudá-la.

— Fodendo-me? Não!

— Não, querida. Apenas a ajudarei a passar por isso. É minha culpa. Peço desculpas.

Ela tentou rolar quando ele colocou o joelho na cama e abaixou. Ele foi mais rápido e agarrou-a. Ela ofegou quando a virou de costas e começou a despi-la. Era tentador lutar, mas quando ele tirou sua camiseta as dores melhoraram um pouco. Ela olhou para ele enquanto estava deitado de bruços, ele empurrou-lhe as pernas com as mãos fortes, logo deslizou para baixo na cama. Seus olhos se arregalaram quando percebeu o que ele estava prestes a fazer e sua boca se abriu.

Ele se moveu rápido e de repente sua cabeça mergulhou entre suas coxas, a respiração quente tocou sua boceta e então sua boca se abriu e sua língua estava em seu clitóris.

Ela jogou a cabeça para trás e agarrou a cama enquanto ele a lambia. Prazer bateu tão forte que viu manchas e em seguida, um clímax a percorreu. Ela gritou, seu corpo se arqueando.

Aveoth grunhiu e enterrou seu rosto mais fundo, sua língua impiedosa em seu clitóris. Ela resistiu, mas não pode se afastar quando outra onda de êxtase rolou através dela.

Jill perdeu a capacidade de pensar. Era apenas prazer, seu coração batia tão forte que sentia como se pudesse sair de seu peito e outro clímax veio sobre ela. Ele iria matá-la com a língua. Não houve uma descida lenta depois que ela gozou. Apenas necessidade e extremas explosões.

Ela gemeu, gritou e gozou novamente.

Capítulo Nove

Aveoth estava molhado do chuveiro. Ele entrou em seu quarto e olhou para Jill dormindo na cama. Culpa, incredulidade e choque ainda ecoavam por ele. Sua devastação estava a anos de distância, mas o corpo dele *e* Jill a desencadeou. Ela nunca o perdoaria.

Seu pau enrijeceu e apontou para ele.

— Eu mereço a santidade. — Ele apenas usou sua boca em Jill até que ela ficou exausta. Não havia nenhuma maneira de tirar proveito dela naquela condição. Ele caminhou até a mesa de cabeceira e pegou seu telefone pessoal antes de retornar ao banheiro. Ligou para Kelzeb.

Seu amigo atendeu no segundo toque.

— Algo está errado?

— Onde você está?

— Entre as reuniões. Estou andando. —Kelzeb fez uma pausa. — Ninguém está perto. O que está errado? Você parece irritado.

— Eu beijei Jill.

— Isso é um progresso.

— E a coloquei no calor como se eu tivesse retirado fluido hormonal da parte de trás do meu pescoço enquanto sofria a devastação.

Seu amigo inalou bruscamente.

— O que?

— Você me ouviu.

— Isso não é possível. Não está na época para você.

— Eu também não usei uma agulha para retirar o acúmulo de fluido que nem sequer tinha. — Ele fechou os olhos e alcançou atrás do pescoço, sentindo o nódulo. Não havia um. — Não há nenhum sinal da devastação, mas foi o que aconteceu.

— Eu vou até você.

— Não. Não suportarei que fique perto dela agora. Estou me sentindo super protetor e agressivo como o inferno.

— Ela está bem?

— Desmaiou na minha cama.

— Acasalou com ela?

— De jeito nenhum. Mantive meu pau longe dela.

— Você apenas a deixa sofrer? — Kelzeb soava irritado.

— Não. Fiz sexo oral. Ela nunca vai me perdoar. Sua reação... merda. Eu nem posso culpá-la por pensar que fiz isso de propósito. Ela me acusou de droga-la como os humanos fazem em clubes. Como eles chamam? Droga do estupro?

— Terá que lhe dizer a verdade sobre você quando ela acordar.

— Não posso. Ainda não. Ela já estava desconfiada, mas agora vai me odiar. Não consigo compartilhar meu segredo mais profundo com ela, Kelzeb. E se ela me trair?

— Nunca houve ninguém como você, que saibamos. E isso não aconteceu antes. Porque agora?

— Talvez seja porque decidi me acasalar com ela? Eu não sei. — Seus ombros caíram.

— Olha, vamos fazer o seguinte. Precisa lhe dizer que é um pouco diferente para que ela tenha a chance de entender o que aconteceu ou provavelmente irá pensar que você é um idiota sem honra que iria desencadear uma bomba química em seu desejo sexual. Você disse isso. Quer que ela seja sua companheira. Isso não é algo que possa esconder dela se seu corpo reage dessa maneira. É provável que aconteça novamente.

— Foda-se. — Ele queria bater em algo.

— O que quer que você faça, os rumores estão se tornando mais fortes entre o clã. Todo mundo parece saber sobre você ter uma humana em sua casa. Hawk veio até mim.

Aveoth controlou suas emoções.

— O que ele disse?

— O Conselho Gárgula realizou uma reunião secreta hoje. Com certeza, você não foi informado. Ele os viu agrupados indo em direção a suas câmaras. Queria que você soubesse.

— Você acha que podemos confiar em Hawk?

— Sim. Hawk ama Chaz e Fray. Ele deve ter ouvido os rumores que circulavam sobre Abotorus. Você pode vê-lo cumprindo uma ordem para erradicar GarLycans em nosso clã?

A resposta foi simples.

— Foda-se não. Ele teria lutado ao lado de seus filhos até a morte.

— Exatamente. Ele mataria alguém para protegê-los. — Disse Kelzeb.

— Você está certo. Hawk nunca ficou do lado dos sangues puros, já que a maioria concordou com Abotorus que GarLycans tinham fraquezas que não podiam suportar.

— Estou me perguntando o que esses antigos fodidos estão planejando.

— Um ataque seria estúpido, mas eu não duvido vindo do conselho. Alerte os Garlycans em silencio.

— Já está feito.

— Você deveria ter me ligado imediatamente, Kelzeb.

— Eu disse que apenas interromperia seu tempo com Jill se houvesse algo que não conseguisse lidar. — Humor pairou na voz de Kelzeb. — Tanto quanto odeio o conselho pela forma como eles fodem conosco, são apenas uma dor em nossos traseiros. Estou certo de que nunca inspiraram lealdade a ninguém, exceto outros de sangue puro, considerando a maneira como não fazem segredo sobre como acham que os GarLycans estão abaixo deles. Os números deles são muito menores que os nossos atualmente.

— Não quero ver GarLycans lutando contra Gárgulas em nosso clã. Seria uma merda. Pai contra filho. Nunca. — Jurou Aveoth. — Conversarei com Kado.

Kelzeb bufou.

— Ele não ouvirá. Esse é o bastardo frio que entregou a anos de serviço seu próprio filho apenas para marcar pontos com Abotorus. Ele criou Creed como um servo para nosso antigo senhor. Sempre me perguntei por que ele escolheu Creed e não um dos três primeiros filhos.

— Pensei sobre isso e falei com Nebulas depois que descobrimos as atribuições que o conselho deu a Creed. Malditos bastardos o fizeram sair na zona morta, patrulhando muito além do que era considerado são.

— Eu me lembro. O que o filho mais velho de Kado disse? Ele defendeu seu pai?

Aveoth lembrou-se de sua raiva.

— Não. Nebulas ficou furioso com seu pai pelo maltrato. Creed não foi um nascimento planejado. A companheira de Kado entrou no calor e ela engravidou.

— Lycans não engravidam acidentalmente.

Aveoth suspirou.

— Meu palpite é que ela queria outra criança, mas Kado não. Ela provavelmente não se preocupava com seus desejos. *Você* gostaria de receber ordens dele? Não posso culpá-la. Ele deu a vida de seu filho a Abotorus como castigo a sua companheira e ao filho que ele nunca quis.

— Porra.

— Minha opinião sobre Kado nunca foi alta. Nebulas disse que estava ciente de que seu pai estava com raiva sobre o assunto, mas ele não sabia que seu irmão ainda estava pagando o preço. Prometi a ele que nunca permitiria que o conselho atribuísse deveres a Creed novamente. Foi por isso que o enviei para ser um guardião da matilha Lycan. Isso o mantém longe do alcance de seu pai.

Kelzeb resmungou.

— Eu queria poder enviar Kado para longe. Mas lidaremos com o planejamento do conselho.

— Marcarei uma reunião com ele.

— Pelo menos sabemos que o covarde não o desafiará.

— É verdade. — Aveoth pensou em seu problema atual. — Minha principal questão agora é Jill e o que farei quando ela acordar.

— Diga-lhe tanto da verdade quanto possível. Espero que seja suficiente se ainda não quiser compartilhar sua história.

— Entrarei em contato com Kado agora.

— Não se encontre com ele sem mim.

— Claro que não. Estou pensando nesta noite. Você está livre?

— Vou me certificar disso. Boa sorte com Jill.

— Obrigado. Precisarei. —Aveoth desligou e entrou no quarto. Jill ainda dormia. Ele deixou seu quarto e começou a preparar comida para ela. Ela estaria com fome. Apenas esperava que ela lhe desse uma chance de explicar.

* * *

Jill sentou-se na cama, segurando a colcha grossa cobrindo seu corpo. Uma luz foi deixada a frente. Não era o quarto que Aveoth lhe deu, mas sim o quarto dele. As lembranças voltaram e o calor aqueceu suas bochechas. Ele a chupou várias vezes até que ela desmaiou de exaustão.

Olhou ao redor, vendo que estava sozinha. Seu olhar foi para onde deveria estar a porta da sacada, mas ele a bloqueou.

— É claro que sim. — Ela murmurou. — Então não posso escapar.

Ela afastou a colcha e olhou para o corpo nu. Uma avaliação rápida disse que ela estava limpa. Nada doía, mas ela sentiu sua garganta, sem sentir nenhuma mordida. Asas a drogou. Seu beijo a excitou com tanta força que nem sequer lutou.

Ela ficou de pé e deixou sua mão vagar até o V de suas coxas. Também não doía, então tinha certeza de que ele não fez mais do que usar sua boca. Raiva a encheu. Isso foi injusto, o que ele fez com ela. Ele falou sobre honra, mas alguém assim não a teria drogado desta forma.

A fechadura do banheiro ainda estava quebrada, mas ela entrou e olhou para seu reflexo. Ela novamente observou seu corpo, torcendo-se e se virando para ver se ele a mordeu. Não havia marcas ou hematomas. Lavou o rosto, escovou os dentes e entrou no quarto dela. Uma camisa limpa foi deixada sobre a cama. Ela hesitou, mas depois a vestiu. Não queria caminhar por aí, nua. A camisa era de Aveoth claro, caia até as coxas.

Ela abriu a porta do corredor e o cheiro de comida bateu. Seu estômago resmungou. Parte dela queria se trancar no quarto, mas estava com muita raiva. Ela

não era de se esconder. Sua vida sempre foi difícil e enfrentava as coisas de frente. Incluindo homens loucos com asas. Ela e Aveoth precisavam conversar.

Ela foi com os pés descalços em direção à cozinha e encontrou-o sentado de costas para ela no balcão.

— Espero que tenha dormido bem.

Sua voz profunda a assustou, já que ele não se moveu. Ele provavelmente a ouviu ou sentiu seu cheiro. Ela cruzou os braços sobre o peito quando parou.

— Tanto por sua conversa de honra e toda essa besteira. Você me drogou.

— Não foi intencional.

— Besteira. — Ela não acreditava nisso.

Ele lentamente ficou de pé. Suas feições a surpreenderam. Ele parecia cansado e seus olhos normalmente estimulantes estavam azuis agora, sem sinal da prata.

— Isso nunca aconteceu antes, Jill. Eu nem sabia que tinha a habilidade de provocar o calor com apenas um beijo. Sou muitas coisas, mas não sou um mentiroso.

— Eu não sou um gato. Não entro no calor.

— Sou principalmente gárgula e sob certas circunstâncias podemos desencadear o calor do acasalamento em humanos, Lycans e até outras gárgulas. Isso realmente não foi planejado. Por favor, pelo menos, pode me ouvir?

— Eu tenho escolha? Estou presa aqui.

— Está com fome?

— Como se eu confiasse em você para me preparar qualquer coisa. Você me drogou uma vez. Poderia fazê-lo novamente.

Ele voltou a se sentar.

— A cada trinta anos, uma Gárgula experimenta a devastação. Geralmente recebemos um alerta um dia ou dois antes de nos atingir. Nossas emoções ficam instáveis e um nódulo se forma na parte de trás de nossos pescoços. É um acúmulo químico de hormônios sexuais. Encontramos uma mulher que concorde em compartilhar nossa devastação conosco.

— Eu não concordei com essa merda.

Ele assentiu.

— Estou ciente. Posso continuar?

Ela ficou em silêncio, olhando para ele.

— Nós usamos uma seringa para remover um pouco dessa droga ou hormônio, o que quiser chamar e colocamos em um copo. A mulher o toma. Isso a afeta rapidamente, da maneira como meu beijo fez ontem. Você pode sentir a parte de trás do meu pescoço. Não há nódulo. Meus níveis de emoção não aumentaram. Eu não estou na devastação, nem é o momento, mas por qualquer motivo meu corpo de alguma forma produziu esse produto químico dentro da minha boca quando a beijei. Juro que não sei por que ou mesmo como aconteceu. Foi a primeira vez.

— Eu ainda chamo de besteira.

Seus olhos ficaram prata, mas eles se acalmaram rapidamente, voltando a um azul brilhante.

— Entendo sua desconfiança, mas estou lhe dizendo a verdade. Você não acha que eu teria ficado com você na cama se fosse planejado? Você certamente teria me deixado fodê-la. — Sua voz se aprofundou. — Em vez disso eu a ajudei a passar por isso de forma oral e acabei com a ereção mais dura que tive em minha vida. Cuidei de minhas próprias necessidades depois no banho.

Ela ainda não confiava nele.

— Talvez você tenha feito alguma coisa depois de eu apaguei.

As sobrancelhas dele levantaram-se e ele realmente teve a coragem de sorrir.

— Você sentiria se eu tivesse fodido você. Você é delicada, Jill. Eu não sou. — Ele ficou de pé e pegou a frente de sua calça.

— O que você está fazendo?

Ele a chocou quando abriu a calça, empurrando o tecido preto para baixo. A visão de seu pau grosso não era algo que pudesse ignorar. Ele era muito grande e estava muito duro.

Ele subiu a calça, se ajustando e sentando novamente.

— Você saberia com certeza se estivesse dentro de você.

Ela se recuperou, olhando para ele.

— Isso foi grosseiro.

— Efetivo, no entanto. — Ele suspirou, rompendo contato visual momentaneamente, mas rapidamente olhou de volta para ela. — Estou tentando fazê-la confiar e gostar de mim, porra. O que aconteceu foi prejudicial para atingir esse objetivo. Tudo o que posso fazer é pedir desculpas e dizer a verdade. Não sabia que isso aconteceria. Quando aconteceu, tentei cuidar de você de forma menos traumática possível.

— Você acha que me chupar não me traumatizou? — Ela sabia que suas bochechas estavam queimando. Era embaraçoso lembrar o quanto gostou. — Você colocou seu rosto onde não deveria!

Ele olhou para seu corpo.

— Você teria sofrido se eu não tivesse feito isso. — Seu olhar voltou para o dela. — Era dor ou prazer. Não queria que sentisse dor, Jill.

— Então, você me fez um favor?

Ele ficou de pé e contornou o balcão.

— Eu não quero brigar com você. Foi um acidente. Você não parece disposta a acreditar em mim, mas fiz o meu melhor para ajudá-la. — Ele curvou-se, tirando algo do forno.

Ela notou que suas mãos ficavam cinzas antes de levantar uma forma de vidro e colocá-lo no fogão. Ela se perguntou se aquela era sua versão de parcialmente uma luva.

Ele virou-se para encará-la.

— Por favor, coma.

Ela estava com fome.

— Tudo bem, mas é melhor não estar drogado.

Ele pegou dois pratos e uma colher grande, partindo o que ela assumiu fazer parte do café da manhã. Cheirava bem. Ele colocou os dois partos no balcão junto aos bancos, logo os talheres.

— Eu nunca iria feri-la intencionalmente, de forma alguma.

Ele parecia tão derrotado e apesar de sua raiva, sua voz a incomodava. Ele geralmente era confiante, mas agora ele parecia derrotado. Até mesmo... triste.

E se ele *estivesse* dizendo a verdade? Não tivesse culpa do que aconteceu. Embora ela estivesse um pouco mais aberta para ouvir e fazer perguntas.

— Então está me dizendo que não sabia que nos beijar poderia me drogar?

Ele manteve o olhar fixo.

— Não. Eu juro pela minha vida.

— Como isso é possível?

Ele sentou-se ao lado dela.

— GarLycans e VampLycans são uma raça jovem, Jill. Nunca houve história registrada de nossas raças até que VampLycans fossem conhecidos. Ainda estamos

aprendendo do que somos capazes e não temos respostas para tudo. Por exemplo, um VampLycan morrerá de velhice da maneira que um Lycan faria depois de tantas centenas de anos ou eles sofrerão a intempestividade da maneira que os vampiros fazem, desde que bebam sangue? É o mesmo para GarLycans, embora nós herdamos a maioria de nossos traços sanguíneos de Gárgula. Não posso dizer-lhe o quanto minha vida irá durar com certeza. Posso imaginar que serão milhares de anos, mas quem realmente sabe? Nós não. Posso fazer coisas que as Gárgulas não podem porque eu não sou um sangue puro. O que aconteceu quando a beijei não foi planejado, nem suspeitei que fosse uma possibilidade. Nunca aconteceu comigo antes ou foi relatado por qualquer outro Garlycan.

Ela comeu um pouco. Era gostoso, mas um pouco estranho. Ela se recusou a perguntar-lhe o que era a carne. Com sua sorte, seria uma ovelha ou até mesmo um coelho. Ela achava ambos os animais fofos. Era melhor não saber. Suas palavras se repetiram em sua cabeça enquanto considerava tudo o que ele dizia.

— Não vou arriscar beijá-la mais uma vez, Jill. Tenho medo. Não quero uma repetição do que aconteceu e o medo que vi em seus olhos. Você deve me odiar.

Ela olhou para ele e descobriu os ombros caídos, o foco na comida na frente dele. Ele parecia deprimido e seu tom parecia o mesmo. Isso a fez sentir mal... e um pouco culpada. Ele certamente parecia sincero.

Mas a raiva voltou. Era possível que ele estivesse dizendo a verdade, mas *ainda assim* era realmente uma merda que *seu* corpo saísse do controle por causa de alguma coisa hormonal estranho acontecendo com *ele*.

Ela decidiu ficar em silêncio e apenas comer. Eles terminaram a refeição e Aveoth ficou de pé, levando seus pratos para a pia.

— Sairei em breve para lidar com alguns problemas no clã. Um guarda será atribuído fora da porta, mas será para sua proteção. Eu não confio em Winalin ou alguém como ela para não tentar prejudica-la enquanto eu estiver fora.

Isso a surpreendeu.

— Você realmente me deixará sozinha não irá me arrastar com você desta vez?

Ele a encarou e as faíscas normais de cor em seus olhos permaneciam ausentes.

— Sim. Acredito que você já teve bastante da minha presença recentemente. Sinto muito, Jill. Nunca quis que isso acontecesse.

Porra. Ela se sentia realmente culpada. Ele foi bom para ela desde que se conheceram. Ela não podia negar isso. A possibilidade de ele dizer a ela a verdade sobre esse beijo parecia mais provável do que não. Poderia ser ruim ele não permitir que ela voltasse para casa, mas jurou mantê-la segura. Ele também poderia tê-la fodido enquanto ela estava drogada, mas não o fez. Ela também acreditava nisso. O cara estava excitado. Ela sentiria se ele a tivesse fodido.

— Deixarei você agora. Farei uma ligação para dois GarLycans confiáveis que quero que a proteja e eu tenho o chefe do Conselho Gárgula para enfrentar. Ele é um idiota que gosta de causar problemas.

— Porque estou aqui? — Ela ouviu tudo o que Winalin disse.

— Kado não precisa de uma desculpa real para ser um espinho do meu pé. Ele me odeia e a todos os outros Garlycan, incluindo um de seus próprios filhos. Eu nem tenho certeza de que ele gosta de seus outros três, já que eles são GarLycans, mas pelo menos não *os deu* aquele bastardo do Abotorus. Ele é cruel.

— Ele deu seu próprio filho? Como, colocando-o para adoção?

Aveoth balançou a cabeça.

— Você está familiarizado com um servo contratado? Kado entregou a vida de seu filho por uma certa quantidade de anos para trabalhar para o clã logo após seu nascimento. Abotorus permitiu isso. Eu nunca teria. Houve algumas vezes que os membros do clã me ofereceram seus filhos assim. Eu recusei.

Ela lembrou-se da história dele.

— Então, esse cara é como um escravo? — Isso a horrorizou. — Você pode libertá-lo?

— É uma tradição fodida que herdei quando me tornei um senhor. — Ele estendeu a mão e esfregou o rosto com a mão. — Eu não posso desonrar Creed desse jeito, dando-lhe liberdade até que o tempo expire. Isso o envergonharia e feriria seu orgulho. Ele abaixou a mão, olhando para ela. — No entanto, concordei em enviá-lo para longe daqui, então não está sob o comando do Conselho Gárgula. Eles abusaram dele como um jovem com tarefas difíceis.

Ela sentiu pena deste Creed.

A prata brilhou em seus olhos, mas ele parecia furioso.

— Preciso ir. Espero que me perdoe em algum momento, Jill. — Ele curvou-se e caminhou em direção ao corredor.

Ela ficou de pé e estendeu a mão ao passar, tocando seu braço. Ele congelou, sua cabeça girando para olhar sua mão agarrando levemente seu antebraço. Seu olhar se elevou até o dela.

— Acredito que você não quis me drogar, mas não posso dizer que estou feliz com o que aconteceu também.

Alivio percorre seu rosto.

— Obrigado.

— Seja cuidadoso.

— Sempre. Tenho algo para proteger agora. — Ele se afastou, andando pelo corredor e fora de vista para o quarto dele.

Ela suspirou e fechou os olhos. *Por que ele tem que ser muito quente? E doce?* A lembrança de seu rosto entre suas coxas – e o que ele podia fazer com a língua– fez com que ela abrisse seus olhos e se sentasse novamente no banco.

Ela o queria, mesmo que não fosse humano, mas eles seriam como um acidente de trem.

— Porra. Estou em apuros.



Capítulo Dez

Aveoth observou de perto Chaz e Fray.

— Você não entra na minha casa, a menos que sinta que alguém entrou. Jill está sob minha proteção. Ela é minha. Mantenha-a segura a todo custo. Eu não me importo quem tenham que matar, mas ninguém a prejudica.

Fray sorriu.

— Ela deve ser gostosa. Bom para você, meu senhor. Não permitiremos que nada aconteça à sua mulher.

Chaz grunhiu.

— Respeito, irmão. Esfrie seu traseiro.

Aveoth lutou com um sorriso. Ele gostava e confiava nos dois GarLycans. O gêmeo mais velho Chaz, tendia a ser mais sério. Fray constantemente dizia o que estava em sua mente, mesmo que não fosse apropriado. Eles o divertiram com suas personalidades descontraídas. Ele recebeu muitas queixas sobre os dois até os colocou sob o comando de Kelzeb. Seu melhor amigo encorajou-os e Aveoth entendeu o porquê. Eles eram um sopro de ar fresco nas atitudes principalmente antiquadas nas falésias.

— Sou totalmente respeitoso. — Fray sorriu mais amplamente. — Lorde Aveoth tem uma mulher e ele quer mantê-la. Entendi isso. Além disso, ele acabou de dizer que temos permissão para matar quaisquer idiotas que a ataquem. Somente as gárgulas esnobes viriam até aqui. Eles nos tratam como merda na maioria das vezes, então temos permissão para matar. Isso é cinco vezes melhor. — Ele levantou uma de suas palmas para cima.

Chaz balançou a cabeça.

— Certo. Peço desculpas, meu senhor. Meu irmão mais novo deve ter perdido algum oxigênio no nascimento desde que ele ficou no útero por mais tempo.

— Você é apenas um minuto mais velho.

Aveoth riu.

— Suficiente. Proteja Jill. Ninguém deve visitá-la, especialmente Winalin. — Isso matou seu humor. — Ela é uma ameaça.

— Aposto que sim. — Fray bufou. — Ela sempre está atrás de você e com sua merda sobre sangue puro. O fato de você escolher alguém com sangue humano deve irritá-la.

— Porra. — Chaz disse. — Peço desculpas novamente, meu senhor. Talvez tenha batido na cabeça dele com muita força enquanto estávamos lutando esta manhã.

— Volto logo. Certifique-se de que nada aconteça com Jill. — Aveoth afastou-se, mas ouviu Chaz chamando atenção de seu irmão quando ele desceu o corredor para longe de sua casa.

— Você é tão idiota, Fray. Não posso levá-lo a qualquer lugar.

— Lorde Aveoth é legal. Ele não ficou irritado. Ele sabe que Winalin é uma cadela esnobe. Quem não?

Aveoth sorriu, virando a esquina. Ele mascarou seus passos rapidamente e encontrou Kelzeb esperando por ele no topo da escada. Seu melhor amigo arqueou uma sobrancelha.

— Os gêmeos. —Sussurrou Aveoth.

Kelzeb piscou.

— Meus amigos favoritos. Boa escolha para proteção. Eles vão defendê-la com suas vidas e ambos são excelentes lutadores.

— Estou ciente. Vamos ver Kado.

— Quanto de uma dor na bunda foi quando você exigiu falar com ele?

— Ele é previsível. Tenho que admitir.

— Então ele gemeu como um bebê?

— Bastante.

O telefone de Aveoth tocou e ele tirou o bolso. Amaldiçoou, parando. Uma voz feminina começou a falar assim que ele aceitou a ligação.

— Por que é que eu tive que descobrir por Renna que você tem uma mulher? Ela ouviu falar sobre isso.

Kelzeb virou-se, dando-lhe um olhar curioso.

— Eu teria ligado, mas você estava ocupada, mãe. Agora não é um bom momento. Retorno sua ligação em breve.

— Eu quero conhecê-la.

— Você irá. Tenho uma reunião para participar.

— Você sempre tem reuniões. Está arrastando aquela pobre garota com você? É cruel, Aveoth. É por isso que raramente saio do meu quarto. Ouvi dizer que ela é humana. A pobres deve estar aterrorizada. Traga-a para mim e eu a amarei.

— Eu a deixei em minha casa com guardas.

— Ela está tentando escapar? Não posso dizer que a culpo.

Ele apertou os dentes.

— Obrigado.

— Eu não quis dizer isso dessa maneira. Eu sei que você estaria no seu melhor comportamento, mas ela deve estar aterrorizada como uma humana aqui. Você nunca planejou apresentá-la, não é?

— Isso não é verdade. Eu queria perguntar a Renna se poderia marcar um horário para fazer roupas. Você teria vindo com ela. Talvez amanhã seja um bom momento para isso.

— A pobre menina não tem roupas? Você a está mantendo acorrentada e nua na sua cama? — Sua voz ficou fria e ele ouviu sua raiva.

— Claro que não! Ela não tem nada apropriado para as falésias. É uma longa história. Eu realmente preciso ir. — Ele abaixou a voz. — Kado está tramando algo. Preciso lidar com ele.

Ela grunhiu.

— É claro que ele está. Ligue mais tarde.

Ele desligou e empurrou o telefone para dentro do bolso.

Kelzeb retomou a caminhada pelas escadas.

— Os sentimentos dela estão feridos?

— Provavelmente. Lidarei com isso mais tarde.

Chegaram ao salão do conselho e Kelzeb deu um passo à frente dele, uma mão segurando sua espada. Aveoth fez o mesmo, preparando-se para um confronto. Ele não confiava em Kado ou nenhum dos membros do conselho. Era possível que eles atacassem sem aviso prévio.

— Vou me desculpar antecipadamente pelo que Domb disser. — Murmurou Kelzeb.

Aveoth segurou o olhar de seu amigo.

— Você não é nada como seu pai, nem está perto dele. Já passamos por isso.

— O bastardo é um constrangimento.

— Assim como Lorde Abotorus. Nunca o responsabilizarei por Domb ou suas ações.

— Vamos fazer isso. — Kelzeb suspirou. — Estou pronto para os olhares sujos do velho bastardo.

— Estou pronto para lutar se eles exigirem.

— Eu também. — Kelzeb assumiu a liderança, caminhando pelo corredor mais uma vez.

As portas duplas estavam abertas, quantidades abundantes de velas acesas nas câmaras não surpreendeu que todas as cadeiras ao redor da mesa quadrada estivessem ocupadas quando entraram. O conselho de quatro membros reuniu-se.

— Pode entrar. — Gritou Kado.

Aveoth notou a forma como os ombros de Kelzeb se enrijeceram quando ele parou. Ele se aproximou dele e olhou para Kado. — Como se eu precisasse de sua permissão. Seria divertido para mim se você não fosse tão ofensivo. Levantem-se, agora. — *Ele* passou o olhar com raiva para todos os rostos ao redor da mesa, desafiando-os a recusar.

Os quatro se levantaram rapidamente, Kado foi o último a ficar de pé e abaixou a cabeça. Kado olhou primeiro, seus olhos incapazes de esconder sua indignação. Ele abriu a boca para falar, mas Aveoth cortou-o.

— Eu já o avisei antes que não aceitarei qualquer conspiração que planejem em reuniões não programadas. Eu fui notificado com antecedência. Estou ciente de que vocês se reuniram hoje em privado. — Ele deu um passo à frente, puxando sua espada. — Alguém deseja me desafiar? Estou preparado.

Cabeças abaixadas e permaneceram lá. Kado não mais encontrava seu olhar.

Passaram-se longos minutos. Aveoth queria que eles ficassem desconfortáveis e preocupados. Os bastardos fizeram alguma coisa e ele não pretendia fingir o contrário.

— Eu tinha planejado discutir a violação do protocolo com Kado, mas fico feliz por ter expandido sua autoridade mais uma vez, chamando vocês. Não terei que

confiar nele para torcer minhas palavras. Direi diretamente para vocês. Olhem para mim.

Suas cabeças se levantaram e ele viu que nenhum deles pode evitar demonstrar emoção. Isso variou de raiva, ressentimento e medo. Domb disparou olhares de ódio para Kelzeb, mas seu amigo parecia ignorá-lo. Aveoth não gostava que Kelzeb tivesse que sofrer esses olhares de seu próprio pai. Mas o irritava ainda mais.

Ele olhou para cada um deles, e parando em Kado por último.

— Eu sou seu senhor e não respondo a vocês. O que discutiram hoje é irrelevante. Seus deveres não incluem fofocas sobre por que ter uma mulher em minha casa. Assumirei que foi isso que causou uma reunião secreta hoje. Não deixem que isso aconteça novamente ou preparem-se para levantar suas espadas até a morte.

— Você *é* nosso senhor. — Kado falou entre dentes. — É nosso dever pensar no futuro do clã. Há uma conversa de que trouxe uma reprodutora humana. Com todo respeito, gostaríamos de discutir a possibilidade de você se reproduzir com uma Gárgula em vez disso.

Milgo olhou para cima.

— Elco ofereceu Winalin no lugar da humana. Seria mais apropriado. Seus filhos seriam uma adição boa e forte ao nosso clã.

Domb saltou sobre isso.

— Ela é adequada a um senhor. Não uma reprodutora humana.

Aveoth estava puto. — Elco anseia o poder, mas nunca levantou sua espada ou desempenhou funções para ganhar um lugar em nosso clã. Ele está aqui apenas porque nasceu nas falésias, se arrastando como um bebê nos seios de sua mãe. Isso foi aceitável até que ele tivesse idade suficiente para agir como uma pessoa responsável no clã. Eu me recuso conceder-lhe favores ou status em troca do uso do corpo de sua irmã. — Ele olhou para cada um deles. — É horrível que ele troque sua própria carne e sangue dessa maneira.

— As preciosas filhas e irmãs, por raras que possam ser, devem se acasalar com homens que são excelentes protetores e que a valorizarão. Elas não devem ser trocadas ou usadas como foi feito antes no clã. É por isso que poucas mulheres sobreviviam nos velhos tempos. E é uma pena que eu tenha que explicar isso ao conselho. É melhor pensarem muito sobre o porquê perderam sua honra e tentar encontrá-la novamente. Acabei por aqui. Não haverá mais reuniões secretas. Acabou a sessão. Levem seus traseiros para fora desta sala dentro de trinta segundos depois da minha saída.

Ele girou, saindo.

Kelzeb seguiu seus calcanhares. Eles subiram dois degraus antes de seu amigo sussurrar:

— Você gostaria que eu voltasse e garantisse que todos saiam?

—Não. Deixei clara minha ordem. — Ele estava furioso. — Espero que eles me desafiem ou ignorem meu decreto. Estou com vontade de fazer algumas cabeças rodar.

— A frustração sexual faz isso.

Aveoth grunhiu.

Kelzeb acelerou seus passos e se juntou a ele enquanto passavam pelos corredores.

— Por que vamos em direção a um dos túneis dos exploradores?

— Preciso de ar fresco para limpar minha cabeça antes de voltar para Jill.

— Ficarei com você. Está pensando em encontrar um VampLycan para beijar para ver se ela reage como Jill fez?

Aveoth parou, atordoado com a pergunta.

— Não.

— Pode ser uma boa ideia. Precisa descobrir se isso é algo novo que está experimentando ou se é apenas com Jill.

— Eu não quero mais ninguém.

Compreensão surgiu no olhar constante de Kelzeb.

— Você está começando a gostar dela.

— Jill será minha companheira.

— E se não puder convencê-la a concordar?

Aveoth inalou profundamente e exalou.

— Estou determinado.

— E se isso demorar semanas ou meses? Ela parece ser uma pessoa de vontade forte.

— Espero pelo tempo que demorar. Não a deixarei ir. Ela é minha.

— Isso será interessante. Apenas não remova nenhuma das partes do meu corpo enquanto treinamos quando ficar louco por ela ter se negado.

Um sorriso curvou seus lábios.

— Combinado. Vamos esticar nossas asas.

* * *

Jill virou a página do livro que tirou da biblioteca de Aveoth. Era um clássico que amou quando criança sobre uma cidade mágica junto ao mar. O aspecto de fantasia dele apelou para ela, já que sua realidade mudou drasticamente em questão de dias.

Sua mente continuava voltando ao senhor GarLycan, no entanto.

Ela desejava poder odiar Aveoth, mas suas lembranças continuavam se reproduzindo com seus bons pontos. Ele bateu em seus sequestradores, a salvou da queda para a morte, escolheu-a sobre uma mulher Gárgula linda... e ela *gostava* da maneira como olhava para ela na maioria das vezes. Parecia um bom homem, apesar de assustador. O fato de não ser humano não diminuía sua atração.

Talvez eu tenha perdido a cabeça.

— Olá? Por favor, não se assuste. — Gritou uma voz de mulher suavemente. — Sou a mãe de Aveoth. Irei abrir sua porta.

Jill ofegou, virando a cabeça quando a porta do quarto se abriu lentamente.

Uma mulher alta, de aparência régia, usando um vestido entrou, mas imediatamente parou na porta. Seu cabelo preto e sedoso estava preso sobre sua cabeça em algumas reviravoltas intrincadas. Ela tinha a pele pálida, bonita e não parecia velha o suficiente para ter um filho adulto.

A mulher sorriu e apertou as mãos na frente da cintura.

— Meu nome é Galihia. Ficarei aqui, então não se assuste, criança. Posso perguntar seu nome?

Jill colocou o livro de lado e ficou parada.

— Jill. — Ela engoliu em seco. — Você parece ter apenas vinte e cinco anos.

— Você é muito gentil. Sou muito mais velha do que isso. Por favor, sente-se e fique confortável, como você estava. Eu queria conhecer a mulher que meu único filho trouxe para viver com ele. Minha curiosidade tirou o melhor de mim. Você é tão bonita. —Seu olhar abaixou, parecendo olhar Jill dos pés à cabeça. — E delicada! Você é adorável.

— Obrigada? — Jill não tinha certeza se isso era bom ou não.

— Estou tão feliz em encontrá-la neste quarto.

— Não tenho certeza de como responder a isso.

— Meu filho a colocou ao lado de seu quarto. Isso me diz que você é muito especial para ele. — Ela sorriu, sua beleza quase radiante. — Estou muito feliz por vocês dois.

Ela lembrou o que ele disse sobre Lane. Ele manteve sua amante em um quarto no andar inferior. Talvez a mulher pensasse tivessem se casado ou algo assim.

— Oh não. — Ela balançou a cabeça. — Acho que você teve uma ideia errada.

O sorriso de Galihia desapareceu.

— Talvez. Ainda estou feliz em conhecê-la.

Bom começo. Jill odiou ver o olhar de tristeza que sua negação colocou no rosto da mãe de Aveoth.

— Quer dizer, conheço seu filho muito recentemente. Durmo aqui e ele está lá. — Ela empurrou o polegar para o quarto adjacente que ligava seus quartos. — Nós, hum... — Ela fechou a boca. — Estou fazendo uma bagunça disso. Eu não sou como Lane. Isso é uma maneira delicada o suficiente para explicar? Eu não quero chocar você ou algo assim.

Galihia inclinou a cabeça, sorriu e depois riu. — Eu não sou uma mulher que se choca facilmente. Sou a mãe de Aveoth. Ele tende a ser brutalmente honesto e franco.

— Claro. — Jill relaxou e sentou-se. — Você gostaria de se sentar?

— Não, obrigada. Não posso ficar muito tempo. Renna e eu temos planos. Nós vamos assistir um filme juntas.

O nome a fez lembrar.

— Essa é a mulher que deveria me fazer roupas. Aveoth a mencionou.

— Ela é família para mim e Aveoth. Não sei o que faria sem ela. Ela cuida de mim.

— Ela é uma empregada contratada?

Galihia apareceu horrorizada.

— Nunca! Seu companheiro morreu e ela sabia o quanto eu estava solitária, então ela veio morar comigo. Ela é minha melhor amiga, bem como meu sangue. Você gostará dela e ela vai te amar. Ela pediu para vir comigo, mas eu não queria que enfrentasse a ira de meu filho.

Jill arqueou as sobrancelhas.

— Eu não obtive a permissão dele para vir. Não é que ele seja malvado. Meu filho tem um coração enorme e ele é um bom homem. Provavelmente queria esperar um pouco mais antes de nós sermos apresentadas. Espero não assustar você. Devemos parecer tão estranhos para você. Você sabe algo?

Demorou um segundo para descobrir o que a mãe de Aveoth provavelmente estava insinuando.

— Você quer dizer que ele é um GarLycan? Sim.

Um sorriso voltou ao rosto.

— Estou tão aliviada ao ouvir isso. Eu não queria soltar nenhum segredo, mas estou tão feliz e também que ele tenha mencionado Lane para você. Ela era uma mulher doce, mas eles não tinham uma faísca. Você entende?

— Acho que sim. Aveoth disse que eles estavam juntos, mas não eram próximos.

— Isso partiu meu coração porque eu esperava que ele estivesse menos solitário quando ela veio para cá, mas isso não aconteceu. Ele falou sobre sua infância?

— Um pouco. — Admitiu. — Eu sei que ele foi levado e mantido longe de você por seu pai. Ele disse que voou para você quando era jovem, apenas para vê-la, uma vez que não era permitido.

Ela assentiu e a tristeza entrou em seu olhar novamente.

— Meu companheiro era uma pedra cruel e sem coração. — As lágrimas encheram seus olhos azuis. — Meu filho era um bebê tão feliz, sempre sorrindo e adorava ser mimado. Então eu vi a vida escorrer dele um dia de cada vez, enquanto meu companheiro destruía a felicidade ao seu redor, até ele tirá-lo de meus braços para viver separado de mim. Você não pode imaginar a esperança e o medo que vi em seus olhos quando ele voou para mim na primeira vez, como se eu fosse rejeitá-lo também. Meu pobre bebê. Eu queria fugir com ele, mas não havia para onde ir. Abotorus nos teria rastreado até os confins da Terra. — Ela estendeu a mão e limpou as lágrimas. — Ele teria nos matado, ele me acusou de manchar o nosso filho com a emoção *patética* do amor. O melhor dia da minha vida foi quando Aveoth o matou. Eu sei que isso pode fazer você pensar mal de mim, mas vivi anos com medo dele matar meu filho. Imagine isso.

Jill mordeu o lábio e ficou de pé.

— Meu pai biológico é uma merda. Eu não penso mal de você. Costumava inventar cenários onde ele estava morrendo e precisava de um rim ou algo assim. Eu queria tanto vê-lo morrer, porque eu certamente não desistiria de uma parte do corpo para ele. Ele abandonou minha mãe quando estava grávida e enviou bandidos para ameaçá-la, já que ele estava tão envergonhado de ter me gerado.

— Pobre querida. — Galihia se aproximou, andando muito devagar. — Onde sua mãe vive?

— Ela morreu.

— Eu sinto muito. Você tem irmãos? Família próxima? — A mãe de Aveoth estendeu a mão para ela.

Jill a pegou.

— Não. Era só eu e minha mãe. Estou sozinha agora.

— Não, você não está. Você tem Aveoth e sua família. Sempre quis uma filha e agora tenho uma.

Jill a deixou ir.

— Não é assim entre nós. Nós não somos, hum... nós não... Merda. Isto é estranho.

Galihia era uma mulher alta, provavelmente quase um metro e oitenta. Ela se inclinou um pouco, curvando a cintura para fazê-lo.

— Este quarto é para a companheira do meu filho. Ele colocou você aqui. Isso significa que deve ter sentimentos fortes, querida Jill.

— Eu mal o conheço.

— Eu assisto muita televisão. Não há muito mais para Renna e eu nos divertirmos. Os homens humanos são criaturas estranhas, parecendo propensos a estupidez, infidelidade e a revelar falsidades. Meu filho não é nada semelhante a eles. Ele é inteligente, leal e honesto. Ele explicou o que é um companheiro? — Ela prosseguiu antes de dar tempo a Jill. — Ele será fiel e amoroso para você até que tome seu último suspiro. Ele sabe o que quer e é você, querida Jill. Ele não precisa de meses ou anos para decidir. Sua escolha foi feita no momento em que a trouxe para este quarto. Você não é mais uma parte do mundo humano, então precisa abrir os olhos para ver as diferenças. Entende?

— Eu sinto como se tivesse caído no buraco do coelho.

Galihia sorriu.

— Eu li esse conto para meu filho quando ele era criança.

— Ele entendeu a referência quando eu falei logo depois que nos conhecemos.

— Não deixe o medo do desconhecido dissuadi-la de ver o que está diante de você. Sou tendenciosa como sua mãe, mas também sou sincera. Aveoth é um homem incrível com um coração suave. Ele esconde suas emoções na frente dos outros porque precisa, mas para você, ele é o menino emocionalmente frágil que anseia ser amado. Entregue-se a ele e eu prometo que ele a valorizará para sempre. Abra-se para ele e ele lhe dará tudo o que ele é.

Lágrimas encheram os olhos de Jill.

— Nós somos tão diferentes.

— De verdade? Você está sozinha neste mundo. Ele se sente dessa maneira por causa de seu lugar no clã e as expectativas por ele ser um senhor. — Galihia estendeu a mão e tocou a bochecha de Jill. — Ele desejou alguém como você, querida Jill. Ele é o único que verdadeiramente tem medo de ser rejeitado. Por favor, não machuque meu filho. Você é a única chance dele de felicidade.

— Por que eu?

— Eu não entendo. — Galihia franziu a testa.

— Eu vi essa a Gárgula Winalin. Ela tirou a roupa na frente de Aveoth e ele não foi para ela. Não consigo me comparar com a aparência dela. Quer dizer, ela é uma puta. Percebi por que ele a odeia, mas poderia ter qualquer uma. Um modelo da Victoria's Secret ficaria louca por Aveoth. Não estou me desprezando, mas sou realista. Eu não chamo a atenção dos homens. Estou em forma, mas não tenho nenhum truque ou alguma beleza sobrenatural. Sou como a minha mãe. Não consigo mudar ou crescer presas. Fiquei chocada quando descobri que meu pai não era humano.

Galihia franziu a testa.

— O que é seu pai?

— Um VampLycan.

A mulher empalideceu. Isso instantaneamente alarmou Jill.

— Eu não o conheci. Como eu disse, ele era um pedaço de merda que abandonou minha mãe quando ela disse que estava grávida e enviou bandidos para ameaçá-la todos os anos, de modo que ela nunca disse a ninguém que eu era dele. Ele provavelmente estava com medo de que ela também quisesse dinheiro.

— Não é isso. — O sorriso de Galihia reapareceu, mas não encontrou seus olhos e parecia forçado. — Meu filho sabe?

— Aveoth me pegou de Decker Filmore. Esse idiota é meu avô biológico. Ele mandou idiotas para me sequestrar do meu trabalho e me trouxeram para o Alasca. Eu *realmente* odeio essa família.

— Nunca diga a ninguém que seu pai é um VampLycan. Promete-me.

— Sem problemas. Não estou exatamente entusiasmada com isso.

A mãe de Aveoth apertou as mãos de Jill. — Isso o colocará em perigo. Não é de admirar que meu filho ainda não nos tenha apresentado. Ele deve estar pensando em uma solução para lidar com isso. As Gárgulas de sangue puro em nosso clã rejeitarão definitivamente ter alguém com qualquer herança de Vampiro como sua companheira. Ele terá que matar alguns deles. — Suas feições suavizaram. — Ele deve te amar profundamente. — Seu sorriso voltou. — Você não vê? Ele escolheu você, apesar do que isso lhe causará.

— Deixa você feliz que Aveoth tenha que matar pessoas?

— Vivemos em um mundo violento. A morte é parte disso. Meu filho liquidará qualquer ameaça para você ou para seu futuro. Nunca poupe um momento de piedade por essas mortes. Seu pai precisava morrer. Há pessoas cruéis como Abotorus aqui. Aprecio a dedicação do meu filho a você, minha querida. Quantas mulheres podem reivindicar um homem que fará qualquer coisa para mantê-la segura? Ele entraria em uma guerra com seu próprio clã por você.

Jill ficou quieta, pensando nisso por vários momentos.

— Isso é sombrio, mas entendi o ponto. Você ficou irritada por eu ser parte VampLycan?

— Não. Estou feliz por ter encontrado você, querida Jill. Tudo o que importa é que você é a única que meu filho quer. Estou emocionada por tê-la encontrado e que seja sua companheira.

— Eu não sou nada dele. É muito louco pensar que isso poderia funcionar entre o seu filho e eu.

— Por quê?

A boca dela ficou aberta, mas ela a fechou, engoliu em seco e soltou as mãos da mãe de Aveoth novamente. — Eu não pertenço a esse lugar.

—Sua vida de onde você veio era feliz? Todas suas necessidades eram atendidas? Havia um homem que você amava com todo seu coração, que fazia você se sentir como se sua vida estivesse completa?

Jill ficou tentada a mentir, mas não era ela.

— Não. Minha vida é uma merda, mas eu não sentia como se tivesse sido deixada em outro universo. — Ela olhou o vestido formal da mulher. — Não vou me vestir como você. Sem ofensa. É lindo, mas não sente calor? Desconfortável?

— Você deve se tornar a companheira de nosso senhor. Isso significa que pode exigir mudanças para nossas mulheres. O meu companheiro nunca me deixou ter uma parte no clã além de ser sua reprodutora oficial. Aveoth não fará isso com você. Ele a ouvirá e irá querer que seja feliz. Faça o seu primeiro decreto oficial depois que meu filho a apresentar ao clã. Exija que nos vistamos mais casuais em público.

— Tenho certeza que isso será aceito muito bem. — Jill fez uma careta.

Galihia riu.

— Provavelmente não, mas sei *que eu* apreciaria. Então, Renna. A coisa mais difícil para ela se adaptar, uma vez que se mudou para os penhascos, foi o código de vestimenta formal que as mulheres sofrem. Temo que isto seja culpa do meu companheiro. Ele achava indecente nos mostrar aos membros aos seus clãs e decidiu que as calças diminuíam a nossa feminilidade. Aveoth simplesmente não mudou, mas você poderia convencê-lo a fazê-lo. Ele será um companheiro atencioso e dedicado a você.

Jill suspirou e sentou-se.

— Não é tão simples assim.

— Poderia ser. Aveoth é um homem incrível, como eu disse. Eu sei que sou sua mãe, mas ele poderia lhe dar muito se apenas lhe permitisse a oportunidade. A

vida aqui pode ser diferente da que você deixou, mas a mudança às vezes é a melhor coisa que pode acontecer conosco. Posso dar-lhe alguns conselhos?

Jill segurou seu olhar, considerando. Não era como se ela tivesse muitos amigos aqui e a mãe de Aveoth foi gentil com ela. — Por favor.

— Pare de pensar tanto e permita-se sentir, querida Jill. Arrisque-se. Permita meu filho em sua cama. O sangue de Lycan corre por suas veias. Uma característica que é *sempre* transmitida é bons instintos. Ouça o seu. Você sente-se atraída por ele?

— Sim.

— Tem medo dele?

— Não.

— Acha que ele iria machucá-la de alguma forma?

Jill balançou a cabeça.

— Por que o mantém longe?

— Ele tem asas e pode virar pedra. Além disso, não temos nada em comum. — Ela pensou em mencionar o beijo drogado, mas decidiu não o fazer, no caso de ter que explicar tudo. Não havia como adivinhar o que Aveoth compartilhava com sua mãe.

— Você desqualificaria um homem humano por ele ter uma cicatriz ou mancar?

Jill franziu a testa.

— Eu vejo onde você está indo com isso, mas não há comparação real entre alguém que manca e alguém que pode voar. Eles não me darão bebês morcegos. — Ela se arrependeu de dizer isso assim que as palavras saíram. — Quer dizer-...

Uma gargalhada veio de Galihia.

— Bebês morcegos? Isso é engraçado. Nossos filhos não têm asas ao nascer.

— Sinto muito. Não queria insultá-la. Você também tem asas, não é?

— Eu tenho a capacidade de voar, embora esteja um pouco enferrujada. Nunca sai das falésias. Sua falta de asas não é um problema. Eles não permitem que as mulheres saiam.

— Você não se sente como uma prisioneira?

— Não querida. Estou protegida e segura. Poderia pedir aos exploradores que me acompanhassem por um voo sobre o nosso território se realmente quiser esticar minhas asas. Você é tão jovem e não faz ideia do tipo de perigo que existe no mundo. Eu sim.

— Aveoth disse que tive a sorte de ter sobrevivido por tanto tempo, já que eu não cheiro como humana se estou sangrando.

— Você ficou ferida?

— Bati em algo e me cortei. Fiquei bem.

— Você *tem* muita sorte de estar viva. O perigo para você é grande sem proteção.

— Eu fui criado em lugares ruins. Eu sei o quão perigoso o mundo pode ser.

— Os seres humanos não são nada. — Galihia acenou com a mão. — Quero dizer isso em uma escala de perigo. Assisto sua televisão. Poderia receber dezenas de balas e sobreviver, mesmo não iriam penetrar meu corpo. Iriam ricochetear quando endurecer minha pele. Posso me ferir, mas eu me recuperaria. E também sou mais forte. Seis de seus humanos poderiam me atacar e eu venceria em uma briga.

Jill olhou para ela.

— Não nesse vestido.

Galihia riu.

— Mesmo assim, querida. Minhas asas estão presas neste vestido, então eu teria que lutar sem elas, mas imagine um punho poderoso batendo contra um humano

me atacando. Ele sentiria como se fosse atingido por um martelo. — Seu sorriso desapareceu. — Você é frágil e pode ser morta com tanta facilidade. Você está mais segura aqui.

— Embora Aveoth se preocupe com seu clã se levantar contra ele?

— Ele compartilhou isso com você?

Ela assentiu.

— Meu filho é um líder forte e o melhor espadachim deste clã. Ninguém ganhou nunca contra o meu companheiro, mas Aveoth o fez. Ele é um lutador muito qualificado. Isso por si só fez muitos repensar desafiando-o e os estúpidos morrem rapidamente aqui. Ele nunca permitirá que ninguém a machuque. Tenha fé nele. Será bom se lhe der uma chance. Sinto no meu coração que você não se arrependerá. O que tem a perder? Sua vida já mudou. Você não poderá esquecer meu filho ou ver as coisas do mesmo jeito que antes de seus olhos serem abertos para mais do que o mundo humano. Considere isso com cuidado. Você realmente ficaria mais feliz voltando para onde estava? Ou gostaria de saber o que poderá acontece ser der a meu filho uma chance?

— Você caiu no seu próprio buraco de coelho. — Galihia inclinou-se levemente, ergueu a cabeça e piscou. — Aproveite a aventura. Devo pedir licença agora.

Jill viu a mulher se virar e sair com graça de seu quarto, fechando a porta atrás dela. Ela recostou na cama e olhou para o teto, pensativa.

Capítulo Onze

Aveoth chegou aos irmãos gêmeos e sorriu.

— Obrigado por guardar Jill.

Chaz assentiu.

— Lady Galihia A visitou.

Aveoth endureceu.

— Ligarei para ela e verei o que ela quer.

— Ela pediu para conversar com sua mulher lá dentro. — Fray deu um passo para trás. — Nós não poderíamos dizer não, então a deixamos passar.

— Porra. — A raiva brotou em Aveoth.

— Desculpe. — Fray não olhou. — Ela deu sua palavra de que não prejudicaria ou perturbaria sua convidada. Você conhece sua mãe. *Você* poderia mandá-la embora?

— Ela estava aqui há cerca de vinte minutos e saiu sorrindo. — Chaz encolheu os ombros. — Ela afirmou que adora sua Jill e nos disse para dizer a você que espera que vocês dois apareçam em breve para um jantar.

— Você tem a aprovação dela. — Acrescentou Fray.

— Vocês podem ir. Agradeço terem garantindo a segurança de Jill.

Ele abriu a porta, a trancou atrás dele e subiu a escada. A porta do quarto de Jill estava fechada. Ele hesitou, o coração acelerado. Sua mãe perturbou Jill? Ele não acreditava que sim, mas depois de Winalin, Jill poderia ficar com receio de todas as mulheres nos penhascos. Ele levantou o punho e bateu. — É Aveoth.

— Entre.

Ele não hesitou. Jill estava sentada na cama. A visita não poderia ter sido muito ruim. Ela não parecia assustada nem irritada. — Os guardas que designei para guardarem a entrada disseram que minha mãe veio vê-la.

— Ela é muito legal, mas foi um choque quando me contou quem ela era.

Ele relaxou e encostou na parede apenas dentro da porta.

— Eu não fui incubado em um ovo. Mencionei ter uma mãe.

Jill sorriu.

— Foi o fato dela parecer tão nova. Ela é muito bonita, Aveoth. Gostei dela.

— Obrigada. — Ele queria ir até ela, mas se conteve. — Posso perguntar o que vocês duas conversaram?

— Muitas coisas.

Ele se encolheu.

— Espero que não tenha sido algo embaraçoso.

— Ah. Como quando você era bebê e babava muito, além de cruzar seus olhos?

O calor corou suas bochechas.

— Fiz isso?

Jill riu. — Não tenho ideia. Você tinha que ver sua cara.

Ele se afastou da parede e lentamente se aproximou dela. — Gosto quando você me provoca.

Ela ficou de pé.

— Seus olhos estão girando prata e o azul. Eles são lindos. O que está pensando?

Ele parou. — Você é a única que é linda, Jill.

— Isso é o que acontece com seus olhos quando você está excitado, não é? — Sua voz também se aprofundou.

— Posso mascarar minhas emoções se desejar. Não quero assustá-la.

— Boa evasão em responder a minha pergunta, Asas. Seus olhos estão mudando de cor. Eu gosto deles. Apenas queria saber o que você estava pensando para causar essa reação. Como foi sua reunião?

— Como esperado. Fui voar com Kelzeb e Duster depois para acalmar. As gárgulas no conselho tendem a me irritar.

— Duster é um homem?

— Sim. Ele é um explorador GarLycan e um amigo.

— Como as Gárgulas te irritaram?

— Besteira política. Eles adoram fingir que exercem mais poder do que realmente o fazem. Eu tive que lembrá-los de que estou no comando.

— Você teve que matar alguém? — Ela olhou para baixo em seu corpo.

— Não.

— Isso é um alívio. Suas roupas são pretas, mas agora posso deixar de imaginar sangue sobre elas.

Ela o divertiu e ele sorriu. — Não esta noite. — Ele notou o livro em sua cama. — Você estava lendo. Fico feliz que tenha encontrado uma maneira de passar seu tempo.

— Você realmente precisa de televisão e cabo, Aveoth.

— Providenciarei para você.

— Obrigada. Eu gosto de livros, mas sua coleção é principalmente clássica ou masculina, eu não estou realmente interessada. Tem uma tonelada de westerns e assassinatos misteriosos.

— Posso encomendar outros livros. Os exploradores vão ao correio uma vez por semana, se o tempo permitir.

— Os invernos são ásperos aqui, não são?

— Fora, sim. Dentro, estamos protegidos.

Ela fez uma careta estranha.

— O que foi?

— Você não fica maluco?

Ele balançou sua cabeça.

— Somos uma cidade construída dentro desta montanha. Você esteve fora e viu o quão alto estamos. Existem escadas e níveis a partir daqui até a base. Muitos dos meus clãs consideram os meses de inverno como férias.

— Como isso é possível? Eles ficam presos dentro de casa, certo?

— É ruim apenas nas tempestades, mas isso também significa que é impossível que outros nos ataquem. Os exploradores não precisam patrulhar com tanta frequência e eu não envio ninguém de um lado para o outro em missões.

— Que tipos de missões?

— Mencionei que existem algumas matilhas Lycan aos quais atribui guardiões. Eles vivem lá durante todo o ano para mantê-los protegidos dos ninhos de Vampiros, caçadores humanos e conter as guerras do território. Ocasionalmente pedem ajuda adicional, então eu envio reforços. Também atribuo alguns dos meus clã para ajudar os VampLycans. Por exemplo, recentemente um ninho de vampiros entrou nesta área. Nós ajudamos a lidar com eles.

— Você não queria que fossem seus vizinhos?

Ele decidiu ser completamente sincero. — Eles quebraram as leis, Jill. Sequestraram um VampLycan e muitas vidas humanas foram perdidas. Eles queriam uma guerra e conseguiram uma. Meus homens também ajudaram nos resgates quando ouvimos falar de humanos perdidos nas áreas circundantes.

— Você não tem medo de perceberem que algo é diferente sobre seu povo?

— Não. Tenho exploradores voando sobre a área quando está escuro, depois que as equipes humanas de resgate fizeram sua busca durante o dia. Podemos localizar os perdidos e depois um dos meus homens pousa, fingindo ser humano e os levar ao grupo mais próximo.

— Eu gosto que você se preocupe com os seres humanos. — Ela deu um passo mais perto, parou, então deu outro. — Acho que precisamos conversar. — Jill cruzou os braços sobre o peito e olhou para ele.

— Você parece nervosa. Sobre o que realmente quer conversar?

— Sua mãe disse algumas coisas que fizeram sentido.

— Como o que? — Ele estava mais do que curioso. — Ela tentou ajudá-la a pensar uma maneira de me convencer a leva-la de voltar para sua vida antiga? É muito perigoso, Jill. — Suas emoções variavam de raiva de sua mãe ao medo. Ele tinha certeza de que sua mãe gostaria de Jill, mas sabia que ainda teria medo de como o clã reagiria por ser humana. Sua mãe o conhecia muito bem e sabia que ele se recusaria a esterilizar Jill para evitar uma gravidez acidental. — Por favor, não me pergunte novamente. Acredito que eu poderia te fazer feliz aqui se você ficasse. Dê um tempo e conheça-me.

— Isso foi o que sua mãe disse.

Ele ficou surpreso.

— Sim?

— Minha vida nunca mais será a mesma coisa, agora que estou ciente de pessoas com superpoderes.

Ele tentou não rir.

— Superpoderes?

— Você voa e se transforma em pedra, Asas. Eu considero isso superpoderes.

— Justo. Você está disposta a nos dar tempo? É isso que está tentando dizer?

— Eu tenho perguntas e preciso que você responda. Sem evasão. Pode fazer isso?

— Sim. — Ele fez um gesto para a cama. — Podemos nos sentar? Ou você prefere ir para a sala?

— Estou bem aqui. — Ela se sentou na cama, se aproximou e apontou para ele se sentar a alguns metros do colchão.

Ele se sentou.

— Pergunte.

— Pensei que você me quisesse por apenas um tempo. Até pensei que talvez quisesse que eu tivesse apenas seu bebê, depois que mencionou que poderíamos procriar. O que Winalin deixou implícito foi que apenas planejava me manter tempo suficiente para dar à luz, então iria me mandar embora, mas sua mãe está convencida de que quer que eu seja sua companheira. Isso é verdade?

Ele gemeu. Sua mãe arruinou seu plano de ganhar lentamente a confiança de Jill. Ela queria a verdade, mas ele ficou com medo dela o odiar depois. Eles fizeram progressos. Tudo isso pode ser apagado.

As sobrancelhas se arquearam. — Seu rosto agora mesmo. Não posso dizer se está irritado ou em pânico. Ela estava errada?

Ele se recusou a mentir.

— Não, Jill. Ela não estava. Eu queria que tivéssemos mais tempo antes de falar sobre sermos companheiros.

— Uau. Certo. — Ela olhou para longe e voltou para ele. — Você não sabe nada sobre mim.

— Está errada. Você é inteligente, forte, tem uma inteligência rápida e é compassiva. Você também é bonita, corajosa e nunca senti tanta atração por outra mulher na minha vida. Eu quis protege-la e mantê-la desde o momento em que saiu daquele jato e negociou comigo para bater nos homens de Decker. — Ele sorriu, ainda gostava dessa lembrança. — A maioria das mulheres teria chorado após o que sofreram, mas você queria ver os dois sangrarem. Além disso, queria de verdade. Nenhuma vez você se afastou ou me implorou para parar de machucá-los. Você é magnífica, Jill. Eu imediatamente comecei a me apaixonar.

Ela não disse nada por longos momentos.

— Você sabe que isso é um pouco perturbador, certo? Eu tenho problemas de raiva. A maioria das pessoas não acham que é uma boa característica para se ter.

Ele riu.

— Seja o que for, é extremamente sexy para mim.

Seus lábios se curvaram um pouco e seus olhos mostraram uma centelha de humor.

— Você disse se apaixonar. Eu ouvi isso.

Ele encolheu os ombros.

— Sou parte Lycan. Nós seguimos nossos instintos. O meu deseja tornar nosso relacionamento permanente. Meu coração imediatamente se abriu para você. — Ele estendeu a mão e colocou a mão sobre seu peito. — Você já está aqui, Jill.

Seu olhar permaneceu em sua mão antes de olhar em seus olhos novamente. Ela respirou fundo.

— Aqui está o acordo. Você é incrivelmente quente. E doce. Eu tentei muito odiar você, mas não estou conseguindo fazê-lo. Acredito que o que aconteceu na noite passada com esse beijo não foi algo que você fez de propósito. Poderia ter

aproveitado e tirado vantagem, mas não fez isso. Não consigo pensar em nenhum outro homem que não teria feito isso, considerando o estado em que eu estava. Isso me faz gostar de você ainda mais. É um grande problema que você não seja humano... mas estou superando isso com bastante rapidez quanto mais tempo passo ao seu redor. — Ela terminou e apertou seus lábios.

— Você me dará uma chance, Jill? É isso que você está dizendo? — Ele abaixou a mão para a coxa, segurando-a. Ele tinha esperança.

Ela assentiu.

— Não estou pronta para fazer essa coisa de companheira ainda ou ter um bebê morcego, mas o desejo primordial de deixar você não existe mais. Sua mãe disse muitas coisas que me fizeram repensar as coisas.

— O que ela disse? — Ele silenciosamente prometeu agradecer a sua mãe na primeira oportunidade.

Jill respirou fundo e exalou. Ela se aproximou. — Não há como esquecê-lo. Pensei sobre a vida que eu tinha e como seria se você realmente me deixasse ir. Tenho certeza de que me arrependeria de não ter dado uma chance ao que existe entre nós. — Ela se aproximou mais.

Ele queria estender a mão, agarrá-la e colocá-la em seu colo, mas se conteve. Ela estava indo até ele. Apenas precisava de paciência. Faria isso por sua Jill. Ela parou com apenas alguns centímetros entre eles. Ela abaixou a cabeça, parecendo estar olhando para o colo.

— Posso abraçar você? — Ele realmente queria.

Ela ergueu a cabeça e ele não conseguiu afastar os olhos azuis pálidos.

— Minha vida não foi fácil por causa de Decon Filmore. Minha mãe e eu nos mudamos toda vez que ele nos encontrou. Ela sempre temia que esses bandidos me matassem. Fim do problema. Você vê as notícias. Alguns homens matam seus próprios filhos para evitar o pagamento de pensão ou porque eles se casam. Ter um filho bastardo causa problemas em seu novo casamento. É de sangue frio, mas

estamos falando de um idiota que jurou que amar minha mãe, então a deixou cair como uma sacola de lixo na calçada quando ela engravidou. Ele não era um bom homem.

— Foi difícil para nós duas, vivermos dessa maneira. Eu fazia amigos, mas depois não me atrevia a contatá-los novamente uma vez que fugimos. E se os bandidos conversassem com eles, mentisse para levá-los a falar nosso novo endereço? Eles sempre nos encontravam, mas geralmente podíamos relaxar por um tempo em um novo lugar. Sabe? Depois de um tempo, fazer bons amigos simplesmente não valia a pena, sabendo que os perderia. Eu tinha pessoas com quem eu trabalhava, vizinhos, mas me mantive emocionalmente distante, pois o cuidado significava dor.

Ele não podia imaginar a total solidão da qual falava. Ele sempre teve Kelzeb. Sua infância foi dura, mas seu melhor amigo sempre esteve ao seu lado. Havia outros também, em quem ele confiava e cresceu com eles. Duster. Fray. Chaz.

Ele estendeu a mão e colocou o braço ao redor dela. Ela não resistiu quando ele a aproximou até se inclinar contra ele, sua bochecha pressionada em seu peito. Ele abaixou o queixo até o topo da cabeça e colocou um beijo lá.

— Pensei que a vida não poderia piorar... até minha mãe morrer. Isso me atingiu como uma tonelada de tijolos. Eu não tinha ninguém. Eu a cremei, pois era tudo o que podia pagar. Levei suas cinzas para casa em nosso apartamento pensando no dia que também iria morrer. Ninguém iria pagar para que fosse cremada. Suas cinzas provavelmente seriam jogadas no lixo, já que eu não poderia levar para outro lugar. Você nunca pode economizar dinheiro quando está fugindo. Cada centavo pode significar vida ou morte se tiver que fugir de repente, então você não desperdiça. Sem mencionar, se eu a colocasse em algum lugar permanente, iria visitá-la sempre então poderia ser encontrada. Eu não tinha ideia se Decon me mataria uma vez que ele descobrisse que ela morreu. Como se talvez ele sentisse que perdeu o controle, agora que não tinha nada a perder, indo legalmente atrás dele por dinheiro.

Ele odiava a forma como a voz dela engasgava e podia sentir o cheiro de lágrimas. Ele envolveu seus dois braços ao redor dela, segurando-a forte.

— Você ainda tem as cinzas?

— Sim.

— Vamos recuperá-las e trazê-las aqui, Jill. Nós guardamos nossos mortos. Ela terá um lugar de honra no nosso cemitério que será seguro para você visitar sempre que desejar. — Eles não chamavam assim, mas ele sabia que os humanos o faziam. Era um lugar de descanso para os mortos.

Ela fungou.

— Obrigada. O que estou tentando dizer é que sempre quis encontrar alguém para amar e esperava que também me amassem. Mas um parceiro de vida era apenas uma fantasia sem esperança, já que eu sabia que alguém iria me mandar embora assim que descobrisse o doador de esperma e seus bandidos. Em vez disso, você bateu nos seus homens e os enviou de volta. Então... não posso desperdiçar uma chance de ser feliz apenas porque tenho medo. Enfrentei todos os outros desafios na vida, então posso fazê-lo novamente. E você não é humano? Eu não me importo mais com isso. Apenas não parta meu coração, Asas. Estou disposta a nos dar uma chance, para descobrirmos o que podemos ter.

— Você não irá se arrepender. — Ele sorriu. — Dou a minha palavra de honra.

Ela se virou para ele e deslizou os braços em volta da cintura, segurando-o. Ele fechou os olhos e sentiu suas próprias lágrimas inundarem suas pálpebras. Ele era estranho. Mas Jill ficaria com ele.

— Eu farei você feliz, Jill.

Ela fungou. — Precisamos fazer sexo.

Seus olhos abriram-se e seu corpo respondeu instantaneamente.

— Estou muito disposto a aceitar isso.

Ela riu, mantendo sua cabeça inclinada.

— Eu aposto que sim. Devemos descobrir se somos compatíveis. O sexo é importante em um relacionamento se ele for funcionar.

— Nós somos compatíveis. — Ele não tinha dúvidas.

Ela finalmente levantou a cabeça e olhou para ele. Suas bochechas estavam um pouco rosadas. Ela era adorável. Discutir sexo a deixou ruborizada. Ele gostava muito disso.

— Você é grande, Aveoth. Eu nunca esquecerei que me fez olhar para provar seu ponto. Definitivamente sentirei isso.

Ele adorava ouvir seu nome em seus lábios.

— Serei gentil.

— Um grande gigante gentil?

— Serei tudo o que você precisar, Jill.

Ela lambeu os lábios.

— Serei drogada novamente se me beijar?

— Eu não sei. Posso evitar te beijar.

— Eu aceitaria uma repetição do que aconteceu quando me beijou, pelo menos, desta vez, eu sei no que estou entrando. Além disso, o sexo sempre é estranho na primeira vez. Pelo menos na minha experiência. Não sou virgem, mas admito que não tive relações de longo prazo. Meu único namorado durou apenas um mês antes de mamãe e eu sermos encontradas, então tivemos que nos mudar. Essa droga ajudará a quebrar o gelo. Desta vez, iremos até o fim.

Ele procurou seus olhos.

— Você tem certeza?

— Sim. Absolutamente. Apenas não esqueça que não quero engravidar e eu não sei como será, apenas li livros de shifters. Sexo e mordida vem juntos?

— Um pouco.

Ela assentiu. — Não morda então.

— Posso fazer isso. Você toma algum contraceptivo humano?

— Não. Não consegui pagar cuidados de saúde em mais de um ano e não tive tempo de passar um dia em uma clínica gratuita. Você tem preservativos? Funcionam com GarLycans?

— Não tenho nada, mas tenho certeza de que Kelzeb pode encontrar algum para mim.

Ela ruborizou novamente. — Precisa dizer a ele?

Ele pensou sobre isso. — Conheço alguém discreto. Vou ligar e perguntar a ele.

— Obrigada.

Ele a soltou com cuidado e ficou de pé, odiando deixá-la ir.

— Preservativos. Volto já. Por favor, não mude de opinião.

— Eu não vou. Vou tomar um banho rápido e te espero na minha cama. Certo?

— *Minha* cama. Eu quero você lá.

Ela sorriu.

— Então, sua cama.

— Vou me apressar. Isso não demorará muito.

Ele caminhou em direção à sua porta, pegando o celular. Ele a ouviu rir, mas apenas sorriu. Era um homem com uma missão e Jill o queria. Seu dia melhorou e muito.

Ele foi à sala de estar e entrou em contato com o GarLycan que teria os preservativos.

— Meu senhor, você precisa de Chaz e eu para proteger sua casa novamente?

Ele limpou a garganta. — Você tem preservativos?

Fray não hesitou.

— Sim.

— Eu preciso deles.

— Pegarei uma caixa e levarei até você.

— Não conte a ninguém. Preciso do seu silêncio.

— Não há problema, meu senhor. Estarei na sua porta inferior em cinco minutos.

Aveoth terminou a ligação e sorriu. Jill seria dele. Ele a seduziria, convenceria de que ele era o homem certo para ela e quando estivesse pronta, seria sua companheira. Ele lidaria com o clã mais tarde. Não importava quem tivesse que matar para mantê-la.

Ele correu para a escada e destrancou a porta, ficando do lado de fora enquanto esperava. Minutos se passaram antes que ele ouvisse passos na pedra. Ele enfrentou Fray quando ele virou a esquina. Um enorme sorriso adornava o rosto do homem. Ele parou perto de Aveoth, abriu a capa que usava e ofereceu-lhe uma caixa preta com letras douradas.

Aveoth a pegou.

— Obrigada.

— Tudo bem. Você já os usou?

— Faz muito tempo.

— Basta abrir a embalagem, tirar o preservativo, rolar sobre seu eixo e jogá-lo fora logo depois. Não se deixe amolecer ou irá derramar.

Aveoth assentiu.

— Então não mudou muito ao longo dos anos.

Fray colocou as mãos nos quadris.

— Eles vêm em tamanhos diferentes agora. Estes nos servem melhor.

— Isso é bom saber.

— Depois trago mais. Posso fazer uma viagem ao posto de gasolina de Velder. Eles sempre os mantêm em estoque.

— Agradeço. Não chamará muita atenção?

— Não *comigo* comprando. Eu gosto de humanas, então não é incomum para mim manter um estoque de preservativos. Elas engravidam facilmente.

Uma emoção que Aveoth não conseguiu ler apareceu no rosto de Fray.

— O que você está pensando?

— Nada, meu senhor.

Aveoth estreitou os olhos.

— Responda. — Era uma ordem.

— Eu esperava que tivesse encontrado sua companheira.

— Eu o fiz, mas isso é entre nós.

— Então por que o preservativo? Ah merda. Não é da minha conta. Desculpa.

— Nosso relacionamento é recente. Jill acabou de descobrir sobre nossa espécie. Ela precisa de mais tempo antes de adicionar algo na mistura.

— Isso é inteligente.

Aveoth inclinou a cabeça.

Fray encolheu os ombros.

— Desculpe novamente. Minha boca me deixa com problemas sempre. — Ele curvou-se.

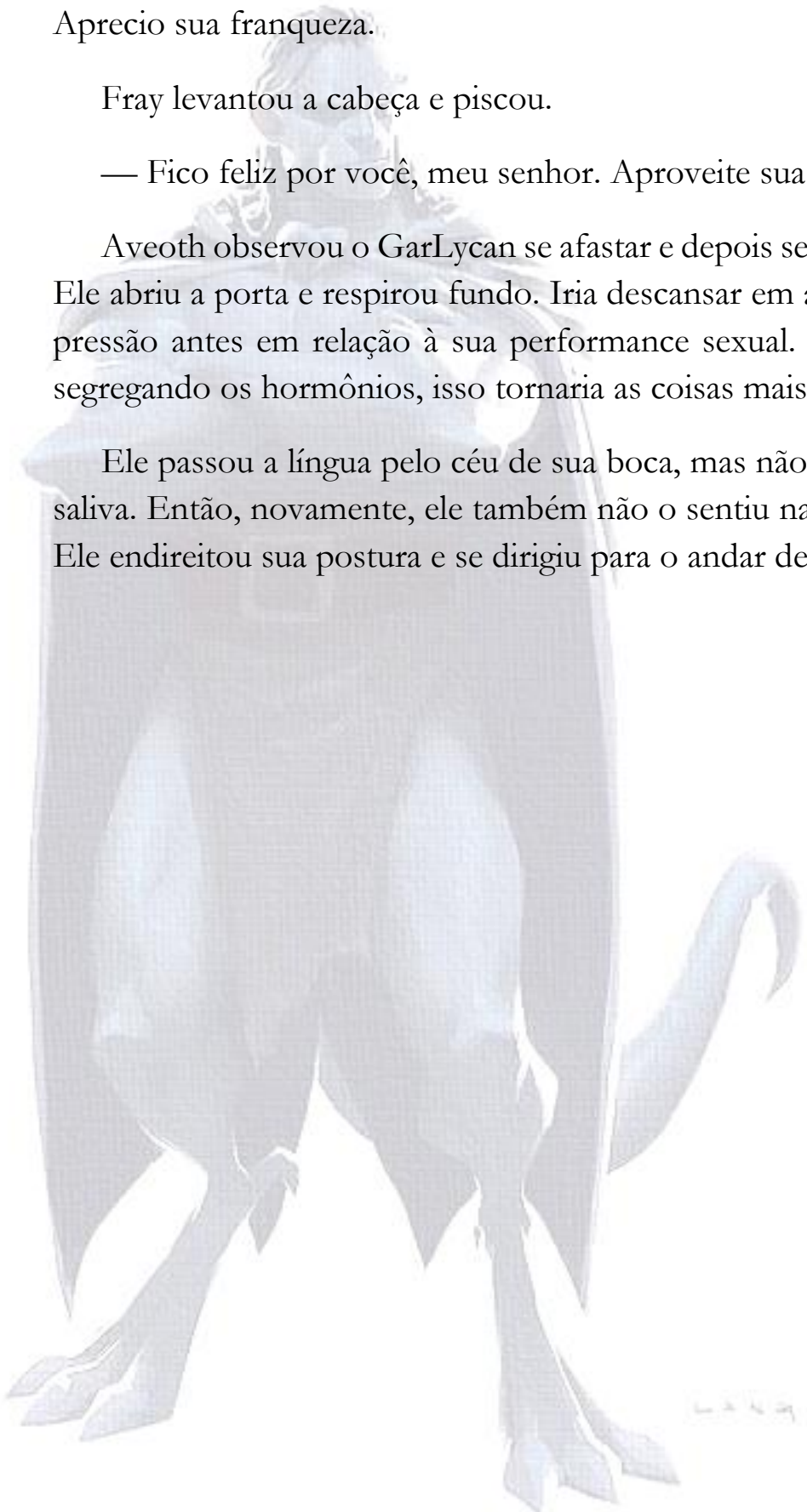
— Não se preocupe com isso. Sempre sei onde estou com você e seu irmão. Aprecio sua franqueza.

Fray levantou a cabeça e piscou.

— Fico feliz por você, meu senhor. Aproveite sua noite.

Aveoth observou o GarLycan se afastar e depois se virou, entrando em sua casa. Ele abriu a porta e respirou fundo. Iria descansar em algumas horas. Nunca sentiu pressão antes em relação à sua performance sexual. Claro, se ele ainda estivesse segregando os hormônios, isso tornaria as coisas mais suaves.

Ele passou a língua pelo céu de sua boca, mas não podia saborear nada em sua saliva. Então, novamente, ele também não o sentiu na noite anterior. — Porra. — Ele endireitou sua postura e se dirigiu para o andar de cima. — Que seja perfeito.



Capítulo Doze

Jill sentia-se extremamente nervosa. Ela tomou banho, se secou o mais rápido possível e depois subiu no meio da enorme cama de Aveoth. Havia uma pilha de travesseiros atrás dela, onde estava sentada, apoiada contra eles. No começo, ela jogou os lençóis ao redor, expondo seu corpo nu, mas então se lembrou da cadela Winalin. Essa falta de perfeição que ela viu a fez puxar as cobertas até os seios.

— Não é uma competição. Eu não sou uma puta esnobe.

— Com quem você está falando?

Jill saltou e virou a cabeça.

— Você não fez nenhum som. Não o ouvi chegar.

Aveoth caminhou até o lado da cama. Seus olhos estavam fazendo aquela coisa girando, principalmente prata. Era muito sexy.

— Quem te chamou de uma puta esnobe? — Ele parecia com raiva.

— Ninguém. Eu estava pensando em Winalin.

— Por quê? — Ele franziu o cenho.

— Ela pode ser uma pessoa horrível, mas ela tem um corpo muito bonito.

— Eu não percebi. — Seu olhar abaixou até seu peito, onde ela segurava o lençol para esconder seus seios. — Não há necessidade de se esconder.

— Eu gosto de honestidade em um homem, Aveoth. Não há como você não ter percebido que Winalin é perfeita. Ela tem uma beleza sobrenatural. Os produtores de pornografia matariam para tê-la na folha de pagamento. Homens pagariam uma fortuna para vê-la em um pôster.

Ele riu.

— Estou com vergonha de dizer que entendi isso. Ela faria isso para os humanos, hein?

— Sim.

— Bom, eu não sou um. — Ele se inclinou a mesa de noite e colocou uma grande caixa de preservativos. — Ela apenas me irrita. — Seu olhar foi para ela. — Não se compare com ela. É um insulto que não permitirei. Você é mil vezes mais atraente em todos os sentidos.

Ela olhou os preservativos. — Você os pegou.

— Claro. — Ele se virou para ela. — O que tornaria isso mais confortável para você, Jill?

— Beije-me.

— Sim. — Ele de repente girou e atravessou a sala. — Irei iluminar o quarto.

Ela o observou quando ele se curvou perto da lareira no canto e acendeu. As chamas aumentando quando os troncos se incendiaram e então ele ficou de pé, rapidamente se movendo para apagar a maioria das luzes. Ele foi ao armário ao longo de uma parede, abriu e tirou velas. Ela sorriu quando as acendeu, colocando-as em várias superfícies perto da cama.

Ele era romântico. Isso a surpreendeu e encantou-a.

Ele finalmente voltou para cama. Ela podia vê-lo bem o bastante, mas tinha que admitir que a iluminação fraca a ajudava a relaxar um pouco.

— Melhor?

— Sim.

— Relaxe, Jill. Você quase parece assustada. Eu prometo prazer.

— Todos os homens dizem isso.

— Eu não sou um homem.

Ele era seu malvado Garlycan. Um senhor do seu clã. Com asas. Ela assentiu. — Tire. — Ela empurrou as cobertas para revelar seus peitos.

Ele grunhiu, seu olhar fascinante fixando-os. — Bonita.

— Estou bem apegada a eles. — Ela provocou.

— Eu também estou bem. — Sua voz ficou rouca quando quase rasgou sua camisa.

Ela admirava seu peito. O homem tinha muitos músculos. Ele era gostoso e visão a deixou tonta. Ele se curvou, tirando as botas. Ele apenas as jogou de lado, depois se endireitou, ambas as mãos indo para a frente de sua calça. Então, ele a provocou, enquanto lentamente a desabotoava.

Ela olhou para cima, seu olhar aquecido, prata e azul piscando sobre seu rosto. Ele os afastou e ela rompeu o contato visual.

O homem era grande. Ela já tinha o visto, quando ele mostrou naquela manhã, mas ele parecia ainda maior agora, mais grosso e ela engoliu em seco. Havia aquele ditado sobre o maior ser melhor. Ela realmente esperava que isso fosse verdade.

Ele jogou a calça de lado e curvou-se novamente, colocando as mãos na cama. Ela olhou nos olhos dele enquanto se arrastava para ela.

— Não fique assustada. — Ele brincou. — Vamos levar as coisas devagar.

Ela lambeu os lábios e empurrou o lençol totalmente fora do caminho para que não ficassem entre eles.

— Não estou com medo. Lembre-se do que eu disse sobre a primeira vez ser estranha?

— Como posso remediar isso? — Ele se estendeu ao lado dela, o colchão afundando com seu peso.

Ela precisou se inclinar um pouco para não cair contra ele. — Beije-me. Isso deve resolver. Você é realmente bom com sua boca. — Uma lembrança brilhou em

sua mente, com seu rosto entre suas pernas. Isso ajudou a excitá-la mais. O homem quase a deixou em coma enquanto a lambia.

— Gostaria de evitar isso no caso de os hormônios ainda estarem presentes. Quero sua mente clara quando fizer amor com você, Jill.

— Isso é doce. Realmente. —Ela estendeu a mão e passou pela bochecha, depois em seu cabelo. Sua pele estava quente e seu cabelo preto era sedoso ao toque. —Mas estava quente em mais maneiras do que apenas meu corpo sentindo como se estivesse queimando vivo por dentro. Minha mente está clara agora quando eu digo que eu quero você, Aveoth. Por favor me beije. Eu não sou de gostar de drogas, mas eu poderia ficar viciada nessas que você produz. Eu quero ela... *e* você.

— Eu não posso resistir a você, Jill. — Ele se sentou um pouco, inclinou-se mais perto e olhou-a profundamente nos olhos dela. — Você tem certeza?

— Sim. Basta lembrar o preservativo. Não pude somar uma sentença na noite passada. Era tudo sobre o desejo do meu corpo por você me tocar. Eu queria você dentro de mim tanto. Realmente posso implorar, mas me proteja, certo? Sem bebês morcego.

Um sorriso fantasma seus lábios.

— Você tem minha palavra.

Ele se inclinou e Jill fechou os olhos. Seus lábios levemente roçaram os dela. Ela estendeu a mão, apertou os ombros e separou os lábios. Ele deslizou a língua entre eles, aprofundando o beijo. Ele também envolveu sua mão ao redor de sua cintura e puxou-a para a cama. Ele ficou de costas e moveu-a mais longe, fora dos travesseiros. Então ele desceu parcialmente sobre ela.

As sensações a inundaram. Seu peito estava quente, firme contra seus seios. Seus mamilos ficaram tensos e sensíveis. Ele deslocou seu peso e ela estava bastante certa de ter usado o braço livre para afastar os travesseiros. Os sinais reveladores da droga atingiram rapidamente. Seu corpo ficou inflamado por dentro, como se tivesse febre. Seu clitóris começou a latejar e ela abriu as pernas, consciente de que

o sentimento apenas aumentaria. Ela gemeu contra sua língua e deslizou as mãos para as costas dele, cravando as unhas ao longo de sua pele.

Ele grunhiu, seu peito vibrando contra o dela. Ela virou o corpo um pouco, jogando uma perna sobre o traseiro e tentando dizer-lhe que o queria completamente em cima dela, não apenas pressionando parcialmente contra ela. Ele pareceu entender e rompeu o beijo, se levantando. Jill abriu os olhos.

Os olhos de Aveoth eram de prata pura agora, brilhando e eles lembravam o líquido derretido em uma concha. A prata clara girava, como se estivesse sendo agitada.

— Você é incrível.

— A droga ainda está presente. Sinto muito.

— Eu não. — Olhar nos olhos dele ajudava a se concentrar neles em vez das reações do corpo. — Estou doendo por você. Não precisamos de preliminares se isso continuar acontecendo. Ela arqueou os quadris, abrindo mais as pernas. — Estou pronta.

Ele colocou a mão na coxa e a subiu levemente.

— Deixe-me ver.

Ela gemeu, mas ficou olhando nos olhos dele. Ele hesitou antes de tocar sua boceta... mas ele simplesmente descansou sua mão sobre ela, não fazendo mais nada.

— Por favor! Não me faça implorar, Asas. Isso vai me irritar. — Ela curvou os quadris.

Ele sorriu.

— Eu nunca desejaria isso, minha bela Jill. — Ele esfregou, deslizando sua mão sobre o clitóris e a fenda. Sua expressão mudou em um instante e um estrondo profundo saiu de seu peito. — Você ainda não está pronta para mim.

— Estou encharcada. Sofrendo. Eu preciso de você! — Ela fechou os olhos. No segundo que ela o fez, seu corpo queimou com mais calor. Ela empurrou as unhas contra ele, bombeando os quadris contra a mão em desespero para gozar.

Ele grunhiu e deslizou a mão mais alto, depois para baixo. Um de seus dedos entrou nela profundamente. Ela gemeu mais alto. Parecia maravilhoso. Ela se contorceu, querendo mais. Aveoth deu a ela. Ele moveu a mão, fodendo-a com o dedo e usando a palma para pressionar contra o clitóris. Ele acelerou o ritmo até que arqueou suas costas, gritando seu nome quando ela gozou forte.

Ele afastou a mão e de repente não estava mais com ela. Ela ofegou, tentando recuperar o fôlego. Ela abriu os olhos e virou a cabeça, vendo as costas dele. Ele estava abrindo a caixa na mesa de cabeceira. Ela o ouviu amaldiçoar, o som de papel rasgando e então ele estava de volta. Ela abriu seu corpo para ele enquanto ele se acomodava. Seus olhos ainda estavam prateados, vivos com todos aqueles redemoinhos e o azul brilhante piscava também. Como se fossem raios. Ele se encaixou e levantou as pernas dela, envolvendo-as ao redor de seus quadris. Ele era um homem grande. Poderia ser alarmante se a necessidade de ser fodida não fosse tão forte.

Ele passou uma mão entre eles. Ela não olhou para baixo, não estava disposta a romper o contato visual. Os seus olhos eram fascinantes. *Bonito. Mágico. Surpreendente.* Ele poderia ser uma das maravilhas do mundo, tudo por causa de seus olhos.

— Você é minha, Jill. Não vou mordê-la, mas você é minha. — Ele disse.

Ela sentiu a ponta grossa de seu pau pressionar contra sua boceta. Ele empurrou para frente, entrando com cuidado. Ela fechou os olhos, gemendo. Ele era tão grande. Ela podia sentir seu corpo recebendo-o, mas era um ajuste apertado.

Aveoth estava suando. Jill sentiu-se tão frágil sob ele e ele estava com medo de machucá-la se fosse rápido demais. Ele empurrou seu pau um pouco mais e gemeu. Ela era pequena, mas se encaixava perfeitamente em volta de seu eixo. Ele teve o cuidado de manter a maior parte de seu peso sobre ela, usando apenas o suficiente para mantê-la presa. Ele precisava controlar os movimentos dele e os seus.

Ele saiu um pouco e empurrou mais fundo. Ela estava tão molhada, quente e acolhedora. Todos esses instintos Lycan que ele mantinha presos batiam em seu interior para serem libertados. *Minha companheira. Morda. Marque-a para que todos saibam que ela é minha!*

Os gemidos e a forma como ela envolveu as pernas ao redor dele, combinados com o prazer de estar dentro dela, quase o fizeram perder controle. Suas gengivas doeram quando suas presas se alongaram e a pele sobre as asas inchou, ameaçando se abrir para permitir que saíssem. Cada centímetro de sua pele a sentia enquanto ele empurrava dentro de sua boceta de forma mais profunda, fodendo-a lentamente. Centímetro a centímetro, seu corpo se ajustava a ele, até que entrou completamente dentro dela. Ele congelou ali.

— Sim! — Ela cravou suas unhas na pele ao longo de suas costas, perto de seus ombros. Ela curvou os quadris, pedindo-lhe que se movesse. — Aveoth!

Ele se retirou e começou a empurrar. Ela era perfeita, puro prazer e sua semente ameaçou se derramar ao som de seus gemidos cada vez mais altos. Suas unhas curtas estavam aranhando sua pele, seus mamilos duros esfregando contra seu peito enquanto ele se movia um pouco mais rápido contra ela.

Seus músculos se apertaram ainda mais ao redor de seu eixo e ela gritou, chegando ao clímax. Ele parou de tentar segurar seu próprio prazer e a seguiu. Ele perdeu a cabeça no êxtase cego e quente percorreu por seu corpo.

Todo o controle escorregou, as boas intenções se foram.

A névoa dissipou quando parou de soltar sua semente no preservativo protegendo sua Jill de uma gravidez. O gosto delicioso de seu sangue estava em sua língua... e ele percebeu que seu rosto estava enterrado em sua garganta.

Aveoth ficou horrorizado e gentilmente, retirou as pontas das presas de sua pele. Ele lambeu freneticamente, esperando que não a tivesse machucado e que curasse sua pele. Ergueu a cabeça o suficiente para ver a ferida, ficou aliviado por ser apenas duas marcas de punção e que ele não a machucou.

Ele mordeu a língua, não se importando com o dano e a lambeu novamente para cobrir as mordidas com o sangue dele. Funcionou em sua testa. Ele se afastou novamente, observando-os de perto.

Jill acariciou seu cabelo com uma mão, suas pernas ainda estavam ao redor dele e ela estava respirando forte sob ele. Ela fez um pequeno barulho, mas não parecia dolorida. Ele ousou olhar seu rosto então. Prazer percorreu-o pela segunda vez quando sorriu. As pupilas dela estavam um pouco dilatadas, o rubor da pele e a outra mão roçando contra a asa, a ponta dos dedos acariciando a área onde elas se ligavam ao seu corpo...

Porra! Ele rompeu o contato visual com ela para olhar seu braço. Sua pele estava um pouco acinzentada, mas ele não mudou demais. Entrou em pânico até que se lembrou do preservativo. Jill estava ao menos segura a esse respeito.

Os instintos não serão negados, não importa quão forte você seja.

A advertência de sua mãe, uma que ela lhe fez inúmeras vezes, ecoou dentro de sua cabeça.

Merda, mãe. Ele tentou acasalar com Jill, apesar de planejar falar sobre isso no momento certo.

Jill moveu os quadris e gemeu. — Mais.

Ela estava sob a influência do hormônio que ele secretava. Era provavelmente por isso que ela não estava furiosa com ele por mordê-la ou fodê-la com as asas para fora. Ele olhou nos olhos dela. A luxúria e o desejo estavam lá. Ela agarrou-o com as unhas e apertou seus ombros, esfregando sua boceta contra ele.

— Por favor, Aveoth. — Ela lutou debaixo dele, tentando freneticamente que ele a fodesse.

Ele queria, mas temia que o preservativo se rompesse soltasse os produtos químicos do acasalamento que estavam presentes em seu esperma quando movesse seu pau dentro dela.

Ela protestou, lutando contra ele. Ele tinha medo de machucá-la se tivesse que forçá-la a relaxar os membros. Ele olhou nos olhos dela, usando se dom de uma maneira que raramente fazia. Ele se concentrou muito e empurrou sua mente para alcançá-la.

— Deixe-me ir, Jill.

Ela ficou imóvel debaixo dele. Lentamente, ela abriu as pernas para que não estivessem ao redor dele e seus braços caíram para trás, então ficaram de lado cama sobre sua cabeça.

Ele odiava o modo como sua respiração diminuiu enquanto ela olhava para seus olhos, toda emoção apagada de seu rosto. Aveoth moveu-se rapidamente, deslizando pelo seu corpo e ele soube o momento em que o controle foi rompido, quando ele desviou o olhar dela. Ela tentou sentar-se, agarrando os braços.

Ele segurou suas pernas com as mãos e a manteve na cama, enterrando o rosto entre as coxas dela. Ela gritou quando colocou a boca contra o clitóris e lambeu. Suas mãos foram para seus cabelos e ela gemeu alto.

Ele a fez gozar mais vezes, até que ela ficou relaxada.

Aveoth ergueu a cabeça, lambendo os lábios. Seu gosto era viciante como o inferno. Ele quase lamentava ter desistido. Observou seu rosto tranquilo enquanto dormia e depois se sentou. O preservativo ainda estava preso desde que seu pau não suavizou. A visão o fez fazer uma careta quando ele se abaixou para removê-lo com cuidado. Estava uma bagunça, já que ele encheu a maldita coisa com sua semente.

Ele saiu da cama, mas parou um momento para cobrir Jill, já que suas pernas ainda estavam abertas. Ela parecia vulnerável sem ele sobre ela e não podia sair, mesmo ir ao banheiro com ela nesse estado. Ele correu para lá para jogar o preservativo no lixo e lavar seu eixo rígido. Podia sentir o cheiro da diferença em seu sêmen, precisava remover todo o vestígio de seu corpo. Não havia dúvida agora de que ele segregou os produtos químicos do acasalamento.

Ele retornou suas asas dentro de seu corpo e molhou uma toalha para lavar o sangue de suas costas, de quando suas asas rasgou a pele. Ele correu para o quarto para verificar a garganta de Jill. A única evidência da mordida era sua saliva ensanguentada secando sua pele. Ele observou, tendo certeza de não ter tirado muito sangue dela, já que sua coloração era boa. Ele ajustou seu corpo debaixo do lençol que jogou sobre ela, então deitou-se de lado, puxando-a contra ele, segurando-a com força.

Ele poderia tê-la machucado. Isso suavizou sua luxúria e seu pau latejante se acalmou, acabando por suavizar.

— Sinto muito, amor. Prometi não morder.

Ela dormia pacificamente, respirando devagar e firme. Ele beijou o topo de sua cabeça. Sentia-se pequena e frágil em seus braços. Ele provavelmente deveria limpá-la enquanto dormia, então ficaria mais confortável, mas precisava segurar sua companheira. Incomodou-o o tecido entre eles, então o puxou cuidadosamente, colocando sua pele contra a dela. Ele queria mantê-la quente e segura. Também esperava que o hormônio deixasse de ser produzido toda vez que ele a beijasse.

O telefone na mesa de cabeceira vibrou um pouco mais tarde e ele rolou, alcançando. Um rápido olhar para a tela revelou que era Kelzeb. — O que?

— Apenas dei uma surra em Elco. Pensei que você gostaria de saber.

Aveoth suspirou. — O que ele fez para irritá-lo?

— Ele veio a mim falar sobre você negar sua irmã e escolher uma humana, desde que eu sou seu conselheiro. Mantive a calma até que ele começou a lançar ameaças e mencionou que o Conselho Gárgula está do seu lado. O bastardo tem falado com eles.

Aveoth não ficou surpreso. — Quão irritado você estava?

— Ele vai viver, mas não sairá de seu quarto por alguns dias. A conversa com o conselho não adiantou. —Kelzeb suspirou. — Eles estão conspirando, Aveoth. *Eles* podem estar quietos, mas Elco é um idiota. Ele implicou que vão forçá-lo a

desistir em público. E o filho recém-nascido de Tork será apresentado ao clã amanhã...

Aveoth apertou os dentes. — Esqueci disso com tudo o que está acontecendo.

— Eu imaginei. Manipulei todos os detalhes de última hora. Às três horas. Espero que não se importe, mas parei na casa de Renna mais cedo e lhe dei uma descrição geral de sua Jill. Um vestido estará pronto para o evento, mas ela gostaria de realmente medi-la. Você pode levá-la lá agora?

Ele virou a cabeça, olhando para Jill dormindo.

— Não. Na primeira hora da manhã.

— Agora seria melhor.

— Ela está dormindo ao meu lado. Ainda estou segregando hormônios quando a beijo. Espero que pare, agora que meu corpo acredita que a acasalei.

Kelzeb hesitou.

— O que isso significa?

— Use sua imaginação. Eu estava usando um preservativo, porém, então o vínculo não aconteceu.

— Merda. Que bom, hein? — Diversão encheu sua voz. — Assumo que você se deixou levar, porque duvido que queria parecer uma Gárgula durante o sexo com ela. Isso a assustou?

— Não. O hormônio ajudou. Ela estava focada em outras coisas.

Seu amigo riu.

— Fique com ela. A merda está batendo no ventilador. Torne oficial amanhã após a cerimônia do bebê. Teremos dois novos no clã em vez de um. Dessa forma, ninguém mais poderá reclamar sobre ela. Será um acordo feito.

— Eles ainda lamentarão.

Kelzeb riu completamente.

— É verdade, meu amigo. Mas não terei que ouvir ninguém me pedir para fazer você repensar ter Jill em sua casa. Mas com certeza teremos alguns problemas. Estaremos com você se o conselho decidir desafiá-lo.

— Agradeço.

— Ninguém quer Kado e seu grupo no comando. Mais uma coisa.

— O que? — Aveoth rolou, observando Jill dormir. Parecia calma.

— Hawk me parou no corredor no caminho para casa antes de chutar o traseiro de Elco. Parece que Gorzak foi abordado pelo conselho para desafiar você pela liderança.

Aveoth sentiu tristeza. A Gárgula havia perdido sua companheira Lycan há alguns anos e ficou isolado. Eles o tiraram do seu sossego.

— Isso foi baixo, ir a um homem que sente que não tem nada a perder.

— Hawk ficou chateado. Eles são bons amigos e sentiu que estavam tentando tirar proveito de seu sofrimento. Gorzak ordenou que eles deixassem sua casa.

— Ele não se importa o suficiente para lutar por qualquer coisa. Eles também se aproximaram de Hawk?

— Ele acha que sabem que não funcionaria. Ele diz que teria desafiado quem se aproximasse dele... e teria lhe entregado sua cabeça como um presente. Vejo de onde Chaz e Fray conseguiram seu senso de humor retorcido. Ele pareceu desapontado que não o chamaram para conspirar para que ele pudesse matar alguém.

— Ele ainda está lidando com seu próprio sofrimento de um amigo perdido.

— Verdade. Eu deixarei você ir. Falaremos de manhã.

— Obrigado. — Aveoth desligou. Ele foi colocar o telefone na mesa, mas depois fez outra ligação. Sua mãe respondeu no quinto toque.

— Eu odeio essa invenção. Meu filho não pode falar comigo cara a cara?

Ele sorriu, mas seu humor desapareceu rapidamente.

— Você veio ver minha Jill. Por quê?

— Você não a trouxe para mim. Eu a aprovo. Não que isso importasse, mas eu sim. Ela é doce e corajosa.

— Ela é muito mais do que isso. No entanto, não era o momento certo de você conhecê-la.

— Você está errado. Meu time foi perfeito. Ela precisava conversar com uma mulher.

Ele tinha que admitir sua sabedoria.

— Obrigada. Ela está me dando a chance de mostrar o que somos um para o outro.

— Fico feliz, meu filho. Renna e eu estamos fazendo um vestido para ela agora para o evento de boas-vindas de amanhã. Vamos fazê-lo especial, caso você a anuncie como sua companheira.

Ele não pode deixar de sorrir.

— Obrigada. Eu preciso ir. Eu te amo.

— Eu também te amo, mas precisamos discutir mais uma coisa antes de terminar esta ligação.

— O que?

— Diga-lhe a verdade sobre você, meu filho. Tudo. Conheço seu segredo. Ela também deve conhecer.

Seu coração acelerou e ele gentilmente se afastou da cama, entrando no banheiro. Ele fechou a porta. — Ela lhe contou quem é seu pai?

— Sim. Ele saiu na conversa. Ela me prometeu que não contaria a mais ninguém. Eu expliquei que Gárgulas odeiam qualquer coisa com até mesmo uma gota de sangue Vampiro. Você a escolheu porque sentiu emoções reais por ela ou a está usando? — Sua voz ficou gelada. — Diga-me que você não é como Abotorus.

— Eu *não* sou *nada* como ele. — Raiva apertou seu peito o suficiente para tornar difícil de respirar. — Como pode perguntar isso? Mesmo pensar?

— É algo que ele teria feito. Ele a teria usado para esconder seus próprios segredos. — Sua voz suavizou. — Peço desculpas, mas precisava falar sobre minha preocupação. Ela é uma mulher terna que passou por muita dor. Proteja seu coração. É delicado.

— Eu nunca a machucaria. Gosto de Jill.

— Fico feliz. Alguns irão te desafiar. Mate todos e seja brutal o suficiente para espalhar o medo em todo o clã para quem ainda *pensar* em usar sua companheira contra você. Eles respeitam a selvageria. A esse respeito, eu incentivo você a ser semelhante ao meu companheiro, quando o clã está preocupado. Você deve sobreviver e prosperar. Você é meu coração, Aveoth.

Ele fechou os olhos e sua ira se dissipou.

— Eu sei. Você fez tudo para me proteger e sacrificou tanto.

— Eu queria que os dois vivêssemos. Você precisa se acasalar e contar tudo a ela, Aveoth. Tudo. Faça deste um verdadeiro acasalamento do coração. Ela protegerá seu segredo. Para que ela ame o homem, ela precisa saber quem você realmente é.

— Eu sei.

— Vá ficar com ela. Mostre-lhe o quão incrível é o meu filho.

A linha clicou e a ligação terminou.

Aveoth voltou para o quarto, colocou o telefone na mesa de cabeceira e voltou para a cama para segurar Jill. No dia seguinte eles conversariam. Sua mãe estava certa. Ele precisava contar tudo a Jill.



Capítulo Treze

Jill acordou quente e feliz. O grande corpo de Aveoth irradiava calor ao longo de suas costas e o peso de seu braço ao redor de sua cintura a fez sorrir. As lembranças da noite anterior não deixaram nenhum arrependimento. Eles tinham química sexual.

Ela balançou um pouco para ficar de costas e poder vê-lo, olhando seu rosto bonito no travesseiro que eles compartilhavam. Ele parecia mais jovem enquanto dormia e seu cabelo curto estava bagunçado. O lençol estava na cintura, então podia ver o peito e os ombros. Ele tinha um ótimo corpo. No geral, ela decidiu que ela era uma mulher de sorte. Tudo sobre Aveoth era sexy.

Ele a mordeu, mas não estava brava. O sexo foi quente e incrível. Fora do comum, já que ele a fez ter muitos orgasmos. Ela sorriu pensando nisso. Havia muito a ser dito por um ser sobrenatural. Ele era fantástico em muitas coisas, sexo incluído. Parte dela queria vê-lo dormir, mas sua bexiga a pediu para sair da cama.

Ele se moveu e um grunhido baixo veio de sua garganta quando ela se afastou com cuidado e saiu da cama.

— Onde você vai?

— Banheiro. Eu volto já.

Ela ficou nua em seu quarto e fechou a porta, sorrindo. Ela apressou-se, mas demorou um minuto para escovar os dentes. Uma verificação em sua garganta a surpreendeu. A pele estava macia ao toque onde ele a mordeu, mas não havia sequer um hematoma. Parecia que ele tinha habilidades mágicas de cura quando a lambeu.

Foi tentador enrolar uma toalha ao redor do corpo, mas depois decidiu contra isso. Passaram a fase de modéstia depois de ter passado muito tempo com o rosto entre as pernas duas noites seguidas. Ela apenas abriu a porta.

E ali estava Aveoth, em toda a sua glória nua, a centímetros da porta.

Ela permitiu que seu olhar vagasse por ele.

— Vá para a cama. Eu me juntarei a você em um minuto. Não se vista. Ainda não terminei com você. —Sua voz saiu um pouco rouca e muito sedutora.

Ela olhou para cima e o encontrou sorrindo. Não podia deixar de devolver o sorriso. — Acho que realmente vou me tornar uma pessoa da manhã, morando com você, se continuar me ordenando voltar para a cama.

— Bom. Terei que reorganizar minha vida para iniciar reuniões mais tarde no dia. Estou ansioso para isso. Agora deixe-me passar e volto.

Ela deu um passo ao redor dele e ouviu a porta do banheiro se fechar atrás dela quando voltou para a cama. Desta vez, ela não se cobriu. Ele ficou lá alguns minutos e quando saiu, se juntou a ela, deitando-se ao seu lado. Então ele rolou, a surpreendendo e deitando-a de costas. Ele ajustou seu corpo, prendendo-a debaixo dele. Ela riu, abrindo as coxas para encaixar suas pernas ao redor dele.

— Você se sente feliz em me ver. — Ela provocou. — Sempre acorda duro?

Ele riu.

— Apenas quando estou com você.

Ela estendeu a mão e deslizou os dedos nos cabelos, levantando a cabeça para ir pela boca. Ele se afastou um pouco para não a beijar.

— O que está errado? Eu escovei meus dentes.

— Eu também. Apenas não quero que você seja controlada pelos meus hormônios.

Ela entendeu. — Ainda posso te beijar. Deixe-me ter seu pescoço.

Ele hesitou e as mudanças de cor em sua íris brilharam para prata.

— Não vou mordê-la, mas vou me desculpar por perder o controle.

— Isso me fez gozar forte. Eu estava com medo que suas presas doessem, mas não foi assim sua mordida.

A mais brilhante prata explodiu em seus olhos como mini fogos de artifício, ofuscando o azul.

— Você é importante para mim, Jill.

— Acho que eu sinto o mesmo por você. Lembro-me de as asas saírem, também. Elas são tão suaves ao toque.

— Mais uma vez, perdi o controle. Peço desculpas.

— Não. — Ela quis dizer isso. — Eles são uma parte de você. Claro, provavelmente devo perguntar se isso será um problema se eu estiver por cima enquanto estamos fazendo sexo. Machucará se você estiver de costas com suas asas fora?

Ele sorriu.

— Se você estiver por cima, não me importaria de sentir um pequeno desconforto nas juntas das minhas asas. A noite passada foi especial. Não costumo perder o controle do meu corpo desse jeito.

Ela olhou nos olhos dele.

— Você está me confundindo novamente. Honestidade total, lembra?

— Senti o desejo de me acasalar e foi tão forte que perdi o controle. O preservativo nos protegeu do vínculo.

— Como os GarLycans se acasalam?

Ele hesitou.

— É aterrorizante? Horrível? Doloroso? Traumático?

— Não.

— Então fale.

Ele riu.

— Devemos discutir isso mais tarde. — Ele a acariciou com a mão.

— Não. Você escolheu não me beijar, então eu ainda posso pensar. Responda.

Sua expressão ficou séria.

— Nós suavemente cobrimos nossa pele, nossas asas saem e nós mordemos durante o sexo. O gosto de seu sangue, juntamente com o meu estado parcialmente mudado, irá desencadear em meu corpo hormônios de acasalamento. O preservativo impediu-os de chegar até você. Caso contrário, seu corpo mudaria agora mesmo.

— Como?

— É difícil de explicar, mas esses hormônios alteram uma mulher a nível de DNA. Você terá meu cheiro. O esperma de gárgula também é mais forte quando estamos parcialmente mudados, então aumenta as chances de gravidez.

Ela cuidadosamente considerou suas palavras, tentando manter a calma.

—DNA? Você quer dizer que meu corpo muda fisicamente? Posso me transformar no que você é?

— Não. Você nunca terá asas ou a habilidade de mudança. O esperma de acasalamento irá marcar você como minha. —Ele hesitou, parecendo pensar. — Seu cheiro mudará, então terá o meu cheiro. Não será temporário ou algo que você possa lavar. Suas células se modificarão o suficiente para transportar partes do meu DNA para que o cheiro permaneça.

— Como uma doença?

Ele franziu a testa. — Não. As doenças te deixam doente. Um companheiro a deixa mais forte. Quando somos companheiro, temos que alimentá-la com sangue de vez em quando. Nós cortamos a nossa pele e pedimos aos nossos companheiros que bebam, geralmente de uma xícara. Meu sangue lhe dará um sistema imunológico melhor e sua capacidade de curar aumentará. Sua vida também

aumentará muito em anos. Bebê de mim irá repará-la em um nível celular, para evitar o envelhecimento do jeito que você está agora.

Choque a percorreu.

— Uau. *Isso* não soa ruim.

Ele sorriu.

— Fico feliz.

— Então não vou me transformar em uma velha senhora se eu ficar com você?

— Não. Devo dizer-lhe que as gárgulas vivem milênios.

Ela estava feliz por estar presa com ele neste momento.

— Milhares de anos? Isso é verdade?

Ele assentiu.

— No clã, algumas das Gárgulas tiveram como senhor um homem com nove milênios de idade.

Isso a chocou novamente

— Nove mil anos de idade? Merda! *Você* pode viver tanto tempo?

Ele encolheu os ombros.

— Eu sou um Garlycan. Nossa raça existe há dois séculos. Minha mãe foi um dos primeiros bebês nascidos da união de uma Gárgula e um Lycan. Eu jurei nunca revelar sua idade. Você viu o quão jovem ela parece. Nós envelhecemos quase como seres humanos até atingir a idade adulta, quando isso diminui. Claro, somos maiores do que as crianças humanas típicas.

Um pensamento a atingiu.

— Quanto você pesou no nascimento?

— Acho que quatro quilos, minha mãe disse.

— Isso é muito grande, mas não é aterrorizante.

Ele sorriu.

— Seu lado humano pode ajudar com um menor peso ao nascer. A criança será metade sua. Aposto que você era pequena no nascimento.

— Dois quilos e oitocentos.

Ele ergueu a mão, olhando para ela.

Ela riu.

— Você está imaginando o quanto isso é pequeno, não é?

Ele assentiu, olhando os olhos para ela.

— Você tem mãos grandes... junto com todo o resto. Vamos parar de falar sobre bebês. Não estou pronta para isso. Quanto tempo vive um Lycan?

— Vamos conversar sobre isso mais tarde. Prometo não morrer nos próximos mil anos pelo menos. Quero passar muito tempo com você.

Ela sorriu. Mil anos deveriam assustá-la, mas não. Sua vida inteira foi tudo sobre casas temporárias, amigos e empregos. Ele estava oferecendo a ela o que parecia ser para sempre.

— Beije-me.

Ele evitou seus lábios.

— Eu não quero você drogada. Hoje temos um evento para ir.

A paciência e o medo a encheram.

— Que tipo de evento? Mais julgamento?

— Uma celebração. Um GarLycan chamado Tork se acasalou com uma Lycan enquanto serviu como um guardião em sua matilha. Ele a trouxe aqui durante a gravidez e seu filho nasceu na semana passada. Eu formalmente o apresentarei e o receberei como membro do meu clã. Haverá comida e conversa social.

Ela riu.

— O que é divertido?

— Conversas social? Essa é uma maneira estranha de colocá-lo. Engraçado. Ao contrário do que? Violência e morte?

Ele sorriu.

— Não durante uma cerimônia de boas-vindas. Espera-se que todos estejam no seu melhor comportamento, uma vez que os companheiros e as crianças estarão presentes.

Seu humor morreu.

— Merda. Terei que usar um desses vestidos antiquados, não é?

— Peço desculpas agora, mas sim.

— Precisamos conversar sobre isso.

— Mais tarde. — Ele acariciou seu rosto, indo para a garganta dela.

Ela gemeu quando seus lábios levemente provocaram a pele sensível debaixo de sua orelha.

— Sim.

Sua mão acariciou sua coxa e levantou-a. Ela a enrolou ao redor de sua cintura, sentindo seu pau tocar sua boceta. Não levou muito para que Aveoth a deixasse quente. A sensação dele sobre ela, seus dentes raspando sua pele, fazia com que ela doesse por estar dentro dela.

— Mude os vestidos antiquados para algo mais moderno para as mulheres e eu serei sua companheira. — Ela provocou.

Um estrondo veio de sua garganta, seu peito vibrando contra o dela. Seu cheiro encheu o nariz e a dor entre as coxas aumentou. Não apenas o homem poderia fazer uma droga afrodisíaca mágica com a boca, mas ele cheira a como sexo e pecado. Seus lábios deixaram sua garganta.

— Eu faria isso se você estivesse falando sério.

Ela acariciou sua pele quente, adorando tocá-lo. — Eu sou a favor de negociações na cama.

— Você me deixará louco, Jill. — Ele beliscou a garganta com suas presas.

Não doeu. Em vez disso, uma sacudida de prazer irradiou direto para o clitóris. — Morda-me. — Ela encorajou.

— Você irá me fazer perder o controle novamente. — Ele ergueu a cabeça, olhando-a nos olhos. Era prata fundida, suas sombras escuras e claras se moviam flutuando. — Não diga coisas assim agora, com você nua sob mim. Você está brincando. Minha mente sabe disso, mas meus instintos não. Você me tenta muito, Jill. Não me engane com meu coração.

Acertou-a então como uma tonelada de tijolos. Ela estava se apaixonando por ele. Ele era um pouco assustador, havia muitas incógnitas sobre como a vida seria com ele... mas ela já sabia que nunca iria deixa-lo ir. Seus instintos estavam indicando para tornar sua união permanente. Ele poderia pertencer com ela para sempre.

— Sempre enfrento as coisas de frente. — Disse ela, tanto para si mesma quanto para ele. — Faça isso, Asas. Faça-me sua.

Azul inundou seus olhos, limpando a prata.

— Não brinque.

— Não estou. — Ela arqueou o pescoço para expor sua garganta. — Espero não engravidar. Não estou pronta para isso... mas você explicou como o acasalamento acontece. É um risco que estou disposta a tomar. Eu sou a favor de uma relação a longo prazo, Aveoth. Você está? Apenas prometa não partir meu coração. Sem trapaças.

— Eu juro. Você será meu tudo, Jill. —Prata acendeu seus olhos, ultrapassando o azul. — Eu te protegerei e amarei até morrer e mesmo além disso.

Lágrimas encheram seus olhos. — Juro fazer o meu melhor para fazê-lo feliz. Eu já não consigo ver a vida sem você e eu não acho que queira. Somos tão diferentes... mas enfrentaremos tudo o que vier.

— Coloque as mãos sobre meu ombro. — Ele disse rouco. — Preciso mudar levemente. Você está pronta?

— Sim.

Ela deslizou as mãos no lugar e sentiu uma pele suave e flexível. Ele inchou um pouco sob as pontas dos dedos e em seguida, as asas aveludadas lentamente brotaram para fora. Ela sorriu enquanto passava os dedos sobre a superfície aveludada. Deus, ele era incrível. Ela observou seus ombros enquanto cresciam para fora, espalhando-se.

— Olhe para mim.

Ela tirou a atenção de suas asas negras para observar seu rosto. A pele bronzeada empalideceu um pouco, ficando um tom levemente cinza. Ela estendeu a mão, acariciando seu rosto. Ele ainda estava quente e macio, mas a textura de sua pele ficou um pouco mais dura.

— Você tem certeza? É assim que ficarei quando me acasalar com você.

Ela estava caindo por ele ainda mais. Ele parecia com medo de assustá-la.

— Você é tão sexy. — Um pensamento brincalhão e ela sorriu. — Isso dá um novo significado à frase duro como uma rocha, não é?

Ele riu.

— Eu serei gentil.

— Eu sei que será.

Ela ajustou as pernas, envolvendo sua cintura. Ela esfregou as panturrilhas ao longo de seu traseiro. A pele exposta estava quente, mas sentia um pouco semelhante ao gesso macio. Não era uma sensação desagradável, apenas estranha. Ela confiava em Aveoth. Ele não a machucaria.

— Faça, Aveoth. Faça-me sua.

— Você tem certeza absoluta? Não há volta depois disso.

Uma pequena parte dela entrou em pânico, mas então uma calma se espalhou por ela, tirando o pânico enquanto olhava nos olhos dele.

— Tenho certeza. Nunca sentirei isto por mais ninguém. Quero envelhecer com você, por quanto tempo durar. A vida não será chata.

Ele ajustou seus quadris e sua mão provocou seu clitóris. O prazer se espalhou por seus membros. Estava molhada, pronta e o queria.

— Agora, Asas. Eu não preciso de preliminares.

Ele segurou seu pau e pressionou a ponta em sua boceta.

— Eu vou te guardar para sempre, mantendo-a segura e amada, Jill.

— Eu prometo o mesmo.

Ele soltou-se e a penetrou, seus quadris avançando quando ele entrou nela. Jill jogou a cabeça para trás e gemeu. Ele era grande e estava muito duro. Essa piada sobre ele ter um pau duro como rocha de repente era realidade, mas não doeu. Ele lentamente começou a entrar e sair dela, gentil e lentamente.

— Eu não sou tão delicada. — Ela disse, usando as unhas para cavar em seus ombros para incentivá-lo. Ela queria beijá-lo, mas lembrou-se de como ele não

queria que ela estivesse exposta ao produto químico. Ela mordeu o lábio em vez disso, enquanto ele empurrava para dentro dela mais profundo, movendo-se sobre ela mais rápido. — Sim!

Aveoth tentou manter o controle. Jill *era* delicada, apesar do que dizia. Seus instintos o conduziam para entrar em seu corpo e mordê-la. Ela jogou a cabeça e ele estremeceu quando sua garganta foi exposta.

Ele a beijou, suas presas raspando sua pele. Ela gemeu mais alto, suas pernas ficando mais apertadas em volta de sua cintura. Ele moveu os quadris de uma forma que o levou a se esfregar contra seu clitóris enquanto a fodia com mais força. Ela agarrou-o, seus músculos vaginais apertando seu eixo. Suas bolas pareciam inchar e ele sabia que era hora.

Ele lambeu a pele e depois mordeu.

Ela gritou quando suas presas a perfuraram e ele sentiu seu clímax. Ele lutou para continuar se movendo, entrando nela enquanto o sabor de seu sangue enchia sua boca. Ela era tão doce, tão incrível. Sua pele endureceu, mudando todo seu corpo. Ele estava mudando um pouco mais, mas não conseguiu parar quando começou a gozar. Penetrou mais profundo, gozou soltando seu sêmen. Todo o pensamento cessou quando o êxtase assumiu.

Ele não sabia quanto tempo permaneceu na névoa do arrebatamento, mas quando se moveu, ele ajustou seu peso instantaneamente para não sufocar Jill. Ela estava agarrando-se a ele, ofegante. Ele retirou suas presas, lambendo a mordida e usou uma delas para rasgar sua língua e induzir seu próprio sangramento. Ele continuou lambendo-a até que as feridas da punção se curaram.

Minha companheira. Minha Jill. Minha para sempre.

— Merda. — Jill riu. — Isso foi tão quente. Gozei duas ou três vezes.

Ele sorriu e levantou a cabeça, examinando sua garganta primeiro. Estava curada. Ele olhou nos olhos dela e mudou o corpo, suavizando a pele.

— Eu machuquei você?

— Não. Na próxima vez, ficarei por cima. Você fica mais pesado quando muda.

— Sinto muito.

— Não. Não estou reclamando. Foi apenas uma observação. Seu colchão é realmente macio e me afundei nele um pouco mais.

Ela era incrível. Ele soube que os humanos perderam a sanidade quando descobriram que as Gárgulas existiam e ela foi criada acreditando que era completamente humana. Mas Jill fazia piadas e não parecia assustada, pelo menos, achava que não. Ela não ficou com medo quando suas asas apareceram e sua pele mudou. Ele estendeu a mão e afastou o cabelo de seu rosto.

— Estamos casados.

— Não sinto nada diferente.

— É preciso tempo. — Ele se levantou e cuidadosamente afastou-a, deslizando suas asas de volta em sua pele. Ele se deitou ao lado dela e colocou a palma da mão sobre o estômago. Ela se virou para ele e colocou a mão sobre a dele.

— O que está pensando? Você se arrepende?

Ele odiava ver a dúvida em seu olhar.

— Nunca. Quero que nosso vínculo seja forte. Irá tomar um pouco do meu sangue? Eu não quero que você sinta nada.

— O que é isso?

— É algo que acontece quando um vínculo de acasalamento não é forte. Se você começar a suar, fale-me imediatamente. Para você, apenas se sentirá como um aumento de temperatura, mas vai exalar um cheiro que fará com que um macho solteiro queira fazer sexo com você. — A raiva queimou através dele pensando em alguém tentando tocar sua companheira. — Você precisa tomar meu sangue. Todo o clã estará ao seu redor hoje. Você não deixará o meu lado, odiaria ter que matar alguém com crianças presentes.

Ela se curvou do seu lado, suas pernas descansando contra as dele.

— Você não mencionou isso antes.

— Apenas pensei nisso agora. Hoje a levarei para fora da minha casa, perto de outros machos.

Ela enrugou o nariz. — Sangue, hein?

— Sim. Não será muito terrível. *Você* é parte VampLycan.

— Não me lembre do doador de esperma. Agora não. Hoje foi impressionante até agora.

Aveoth notou a maneira provocadora que ela olhou para ele e sorriu.

— Fique aqui.

Ele a soltou e se afastou da cama, caminhou até sua cozinha e pegou uma taça do armário. Ele a lavou e secou, já que estava durante décadas sem tocar. Ele voltou para o quarto, pegou um de seus punhais e aproximou-se da cama. Jill se sentou na cama e o lençol sobre o colo. Sua expressão o divertiu.

— Não será tão ruim, Jill. Eu prometo.

— Tem gosto de fígado e cebolas? Minha mãe costumava fazê-los às vezes porque ela era uma aberração que os amava. — Ela fez uma careta. — Tão grosseiro.

Ele se sentou ao lado dela e sorriu.

— Fígado e cebolas?

— Nunca comeu?

— Não posso dizer que sim.

— Sortudo. Acredite em mim. Se alguém oferecer isto em um jantar, apenas diga não.

Ele agarrou sua adaga e cruzou as pernas, colocando o cálice contra os tornozelos para mantê-lo firme no lugar. Seu olhar segurou o dela. — Vou cortar, sangrar no copo e depois você toma.

— Queria ter presas neste momento. Você me morder foi tão sexy. — Ela olhou para baixo. — Embora esse cálice seja bonito, com todos estes desenhos no vidro. Parece caro.

Ele encolheu os ombros. — São antigos. Isso é tudo que eu sei. Os herdei de Lorde Abotorus depois da morte dele. Esta é a primeira vez que uso.

— É como uma taça oficial de sangue?

Ela sempre o divertia e ele riu.

— É para nós. Você está pronta?

— Nunca, mas vamos fazê-lo de qualquer forma. Não pode ser pior do que o meu vigésimo primeiro aniversário. Fui a um bar com alguns amigos de trabalho e cada um deles me comprou uma bebida diferente, já que eu era maior de idade. Algumas delas eram realmente fortes e nossa, no dia seguinte fiquei doente. Lição aprendida.

Ele cortou a parte carnosa de seu braço com a ponta do punhal e segurou-o sobre a taça enquanto sangrava. Ele olhou para Jill, esperando que ela lidasse bem com a visão do sangue à luz do dia. Ela observou, parecendo um pouco pálida, mas não se afastou. Sua Jill tinha coragem. Ele colocou para baixo a adaga, enchendo a taça um quarto antes de sua ferida se curar o suficiente para parar de sangrar. Ele segurou-a, olhando-a nos olhos.

Ela aceitou com as duas mãos. Elas tremiam um pouco, então ele gentilmente as segurou.

— Meu sangue é seu, companheira.

Ela assentiu.

— Hum, obrigada.

Ele riu.

— Apenas tome. Deve lidar com isso bem. Você não é totalmente humana e já está mudando.

— Então, seu super-esperma ajudará meu corpo a tomar sangue?

Ele riu novamente, amando seu senso de humor.

— Sim.

— Vamos logo, então.

Ele a soltou e viu enquanto levava a taça aos lábios. Ela fechou os olhos, respirou fundo e começou a bebêr o sangue dele.

Um calor se espalhou pelo peito de Aveoth enquanto ela continuava engolindo. Sua companheira estava aceitando seu sangue. Era como deveria ser. Ela terminou e tinha um olhar atordoado em seu rosto quando abriu os olhos. Um pouco de sangue permaneceu em seu lábio superior e ele se inclinou para a frente, beijando-a. Ela ficou rígida por um momento, mas depois o beijou de volta. Ele se afastou antes de aprofundar o beijo, mesmo que quisesse fazer amor com sua companheira. Eles não tinham tempo. Ele precisava levá-la para sua mãe e Renna para se vestir.

— Você está bem?

Ela manteve o olhar fixo. — Sim. Isso foi estranho. O sangue é mais grosso do que a água, de verdade, mas estou bem.

— Vamos tomar banho e então a levarei até minha mãe.

— Por quê?

— Você precisa de algo para vestir.

— Eu falei sério sobre os vestidos à moda antiga. Eles precisam acabar.

— Vamos trabalhar nisso juntos. Eu prometo.

— Certo. Não vou usar um espartilho. Isso é fato.

— Tudo bem. Vá tomar um banho e irei me juntar a você em um minuto. — Ele sentou-se e saiu da cama, levando a taça. Ele também pegou seu celular no caminho de volta para a cozinha.

Ele entrou em contato com Kelzeb primeiro. Seu amigo respondeu um pouco sem fôlego.

— O que você está fazendo?

— Treinando com Fray. O que foi?

— Estou acasalado.

Seu amigo ficou em silêncio por um longo segundo e exclamou.

— Parabéns! Fico feliz por você.

— Eles saberão no momento em que apresentar Jill ao nosso clã hoje e sentirem seu cheiro. Prepare-se para o pior.

— Estou nisso. Nós estaremos prontos.

— Obrigado, meu amigo.

— Eu sempre tenho suas costas. Ei Fray, acabamos. Parece que podemos ter alguns combates reais para mais tarde, então não quero cansá-lo.

Aveoth ouviu Fray rindo ao fundo.

— O cara grande a reivindicou, hein? Impressionante.

— Eu o verei mais tarde hoje. — Aveoth terminou a ligação e ligou para sua mãe. Ela deixou o telefone tocar seis vezes antes de responder.

— Eu odeio isso.

Ele riu.

— Foi um presente meu.

— Assim você não precisa vir me ver tanto. Um pequeno pedaço de metal não é o mesmo que olhar nos olhos do meu filho quando conversamos.

— Jill é minha companheira. Está feito. Estaremos aí em menos de uma hora. Ela precisa de um vestido para a cerimônia de boas-vindas, algo digno de uma senhora.

Sua mãe inalou bruscamente, então riu.

— Isso é maravilhoso! Renna e eu providenciaremos tudo. Sua Jill é muito pequena, mas podemos colocar algo apropriado para ela se apresentar ao clã. Como ela recebeu seu segredo?

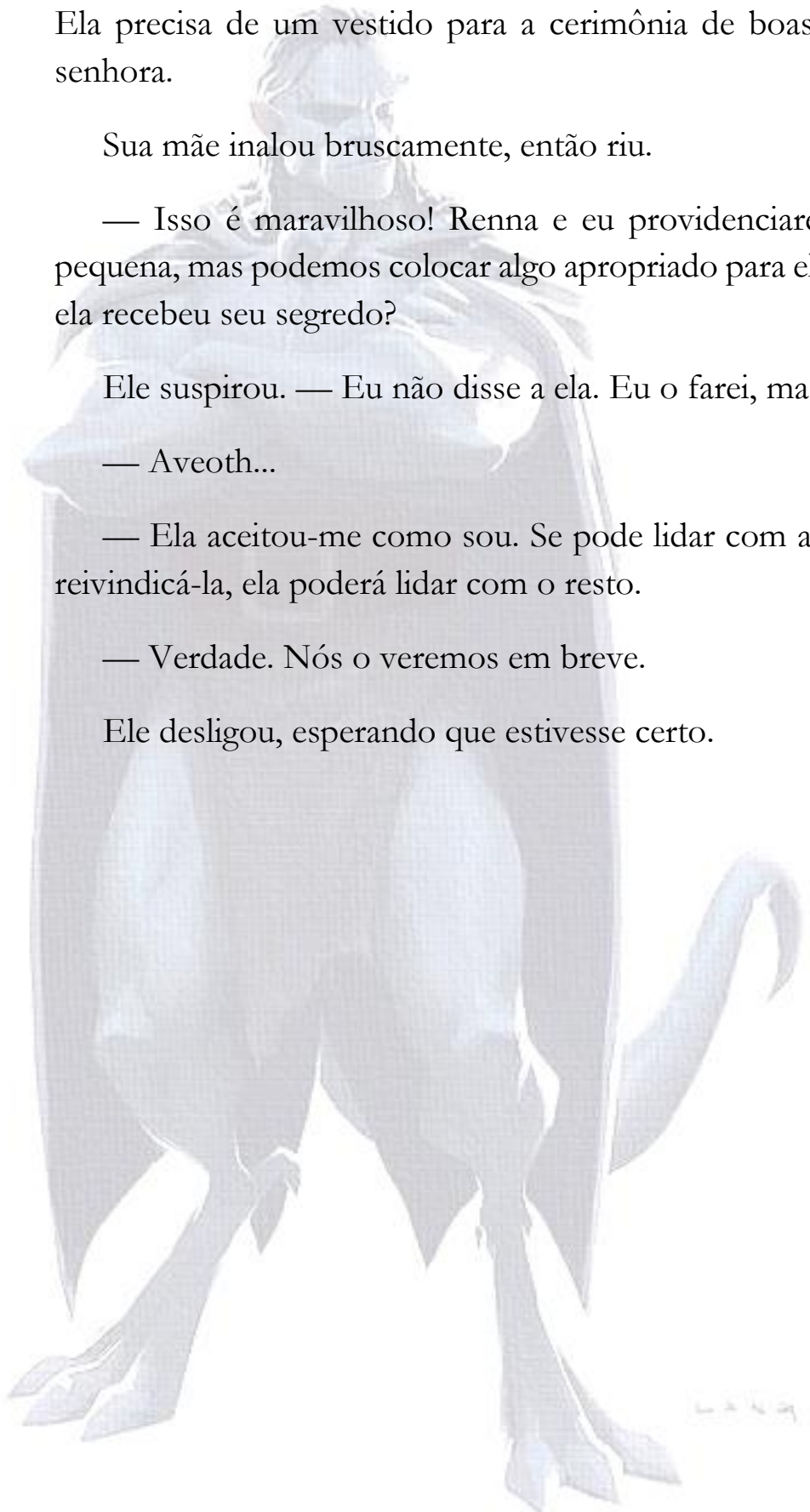
Ele suspirou. — Eu não disse a ela. Eu o farei, mas no momento certo.

— Aveoth...

— Ela aceitou-me como sou. Se pode lidar com as asas e mudança de pele ao reivindicá-la, ela poderá lidar com o resto.

— Verdade. Nós o veremos em breve.

Ele desligou, esperando que estivesse certo.



Capítulo Quatorze

Aveoth acompanhou Jill até a porta de sua mãe e prometeu voltar dentro da hora. Ela abraçou Jill, parecendo feliz por vê-la.

Jill não pode deixar de admirar um pouco a casa de Galihia. A sala de estar principal parecia uma mistura de algo que deveria ter saído de uma revista chamada mansões de rocha. Prateleiras de madeira foram construídas contra a rocha de uma enorme muralha, milhares de livros estavam ali. Uma lareira também estava no centro dessa parede. Um retrato chamou sua atenção e ela se aproximou, olhando para cima. Era Galihia segurando um pequeno bebê. Usava um vestido branco, mas tinha os cabelos negros. Olhos azuis impressionantes olhavam para ela da tela.

— É Aveoth aos dois meses. — Disse a mulher por trás dela.

Jill virou-se.

— Você não envelheceu um dia, parece. E ele era adorável. — Seu olhar voltou para a pintura. Outros estavam sobre a lareira em segundo plano. — Quantos anos tem Aveoth?

Galihia riu.

— Ele não te contou?

— Não. Ele não me contou também quantos anos você tem. Acho que ele tem medo que tenha um ataque cardíaco ou algo assim.

— Deixarei meu filho responder a essas perguntas. Por enquanto, venha comigo. Renna está esperando no meu quarto.

Jill seguiu a bela Garlycan através de uma cozinha, uma sala de estar menor e um corredor. As portas duplas para o quarto estavam abertas e viu outra mulher que deveria ter cerca de quarenta anos. A mulher usava um vestido de cor creme

semelhante ao de Galihia. Ela tinha cabelos pretos, olhos castanhos escuros e sorriu quando as viu.

— Essa é ela? — A mulher correu para a frente. — É tão bom conhecê-la! Bem-vinda à família.

Jill a abraçou, apesar de estar um tanto atordoada com a óbvia alegria da mulher. — Obrigada.

— Não a esmague, Renna. — Galihia puxou Jill para fora dos braços da outra mulher. — Conheça minha tia, Jill. Ela é cem por cento Lycan e irá abraçá-la até a morte se você a deixar.

— Pare, Gali. Você assustará a garota. —Renna piscou para Jill. — Alguém deveria mostrar seu afeto abertamente. As pessoas que vivem nas falésias são um pouco retraídas. Foi a coisa mais difícil de me ajustar quando vim morar aqui. Lycans são amantes. Somos emocionais e demonstramos nossas emoções. GarLycans e Gárgulas tendem a escondê-las. Você é tão linda! Estou tão orgulhosa de Aveoth por escolhê-la.

Jill não tinha certeza do que dizer, então falou a primeira coisa que surgiu na cabeça. — Obrigada novamente.

Renna avaliou o corpo de Jill.

— Nós a deixaremos bonita quando Aveoth a apresentar ao clã. Não que você já não seja linda. Devo dizer mais elegante. Gali e eu já pensamos no vestido certo enquanto esperávamos que Aveoth a trouxesse para nós. — Seu olhar permaneceu no peito de Jill. — No entanto, teremos que ajustar o corpete um pouco. Seus seios parecem maiores que os da minha sobrinha. Vamos tentar.

Jill fez uma careta. — Traje formal? Na verdade, não me vesti dessa forma ainda.

Renna riu.

— Eu gosto disso. Como de me vestir de forma cômoda, mas não em público. Você é a nova senhora e deve fazer uma mudança na moda.

Elas a levaram pelo quarto e pediu que tirasse as roupas. Ela ruborizou um pouco, não muito confortável ao ficar nua na frente das duas mulheres, mas depois entrou em um vestido grande. Eram metros de tecido, um branco com toneladas de renda e elas o puxaram para cima do corpo. O vestido a cobriu dos ombros aos pulsos e até os pés.

— Nós julgamos mal. — Afirmou Renna, caindo de joelhos onde Jill estava de pé. — Ela é maior. Precisamos colocar mais saia.

— A saia de aro cuidará disso. — Murmurou Galihia.

Jill gemeu.

— Aro?

— Uma saia pequena, leve e acolchoada. Como um travesseiro ao redor de seus quadris. Não é uma gaiola. — Anunciou Renna. — Isso acentua nossos quadris. Juro pela lua que esse clã está cheio de homens das cavernas. — Ela riu. — Eles vivem em cavernas, então não devemos nos surpreender.

Jill não queria saber o que era uma gaiola, mas uma imagem que viu em um livro de história de mulheres que usavam fios ao redor de seus corpos inferiores brilhou em sua mente e ela estremeceu.

— Renna. — Advertiu Galihia.

— Oh, você sabe que estou certa, Gali.

Jill voltou sua atenção para a mãe de Aveoth.

— Posso fazer algumas perguntas, Galihia?

— Claro que pode. Você também pode me chamar de Gali.

— O que acontecerá quando Aveoth me apresentar ao clã?

— O Conselho Gárgula terá um ataque. — Murmurou Renna, puxando um pouco a saia.

Jill sabia que seus olhos se arregalaram, mas Gali apenas sorriu.

— Não se preocupe. Meu filho terá sobe controle. Você estará segura e nós estaremos com você. Há um salão de cerimônia onde realizamos eventos. É uma grande caverna.

— Tudo aqui está em uma caverna. — Interrompeu Renna.

— Renna. — Galihia suspirou.

— Gali. — Renna suspirou de volta. — Apenas diga à garota a verdade. O Conselho Gárgula não ficará feliz, especialmente se eles souberem quem é seu pai. — A mulher mais velha ficou de pé e colocou as mãos nos quadris. — Eles ficarão furiosos quando descobrirem que é meio VampLycan. São bons para brincar, mas nunca para se acasalar de acordo com eles. — Ela virou o olhar para Jill. — Lutas podem acontecer. Nós a protegeremos se alguém superar seu companheiro. Isso não acontecerá, no entanto. Eu queria que nós três usássemos preto, mas minha sobrinha disse que não seria apropriado.

— Preto? — Jill olhou entre elas.

— O preto esconde salpicos de sangue muito melhor. — Renna piscou. — Então nós escolhemos vestidos creme, já que o vermelho não combina. As famílias tendem a usar as mesmas cores para os eventos. Pelo menos as mulheres e as crianças o fazem. Isso irá ajudá-los a identificar com quem está relacionado.

— Tia. — Implorou Gali. — Não assuste a pobre Jill. Ficará tudo bem. Ninguém sabe. — Ela segurou o olhar de Jill. —Você contou a alguém quem é seu pai?

Ela balançou a cabeça.

— Não.

— Bom. Espero que o conselho mantenha a postura mesmo insatisfeitos, exceto que os quatro, não podem fazer nada. Eles queriam que meu filho se acasalasse com aquela horrível Winalin. Eu não posso suportá-la.

— Ela *é* bonita. — Jill tinha que admitir.

— Ela é um lixo bonito. — Renna grunhiu. — Ela é a única Gárgula feminina de sangue puro no clã que não está acasalada e persegue nosso Aveoth desde que ela tinha idade suficiente para andar. Como se fosse seu direito de primogenitura se tornar uma senhora do clã. Ela me trata como se fosse uma serva e realmente pediu a Gali para dizer ao filho para se acasalar com ela. Como se ela tivesse o direito de nos dizer o que fazer. Ela me lembra uma flor que cresceu perto da nossa aldeia. Era lindo, mas dava-lhe uma dor de barriga se as comesse.

Gali riu.

— Meu filho nunca pensou em se acasalar ela, Jill. Ela o irrita demais.

— Ela é muito desagradável. — Jill concordou.

Renna olhou para ela com um olhar interrogativo.

— Ela fez uma visita a Aveoth e decidiu ficar nua na frente dele, achando que ele iria fazer sexo com ela. Eu estava lá. Ela ficou desapontada.

Renna grunhiu.

— Lixo. Lixo puro. Eu teria cortado seu rosto com minhas garras.

Jill levantou a mão.

— Eu não tenho nenhuma.

— Uma pena, porque fazer um pouco de estrago seria bom.

— Winalin pode causar uma cena hoje. Ignore-a. Isso é o que eu faço quando ela vem até mim. Já é uma respostar por se recusar a se envolver. — Gali caminhou até a cama e se inclinou contra o poste. — Pegue o vestido e faremos alguns ajustes. Você costura, Jill?

Ela começou a mexer no vestido. — Na verdade não. Mas posso aprender.

— Eu cuido disso. — Renna pegou o vestido e caminhou até uma mesa colocada ao lado. — Vocês duas podem conversar.

Gali ofereceu a Jill uma túnica branca sedosa, que ela vestiu. — Obrigada.

— Eu queria lhe dar uma lição de história. É importante.

Jill sentou-se na cama. — Certo.

— Abotorus fundou este clã. Ele falou com seus amigos íntimos e alguns exploradores de seu antigo clã para fugir para o Alasca. Seu senhor proibiu seu clã de se reproduzir. Eles eram maiores em números do que ele queria e Gárgulas vivem muito tempo. Abotorus falou com esses membros e disse que permitiria que eles encontrassem companheiros e tivessem filhos. Era um sonho e muitos deles desistiram da esperança de terem algo. As pessoas mais próximas a se instalarem perto desse território eram os Lycans, que sobreviveram em uma guerra contra os Vampiros.

— Eles deram à luz a VampLycans. — Acrescentou Renna do outro lado do quarto, onde ela estava ajustando o vestido. — Alguns daqueles Vampiros desagradáveis controlaram as mentes das Lycans e as deixaram grávidas.

— Sim. — Gali suspirou. — Abotorus estava sob pressão para cumprir suas promessas. A matilha Lycan tinha muitas mulheres não acasaladas que não foram vítimas dos Vampiros. Um explorador queria se acasalar com uma que conheceu. Não havia muitas mulheres humanas na área e a maioria já era casada ou tinha filhos. Abotorus concordou relutantemente. Ele me aceitou anos mais tarde, quando não achava que Lycans eram dignas e tinha certeza de que uma criança entre Lycans e Gárgulas não seria fisicamente possível. Ele estava errado. As Lycan conceberam imediatamente.

— Outros membros do clã viram isso como uma oportunidade e exigiram também tomar companheiras Lycans. Elas eram mais estáveis do que as humanas, de acordo com o que viram desse primeiro casal. Abotorus sentiu-se pressionado novamente a concordar. Mas quando mais casais tiveram filhos, todos os meninos, houve uma revolta entre os membros do clã. Meu companheiro não escondeu o

seu desagrado pelos GarLycans. Ele achava que as crianças eram fracas e não eram dignas de fazer parte de seu clã. Seus homens não concordaram. Para salvar-se de uma possível revolta, Abotorus exigiu que eu me acasalasse. Minha mãe era Lycan e era a primeira fêmea nascida no clã. Não fiquei feliz quando e soube do meu destino. O grande Lorde Abotorus era frio, olhava-me como se estivesse por baixo dele e eu temia cada ano quando a idade adulta se aproximava.

Jill franziu a testa.

— O que quer dizer?

— Eu fiquei noiva de Lorde Abotorus quando tinha um ano de idade. Ele apaziguou seu clã, mas isso lhe deu anos antes de realmente precisar me reivindicar. Dezoito é considerada a idade de acasalamento. Eu quis fugir tantas vezes, mas não havia para onde ir.

— Você deveria ter vindo à minha matilha. — Sussurrou Renna.

Gali olhou para a tia e se voltou para Jill.

— Abotorus teria enviado um exército para destruir qualquer clã ou matilha que tentasse me abrigar. Isso significaria a matança de toda alma viva lá, apenas para puni-los. Eu pertencia a ele e senti-me condenada ao meu destino. Cada aniversário eu ficava mais cautelosa, aterrorizada com o futuro que enfrentaria.

— Ele era um pesadelo. — Renna grunhiu. — Frio. Cruel.

— Tudo verdade. — Concordou Gali. Ela respirou fundo. — Eu fugi dois dias antes da cerimônia de acasalamento e queria voar para longe. Mas não teria sobrevivido sozinha por muito tempo e sabia que não poderia procurar segurança de ninguém sem causar a morte deles. Abotorus estava mal-humorado. Eu voei para um vale próximo e vi um homem caçando. — Ela fez uma pausa. — Você nunca deve repetir nada disso, Jill. Me dê sua palavra.

Jill assentiu.

— Ele era um VampLycan. Ele mudou para a forma de seu animal, atacou um alce e então um grupo de lobos famintos apareceram. Desci em uma colina para

ver o que ele faria. Ele se moveu e apenas riu, depois recuou para permitir que eles se deleitassem com sua presa. Ele conversou com os lobos e o vento me deixou ouvir suas palavras. A matilha estava morrendo de fome, seus corpos eram magros, então ele lhes disse que precisavam mais disso. — As lágrimas encheram seus olhos. — Foi tão gentil. Eu não vi enquanto crescia, exceto pela maneira como minha mãe me tratava. Meu pai era Gárgula e ele teria assassinado cada lobo por ousar tentar tomar o que ele caçou.

— Você tem certeza de que quer contar a ela toda essa história? — Renna deixou o vestido e se aproximou. — É perigoso.

Jill olhou entre as duas mulheres enquanto se olhavam.

Gali assentiu. — Ela é a companheira do meu filho. Precisa saber a verdade.

— Justo. — Renna sentou-se perto de Jill. — A vida de seu companheiro está em suas mãos, Jill. Este é um segredo muito perigoso que ela está compartilhando. É o que minha sobrinha não irá dizer. Continue, Gali.

Gali limpou a garganta.

— Eu segui este VampLycan para uma cabana perto de um riacho e o vi lavar o sangue de sua pele. Ele era tão bonito. Foi a primeira vez que vi um homem nu. Continuei pensando em como ele desistiu da refeição para aqueles lobos e como meu futuro companheiro nunca faria isso. Isso me deixou triste e eu desejava que alguém como ele pudesse ser meu companheiro em vez disso. Eu me aproximei, curiosa. Sei agora ele deve ter me ouvido, mas não demonstrou. Ele terminou de se lavar e caminhou para dentro da cabana. Fiquei ainda mais perto, esperando que ele voltasse para fora. Ele o fez... mas eu não soube até que ele me agarrou por trás.

— O VampLycan sorrateiro tinha uma escotilha de emergência na parte de trás de sua cabana e passou por ela. — Renna riu. — Ele a agarrou, virou-a nos braços, tomando cuidado com as asas e disse-lhe que ela era a mulher mais linda que já viu.

Os olhos de Gali ficaram úmidos.

— Ele ofereceu para me deixar entrar e me aquecer em seu fogo. Ele era incrivelmente amável. Ele não me atacou do jeito que me disseram que um homem faria se eu fosse capturada. Suas palavras eram doces e ele ficou com medo de me assustar. Ele me levou para dentro, me fez uma refeição e me ofereceu sua cama. Pensou que eu estava sozinha e provavelmente sentiu minha tristeza. Foi-me oferecido segurança e abrigo por ele. Senti-me atraída por ele de uma maneira que nunca estive antes... e isso me fez pensar. Eu não queria minha primeira vez com um homem sendo fosse acorrentada a uma cama e com um companheiro cruel. Então eu o beijei.

— Eles fizeram mais que beijar. — Murmurou Renna. — Ela passou a noite e o dia seguinte com ele.

— Era a noite anterior à minha cerimônia de acasalamento. Este VampLycan não sabia disso, nunca lhe contei a minha situação ou meu nome. Eu sabia que isso significaria sua morte se Abotorus descobrisse que eu deixei alguém tocar-me. O VampLycan ofereceu que ficasse com ele, prometeu proteger e cuidar de mim durante o tempo que precisasse dele. — Ela estendeu a mão e limpou as lágrimas. — Eu sabia que Abotorus começaria a me procurar na primeira luz quando descobrisse que eu fugi. Ele teria matado aquele VampLycan, provavelmente todos eles em sua raiva, então eu me afastei enquanto o VampLycan dormia. Voltei para casa, me banhei e na manhã seguinte, ao amanhecer, fui ao altar para encontrar meu destino.

Jill deixou tudo o que ela ouviu se afundar.

— Não é um crime ter um amante antes do acasalamento, certo? Eu sou culpada disso. Eu não era virgem quando conheci seu filho. Abotorus descobriu que ele não era seu primeiro?

Ela balançou a cabeça.

— Ele estava tão furioso por ter que se acasalar comigo que bebêu muito na noite anterior antes de me algemar na cama para me reivindicar. Fiquei feliz por ter conhecido um amante generoso antes daquela noite.

Jill estremeceu com a parte das algemas. Parecia desagradável, bárbaro e ela imaginou o pior. Renna rosnou e Jill olhou para as mãos da mulher, vendo as garras cresceram das unhas.

— Ele era um monstro. Quase destruiu sua garganta quando a mordeu e foi selvagem na reivindicação.

— Aveoth não sabe disso. — Gali olhou nos olhos de Jill. — Nunca repita essa parte para ele. Ele sabe que nosso acasalamento não foi feliz, mas suavizei o abuso que sofri. Descobri algumas semanas depois que estava grávida. Abotorus começou a derramar sangue pela minha garganta diariamente para compensar o meu lado fraco Lycan, esperando que isso tornasse seu filho mais Gárgula. Aveoth nasceu com linhas de sangue fortes de Gárgula, mas descobri um dia que meu companheiro não era seu pai. Meu filho mordeu meus mamilos com pequenas presas e tomou sangue, bem como leite do meu peito. Ele *precisava de* sangue. Essa não era uma característica gárgula ou Lycan.

Jill sentiu sua mandíbula abrir-se, mas fechou-a rapidamente. Ela engoliu em seco.

— Aveoth sabe?

— Ele não soube até seu décimo sétimo ano. — Gali se aproximou e se ajoelhou na frente dela, pegando as duas mãos. — O clã matará meu filho se descobrirem que o grande Lorde Abotorus não é seu pai biológico. Eles detestam todas as coisas com sangue de vampiro. O sangue que tomei durante a gravidez aumentou os genes de Aveoth que recebeu através de meu pai Gárgula. Pelo menos isso é o que acredito. Você e Aveoth tem pais VampLycan. Você entende? Os vampiros são seus inimigos de longa data.

Jill assentiu, entendendo tudo.

— Eu não contarei. Eu juro.

— Meu filho planeja te contar, mas eu queria que você ouvisse de mim. Eu fui a única a ter um amante antes de me acasalar. É o seu maior medo de que a verdade saia. Aveoth e Kelzeb ouviram meu companheiro e o conselho fazendo planos. Os

meninos vieram a mim para obter conselhos sobre como impedi-los. Meu companheiro decidiu que introduzir o sangue Lycan no clã era um erro quando Aveoth tinha dezessete anos. Abotorus estava planejando matar-me e a Aveoth, tomando uma companheira de Gárgula de sangue puro. Eu disse a meu filho a verdade naquele dia para que ele não se sentisse culpado por ter que desafiar quem ele pensava ser seu pai para proteger minha vida, a sua própria e a vida de todos os outros Garlycan.

— E Lycans. — Acrescentou Renna. — Ele também teria matado as companheiras.

— O Conselho Gárgula nunca poderá assumir a liderança desse clã. Eles eram os amigos mais próximos do meu companheiro e ainda pensam como ele. Você conheceu Kelzeb, não é?

— Sim.

— Seu pai é um dos membros do conselho que concordaram que GarLycans são um erro. Ele planejou matar sua própria companheira e filho. Era tão profundo seu ódio. Aveoth entende como nenhum outro neste clã que misturar linhagens não é um pecado e isso nos torna mais fortes. Ele precisa permanecer nosso senhor. Sua linhagem não importa para meu filho. Ele escolheu você porque tem seu coração. Espero que possa fazer o mesmo por ele.

Jill pensou no homem pelo qual se apaixonou. Ele bateu em seus sequestradores, foi doce com ela e lhe ofereceu seu coração para sempre.

— Eu amo Aveoth, Gali. — Ela admitiu. Não estava pronta para dizer a Aveoth, mas podia aliviar a mente de sua mãe. — Isso não muda nada. — Em todo caso, fazia com que tivessem mais em comum. — Guardarei seus segredos.

— Ele precisará de seu sangue de vez enquando. — Renna se levantou, pressionando contra o lado de Jill. — Ofereça-o para ele. Ele não tem muito de Vampiro, mas se estiver machucado, dê sua veia. Ele irá curar mais rápido. Precisamos manter nosso menino forte.

Jill olhou para cada uma delas por sua vez e imediatamente sentiu um vínculo com estas mulheres. Todas queriam proteger Aveoth e mantê-lo vivo. Elas também o amavam. — Posso fazer isso.

— É hora de prepará-la para enfrentar o clã. — Gali apertou as mãos suavemente e sorriu. — Você será uma senhora maravilhosa. Aveoth está tentando se livrar do antigo pensamento e esmagar as Gárgulas que ainda pensam como meu companheiro. Ele terá sucesso com você ao seu lado.

* * *

Aveoth verificou suas armas e encontrou Kelzeb no corredor fora de sua casa. Era hora de buscar Jill, sua mãe e sua tia-avó para escoltá-las para a cerimônia de boas-vindas. O olhar dele percorreu o traje formal de seu melhor amigo e as armas presas em seu corpo.

— Estou pronto. Você está?

Kelzeb assentiu.

— Lutarei contra meu pai se ele te desafiar.

Aveoth se encolheu interiormente.

— Esperemos que recebam as notícias melhor do que o esperado e que não tenhamos que arrancar cabeças.

— Duvido. Eu sei o que você está planejando. O conselho vai perder sua merda.

— Nós apoio e estamos seguros. É hora de tomar uma posição.

Kelzeb assentiu.

— Estou contigo.

Aveoth apreciava isso e devolveu o aceno.

— Você solicitou a Tork que levasse sua família um pouco mais tarde?

— Sim. Avisei que nós tínhamos um pequeno negócio para discutir primeiro e você não queria seu novo bebê perto do salão até que estivesse finalizado, caso a violência acontecesse. Ele não ficou feliz por perder uma briga, mas concordou.

— Bom. — Seus pensamentos se voltaram para Jill. Ele deveria ter avisado seus planos, mas era melhor se ela não estivesse excessivamente preocupada. Seria estressante o suficiente para ela conhecer o clã.

Chegaram a sua mãe e ele bateu. A porta se abriu e ele esqueceu de respirar por longos segundos.

Jill estava diante dele em um belo vestido. O decote sobre os seios, as mangas em seus pulsos e a saia que flutuava eram de renda. Seus cabelos loiros estavam presos em sua cabeça em uma espécie de coque com pequenas tranças.

Ela olhou para baixo em seu corpo antes de levantar o queixo.

— Você parece tão quente em roupas formais. A espada e os punhais em seu corpo o deixam mais extravagante.

— Você está linda.

Um rubor manchou suas bochechas.

— Sinto que eu deveria fazer uma reviravolta formal nesta coisa. Nunca fui a um baile de graduação, mas sinto que estou vestida para um.

— O que é um baile? — Kelzeb franziu a testa.

Seu olhar foi para seu melhor amigo.

— Uma dança formal para os adolescentes do ensino médio.

— Curioso. — Ele respondeu.

Aveoth avançou em direção a Jill e pegou sua mão. Ele ergueu os lábios e beijou-a. — Eu dançaria com você a qualquer momento, minha adorável Jill.

Ela sorriu. — Você está sendo tão encantador, então pode mudar a forma como as mulheres se vestem aqui. Continue assim. Eu gosto disso.

Ele amava seu senso de humor. Sua mãe e sua tia-avó entraram na sala e ele notou como suas cores de vestido combinavam com as de Jill. Um calor se espalhou pelo peito. Era o modo de sua mãe dizer ao clã que aceitou Jill em sua família.

— Não mexa com ela. — Repreendeu Renna. — Eu vejo esse brilho nos seus olhos, Aveoth. Espere até depois da cerimônia para destruir todo o trabalho que tivemos com sua companheira.

Jill olhou para elas com uma expressão confusa.

— Elas temem que eu arranque seu vestido e a leve para a cama. — Ele sussurrou.

Ela voltou a cabeça para ele e sorriu completamente. — Qualquer coisa para sair deste vestido. De verdade, Asas. *Qualquer. Coisa.*

Ele a puxou para a porta, se recusando a soltá-la.

— Vamos, senhoras. O clã aguarda. —Ele conduziu Jill até o corredor e colocou-a à esquerda, cruzando a mão sobre o braço. — Fique ao meu lado, a menos que haja problemas. Então fique atrás de mim e coloque uma distância segura entre nós.

Sua expressão era séria.

— Nós deveríamos ter usado preto depois de tudo, hein?

— Não entendi.

Ela apertou seu braço.

— No entanto, eu sim. O sangue realmente vai aparecer no creme. O preto esconde. Vou tentar evitar ser salpicada, se sangue voar.

Ele endureceu a coluna vertebral, perguntando-se sobre o que sua mãe e sua tia-avó conversaram com Jill.

— Não permitirei que nada aconteça com você.

— Acredito nisso. Confio em você.

O calor voltou ao seu peito. Ele não deixaria Jill. Sua companheira mudaria seu mundo e ele precisava ter certeza de que ela era aceita. Não importava o custo. Ela ficaria segura nas falésias ou ele arrancaria cada cabeça na maldita montanha.



Capítulo Quinze

Aveoth entrou na sala de cerimônia e observou os rostos na multidão. Kelzeb caminhava atrás dele, acompanhando sua mãe e sua tia-avó. Os corpos se separaram, dando-lhe a espaço enquanto caminhava com Jill ao seu lado do outro lado da sala até o lugar certo no sofá real. Era um costume que Lorde Abotorus manteve de seu clã anterior. Aveoth queria queimar a maldita coisa. Foram colocados seis degraus acima do piso principal para que todos pudessem vê-lo claramente como se fosse um trono. Ele enfrentou o salão de cima, mas não se sentou.

Kelzeb subiu os degraus com as mulheres de sua família e fez um gesto para que sua mãe e sua tia-avó se sentassem. Elas hesitaram até que ambas olharam para Aveoth para permissão. Ele deu um aceno de cabeça. Sua mãe parecia confusa e ele entendeu o porquê. Somente o senhor era autorizado a sentar-se lá e sua companheira, se houvesse uma. Em todas as outras cerimônias, ele se sentou sozinho, enquanto sua mãe e tia-avó ficavam de pé nos lados do sofá.

Era hora de os costumes mudarem. As duas mulheres se sentaram.

Seu olhar percorreu novamente o salão e ele viu surpresa em alguns rostos. Eles notaram a troca e onde as mulheres estavam sentadas. Ele sorriu quando seus olhares foram para ele, mas permitiu que sua ira se mostrasse em seus olhos.

Jill manteve-se imóvel e silenciosa ao lado dele, mas apertou sua mão. Ele colocou a palma da mão sobre a dela, esfregando suavemente a pele para assegurar que as coisas estavam bem. Os sussurros circularam e mais olhares caíram em sua mãe e tia-avó e logo em Jill. Então, o salão ficou em silêncio rapidamente sem que ele ordenasse.

Ele observou os quatro membros do conselho enquanto se moviam pelo salão e se aproximavam da frente. Kelzeb ficou à sua direita, mas manteve alguns metros de espaço entre eles. Seu melhor amigo colocou a mão no punho de sua espada.

Aveoth não teve que olhar para o rosto dele para saber que Kelzeb olhava para as quatro Gárgulas.

— Obrigado pela presença de todos neste dia. — Aveoth usou uma voz mais alta do que o normal, então o som seria levado para cada parte do salão. — Como todos sabemos, Tork e sua companheira tiveram um filho e eles irão compartilhar seu nome quando eu o aceitar no clã. Eles estarão aqui em breve... mas antes quero fazer uma declaração oficial enquanto todos estão aqui. — Ele respirou fundo. — Gostaria de apresentar minha companheira. Esta é Lady Jill.

Choque e surpresa se registraram em alguns rostos. Ele notou que um homem perto da parte de trás foi empurrado e não ficou surpreso ao identificar os culpados. Elco e Winalin estavam rudemente fazendo seu caminho para a frente. O rosto de Elco estava gravemente ferido e um braço pendurado inutilmente ao seu lado, a mão claramente enfaixada.

Aveoth também viu sorrisos nos rostos da maioria dos Garlycan leais a ele.

— Eu protesto! — Kado explodiu.

— Cale a boca. — Gritou Aveoth. — Eu não terminei. — Ele aprofundou a voz. — Vocês ouvirão o que eu tenho a dizer antes de qualquer outra pessoa interromper. — Ele soltou a mão de Jill de seu braço, não tirando sua atenção de Kado e dos irmãos em ascensão. Ele abaixou a voz. — Sente-se com minha mãe. — Ele disse a Jill. — Por favor.

Ela fez o que pediu, deixando sua visão periférica. Ele não ousou rastrear seus movimentos, mas sabia que estava segura.

Ele segurou sua própria espada e ergueu a voz novamente. — Ninguém jamais se atreveu a me perguntar por que eu desafiei Lorde Abotorus. — O silêncio instantâneo caiu no salão. Aveoth continuou. — Ele e o conselho, todos esses anos atrás, determinaram que adicionar sangue Lycan ao nosso clã foi um erro. Eles estavam conspirando para aniquilar todos e cada um de vocês com uma gota de sangue Lycan nas veias. Lorde Abotorus decidiu matar sua própria companheira, Lady Galihia e a mim, para que pudesse procriar com uma Gárgula de sangue puro.

Choque cruzou muitos rostos, seguido de raiva, mas um grupo de seus mais leais assentiu de acordo, já consciente do passado que era evitado. Kado abriu a boca, mas Aveoth puxou a espada e apontou para ele, segurando seu olhar, desafiando-o a dizer uma palavra. A Gárgula apertou os lábios. Ele abaixou a espada.

— Eu desafiei Lorde Abotorus para evitar que a tragédia acontecesse. Isso teria destruído esse clã. Nenhum senhor deve ter o direito de exigir que qualquer um dos seus, mate seus próprios filhos e companheiras. É um abominável abuso de poder. No entanto... esse era o plano deles.

— Nós somos mais fortes do que nunca como um clã com nossas linhagens misturadas. Nós prosperamos e crescemos em números. Eu acompanho os clãs Gárgulas que são nossos inimigos. Nenhum membro desses clãs terá a opção de reivindicar uma companheira ou de segurar uma criança em seus braços. É o motivo pelo qual o primeiro grupo de Gárgulas fugiu da Europa e se instalou nesta montanha. Eles queriam um futuro e nos tornamos esse futuro. Eu *nunca* permitirei que GarLycans sejam chamados de um erro ou sejam exterminados.

Ele olhou para cada rosto do conselho.

— O extermínio de jovens e companheiras nunca acontecerá no meu clã. Não tolerarei mais a crença preconceituosa de que os sangues puros são melhores que os outros.

Ele deixou suas palavras se afundarem.

— Eu esperei um longo tempo para este dia... e é hora de fazer um ponto. Que todos os GarLycan e Lycan passem para o lado esquerdo do salão e Gárgulas de sangue puro fiquem do lado direito. Agora. — Ele gritou.

Seu clã se dividiu, a grande maioria deles no lado esquerdo, com pouco mais de uma dúzia à direita. Ele esperou até que terminaram de se posicionar e olhou para as Gárgulas.

— Hawk, você mataria seus próprios filhos?

A Gárgula mostrou uma raiva pura.

— Nunca!

— Não foi um insulto. Eu já sabia qual seria sua resposta e conheço seu amor por Fray e Chaz. Como eu disse, estou fazendo um ponto. Alguns dos homens ao seu redor não podem dizer o mesmo. — Ele levantou sua espada para os membros do conselho, um a cada vez apontando. — Eles conspiraram com Lorde Abotorus para exigir que você matasse sua companheira e filhos. Membros do Conselho, olhe para o lado direito. Seu clã nunca permitirá que façam isso.

— Você está mentindo! — Kado gritou.

Aveoth saltou, desviando a escada e pousando perto dos quatro membros do conselho.

— Como você *ousa*. Nem tem honra suficiente para ser sincero com seu próprio clã. Você se esgueira por trás de portas fechadas e se enreda com cobras, achando *que estamos* abaixo de você! Vocês quatro conspiraram com Lorde Abotorus para matar todos as companheiras Lycan e GarLycan neste clã e você nem sequer tem as bolas para admitir o erro que cometeu. — Ele observou os outros três membros. — Algum de vocês tem a honra de admitir a verdade? Ou estão sem honra como seu líder?

Domb levantou o queixo.

— Eu tenho honra. Lorde Abotorus estava correto ao afirmar que o sangue Lycan envenenou nosso clã e precisava ser limpo. O conselho concordou e ainda o fazemos. — Ele lançou um olhar de desprezo ao outro lado do salão. — Seus sentimentos o torna *fraco*. — Ele zombou. — Eu ouço vocês rirem e abrandar as coisas com suas piadas. Vocês se reúnem em seus pequenos grupos para se divertir. É patético! — Então ele se virou para olhar para Kelzeb. — Meu filho é minha maior decepção. Ele escolheu a amizade sobre seu próprio pai e me desafiou em muitas ocasiões. Não há honra nisso. Minha companheira é um aborrecimento com a qual tenho que lidar diariamente e para o que? Para tê-lo na minha vida? Eu me arrependo de permitir que ela o tivesse!

Kelzeb saltou do estrado para pousar ao lado de Aveoth.

Aveoth impediu-o de atacar fazendo um grunhido baixo, tentando evitar o derramamento de sangue.

— Proteja as mulheres. — Exigiu Aveoth.

Kelzeb fez um som revoltante na garganta, mas recuou, voltando ao seu lugar anterior. Aveoth olhou para Domb e permitiu que suas asas deslizassem para fora. Ele as abriu e mudou um pouco seu corpo. — Pareço fraco para você? Posso derrubar todos vocês quatro, matá-los como fiz com Lorde Abotorus. Eu me recuso a chamar esse traidor de parte do clã, e meu pai. *Ele* me desapontou, assim como vocês.

Nenhum dos quatro membros alcançou suas espadas e a maioria das Gárgulas recuou, distanciando-se do conselho. Somente Elco e Winalin permaneceram perto. Isso dizia a Aveoth que eram leais aos quatro. Não era uma surpresa.

— Você recentemente realizou uma reunião secreta e planejou me forçar a me acasalar com Winalin. Isso nunca acontecerá. Seus sonhos de transformar este clã no que desejava não acontecerá. Isso termina hoje.

Ele deu alguns passos para que pudesse ver mais de seu clã, olhando os rostos dos GarLycans e suas companheiras.

— Vocês estão vivos hoje porque eu me recusei a permitir que fossem mortos em nome do preconceito. São fortes, valentes e estou orgulhoso de chamar cada um de vocês meus companheiros de clã e mulheres.

Ele virou a cabeça, abordando o conselho e os dois irmãos apoiando-os.

— Eu me acasalei com Jill. Misturas de sangue são o que fizeram esse clã forte. Minha companheira é meio humana e meio vampiro.

Alguém suavemente ofegou na multidão, mas essa foi a extensão da reação dos GarLycans. A fúria pura mostrou no rosto dos membros do conselho, no entanto. Domb até alcançou sua espada.

— Faça. — Aveoth o desafiou. — Eu teria prazer em matar você.

Domb retirou a mão e a colocou atrás das costas.

— Eu não vou mentir sobre suas linhagens. O lado VampLycan é muito fraco nela, mas está lá. Ela é minha companheira, um dia terá meus filhos e irei ao inferno para protegê-la e a eles, assim como eu fiz para proteger a vida de GarLycans e seus companheiros neste clã. Não será permitido mais preconceito. Não há mais conspirações de mortes por linhagens. Hoje termina nossas diferenças. Qualquer um que tenha um problema com isso, levante sua espada e me desafie. — Ele apontou para a clara área de divisão entre a direita e a esquerda. — A linha começará aqui.

Os quatro membros do conselho não se moveram, mas mudaram seus corpos e alcançaram suas espadas. Eles olharam um para o outro e Aveoth quase podia ler suas mentes. Os covardes não planejavam derrubá-lo um de cada vez.

Eles avançaram como um para formar uma linha, de frente para ele e erguendo suas espadas.

Kado foi o único a falar. — Você não é mais nosso senhor. Acasalou com o inimigo! Exigimos sua morte ou banimento. Decida agora.

O conselho estava muito focado nele para perceber o que estava acontecendo por trás deles. Aveoth sorriu enquanto observava o salão novamente. Seu clã não o decepcionou. Ele esperava contar-lhes a verdade de uma vez por todas e trazer os fatos do passado ao conhecimento, conseguir a unidade. As mulheres e as crianças estavam na parte de trás da sala para sair do caminho, mas o resto do seu clã estava olhando para os membros do conselho, suas próprias armas desembainhadas.

— Você acha isso engraçado? — Kado gritou. — Nós teremos sua cabeça!

— Precisa passar por nós primeiro. — Fray avançou com seu irmão gêmeo, ficando à esquerda de Aveoth. — Quer ser covarde e lutar contra ele em massa? Olhe ao seu redor, imbecil. Ataquem ao nosso senhor e suas cabeças cairão.

Duster abriu suas asas, voou sobre o conselho e pousou à direita de Aveoth. Ele abriu suas garras em ambas as mãos e mudou seu corpo. —Acho que os dedos serão as maiores armas. Todos nós queremos cortá-los, para que possamos bater em suas cabeças um pouco. Eu fico com os ouvidos!

— Narizes. — Chaz riu.

— Preciso de um novo tapete para meu banheiro. — Gritou Hawk. — Milgo tem muito cabelo.

O orgulho percorreu Aveoth enquanto mais vozes se elevavam em seu clã, anunciando que atacariam o conselho para defendê-lo, sua companheira e sua família. Os membros do conselho formaram um círculo para proteger suas costas e ele viu o medo aparecer em seus olhos.

— Parei de receber merda de vocês. — Declarou Aveoth alto e claro. — E também eles. Estou dissolvendo o conselho a partir desse momento. Vocês puniram e atormentaram os GarLycans, atribuindo-lhes deveres de merda e conversando com eles, pensando que são superiores. Fazem reuniões secretas enquanto planejam prejudicar esse clã. *Não mais.*

Gorzak olhava para algo atrás de Aveoth, um sorriso largo curvou seus lábios. Aveoth ousou olhar para trás e percebeu que Kelzeb tinha o celular dele, uma expressão alegre no rosto. Seu amigo estava gravando a queda de seu pai e parecia estar gostando disso. Aveoth não ordenou que ele afastasse o telefone, em vez disso voltou-se para o conselho.

— Você não pode dissolver o conselho! — Elco deu um passo à frente, mas não tocou suas armas.

— Eu apenas o fiz. — Aveoth estreitou seu olhar no idiota. — Se eles ou você não gostam, ficaria mais do que feliz em mandá-lo de volta à Europa. *Eles* têm um conselho que gostaria de apresentar acusações contra estes quatro por traição.

— Eles nos executariam. — Protestou Kado.

— Com certeza o fariam. Agora ajoelhem-se e jurem fidelidade a mim e minha companheira. Caso contrário, lutem.

Kado deixou cair a espada e se ajoelhou. Os outros três seguiram sua liderança, desarmando-se e inclinando a cabeça.

— Desculpem-se com o clã por serem imbecis e planejarem o assassinato da maioria deles.

Cada um murmurou as palavras, mas ele sabia que não significavam nada. Era tentador forçá-los a lutar, mas não o faria. Todos os quatro eram covardes.

— Vocês não têm mais autoridade. Não possuem nenhum título dentro do clã. — Ele lançou um olhar aos irmãos. — Elco e Winalin podem ensiná-los a serem inúteis e não fazerem nada em um clã. Eles são especialistas nisso.

Algumas risadas encheram o ar.

— Se você me desafiar, se planejar, realizar reuniões ou mostrar qualquer intenção de causar danos a este clã, eu pessoalmente colocarei cada um de vocês em uma caixa e os deixarei em seu antigo clã como presentes, já que são muito covardes para lutar. Agradeçam que eu não seja como Lorde Abotorus ou arrancaria suas cabeças, independentemente de não terem levantado suas espadas. Não tiveram problemas em matar membros do clã desarmados. Saiam da minha vista agora.

Os quatro membros do clã levantaram-se, não tocaram suas armas e fugiram. Ele os viu partir antes de voltar sua atenção para os irmãos.

— Podem ir com eles. Ou encontrem seu lugar neste clã, aceitando que não estão acima de todos os outros. Tenho certeza de que podemos encontrar mais duas caixas se precisarem ser deixados em outro clã. Eles ficariam felizes em encontrar uso para uma mulher Gárgula com sangue puro. Claro, você não os achará dispostos a fazer acordos por ela, Elco. Eles o matariam para usá-la como reprodutora. Clãs antigos adoram prender e abusar de suas mulheres.

Winalin empalideceu e agarrou seu irmão. Ele colocou o braço em volta dela e a levou para fora do salão. Aveoth suspirou e esfregou sua espada.

— Alguém que permanece tem algum problema com minha companheira ser parte VampLycan?

Muitos do clã se curvaram e sorriram. Ele relaxou completamente.

— Nós somos um clã mais forte, misturando nossas linhagens. Todo mundo tem o direito de ter um companheiro se desejar. Humano. VampLycan. Lycan. Eu não me importo, desde que sejam felizes e também seu companheiro. Está claro?

Eles assentiram com a cabeça, alguns deles concordando em voz alta.

— Tork, sua companheira e seu filho devem chegar a qualquer momento. — Ele sorriu largo. — Vamos celebrar.

* * *

O rosto de Jill doía duas horas depois de sorrir. No começo, era forçado quando Aveoth a apresentou ao que parecia dezenas de pessoas, uma a uma. Eles eram amigáveis, pareciam estar bem com ela como sua nova senhora e ninguém a deixou excessivamente nervosa.

Tork e sua companheira Benla, sorriram enquanto colocavam seu filho nos braços dela. Torris era adorável e o cheiro de bebê encheu seu nariz.

— É uma honra que confiem em mim. — Disse ela ao casal.

Aveoth instruiu-a a dizer isso antes que o casal se aproximasse, explicando que permitir que ela abraçasse seu filho mostrava sua fé de que ela não prejudicaria seu bebê. Era uma tradição quando um novo membro do clã era apresentado permitir que o senhor e a senhora aceitassem seu filho.

— Você está bem? — Benla perguntou gentilmente, seu tom suave. — Você parece nervosa.

— Eu não tenho muita experiência com bebês. — Admitiu Jill. — Ele é muito lindo.

A Lycan sorriu.

— Ele é. Meu companheiro e eu fazemos bebês bonitos. — Ela olhou para Tork com amor nos olhos. — Nós queremos ter muitos mais.

Tork colocou o braço ao redor dela.

— Eu concordo. — Ele voltou sua atenção para Aveoth. — Foi-me dito o que aconteceu e o que você compartilhou antes de chegarmos. Todo mundo está falando sobre isso. Sempre teve minha lealdade, mas agora também tem minha gratidão. Eu tenho algo a perguntar.

Jill olhou para o bebê e admirou seus grandes olhos dourados. Ele olhou para ela e sentiu seu coração se derreter. Os bebês morcego pareciam seres humanos, apenas a cor dos olhos era um pouco diferente. Eram castanhos e íris do garoto se iluminava com manchas escuras. As cores eram fluidas e mudavam constantemente. Como Aveoth, era incrível.

— *O que?* — Aveoth gritou, tirando-a de suas reflexões. Ela olhou para cima para ver que sua pele estava um pouco cinza e ele parecia irritado.

— O conselho. — Repetiu Tork. — Eles disseram que eu não tinha permissão para ter outro bebê com minha companheira até que dessem permissão. Você não sabia? Fazem isso por um tempo. —Tork parecia preocupado.

— Malditos. —Gritou Aveoth. — Eu não fazia ideia. Adoravam fazer merda nas minhas costas. Por que você ou qualquer outra pessoa não falou comigo sobre isso? Falou com Kelzeb?

Seu amigo apareceu ao seu lado em um instante.

— É a primeira vez que ouço falar de negarem permissão para procriar ou eu teria dito a você. Sabe que eu não tenho uma companheira ou provavelmente eles teriam tentado tirar essa besteira comigo também.

— Você pode ter outro bebê sempre que estiver pronto. Essa é uma escolha entre você e sua companheira. Ninguém mais tem o direito de dizer o contrário. — Aveoth se aproximou de Jill e seus traços se suavizaram enquanto admirava o bebê. — Bebês são uma alegria para todos. Posso?

Jill transferiu cuidadosamente o bebê para dentro de seus braços e Aveoth sorriu amplamente. Ela jurava que seus ovários doeram ao vê-lo animado e fazendo ruídos suaves ao bebê. Talvez ela *estivesse* pronta para um bebê morcego depois de tudo, em um futuro próximo. Havia algo muito interessante sobre Aveoth com aquele bebê.

— Cuide disso, Kelzeb. Fale com outros casais e veja o que o conselho fez. Diga-me e vamos esclarecer qualquer assunto.

— Eu tive que obter permissão para ter um bebê. — Tork ofereceu. — Eles apenas concordaram depois que implorei várias vezes. Eles disseram que lhes devia favores.

A cabeça de Aveoth se levantou e ele rosnou de uma maneira assustadora. A criança em seus braços reagiu, chorando e então começou a se mexer suavemente. Aveoth acalmou instantaneamente seu temperamento e entregou o bebê para Benla.

— Eu matarei aqueles covardes. Por que perguntou? Eles não tinham nenhuma opinião sobre o assunto.

— É o que nos disseram. Que deveríamos pedir permissão para eles. —Tork manteve a cabeça baixa. — Cada um de nós foi convocado para as câmaras enquanto estávamos treinando e recebendo regras quando jovens.

Jill inclinou-se contra o lado de Aveoth e agarrou seu braço porque ele parecia enfurecido e prestes a perder sua merda. Não demorou muito para adivinhar que era novidade para ele.

— Eles são apenas idiotas. Basta dizer a todos que é besteira.

— Eu queria que esses quatro não fossem covardes. Você viu o quão rápido eles deixaram cair suas espadas para evitar que os matasse? — Ele segurou seu olhar.

— Cuidarei disso imediatamente. — Disse Kelzeb. Ele se afastou, misturando-se com o grupo mais próximo.

— Parabéns pelo seu filho adorável. — Disse Jill ao casal. Ela levantou a cabeça, dando-lhes um sinal para aproveitarem a festa. Eles o fizeram, deixando-a sozinha com Aveoth.

Ela ficou na frente dele.

— Você parece pronto para matar alguém, Asas. Respire fundo. Evitamos o derramamento de sangue até agora e eu odiaria ter que devolver o vestido da sua mãe manchado. Quer dizer, não seria uma perda. Essa coisa deve ser transformada em cortinas de qualquer maneira. Há o suficiente.

Ele colocou as mãos nos quadris. — Eu quero matar o conselho.

— Que conselho? — Ela piscou. — Você o dissolveu.

A tensão pareceu deixá-lo. — Eles sempre nos causarão problemas.

— Idiotas nunca mudam. É verdade. É bastante claro, porém, que não há nenhum idiota da aldeia aqui para segui-los, exceto aquele cara com a cara maltratada e a rainha da pornografia agarrando-se a ele quando eles saíram.

Seus lábios se contraíram. — Idiotas da aldeia?

— Sim. Você sabe. Pegue as cordas e as tochas para linchar alguém e apenas as pessoas estúpidas acompanham. Eles estão em menor número e os únicos com medo de serem pendurados em uma árvore. Talvez os cinco possam passar o tempo fingindo ser encanadores enquanto Winalin mostra-lhes o vazamento em seu corpo, onde sua alma escapou.

— O maltratado é o irmão de Winalin.

— Eww. Certo. Talvez ele possa segurar a câmera.

Ele a puxou para perto e pressionou um beijo em sua testa. — Você sempre me diverte. Eu nunca sei o que dirá.

— Eu sou especial dessa forma e não sinto nenhuma devastação agora. Você está preso comigo. Essa coisa parece bastante sólida e para sempre.

— É e eu sou grato. — Ele abaixou a cabeça, olhando em seus olhos. — Como você está indo?

— Estou intimidada pelo seu clã. E não vou mentir. Estou surpresa. Todos os que se aproximaram parecem estar bem comigo.

— Eles estão ou eu teria usado minha espada.

— Você fica quente quando pensa em assassinato.

— Isso é verdade?

— Sabe que sim. Além disso, você é o governante deste lugar e eu sou sua companheira. É uma palavra real. É verdade.

— Eu te amo, companheira.

— Eu também te amo. Agora me alimente. Estou faminta.

— Posso fazer isso. Eles estão servindo um buffet no outro lado do salão.

— Nós temos que nos sentar nesse sofá? Porque tenho que dizer que parece que tijolos sob aquelas almofadas. É a coisa mais desconfortável de todos os tempos.

— Irei queimá-lo.

— Bom. Vou jogar o álcool.

— Nós somos um casal perfeito. — Aveoth a soltou e ofereceu seu braço. — Venha comigo.

— Vá na frente, Asas.



Capítulo Dezesseis

Jill olhou pela janela do táxi, sentindo-se exausta. O homem sentado a poucos metros dela no banco de trás limpou a garganta, chamando a atenção dela. Chaz parecia estar segurando seu olhar quando olhou para ele, mas era difícil dizer. Os óculos de sol escuros que ele usava não mostravam seus olhos.

— Por que você está usando ISSO? Não é um dia de sol.

Ele estendeu a mão e abaixou-os.

— Por que acha?

Ele e seu irmão tinham olhos prateados. Eles não eram de aparência humana. Ela percebeu isso sobre eles antes.

— Você não pode mascarar suas emoções com uma cor mais normal do jeito que Aveoth faz?

Ele balançou sua cabeça.

— Não. Eles são sempre assim. — Ele empurrou os óculos para trás. — Você está bem?

— Na verdade não.

— Eu a manterei a salvo.

— Não tenho dúvidas de que sim. É só que não esperava isso quando Aveoth disse que tinha uma surpresa para mim na noite passada. Eu estava pensando em sexo gentil ou algo assim.

Chaz sorriu e desviou o rosto.

— Fique feliz por não ser meu irmão atribuído a você. Ele teria feito uma observação inteligente com essa afirmação.

— Onde estão Aveoth e Fray?

— Compras.

— Como porra Aveoth conseguiu usar um jato? E quem era aquele grande homem nos esperando? Aveoth não respondeu às minhas perguntas.

— Seu companheiro estava estressado, levando você ao redor de um macho desconhecido que continuava olhando para você de uma maneira que fez Aveoth querer matá-lo. Garson é um pouco mulherengo.

— Bem, eu ainda estou marcada. Aveoth praticamente me arrastou para o quarto no jato, recusou-se a responder minhas perguntas e me distraiu até eu adormecer. — O sexo foi ótimo, mas não iria admitir isso ao rapaz. — No momento em que acordei, estávamos aterrissando e ele apenas me ordenou tomar banho e me vestir. Então ele se foi e você me estava empurrando neste táxi.

— Conversaremos quando chegarmos ao seu endereço. — Ele virou a cabeça para frente, inclinando a cabeça na direção do motorista.

Ela suspirou, entendendo. O cara na frente podia ouvir cada palavra que eles disseram. Um pouco de seu mau humor desapareceu quando viu a área familiar. Poucos quarteirões depois, o táxi parou na frente da loja de metal de Mack.

— Vá primeiro. — Insistiu Chaz.

Ela abriu a porta e saiu. Ele deslizou através do assento, pagou o motorista e saiu pela mesma porta que ela. Ele teve o cuidado de não a tocar, mas manteve-se perto. O carro saiu, deixando-os na calçada.

— Por que você fez isso?

— Eu não iria sair antes de você, caso o motorista decolasse com você ainda dentro.

— Os motoristas de táxi não sequestram as pessoas e especialmente porque você estava comigo. Isso seria estupido, já que você viu seu rosto e sabia o número do táxi. Estava claramente marcado naquele cartão de pagamento.

— Eu não confio nos humanos.

— Diga-me o que está acontecendo, Chaz. — Ela olhou para cima e para baixo da rua. — Ninguém está por perto.

— Lorde Aveoth queria levá-la para casa para que você pudesse pegar as cinzas da sua mãe. Ele chamou os VampLycans para ajudar a organizar a viagem, uma vez que nos devem alguns favores. Descobriu-se que um dos agentes de Lorn estava em Anchorage e estava a caminho do aeroporto, a caminho de casa. Foi o tempo do VampLycan contratar um jato em vez de um piloto e desviá-lo para nos pegar. E Lorde Aveoth quer te dar um presente por seu acasalamento, então ele está comprando enquanto vamos ao seu apartamento. Isso é *tudo* que posso dizer.

Era um pouco romântico.

— Foi tão rápido e inesperado.

—Foi ontem à noite ou provavelmente esperaríamos semanas até encontrarmos outra oportunidade para um VampLycan estar em um aeroporto grande.

— E isso faz sentido... por quê?

— VampLycans tem a capacidade de apagar memórias e controlar humanos. Nenhum piloto de fora teria pousado um jato em uma pista de pouso que nem sequer existe em um mapa. Garson tentou pagá-los e mantê-los sob seu controle. Nem o piloto se lembrará de estar lá. Não tínhamos conhecimento de que a pista de pouso poderia lidar com um jato até que você foi levada para lá em um por Decker. Normalmente, quando viajamos longas distâncias, contratamos um piloto em um pequeno avião para nos transportar para aeroportos maiores e depois em voos comerciais.

— Mas você tem asas.

— Radar pode ser uma puta para evitar em áreas povoadas. E imagine ter que voar quase duas mil milhas. — Ele revirou os ombros. — Estou em forma, mas isso seria difícil, especialmente se estivesse carregando alguém em meus braços. Também levaria dias, já que só podemos voar à noite fora dos territórios seguros e

controlados por nós ou os VampLycans. Lorde Aveoth não contou a ninguém que estava saindo, já que o clã ainda estava atordoado depois de ontem. Desta forma, estaremos de volta antes que alguém perceba que saímos. Os jatos são mais rápidos.

Ela suspirou.

— Você sabe o que? Vamos pegar minhas coisas e voltar para o aeroporto. Estou cansada, um pouco irritada e fora de controle. — Ela caminhou até a porta principal e tentou girar a maçaneta. Estava trancada. — Merda. Mack não está aqui. Vamos.

— Quem é Mack? — A suspeita encheu a voz de Chaz. — Lorde Aveoth não gostará se você tiver um apego romântico a um ser humano.

— Mack é como uma figura paterna para mim. Eu trabalhei para ele e aluguei o apartamento sobre a loja por ser barato. Ele provavelmente está com sua namorada hoje ou em um show com suas peças mais recentes. Ele é um artista. Esta é uma loja de metal. Quer adivinhar o tipo de trabalhos que ele cria?

Chaz apenas riu.

Ela levou-o ao redor do prédio até um portão e alcançou, sentindo o trinco. Os dedos dela pegaram e puxou-o. O metal rangeu quando ela o empurrou para entrar no quintal.

— Feche atrás de você. Mack não quer que alguém entre aqui.

O portão bateu e ela foi até a porta dos fundos, levantando uma pedra. A chave de emergência estava um pouco lamacenta, mas ela limpou contra a parede e empurrou-a dentro da fechadura. Ela colocou a chave de volta e cobriu com a rocha.

— Entre.

Chaz agarrou seu braço e empurrou suas costas.

— Eu vou primeiro.

Certo. Ele é meu guarda-costas. Ela se afastou devagar de seu caminho.

— O pior que você encontrará é um rato ou uma aranha. Pegue a escada para a esquerda. Meu apartamento está lá em cima.

— O que é esse cheiro? — Ele pareceu desgostoso.

Ela entrou atrás dele e inalou. — Tinta spray. Esta é a área onde Mack faz isso e pelo quão forte é, acho que ele não saiu há muito tempo. Nós deixamos a porta traseira aberta para entrar ar, enquanto ele está pulverizando.

— Verificarei esta área aqui.

— A porta à esquerda é o escritório. — Ela empurrou a cabeça. — À direita é a loja. Eu não entraria nessa área. Mack liga os ventiladores para ajudar suas esculturas a secar depois de pintar, mas ainda chega luz de fora. Vamos. — Ela subiu a escada rapidamente e chegou ao apartamento dela. A porta não estava trancada, mas então, nunca estava.

— Eu disse que iria primeiro. — Chaz exigiu por trás dela. Ele a afastou suavemente e deu um passo à frente. Ele parou logo dentro da porta. — Alguém esteve aqui. Eles reviraram seus pertences. Você sabe o que eles estavam procurando?

Jill não sabia se deveria rir ou se sentir envergonhada. As gavetas da cômoda estavam parcialmente abertas, roupas penduradas fora delas. O cesto de roupa foi derrubado no canto, o conteúdo derramado em uma pilha bagunçada. Os cobertores enrolados no final de sua cama e o travesseiro estava na mesa de cabeceira, cobrindo a maior parte de seu despertador. A lâmpada derrubada de lado e estava quebrada.

— Hum desista, Chaz. Foi assim que eu deixei.

Ele a olhou sobre o ombro, aparecendo atordoado.

— Não me julgue. Eu dormi pouco no dia em que fui sequestrada porque fui para a cama muito tarde e meio que bati meu alarme com meu travesseiro enquanto eu ainda estava acordando. A lâmpada quebrou por acidente. Então não consegui

encontrar nada para vestir. — Ela acenou com a cabeça em direção a sua cômoda antes de apontar para o guarda-roupa. — Percebi que o que eu queria estava provavelmente lá. Mack fica irritado quando me atraso e não queria ouvi-lo reclamar novamente. Eu teria limpado isso depois do meu turno.

Ele mascarou sua expressão.

— Entendo. — O humor soou em sua voz. — Você possui uma mala?

— Rapaz, claro. Sou a rainha da mudança. — Ela caminhou até o armário e abriu, puxando uma mala já preparada. — Esta é a mala de emergência que eu mantenho pronta. Dê-me alguns minutos e vou pegar o resto das minhas coisas. Ela puxou uma mochila da prateleira superior do armário e entrou no minúsculo banheiro.

— Mala de emergência?

— História longa, mas digamos que tive várias vezes que pegar e sair rápido antes. As minhas lindas roupas estão sempre prontas. — Ela tirou o saco de maquiagem da única gaveta no banheiro, voltou para sua pequena sala e quarto, colocou cuidadosamente a urna de sua mãe dentro da mochila sobre a cômoda. — Estou pronta.

Ele pareceu surpreso.

— É apenas isso?

— Não vou levar as roupas sujas ou o que há na cômoda. Todos elas têm buracos de faíscas. Fazia muita solda para Mack. Tenho tudo o que preciso.

— E quanto a bens pessoais? Os seres humanos tendem a ter imagens e coisas.

— Já na mochila. Está um pouco pesada. Você se importa em carregá-la?

Chaz levantou a mochila e pendurou no ombro dele.

— Lorde Aveoth acreditava que isso levaria algumas horas.

— Ele estava errado. No entanto, preciso deixar uma nota para Mack. Eu me sinto mal por apenas deixá-lo. Ele tem papel e canetas em seu escritório. — Ela tentou sair do apartamento, mas Chaz bloqueou seu caminho.

— Eu irei primeiro.

— Certo. Certo. Depois de você.

Ele saiu pela porta, mas então parou tão rápido que quase bateu nas costas dele. Cinco explosões rápidas e altas soavam, quase ensurdecendo-a. O grande corpo de Chaz moveu-se repetidamente com esses ruídos, depois virou de lado, caindo pelas escadas. Jill ouviu cada baque. Isso a chocou tanto que levou segundos para reagir e entender que eram tiros.

— Porra! — Seus instintos de sobrevivência apareceram. Ela pulou, pegou a porta e bateu. A culpa a percorreu enquanto deixava Chaz, mas ele tinha superpoderes. Gali disse que poderiam sobreviver a tiros. Ela esperava que fosse verdade. Ser principalmente humano significava que ela estaria morta se fosse baleada também.

Ela pisou para o lado, seus dedos apertados ao redor da borda superior da cômoda e ela puxou com força. Caiu, bloqueando a porta. Ela girou e entrou no banheiro.

Essa porta era mais fina, mas ela bateu e trancou. Pulou no chuveiro e tinha uma banheira, colocou o pé no canto da banheira e puxou o trinco da janela. A janela rangeu em protesto quando balançou. Jogou a mochila primeiro e depois apertou as bordas para pular no pequeno orifício.

O som de esmagamento de madeira veio da outra sala e ela descobriu que quem atirou em Chaz viu que a porta não era o único obstáculo, quando ouviu um grunhido animal. Dois booms retumbantes indicaram que talvez estivessem tentando chutar a cômoda fora do caminho, mas Jill estava a meio caminho da janela aberta até então, ignorando a dor no estômago enquanto tentava sair pela janela.

Ela olhou para as duas latas de lixo ao lado do prédio, amaldiçoando porque sabia que iria doer quando caísse. Chutou as pernas de forma selvagem e curvou-se, levantando os dois braços para proteger sua cabeça enquanto a gravidade fez o seu trabalho e caiu pela janela. Ela bateu nas tampas de plástico.

Agonia disparou através de um ombro e seu corpo se virou com o impacto. Ela rolou diretamente da lixeira antes que pudesse se recuperar tentando agarrar algo, qualquer coisa, para ficar em cima. Seu lado recebeu o maior impacto quando bateu no pavimento. Jill ficou deitada, ofegante, mas um barulho de cima fez com que ela voltasse a cabeça para olhar.

A visão de Fido, seu rosto com cicatriz cheio de raiva, assustou-a. Ele estava tentando passar seu corpo volumoso pela janela, rosnando para ela. Ela gemeu, segurando seu braço direito enquanto ficava parada. A mochila estava a poucos metros de distância e pegou uma das alças com os dedos. Não havia como deixar as cinzas de sua mãe para trás. Suas pernas funcionando bem, mas ela estava mancando por causa do quadril, machucado pelo golpe. Foi o mais rápido possível para o portão para escapar pelo quintal. Um homem de terno de repente abriu-o antes de chegar lá e ela congelou.

— Olá, Jillian. — Era Shark.

Ele puxou algo do bolso. Ela olhou com medo quando ele abriu a seringa e jogou a tampa da agulha no chão.

— Seu avô gostaria de ter uma conversa com você.

— Foda-se. — Ela recuou, o coração acelerado. — Fique longe de mim!

Um corpo pressionou contra suas costas, impedindo sua fuga. Ela virou a cabeça, olhando para alguém novo e aterrador. Ele era alto, volumoso e suas grandes mãos a segurou nos ombros. Um grito escapou dela contra a sensação de dor insidiosa. Tinha certeza de que ele simplesmente cravou as garras na pele dela.

— Nós sabíamos que você voltaria para os restos de sua mãe e você não nos decepcionou. — Shark foi até ela, parecendo presunçoso e satisfeito. — Você parece surpresa. Seu pai teve homens a observando toda sua vida, Jillian. Sua mãe

era importante para você e Decon procurou suas casas muitas vezes. Ele sabe que suas cinzas são a sua posse mais prezada.

— Isso é uma merda. — Ela murmurou. — Bastardo sem coração.

— É verdade. Nós a entregamos a Aveoth sabendo que você voltaria por essa urna ou ele enviaria alguém em quem confia para recuperá-la para você. Então, foi apenas um jogo de espera para agarrar quem veio. Mas você era nossa melhor esperança... e aqui está.

— Que porra isso significa?

— Decker precisava de uma maneira de controlar Aveoth. Agora temos isso. Ele fará tudo o que quisermos para recuperá-la. —Ele acenou com a seringa. — É hora de você dormir.

— Espere! — Ela deixou cair a mochila enquanto sua mente funcionava rapidamente. — Aveoth não se importa uma merda se me tem. Ele não é o único que acabou de ser baleado pelo seu povo. Você quer saber por quê?

Os olhos de Shark se estreitaram.

— Fido estava certo. Aveoth queria me matar porque sou uma respondona. Eu seduzi aquele idiota para poder escapar dali. —Ela forçou um grande sorriso. — Você é *tão* burro.

Ele se inclinou de perto e inalou.

— Você cheira como Lorde Aveoth.

— Apenas porque o bastardo me mordeu e eu o mordi de volta. Ele não gostou disso. O cheiro desaparecerá em uma semana ou mais depois que este sangue desagradável saia do meu sistema. Pelo menos foi isso que meu novo namorado disse. Aveoth ficou furioso porque não era uma idiota tarada que poderia se curvar a todos os seus caprichos. Ele me mandou embora de sua casa, então eu flertei com... — Ela empurrou a cabeça em direção ao prédio. — Não consigo lembrar seu nome.

Fido veio correndo para eles da parte de trás do prédio. Ele deve ter desistido de passar pela janela. Grunhiu, caminhando para ela. Ela encontrou seu olhar, mas depois sorriu para Shark.

— Cole, não é? Desculpe decepcionar, mas tudo o que você fez foi livrar-me de uma dor na bunda. Ou pelo menos, ele provavelmente *teria* sido se você não o matasse. Ele me fez prometer que iria me acasalar com ele se me trouxesse para casa.

— Eu não acredito em você. — Ainda assim, Cole não parecia seguro.

— Você não acha que Aveoth estaria aqui se eu importasse para ele? Você o vê? Não. Talvez a lógica seja muito complicada para você, mas tente pelo menos uma vez.

Ele cravou a agulha em seu braço. Ela tentou se afastar, mas o bastardo que segurava seus ombros não permitiu que ela se movesse muito. Uma frieza se espalhou pelo braço e o peito.

— Levarei você para Decker. — Disse Shark. — Essas são minhas ordens.

— Foda-se.

Manchas dançaram diante de seus olhos e os joelhos se dobraram sob ela. Tudo ficou escuro.

* * *

Aveoth sorriu e mostrou a Fray o que acabou de comprar.

— O que você acha?

— Sua companheira irá adorar.

— Ela foi criada como humana, então queria comprar um anel. Minha mãe me disse o tamanho necessário. Espero que ela esteja certa.

— Redimensionar um anel seria uma merda quando chegarmos em casa. Você está pronto para retornar ao aeroporto?

— Sim.

O telefone de Aveoth tocou e ele o pegou, vendo o número de Chaz.

— Nós já terminamos aqui. — Ele respondeu. — Estamos a caminho agora.

— Eles a levaram. — Gritou GarLycan.

— O que? — O medo instantâneo e a raiva o percorreu. — *Quem* a levou?

— VampLycans. Eles me atingiram. Não tive tempo para mudar. — Chaz tossiu e parecia molhado. — Venha a sua casa. Ainda não me recuperei. Eles podem estar próximos.

— Estamos a caminho. — Ele desligou.

Fray já estava na calçada e ele abriu a porta de trás do táxi que tinha esperado por eles na frente da joalheria. O Garlycan parecia furioso.

— Eu ouvi. Vamos.

Aveoth quase mergulhou no banco de trás e fervia enquanto Fray entrava do outro lado, dando ao motorista o endereço. Sua companheira foi levada. A ideia parecia surreal, mas ele sabia que era um fato. Chaz nunca faria uma brincadeira tão retorcida com ele.

Fray retirou algumas notas de dinheiro.

— Quebre todos os limites de velocidade para nos levar até lá e isto será seu.

O motorista olhou para trás e então o veículo avançou, os pneus chiando enquanto ele apertava o pé no acelerador.

— Permaneça calmo, meu senhor. Vamos pegá-los e recuperá-la.

— Quem ousaria fazer isso? — Ele imediatamente respondeu sua própria pergunta. — Decker.

— Não sabe disso com certeza. Não há como saber que a traríamos aqui.

— A menos que Garson nos traiu. Vou fatiá-lo uma peça por vez.

Fray segurou seu braço forte.

— Respire fundo. Passei um tempo com Garson. Ele não faria isso. Não sei como rastrearam nossos movimentos, mas observe sua pele. — Ele murmurou.

Aveoth olhou para baixo e viu os sinais de uma mudança parcial. Ele precisou de todo seu controle para forçar seu corpo a submissão. Fray tirou um óculos de sol de sua jaqueta e segurou-os.

Aveoth pegou-os e cobriu os olhos.

— Eu vou...

— Aqui não. Agora não. Apenas respire, meu senhor. Dentro. Fora. Vamos recuperá-la.

Todos os minutos pareceram uma eternidade até que o táxi parou em frente a um velho edifício cinza. Aveoth quase arrancou a porta para sair, respirando cada aroma ao redor dele. Ele sentiu os VampLycans imediatamente. Um olhar de volta e viu Fray dando dinheiro ao motorista. Aveoth correu para a porta da frente do prédio, apenas para encontrá-la trancado. Ele torceu o punho e jogou o ombro nele. O bloqueio quebrou e ele empurrou para dentro.

Aveoth olhou para a loja, o nariz queimando com o forte cheiro de produtos químicos. Metais e tinta. Ele invadiu a sala para outra porta e a abriu. Chaz estava no chão em uma poça de sangue, mas os olhos do soldado estavam abertos. Seus óculos de sol estavam a poucos metros de distância.

— Sinto muito.

Aveoth avaliou os ferimentos graves de Chaz. Ele sofreu duas explosões no peito e tiros adicionais em seu ombro, estômago e quadril. O sangue cobria seus lábios e descia de seu queixo até a garganta. Aveoth aproximou-se do macho, olhou para a porta aberta e subiu a escada onde o sangue estava manchado os degraus.

— Fora. — Chaz disse, tossindo mais sangue. — Ela escapou do andar de cima e eles correram pela porta atrás dela.

Aveoth correu e pegou mais aromas uma vez que ele pegou o cheiro no interior do edifício. Fray estava bem em seus calcanhares e eles se separaram. Seu executor se agachou perto de um lixo e tocou o chão.

— Ela esteve aqui. — Ele olhou para cima. — A janela está aberta. Ela deve ter saltado para o chão.

Aveoth rastreou os aromas que reconheceu. Eles eram dos dois VampLycans que ele espancou para Jill depois de conhecê-la pela primeira vez. Havia um cheiro desconhecido também e uma mochila abandonada. Ele seguiu o cheiro para fora de um portão aberto, onde todos os aromas desapareceram na rua. Fray agarrou seu braço novamente.

— Nós vamos recuperá-la. Não perca o controle, meu senhor. Estamos na luz do dia. Você não pode voar na cidade para procurá-la.

— Decker a tem novamente!

— Ele irá querer algo então. Ele sempre faz. Isso significa que ele não ousará machucá-la. Pense. Eu sei que é difícil agora porque ela é sua companheira, mas deve fazê-lo.

Ele fechou os olhos e tentou limpar seus pensamentos.

— Posso rastreá-la.

— Merda. Eu esqueci. Qual direção?

Aveoth mentalmente alcançou Jill, mas não conseguiu perceber onde ela estava.

— Não estou recebendo nada.

— Você está ligado a ela, pode sentir, apenas está irritado demais. Concentre-se, meu senhor.

Aveoth tentou novamente, então sentiu mais raiva e frustração.

— Eu não peguei nada. Eles a mataram! — Ele caiu de joelhos, seu coração sentindo como se alguém o tivesse arrancado.

Fray curvou-se e abriu os braços ao redor dele, levantou-se e quase o arrastou para o quintal que acabavam de deixar antes de colocá-lo para baixo. Ele chutou o portão fechado e começou a rondar o quintal. Aveoth ficou abaixado e frio por dentro, morto. Sua pele latejava e sabia que começava a mudar. Não importava mais. Nada importava.

Fray voltou para ele e se ajoelhou.

— Encontrei uma tampa de agulha. Não perca o controle, Aveoth. —Fray agarrou a parte de trás do pescoço e apertou. — Está me ouvindo, porra? Decker quer algo. Ele precisa de sua companheira viva. Você não a está sentindo porque ela deve ter sido drogada. Sabe que pode bloquear sua capacidade de conseguir sua localização se sua mente estiver desligada.

Ele ouviu as palavras e lutou para respirar novamente. Para suavizar sua pele.

— É isso. — Fray incentivou. — Vamos, Aveoth. Se não houver nada, fique irritado comigo por ter sido informal com você.

Aveoth abriu os olhos e viu a tampa de seringa vermelha que Fray segurava na palma da mão. Ele pegou e cheirou. Era algum tipo de droga, mesmo que leve.

— Ela tem seu cheiro. — Fray soltou seu pescoço. — Decker quer o clã de volta. Ele usará Jill para forçar a ajudá-lo a fazer isso. Você está pensando mais claro agora? Gostaria de verificar meu gêmeo. Parecia uma merda quando olhei para ele.

— Vá para Chaz.

— Eu volto já.

Aveoth lentamente se levantou e silenciosamente, prometeu chegar ao inferno com Decker e qualquer um de seus leais para recuperar Jill. Ele verificou seu telefone, mas não perdeu nenhuma ligação. Decker entraria em contato com ele, no entanto. O bastardo tinha sua companheira. Ele entrou no prédio, observando enquanto Fray ajudava seu irmão a ficar de pé.

Chaz se recusou a encontrar seus olhos.

— Sinto muito, meu senhor.

— Pare. — Aveoth se aproximou e colocou as mãos no peito do Garlycan, examinando as feridas. Elas eram ruins, mas o sangramento diminuiu. — Pulmão perfurado?

— Sim. Não importa. Eu falhei em você. — Chaz inclinou-se sobre Fray. — Eu falhei com sua companheira.

Aveoth olhou para Fray, vendo o flash de medo do gêmeo através de seu rosto. Ele poderia adivinhar o porquê.

— Não mais uma palavra, Chaz. Eu sei o que você irá dizer. Eu me recuso a tirar sua vida como castigo. Os bastardos usaram algo para esconder seus aromas e os atacaram com armas humanas antes que você pudesse reagir. — Ele notou as três espingardas, descartadas no chão por uma porta aberta que revelava um escritório com uma mesa dentro. — Foi uma armadilha. Qualquer um poderia ter entrado nela. Nenhum de nós suspeitou que Decker viria atrás de minha companheira aqui.

Aveoth puxou os óculos de sol para tirá-los do caminho e retirou uma adaga do bolso escondido da coxa de sua calça de couro. — Você faria algo por mim?

Chaz ergueu a cabeça.

— Minha vida é sua, meu senhor. Farei qualquer coisa por você.

Aveoth olhou fixamente para cada gêmeo.

— Preciso que vocês dois jurem guardar o segredo e sejam leais a mim para sempre, agora.

Ambos pareceram confusos, mas Fray falou.

— Sempre foi assim e sempre será.

— Bom. Então faça exatamente o que eu disser. — Ele cortou a pele no antebraço interno e levantou-o para o rosto de Chaz. — Tome meu sangue agora. Isso é uma ordem.

Os olhos de Chaz se arregalaram, a incerteza se mostrando neles.

— Meu pai era um VampLycan. Meu sangue irá curá-lo. Tome.

Chaz apenas hesitou por um instante, depois colocou a boca sobre o corte. Aveoth concentrou-se em Fray. O VampLycan tirou os óculos de sol, seus olhares se conectaram sobre a cabeça de Chaz e Fray deu um forte aceno de cabeça, silenciosamente dizendo que ele tinha sua lealdade.

— Explicarei mais tarde. Decker voltará para o Alasca. Vamos lá primeiro. Isso significa que precisamos sair daqui e de volta ao jato. Não podemos fazer isso com Chaz sangrando. Os seres humanos nos viriam e poderiam chamar suas autoridades.

— VampLycan. Estou maravilhado. —Fray assobiou. — Nunca adivinharia isso sobre você em um milhão de anos.

— É melhor esperar que ninguém mais faça no nosso clã.

— Não, merda. Não diremos a ninguém. Kelzeb sabe?

Aveoth olhou para os olhos de Chaz, que ainda estavam nele.

— Sim.

Chaz o surpreendeu piscando. Então o GarLycan parou de tomar seu sangue e deu um passo atrás antes de se abaixar e abrir a camisa destruída. Os buracos em seu peito estavam rapidamente se fechando diante de seus olhos.

— Porra! — Chaz tocou uma das feridas, já fechadas. — Surpreendente.

— Encontrarei outra coisa para vestir. Você está coberto de sangue. — Fray entrou no escritório.

— Espero que o jato possa voar com um piloto em vez de dois.

— Por que isso, meu senhor? — Chaz tirou o resto da camisa e começou a se despir.

— Preciso tomar sangue agora. Esse é o lado negativo de ser parte VampLycan.

Fray voltou com uma camiseta e uma bermuda.

— Foi o melhor que pude encontrar lá. — Ele os estendeu para o irmão. — Era isso ou poderia ir ao apartamento de Jill para conseguir um vestido ou algo assim.

— Apresse-se e vista-se Chaz. Precisamos ir. — Aveoth estava desesperado para voltar para o Alasca.

Fray deu um passo à frente.

— Eu ouvi o que você disse. — Ele ofereceu seu braço. — Precisa de sangue.

Aveoth foi tocado. Os irmãos realmente aceitaram o que era.

— Aprecio isso, mas dois de nós estamos mais fracos do que o normal agora. Não vamos fazer com que sejam três. Tomarei sangue uma vez que chegarmos ao jato.

Chaz vestiu a roupa humana. Eram muito pequenas e ele parecia ridículo com bermuda e botas. Mas não importava.

— Esta é a mala de sua companheira, ela estava com a mochila com as cinzas de sua mãe. Eles também a levaram?

— Está fora. Eu a pegarei. — Fray saiu do prédio, voltando com os óculos de sol.

Aveoth se esforçou para manter sua sanidade. Sua companheira foi levada e VampLycans morreriam.



Capítulo Dezessete

Jill acordou no mesmo jato que esteve antes quando foi sequestrada, apenas que agora não era somente Shark e Fido com quem tinha que lidar. O homem quieto que segurou seus ombros também estava presente, ainda de costas em um dos assentos atrás dela.

Ela olhou para o idiota em um assento de frente a ela, que ela suspeitava ser a metade do motivo pelo qual o dador de esperma já existia. Ele confirmou suas suspeitas quando se apresentou como Decker Filmore.

— Você vai recuperar meu clã para mim e me ajudar a alcançar meu objetivo de vida.

Tinham-na amarrado como uma múmia, com cordas que a cercavam e ao assento em que ela estava sentada, serpenteando do peito ao tornozelo. — Sabe, para um parente que nunca quis nada comigo toda a minha vida, isso é fodido. Você entende, certo?

Decker sorriu com calma.

— Eu não sabia sobre você ou teria matado sua mãe logo após seu nascimento e a levado para casa. Você não seria a mulher de boca suja que é hoje. Eu a teria ensinado a me respeitar.

— Ele a teria espancado até a submissão. — Grunhiu Fido.

Ela não lhe poupou um olhar desde que ele se sentou em algum lugar atrás dela.

— Você ouviu isso? Acho que um cão está falando. Alguém pegue uma câmera para gravar e podermos colocar no Twitter. É um milagre.

— Maldita puta! — Fido grunhiu.

— Sente-se. — Ordenou Decker. — Ela sabe quais botões pressionar. O que é Twitter? —Ele olhou para Shark em busca de esclarecimentos.

— Ignore suas observações. Jillian é rude e ela costuma dizer coisas que não fazem sentido em suas tristes tentativas de causar uma sensação estúpida.

— Eu não tenho que tentar nada. A estupidez é um fato em seu caso. —Ela sorriu, já que ele estava sentado na frente dela. Decker olhou para o relógio.

— Quanto tempo até partirmos? Quero ligar para Aveoth e acabar com isso. Quase queria poder vê-lo matar meus inimigos.

— Vamos finalmente fazer esses traidores pagar... e fazê-lo no conforto do jato. — Shark também olhou para o relógio. — Em breve. Nós já cruzamos a fronteira para o Alasca.

— Aveoth não fará o que quer. — Jill balançou, tentando afrouxar as cordas, mas estavam muito apertadas.

— Nós devemos droga-la novamente. — Shark mostrou seus dentes brancos em sua própria versão maligna de um sorriso.

— Concordo. Qualquer coisa para evitar olhar para você dois. — Ela estendeu as pernas, empurrando as cordas. — Notei que você não está como uma chaminé desta vez. Acho que o idiota a quem você serve não gosta de fumar?

— Não chame Decker de idiota! — Shark disparou.

Decker inclinou-se para a frente em seu assento, o olhar fixo sobre ela.

— Aveoth pode querer que eu prove que ela ainda está viva. Sem mais drogas. Você me lembra sua avó. Minha companheira também não me respeitava e eu a matei. Mantenha isso em mente.

— Eu diria que estou chocada, mas... então não. Todos os Filmores são perdedores. É uma pena que não estendeu este anseio por assassinato a toda sua família, assim nenhum de vocês sobraria.

Um profundo rosnado soou atrás dela.

Ela colocou a cabeça no assento e suspirou. — Seu cachorrinho soa como se pudesse mijar por toda parte ou morder seu avião caro. Voto para abrimos uma porta e lançarmos fido para fora.

— Eu vou matá-la. — Gritou Fido.

— Sente-se e cale-se, Boon! — Decker ordenou-lhe. — Não permitirei que você foda meus planos porque não tem controle sobre o seu temperamento. Esta filha bastarda será a queda dos nossos inimigos VampLycan. Todos os quatro clãs se curvarão até mim ou morrerão. Aveoth fará o que eu disser porque ele quer seu sangue.

Ela engoliu em seco, não gostando da pura felicidade que viu no rosto de Decker com aquela declaração. Ele realmente queria matar muitas pessoas. Deixava-a doente pensar que eram parentes de sangue. — Você está errado. Louco delirante, também.

Decker inclinou a cabeça, observando-a muito perto para seu conforto. — Eu não acredito no que você disse a Cole. Eu, entretanto, acho que provavelmente seduziu um de seus GarLycans para fugir com você. Isso fará Aveoth te querer ainda mais. Ele e eu somos muito parecidos com a busca pela vingança contra aqueles que nos traem. Ele fará de sua vida um inferno Jillian e aproveitará cada momento ao fazê-la pagar por traí-lo com um dos seus próprios executores.

Não havia nenhuma maneira de permitir que Decker a usasse contra Aveoth. Ele tinha muito orgulho e honra. Aceitar ordens de um homem cruel o mataria por dentro. Aveoth ofereceu-lhe tudo o que tinha, acasalando-a. Ela precisava fazer tudo em seu poder para destruir estes bastardos.

Eles estavam no ar e VampLycans não tinha asas. Um olhar assegurou-lhe que a porta da cabine estava fechada. Isso significava que os pilotos estariam seguros se ela pudesse de alguma forma descomprimir a cabine e forçá-los a fazer um pouso de emergência. Isso não poderia acontecer a menos que ela saísse das cordas.

Um plano se formou e Jill tentou parecer aterrorizada com as palavras de Decker, mesmo fazendo com que suas mãos tremessem. Decker percebeu e sorriu.

— Eu quase tenho pena de você. Ouvi que os garotos adoram acorrentar suas mulheres e mantê-las trancadas em cavernas escuras. Fido riu alto. Ela virou a cabeça e arqueou as costas o suficiente para vê-lo sobre o apoio de cabeça.

— O que você acha engraçado, bafo de cachorro? Prefiro ser mantida em correntes dentro de um calabouço qualquer dia do que ficar perto de *você*. Pelo menos um homem de verdade estaria comigo. Você nunca poderá me tocar. Que cachorro pobre e triste você é.

Ele pulou para fora de seu assento, bem para ela. Ela se encolheu, mas esperava o ataque. Fido realmente tinha problemas de raiva e nenhum controle. Ele gostaria de fazê-la pagar por essa provocação... o que, esperançosamente, significava tirá-la do assento primeiro.

— Porra, Boon!

O VampLycan enfurecido ignorou Decker, suas garras cortando as cordas. Sua outra mão se esticou para seu braço, tentando arrastá-la para fora do assento ao mesmo tempo. O braço dele tocou seu ombro ferido.

A agonia a atravessou e ela lutou para não se desmaiar. Isso não fazia parte de seu plano.

* * *

Aveoth andava pelo escritório, ignorando os constantes olhares de Kelzeb, Fray e Chaz. Eles chegaram de volta aos penhascos uma hora antes, mas Decker não ligou. Ele deveria tê-lo feito.

— E se eles mataram minha Jill? Ela é humana. O que eles sabem de drogas? Ela poderia ter uma overdose. Senti o VampLycan que ameaçou estupra-la. E se Decker não puder controla-lo? Ela teria lutado contra ele e é tão frágil!

— Não se atormente, Aveoth. — Kelzeb disse. — Decker não irá machucá-la. Ele precisa de sua companheira para conseguir o que quer.

— Ele está louco e não tem honra. — Aveoth revirou.

— Concordo com a teoria de Kelzeb. — Disse Fray. — Todos sabemos que Decker não vai parar até conseguir acabar com todos os VampLycans que ele odeia. Ele tratará sua companheira como se sua bunda fosse feita de vidro.

— Nós vamos recuperá-la. — Afirmou Chaz. — Decker está jogando conosco. Ele entrará em contato com você.

Aveoth empurrou Kelzeb fora de seu caminho e retomou o ritmo. — Suas demandas não serão razoáveis.

— Elas sempre são. — Kelzeb bufou. — Ele quer seu clã de volta e tentará empurrá-lo para ir à guerra com os outros clãs para tirar sua concorrência. O mesmo de sempre. Pode ser uma boa ideia se alertá-los e informá-los que ele tem sua companheira.

— Não. — Aveoth balançou a cabeça. — Alguns dos VampLycans no clã de Lorn ainda são leais a Decker. Nós mantemos isso entre nós quatro e faremos o que for necessário para recuperar minha companheira.

— Ela não está emitindo um chamado. Essa é a boa notícia.

Aveoth parou de andar e irritou Chaz.

— Sinto muito. Apenas estava pensando em como as coisas poderiam ser piores. Nem todos os agentes de segurança da Decker estão acasalados. Ela os deixaria loucos com seu cheiro se você não tivesse fortalecido o vínculo.

Aveoth de repente se acalmou e fechou os olhos.

— Eu a sinto! — Ele correu para a varanda aberta. — Posso senti-la. Ela está se aproximando.

Os três GarLycans o seguiram para fora. Kelzeb se moveu na frente dele.

— Quão longe?

Aveoth teve que se concentrar muito. — É difícil dizer, mas nesta fase do nosso acasalamento, ela tem que estar a menos de quinhentas milhas de distância.

— Isso significa que ela sobreviveu às drogas que deram a ela. — Fray ergueu a mão. — Toca aqui. Isso é algo para comemorar.

Aveoth olhou para ele. O executor deixou cair o braço para o lado dele.

— Desculpe, meu senhor. Contudo, uma preocupação. Sempre procure o lado positivo. Ela está viva e mais próxima do que pensávamos.

Chaz bateu no braço do gêmeo. — Cale-se. Você não está ajudando.

— Feche os olhos e tente se concentrar nela. Eu sei que isso é novo, mas pode fazê-lo, Aveoth.

Ele ouviu Kelzeb e tentou limpar sua mente, fechou os olhos e mentalmente foi em direção a Jill. Ele não poderia pegar seus pensamentos, mas Gárgulas tinham a capacidade de sentir à localização de um companheiro se estivessem dentro do alcance. A distância variava pela força do vínculo. Ele se arrependeu de não ter tomado mais de seu sangue, prometendo silenciosamente corrigir esse erro quando a tivesse de em casa.

— Ela está mais perto. — Ele se virou lentamente para a direita, mas parou, ajustando-se à esquerda um pouco. Seus olhos se abriram e ele apontou. — Ela está nessa direção.

Fray assentiu.

— Decker está trazendo-a de volta. Ele provavelmente usará a pista de pouso. Nós devemos ir lá e esperar.

— Atacá-los quando aterrissarem e pegar Jill. — Acrescentou Chaz.

— Eu posso ligar para vinte de nossos homens para ir conosco. Nós derrubaremos qualquer pessoa que Decker tenha trazido com ele enquanto você pega sua companheira.

Ele assentiu com a cabeça para Kelzeb. — Parece um bom plano.

O telefone de Aveoth tocou e ele o tirou do bolso. Kelzeb o impediu de aceitar a ligação. Aveoth rosnou para ele.

— Não pareça muito ansioso. Eles acreditam que não temos uma pista, que não ligamos tanto para as companheiras quanto eles. Lembre-se do que eles presumem saber sobre nós e use em sua vantagem.

Ele odiava tudo o que seu melhor amigo dizia, mas era um conselho sábio. Ele acenou e limpou a garganta antes de atender a chamada.

— Lorde Aveoth aqui.

— Eu tenho algo que você perdeu.

Aveoth permitiu que o frio penetrasse em seus ossos. Ele jogou este jogo muitas vezes no passado com Lorde Abotorus e o conselho. — Eu lhe disse para nunca mais me ligar novamente, Decker. Você não aprende.

— Eu matarei Jillian se você me ameaçar com a morte novamente. Posso colocar no viva-voz e fazer você ouvir enquanto ela tem seu último suspiro.

Suas asas saíram de suas costas. A dor ajudou a evitar que ameaçasse arrancar a garganta de Decker por até mesmo dizer essas palavras. — Você não a tem.

— Tenho. Estou enviando uma foto.

— Deixe-me falar com ela se realmente a tem.

Decker bufou.

— Não lhe darei está satisfação. Eu quero uma reunião cara a cara com você e negociaremos seu retorno.

— Coloque-a no telefone agora ou vou assumir que você é um mentiroso. Prove que está com ela ou desligo.

O silêncio quase deixou Aveoth louco.

Decker finalmente suspirou.

— Eu a tenho, mas ela irritou Boon. Ele a atingiu antes que eu pudesse impedir. Minha neta tem uma boca suja. Ela está viva, mas inconsciente. Enviei a foto. Olha. Essa é sua prova. Quero me encontrar com você cara a cara. Você tenta algo e Jillian morre. Pode ser capaz de voar, mas não tem a capacidade de curar alguém que está despedaçado. É assim que irá recuperá-la se não fizer exatamente o que eu exijo. Está ouvindo?

Aveoth teve que relaxar a mão, então ele não esmagou o telefone que segurava. — Sim.

O idiota rancoroso teve a coragem de rir e soar feliz.

— Há um conjunto de grandes pedregulhos ao noroeste da pista de pouso, cerca de uma milha em seu território ao lado de uma clareira. Você sabe onde é?

— Sim. — Aveoth apertou os dentes.

— Nos encontramos lá em vinte minutos. Esteja lá. Ela estará morta se você não estiver no topo dessa rocha. Vejo um ataque aéreo chegar e ela morre. Você tenta qualquer coisa e...

— Ela morre. Eu não sou um idiota, Decker.

— O que você planeja não irá funcionar, Aveoth.

— É Lorde Aveoth para você.

Decker riu.

— Talvez eu deveria ter você me chamando de Lorde Decker, desde que eu tenho o que você quer. Estaremos ali em vinte minutos. Qualquer agressão e você nunca colocará as mãos em Jillian. — Ele desligou a ligação.

Aveoth entregou o celular para Kelzeb para que ele não o esmagasse. — Você ouviu?

— Sim. — Kelzeb tocou a tela e fez uma careta com o que viu.

Aveoth esqueceu a foto e ele não estava certo de que queria ver. — É Jill?

Seu amigo virou o telefone e Aveoth olhou para sua companheira. Ela estava amarrada em um assento de couro, a cabeça inclinada para um lado e uma marca vermelha mostrava-se na bochecha onde foi atingida. Um pouco de sangue manchava o lábio inferior.

— Eu matarei todos.

— *Vamos* matar aqueles filhos da puta. — Kelzeb soava tão furioso quanto ele.

— Ele vai me forçar a aceitar sua oferta. Não posso arriscar a vida de Jill.

— Decker subestimará o que nós quatro podemos fazer. Pensaremos em uma maneira de salvá-la antes de chegar a esse ponto. — Kelzeb segurou seu olhar. — Somos mais inteligentes.

— Eu me preocupo com ela. — Admitiu Aveoth.

— Isso é natural. Encontraremos com Decker e a pegaremos de volta. Faremos o que for preciso.

— Sim.

— Eles não vão jogar de maneira justa, então nós mentiremos, se necessário. — Fray riu. — Estou nisso. Pode não ser a coisa mais importante para um Gárgula, mas veja com quem estamos lidando.

* * *

Jill acordou novamente enquanto estava sendo arrastada pelo jato. Era dia agora, o sol alto e brilhante e ela conseguiu uma visão clara da pista de pouso. Era uma longa estrada pavimentada com árvores que se alinhavam de ambos os lados a cerca de sessenta metros do pavimento.

Era Cole quem a segurava, forçando-a a andar. Ela lutou para levantar os pés quando acordou totalmente... e então um peso em seu peito finalmente chamou sua atenção e ela olhou para baixo.

— Que *porra* é *isso?*

O tom de Shark implicava que ele não estava feliz com a situação dela quando ele confirmou. — É uma bomba.

— Vocês idiotas perderam totalmente a cabeça? — Suas mãos estavam amarradas atrás de suas costas e ela lutou para recuperar o fôlego. Ela tinha uma *bomba* amarrada ao peito. — *Todos* vocês morrerão se essa coisa explodir.

Ela virou a cabeça, olhando para encontrar Decker. Ele estava alguns metros de distância. — Não acho que seja o suficiente. Quer se aproximar? Posso levá-lo comigo se explodir.

— Cale a boca. — Ele acenou o que parecia um controle remoto na mão dele. — Não explodirá a menos que eu pressione este botão.

— Por que *você* não usa essa coisa estúpida se quer cometer suicídio? É isso que está fazendo. Quem foi o idiota que o construiu? Eles sabiam o que estavam fazendo? — Ela realmente esperava que fosse apenas para mostrar, mas um olhar para a expressão sombria de Shark a fez sentir ainda mais medo. Ele parecia assustado... o que significava que provavelmente era real.

— É a única maneira de Lorde Aveoth não nos atacar. Ele o faz e você acaba morta. — Disse Decker.

— Eu fui sequestrada por palhaços e seu líder louco.

— Cale a boca. — Repetiu Decker. — Ou quer que Boon te acerte novamente? Eu não me importaria deixar o meu executor arrastá-la para o nosso local de reunião. Mantenha suas pernas em movimento e sua boca fechada.

Eu tenho uma bomba amarrada ao meu peito. Oh meu Deus. Jill não era de entrar em pânico, mas novamente, ela nunca pensou que seria uma explosão ambulante.

— Vocês são terroristas agora? Talvez assistiu muitos desenhos animados de Road Runner quando criança, você acha que as coisas que explodem não são tão perigosas quanto parece?

— Fique calada! — Disse Shark. — Todo mundo já está no limite. Estaremos nos reunindo com Aveoth em breve. Se ele quiser você, concordará com nossos termos.

Ela observou seu rosto em vez de onde estava indo e quase caiu na terra, fazendo com que ela tropeçasse. Cole a pegou e o medo que ele não conseguia esconder pareceu diminuir.

Isso lhe deu uma ideia. — Você é o mais esperto do grupo, não é? — Ela manteve a voz baixa. — Pegue o estúpido controle remoto antes que esse idiota mate nós dois.

Ele a ignorou e continuou forçando-a para frente.

— Este dia tornou-se completamente uma merda e está apenas começando. — Ela apenas esperava que não fosse seu último. As árvores engrossaram enquanto caminhavam pela área arborizada. Seu quadril ainda doía o suficiente para deixa-la mais devagar e tinha certeza que deslocou seu ombro, pela forma como dores agudas a percorriam cada vez que se movia. *Sim. Isso definitivamente está na minha lista das dez melhores formas de morrer.*

Quatro formas apareceram quando deixaram as árvores e entraram em uma clareira. Jill olhou para Aveoth enquanto ele e outros três homens alados de seu clã esperavam em uma rocha maciça acima deles. Sentia-se um pouco mais segura ao

ver todos aqueles rostos. Kelzeb e Fray estavam com ele, assim como Chaz. Alívio bateu rápido. Chaz parecia ótimo para alguém que foi baleado e caiu da escada.

Shark liberou-a, mas Boon segurou as tiras nas costas, efetivamente mantendo-a no lugar quando pararam. Ele se inclinou e falou perto de sua orelha. — Não tente escapar. Você não iria muito longe antes de pressionar esse botão.

— Não sou uma idiota. Não há lugar para onde o sinal não alcance. Estamos em um campo aberto com grandes pedregulhos à nossa frente.

— As cadelas são estúpidas. — Ele resmungou.

— E você tem mau hálito. Vire-se, Fido.

Ela fechou os olhos por um momento, desejando mais do que qualquer coisa que suas mãos estivessem livres. Ela adoraria arranhar seus olhos. Ele não ousaria bater em suas costas. Um soco e ela cairia, provavelmente provocando uma explosão. Ele morreria na explosão com ela.

— Estou aqui. — Disse Aveoth, sua voz profunda e alta.

— Não tente nada. — Decker gritou de volta. — Se algum desses GarLycans nos atacar, você terá minha neta de volta em cerca de mil pedaços. Vê este dispositivo na minha mão? Aperto o botão e ela morre.

Jill virou a cabeça e olhou para o filho da puta que se orgulhava de ser seu avô.

— Você vai comigo, gênio. Quantas vezes tenho que dizer isso?

Ele olhou para trás.

— Cale-se!

Boon deu-lhe um empurrão forte, mas segurou as tiras, então ela apenas tropeçou.

Ela não precisou castiga-lo de forma alguma. Decker bateu nele. — Não faça isso!

Boon deixou-a ir. — Desculpe. Ela me irrita.

Ela queria dar a Aveoth uma pista da história que inventou, então ela chamou-o. — Estou surpresa que você tenha aparecido, Lorde Idio-oth. Veio matar todos nós? Eu disse a esses idiotas que você não se importava comigo depois que eu fugi com um dos seus executores gostosos. Eles ainda acreditam que você fará qualquer coisa para me fazer sua prostituta de sangue. Mesmo que tenha dito que me mordeu uma única vez e que o devolvi. Ainda sinto o seu cheiro. Deixa-me enjoada!

Aveoth dobrou as asas atrás das costas e cruzou os braços. Ele era um homem inteligente. Ela esperava que ele continuasse assim. Ele não decepcionou depois de alguns segundos longos.

— Eu odeio ser rejeitado. E não estou feliz por ter usado um dos meus homens para me trair. Talvez tenha mudado de ideia sobre me dar acesso ao seu corpo?

— Aqueles caras da esquerda se parecem com aquele no qual atiramos. — Boon sussurrou.

Ela não achou que reconhecesse Chaz.

— Você vê que os dois que se parecem, parados um ao lado do outro? Eles são gêmeos. Eram antes trigêmeos. Devo dizer-lhes que foi você quem matou seu irmão? Aposto que os faria vir para sua garganta.

Decker aproximou-se e olhou.

— Pare de provocar Boon. Não lhe dei permissão para falar.

— Você vai me explodir para o inferno de qualquer maneira, então o que importa? Espero que ele perca o seu temperamento, dessa forma levo todos vocês comigo.

Um músculo na mandíbula de Decker flexionou-se. Jill não tinha certeza se era de raiva ou medo. Shark se aproximou.

— Lorde Aveoth não correrá o risco de perder a linhagem. — Ele sussurrou. — Ele está viciado. Nós temos a vantagem. Ele não arriscaria sua vida, então seguiremos o plano.

Esse é o problema. Isso irritou Jill também. Aveoth faria qualquer coisa para protegê-la. Ela não podia permitir que Decker Filmore ganhasse. Ele forçaria Aveoth a deixá-lo voltar para o Alasca, para atormentar e assassinar VampLycans. Seu companheiro teria que aceitar não apenas por causa de sua honra, mas para evitar perdê-la.

Decker limpou a garganta e encarou a rocha.

— Estou aqui para fazer um acordo com você. Eu troco minha neta por...

— Inferno não! — Jill gritou. — Fugirei novamente com o próximo cara que estiver disposto a me levar daqui! — Ela não podia permitir que Aveoth fizesse promessas que ele teria que manter, promessas que acabariam custando vidas e nunca perdoaria a si mesmo. — Não se preocupe em fazer esse acordo, homem morcego. Eu *nunca* deixarei você me foder ou tomar meu sangue!

Ela incessantemente estremeceu com suas palavras, mas precisava convencer os homens que a seguravam de que ela e Aveoth não se gostavam. Ela nunca esqueceria a noite em que o conheceu. Ele não podia matar Boon e Cole. Ele os odiava, mas usou sua honra para não romper sua palavra. Decker Filmore não usaria o personagem de bom homem contra ele para vencê-lo. *Não hoje... não se eu tiver algo a ver com isso.*

Decker a agarrou pela garganta com a mão livre, apertando os dedos. — Você acha que não vou apertar este botão? — Ele acenou o detonador em seu rosto. — Você será a *primeira* a morrer se Lorde Aveoth e seus homens atacarem por sua causa.

Ela não conseguia falar nem respirar até que ele abaixasse a mão e a deixasse ir. O ar encheu seus pulmões novamente enquanto engoliu ar, olhando para Decker. Loucura estava escrita por todo o rosto dele, mas também via o desespero. Ela mentalmente enumerou o que descobriu sobre o homem. Ele era ganancioso,

estúpido, egoísta e não tinha escrúpulos sobre foder alguém. Ele até admitiu matar sua própria companheira...

Ah ha. Bingo.

Jill limpou a garganta antes de sussurrar.

— Eu quero algo deste acordo ou vou lembrá-lo por que ele não me quer. Acha que ele não fará nada para fazer você pressionar esse botão? — Ela arqueou as sobrancelhas, olhando para o seu chamado avô. — Você quer que eu coopere? Eu sou a que irá para a cama dele. — Ela empurrou a cabeça para Aveoth, de pé no pedregulho maciço. — O homem assustador. Você acha que isso soa divertido para mim? Não seria a resposta. Ele se transforma em rocha, faz essa coisa louca com seus olhos como relâmpago e ele me chamou a porra de uma *concubina*. Isso significa que um dia ele vai encontrar uma esposa e jogar meu traseiro de lado. Estarei quebrada e provavelmente muito velha, a julgar por sua personalidade de merda. *Nenhuma* mulher estaria ansiosa para ficar com ele. Prefiro morrer agora mesmo do que encarar esse tipo de futuro. Eu o irritei o suficiente e sua paciência é muito curta. Ele também irá querer pressionar esse botão.

Decker entendia a ganância e ela era boa em lidar com idiotas após a vida que teve na tentativa de sobreviver.

— Ele mantém uma sala do tesouro. Eu vi. Há esse enorme diamante do tamanho do meu punho. Tem que valer uma fortuna. Estarei rica pela vida toda.

Os olhos de Decker se estreitaram, um olhar calculador em seu olhar. — Você quer que eu o pegue para você?

Sim, ele acha que eu sou tão estúpida.

— Não! Eu não confiaria em você tanto assim. O homem morcego lá em cima nunca concordará em desistir dele, a menos que eu o engane. É algum tipo de artefato que significa algo para as Gárgulas. Ele nem me permitiu tocar a maldita coisa, gritando algum juramento sagrado para protegê-lo. Eu quero ser rica quando eu for livre, e esse pedaço de diamante deve valer milhões. Estou disposta a ficar com ele se muito dinheiro estiver envolvido. Você quer governar os clãs e tirar o

grande cara das costas. Eu recebo o que eu quero e juro ser a boneca morcego até ele se cansar de mim. Ele fará o que quiser se eu disser a palavra.

Decker inclinou-se para perto, sorrindo. — *Temos o mesmo* sangue.

Isso a deixou doente. Não era nada como ele, mas obrigou-se a sorrir. — Fui criada na pobreza. Não vou voltar a essa merda quando sair daqui. Então, nos entendemos?

— Perfeitamente.

— Bom. Deixe-me falar com ele então. — Ela se afastou e olhou para cima, encontrando o olhar de Aveoth. — Eu vou te dizer o que, cara grande. Concordarei com o que você quiser com uma condição. E aceitará se me quiser em sua cama ou espera ter uma gota de sangue, então se aproxime e ouça.

Aveoth inclinou a cabeça, observando-a. — O que é isso?

— Você tem que me dar um presente para concordar em deixa-lo me morder e me foder. Sua palavra de que é meu e que eu posso sair viva e ilesa quando terminar comigo. Caso contrário, eu juro que vou *explodir-me*.

Ele franziu a testa. — O que você quer como presente?

Ela hesitou. — Você tem que me dar o objeto que eu mais desejo e tem que jurar acima de todos os outros juramentos que é meu, independentemente de qualquer outro que você fizer a seguir.

— Por que essa condição? — Decker perguntou a ela.

Ela olhou para ele. — Você acha que sua esposa vai querer que eu tenha isso? Ela provavelmente exigirá minha morte. Esse termo me manterá respirando.

Decker assentiu. — Inteligente.

Fez um esforço para não fazer uma careta, mas o olhar para Aveoth a ajudou. — Essa é a condição. — Ela olhou para Decker. — Diga-lhe que irá me matar se ele não concordar com meus termos.

Decker se moveu ao lado dela, tocando seu ombro como se fossem amigos ou algo assim. Jill lutou com a necessidade de se afastar. — Jure a ela Lorde Aveoth. Você quer e precisa de seu sangue. Vou matá-la se não pudermos chegar a um acordo. Ela é a última linhagem da Marvilella. Não há mais netas para lhe oferecer. Se ela morrer, você ficará para sempre desprovido do prazer que procura.

— Vamos, homem morcego. — Jill instou. — Acredite em mim. Valerei seu tempo. Vou balançar o seu mundo e prometo nunca fugir novamente.

Aveoth não disse nada, apenas a observou.

— Vamos. — Jill instou. — Você o ouviu. Juro por minha vida. Todos ganham. Diga sim.

Aveoth olhou para Kelzeb, ambos fizeram uma careta. Kelzeb encolheu os ombros. Aveoth mudou de posição e deixou cair os braços para o lado dele. — Concordo.

— Agora você deve concordar com *os meus* termos. — Decker deu um passo adiante. — Sua promessa de que eu volte para o meu clã e deve acabar primeiro com a vida de meus inimigos.

A raiva de Aveoth ficou clara quando ele rosnou, sua mão segurando a espada. — Você quer que extermine os outros clãs VampLycan por você?

— Eu mereço liderar todos! — Decker gritou.

— Apenas diga sim! — Jill disse. — Nua. Sangue. Você e eu, esta noite. Isso não é divertido, cara grande?

Aveoth olhou para Jill. Ela acenou com a cabeça para ele. — Eu concordo... contra meu melhor julgamento.

— Eu quero Lorn primeiro. — Exigiu Decker. — Traga-me a prova de sua morte.

— Hum, desculpe-me, mas ainda há uma bomba amarrada ao meu peito. — Jill lembrou a Decker. — Nós somos todos amigos agora, certo? Recebo o que quero e você também. Tire essa coisa de mim.

Decker hesitou.

— Você acredita nele ou ficaremos aqui para sempre. Ele deu sua palavra. É o que você queria. Ainda estou bem aqui no raio de uma explosão se eles atacarem. Esperaremos juntos, enquanto um deles vai atrás dessa pessoa Lorn que você quer matar. Tire essa coisa de mim!

Decker assentiu com a cabeça para Boon. O idiota começou a soltar as tiras de suas costas e cortar os laços de seus pulsos. Ela cuidadosamente removeu o colete e entregou-o ao bandido cicatrizado. — Aqui, Fido.

Ele grunhiu quando o pegou. — Não o provoque, neta.

Ela queria dizer a Decker o que ele poderia fazer com suas ordens. O peso dos explosivos a fez respirar mais fácil. Ela estendeu sua mão. — Eu quero o detonador.

— Não.

— Bem. Mantenha a maldita coisa, mas se o apertar, todos nós morremos. Lembre-se disso. —Jill olhou de volta para os GarLycans. — Acho que todos ficaremos por aqui, enquanto Aveoth vai pegar a presa. — Ela olhou e manteve o olhar em Kelzeb. — Você deve fazer isso agora, Estátua de Jardim. Agarre a presa.

Ele hesitou, mas assentiu. — Certo.

— Lorn deve morrer primeiro, então eu quero qualquer outro líder do clã morto. — Gritou Decker.

Kelzeb olhou para ele.

— Ouvi sua ordem. — Ele abriu suas asas e correu para fora da borda da grande rocha, indo para o ar. Suas asas fortes bateram, levando-o para o ar, ganhou altitude enquanto subia sobre os VampLycans.

Jill se aproximou de Decker e de seus homens. Todos se voltaram para ver o GarLycan no céu, certificando-se de que estava indo na direção certa, sem prestar atenção nela. Ela ouviu suspiros e sabia o que estava por vir — Kelzeb já deveria ter circulado.

Jill girou, correndo pela vida. Isso provavelmente iria machucar muito, mas levantou os braços. Ela rezou para que não lhe jogassem o colete.

— O que ela está fazendo? — Esse grito desconcertado veio de Shark. — Pegue-a!

Os sons abafados de sua respiração ofegante eram ouvidos enquanto corria o mais rápido que pode e então os dedos se fecharam ao redor de seus pulsos. Ela foi violentamente levantada, sentiu dor nos dois ombros. Se não estivesse deslocado antes, ela estava certa de seu ombro estava agora. As lágrimas a cegaram e ela piscou rapidamente, observando as árvores, mas Kelzeb ganhou altitude enquanto ela ficava pendurada. Ele voou mais alto. A queda a mataria se ele soltasse.

— Que porra estava fazendo, Jill?

— Apenas me leve a Aveoth e prepare-se para mergulhar se aquele estúpido colete explodir. Um idiota provavelmente o fez, então eu não ficaria surpresa se *alguma coisa* falhasse. Uma explosão matará um de vocês se mudar primeiro?

— Duvido. Decker nos colocou onde pudesse nos ver, mas aqueles pedregulhos fornecem cobertura se precisarmos disso.

— Espero não precisar.

— Aveoth quer que eu a leve até os penhascos onde você estará segura.

— Eu não vou embora ainda! Aqueles bastardos sequestraram-me pela segunda vez. Eu vou ficar atrás de um de vocês, mas tenho que falar com Aveoth.

— Eu vou pegá-la. Estique seu corpo e eu a pegarei. Tenho medo de quebrar os pés se eu aterrissar com você dessa maneira.

— Não se atreva!

Ele a deixou ir e Jill gritou, observando o chão se aproximar. Ficar rígida não era difícil de fazer enquanto caia como uma pedra no céu. Kelzeb bateu nela por trás e envolveu seus braços ao redor de suas costelas e quadris. Seu estômago se apertou enquanto ele parava sua queda repentina, empurrando-a para cima enquanto voava.

— Não é legal. — Ela disse, assim que teve certeza que não vomitaria.

Ele teve a audácia de rir. — Você está ferida?

— Talvez um pouco, mas a maioria aconteceu antes. Estou bem, vamos voar, no entanto.

Ele diminuiu a velocidade, torcendo-os no ar e abaixou-se até pousarem no pedregulho a poucos metros de Aveoth e os gêmeos GarLycan. Ela encarou Decker e seus homens. Eles apareciam irritados e confusos.

— Deu-me sua palavra! — Decker gritou. — Você não pode me matar.

— Acalme-se. — Jill balançou nos braços de Kelzeb e ele gentilmente permitiu que ela deslizasse pelo corpo até que seus pés tocassem a rocha antes de deixá-la ir. Ela não olhou para Aveoth, com medo de simplesmente se jogar nele, mas estava muito feliz por estar perto dele. Ela teve sérias dúvidas de sobreviver tempo suficiente para poder fazer isso novamente. — Apenas queria ficar longe desse colete. Gosto do meu corpo em uma só peça.

— Jill. — Aveoth disse suavemente.

Ela finalmente encontrou seu olhar. — Você me prometeu um presente. — Ela se certificou de que os idiotas abaixo pudessem ouvi-la. — Você jurou me dar o que quiser, independentemente de outras promessas que fez. Lembra-se?

— Sim.

— Ótimo. Quero a cabeça de Decker Filmore como um presente.

Ela olhou para baixo, para Decker, para testemunhar sua reação chocada. Sua boca estava aberta.

— Imaginei que poderia enganá-los. Você realmente é tão idiota quanto eu pensava. Tente dizer a Aveoth a quem matar sem sua voz. — Ela passou a dedo pela sua garganta e em seguida, apontou para ele. Seu olhar foi para Aveoth.

— Você realmente quer que eu lhe traga sua cabeça? — Aveoth arqueou uma sobrancelha.

— Não. Apenas quero vê-lo morto.

Ele afastou seu olhar, olhando para seus homens.

— Eles estão fugindo. — Kelzeb advertiu. — Correndo por suas vidas. Gostaria de derrubar o chamado Boon. Não gostei da forma como ele tocou nossa Lady. Também vi aquele empurrão que ele lhe deu. Ele precisa de lições sobre como tratar as mulheres.

— Tenha cuidado com a bomba. Ele está com ela. — Aveoth advertiu.

— Não mais. Ele a deixou cair. — Chaz bufou. — Provavelmente está com medo de Decker entrar em pânico, apertar o botão e acidentalmente explodi-lo em vez de nós.

— Eu odeio ternos. — Fray murmurou. — Eles parecem tão desconfortáveis. Que tipo de VampLycan os usa, afinal? Ele *deve* ser louco. Precisa ser morto para o bem de todos os homens.

— Quero aquele que não disse uma palavra. — Chaz riu. — Apenas para me divertir.

Aveoth sorriu.

— Vou trazer-lhe a cabeça de Decker. Fique aqui.

— Eu não ficarei irritada se você o soltar em algum lugar do alto em seu caminho de volta. — Ela fez uma careta. — De verdade.

— Uma promessa deve ser mantida.

Ela entendeu.

— Você tem que realmente trazer-me a cabeça, hein? Posso viver com isso, desde que ele esteja morto. Seja cuidadoso.

— Não se mova. Isso não irá demorar muito. — Ele a soltou e se afastou, voltando-se para seus membros do clã. — Vamos caçar. Eles não ficarão vivos.

— Finalmente chegou o tempo. — Fray sorriu. — Arrancar a cabeça do bastardo!

Aveoth saltou, suas asas fortemente se abrindo e batendo. Seus homens o seguiram para o céu e Jill os observou ir. Ela teve um vislumbre de Decker e seus executores correndo pela floresta. Boon mudou, caindo enquanto corria, partes de suas roupas caindo fora de seu corpo transformado.

— Vá pegá-los e volte para mim. —Ela sussurrou ao vento.



Capítulo Dezoito

Aveoth seguiu seu alvo. Decker ainda não tinha mudado, estava muito ocupado correndo. A espessura das árvores o impedia, mas Decker evitava esmagá-las, apesar da alta velocidade na qual ele atravessou a floresta. As árvores também impediram Aveoth de se abaixar para agarrá-lo.

Do alto, Aveoth viu uma clareira chegar. Chegou lá primeiro, pousou e virou-se enquanto mudava seu corpo. Ele manteve as asas abertas. Eram excelentes armas e ele planejava usá-las. Fray pousou ao lado, mudando o corpo e com um olhar de diversão nos olhos.

— O meu está perto do seu. Isto será divertido. Devemos brincar ou simplesmente matá-los, meu senhor?

— Mate os bastardos. Eles sequestraram minha companheira. — Disse Aveoth com os dentes apertados. — Sem piedade.

— Sem problemas.

Decker explodiu através da linha da árvore e avistou-os. Ele parou e tentou girar para fugir do jeito que ele chegou, mas um dos seus executores bateu nela por trás. Ambos caíram.

— Ouch. — Murmurou Fray. — Isso parece desconfortável, não é? Acha que eles se transformarão agora?

— Somente se encontrarem sua espinha dorsal e estiverem realmente dispostos a lutar. — Disse Aveoth alto, certificando-se que suas palavras fossem ouvidas. — Eles dispararam contra Chaz.

Decker rosnou, se afastando de um dos poucos homens que eram leais a ele.

— Eu irei matá-lo, Aveoth!

— Estou tremendo nas minhas botas.

Fray bufou.

— Bom, meu senhor.

Aveoth inclinou a cabeça.

— Você pode se ajoelhar e morrer rapidamente ou pode sangrar primeiro. Sua escolha, Decker Filmore. Faça agora. Seu tempo nesta Terra chegou ao fim. Você foi condenado à morte pelos crimes cometidos contra os VampLycans e por sequestrar minha companheira.

Decker pareceu chocado.

— Sua o que?

— Jill é minha companheira. — Aveoth controlou sua raiva. — Ela foi buscar suas coisas no apartamento e você atacou seu guarda enquanto eu estava comprando uma aliança de casamento humana. A única razão pela qual eu lhe ofereço uma morte rápida é por causa de sua relação de sangue. Ajoelhe-se e cortarei sua cabeça com minha espada.

— Aquela puta! — Disse Cole.

— Como você chamou nossa Lady? — Fray balançou a cabeça com desgosto. — Você realmente *está* louco e ainda usa terno.

— Você sabe meu nome! — Cole tirou o terno e começou a abrir os botões de sua camisa. — Eu não me curvo diante de *ninguém*. Lutarei com você.

Decker rosnou.

— Não! Você jurou que não me mataria, Lorde Aveoth!

— Você é tão estúpido? Ameaçou a vida da minha companheira! — Aveoth olhou para Decker. — Ajoelhe-se ou lute. Você morre hoje.

— Eles realmente vão nos matar. — Disse Cole.

Decker se virou e retirou uma arma da cintura.

— Uau. — Fray suspirou. — Apenas Uau. Ouvi dizer que ele era um gatinho, mas isso é triste demais.

— Faz sentido agora porque ele não tentou mudar enquanto corria. Ele teria perdido a arma com sua roupa. — Aveoth moveu-se de repente, indo para a esquerda, permitindo que Decker testemunhasse sua velocidade. Ele parou a cerca de dez metros de distância de onde estava. — Você pode tentar atirar em mim, mas é um esforço inútil. — Ele mudou seu corpo ainda mais.

Decker apontou e atirou. Aveoth pulou para direita, depois para esquerda, evitando as balas. Ele recolheu as asas enquanto se movia, avançando para Decker.

Ele pulou, abriu suas asas em um batimento cardíaco e girou. A ponta de sua asa atingiu o VampLycan. As balas pararam um instante depois. Aveoth pousou no chão e encarou Decker Filmore. Cole tropeçou de volta, gritando de angústia. O golpe de Aveoth foi um golpe de morte, mas o braço de Decker e parte do ombro foram cortados. Aveoth agarrou sua espada e desembainhou-a, atingindo-o.

Decker olhou para ele, os olhos arregalados. Agonia e choque misturados quando seu rosto se contorceu. O sangue rapidamente manchou o chão.

— Concedo misericórdia, já que você é metade da linhagem que me deu Jill. Você é o lado ruim.

Aveoth decapitou-o em um piscar de olhos.

— Não! — Cole gritou e começou a mudar.

Fray estava de repente ao lado de Aveoth, mas ele se acalmou, esperando que o VampLycan completasse sua transformação. Aveoth guardou a espada antes de segurar a cabeça de Decker pelos cabelos, asfastada para evitar o sangue nas botas.

Ele olhou para o executor. — Você cuida disso?

— Sim, meu senhor. Vou matá-lo rapidamente e descartar os corpos.

— Pegue minha Jill e leve-a ao meu quarto quando terminar. Não demore muito. É seu dever protegê-la. Vejo você nas falésias em breve. Tenho uma parada para fazer primeiro. — Aveoth levantou voo.

Ele olhou para o que restava de Decker Filmore. Ele queria voltar para Jill, mas era importante que os VampLycans soubessem que Decker não seria mais um problema. Fray rapidamente alcançaria sua companheira e a manteria segura. A ideia de outro homem a carregando durante o voo não era bem-vinda, mas confiava nos irmãos gêmeos sem questionar. Eles eram leais. Assim como Kelzeb. Ele sabia que seu melhor amigo também cuidaria de sua segurança, assim que matasse o VampLycan que perseguia.

Ele pousou na frente da cabana elegante com a ampla varanda. Não demorou muito para que a porta da frente se abrisse e então o líder do clã caminhou para fora. Velder parou bruscamente no alto da escada, o olhar caindo em Aveoth e para o que ele segurava na mão. Desacelerou o ritmo quando desceu os degraus e se aproximou.

— Lorde Aveoth.

— Velder.

Aveoth odiava a formalidade de suas conversas. Isso fazia com que seu peito doesse um pouco. Ele tinha essa reação sempre que encarava o homem.

— Você o pegou. — Velder olhou para a cabeça do ex-líder do clã. — Estamos em dívida com você.

Aveoth curvou-se e abaixou a cabeça, depois se endireitou. Ele limpou as mãos na calça, apesar da falta de sangue nos dedos. Eles simplesmente se sentiam sujos por terem tocado alguém tão vil. — Não pense assim, não há nenhuma dívida. É melhor para todos nós se Decker estiver morto. Agradeço por estar em casa. Devo voltar para as falésias. Ele fez uma pausa. — Tenho uma companheira.

Surpresa brilhou no rosto de Velder. — Parabéns. Não sabia disso.

— Você é o primeiro a saber fora do meu clã. — Ele olhou para a cabeça. — Pelo menos, o primeiro que ainda está vivo.

Ele olhou ao redor da área. Ninguém do clã estava à vista. Eles tinham privacidade. Ele encontrou o olhar de Velder novamente. — Apreciaria se você mantivesse essa notícia entre nós por um pouco mais. É muito recente e alguns no clã de Lorn podem ter problemas comigo por ter matado Decker. E nem quero pensar no que eles poderiam fazer. Não que possam tocá-la, mas já lidei com merda o suficiente ultimamente.

— Eu nunca traria uma confiança.

— Nem mesmo com sua companheira ou filhos?

Velder balançou a cabeça.

— Minha palavra é sólida e você tem boas razões para manter a notícia de sua companheira dentro do seu clã. Amo minha família, mas também sou um líder. Posso desenhar uma linha e mantê-la. Eles entendem. Certifiquei-me disso, então seus sentimentos nunca seriam prejudicados se eu tivesse que manter segredos. Fico feliz por ter encontrado uma companheira, Lorde Aveoth.

Essa dor aumentou.

— Seus filhos têm sorte por ter um pai que se preocupa tanto com eles.

O azul dos olhos de Velder suavizou. — Tenho certeza de que seu pai também te amou, mesmo que ele não tenha demonstrado isso. — Então olhou para longe, limpando a garganta. — Peço desculpas. Isso foi inapropriado. Não deveria ter dito nada. Foi uma suposição imperdoável da minha parte.

— Você está errado. Abotorus foi um pai tão severo quanto foi um líder. — Declarou Aveoth. — Acho que nunca soube amar alguém.

A boca de Velder se abriu e depois fechou.

— Diga o que você quiser. Não há necessidade de conter. Não me ofenderei.

— Não é nada. Obrigado por lidar com Decker, Lorde Aveoth. Será profundamente apreciado.

— Você pode me chamar de Aveoth. Estamos sozinhos. Deixe de lado o fato de sermos de dois clãs diferentes. Somos apenas dois homens conversando.

O corpo de Velder relaxou.

— Aveoth... — Ele hesitou. — Gostaria de falar com você sobre nossos clãs. Isso seria muito ousado?

— O que é?

— É cansativo me preocupar com o futuro. Continuaremos sendo aliados? Falarei livremente e apenas direi. Nós já não temos Lycans de sangue puro para oferecer como companheiras para seus homens. É nossa preocupação que queira que deixemos este território. —Ele olhou para a cabeça. — Decker manteve o medo da guerra em nossos corações por um longo tempo. — Ele olhou para os olhos de Aveoth. — Desejamos que a paz permaneça. Esta é a nossa casa e nós gostamos de ter vocês como vizinhos. Gostaria que nossos clãs tivessem uma melhor ligação. Existe alguma maneira de tornar isso possível?

— Nunca permitirei que meu clã ataque VampLycans. Esta é a sua casa, bem como a nossa. Viveremos em paz enquanto eu viver e governar. Essa é uma promessa.

Velder não tentou esconder o sorriso. — Esta é a melhor notícia que ouvi desde que minha companheira me informou que estava grávida de meus filhos. Talvez possamos manter algumas associações? Eu poderia abraçá-lo agora mesmo!

Ele imaginou que Velder realmente o abraçaria e ficou levemente tenso.

Velder notou. — Nunca ousaria te insultar assim. É apenas um ditado. VampLycans às vezes abraçam.

— Você sentiu alegria quando sua companheira engravidou de seus dois filhos?

— Claro. Você sentirá essa mesma alegria quando sua companheira engravidar, uma vez que decidir ter filhos. Eles são uma benção. Eu me sinto agradecido todos os dias por Drantos e Kraven.

Aveoth olhou novamente e certificou-se de que mais ninguém estivesse ouvindo.

— Espero ser pai um dia.

— Você será um ótimo pai. É aterrorizante. Não vou mentir. — Velder riu. — Os bebês são tão pequenos. Eles ficam cada vez mais fortes e rápidos, mas o vínculo também cresce. Sou muito próximo de meus filhos.

— Eu matei Lorde Abotorus. — Ele se arrependeu de mencionar isso no segundo que as palavras saíram. Velder ergueu a mão como se planejasse tocar Aveoth, hesitou e deixou cair.

— Ele era um homem rude, como você disse. Serei sincero. Fiquei muito feliz quando soubemos que você assumiu seu clã. Seu pai ameaçou executar todos os Lycans de sangue puro, uma vez que decidiram começar novamente. Nós não nos relacionamos com eles, já que Gárgulas se recusam a se acasalar com alguém manchado com sangue de Vampiro. Foi assim que ele colocou. Temi por alguns anos que você sentiria o mesmo, mas não é assim e manteve a paz. Obrigado. Meus filhos acreditavam que você não tinha a mesma opinião sobre nós. Eles se entristeceram quando parou de se encontrar com eles.

— Você sabia que passamos algum tempo juntos?

— Eu encorajei isso.

— Para fortalecer nossos clãs?

Velder balançou a cabeça. — Não havia nenhum motivo da minha parte. Estava ciente de que seu pai nunca poderia descobrir. Ele provavelmente teria punido você. Pelo menos, isso foi o que meus filhos acreditavam. Era amigo deles e por isso que fiquei feliz em deixá-los passar algum tempo com você.

Aveoth olhou profundamente nos olhos de Velder, vendo apenas sinceridade. Uma dor aguda tocou no meio do peito. O VampLycan era um bom homem. Ele sempre suspeitou disso, mas agora sabia com certeza.

— Eles receberiam sua amizade novamente. Nós todos gostaríamos.

Aveoth desejou poder passar algum tempo com Drantos e Kraven. Aqueles dias foram alguns dos mais felizes em sua juventude. — Eu não posso me permitir ficar muito perto de sua família.

— Porque não?

Uma guerra travou dentro de Aveoth, um sentimento tão profundo que sempre permanecia, não importava o quanto tentasse mantê-lo enterrado. Jill o mudou. Ele respirou profundamente e exalou. — Você faria qualquer coisa para proteger a vida de seus filhos, Velder?

— Sim.

— É por isso.

— Seu clã quer matar Drantos e Kraven?

Agora era o momento, se alguma vez, houve um. Aveoth aproximou-se, invadindo o espaço pessoal dele. Velder se manteve firme e não recuou. Seu corpo ainda permanecia relaxado. Era um sinal de confiança entre eles.

— O clã irá me querer morto se descobrirem que Lorde Abotorus não era meu pai. Ele se acasalou com minha mãe enquanto ela me carregava dentro de seu útero, sem saber que já estava grávida. Ele alimentou meus traços de Gárgula, então eu nasci com sangue de Gárgula. Ela nunca desejou se acasalar com aquele bastardo frio, mas sua família a forçou a fazê-lo. No entanto... ela teve um amante VampLycan poucos dias antes de se entregar para Abotorus. E ninguém nunca deve saber ou eu morrerei. Eles nunca me permitiriam liderar meu clã.

Os olhos de Velder se arregalaram e ele empalideceu.

— Parei de passar tempo com meus meio-irmãos uma vez que descobri a verdade, para nos manter seguros. Meu clã nunca atacará o seu... *Pai*.

Lágrimas brotaram nos olhos azuis de Velder e ele apertou o braço de Aveoth.

— Eu não sabia.

— Você nunca deveria saber. Essa verdade permanece entre nós.

As lágrimas caíram pelas bochechas de Velder enquanto observava cada centímetro do rosto de Aveoth. — Você é meu filho? Sua mãe... ela foi aquela que passou algum tempo comigo na cabana de caça e depois desapareceu. — Emoção sufocou sua voz.

Aveoth segurou-o de volta.

— Teria sido uma sentença de morte para minha mãe e eu, se ela tivesse dito a Abotorus que eu não era seu depois que percebeu a verdade. Foi necessário, pois o clã iria nos matar pela mentira que vivemos todo esse tempo. Ninguém nunca deverá saber. Você entende? Não posso prometer que um novo senhor protegeria nossa aliança. As gerações mais velhas não gostam dos VampLycans.

— Você precisa dizer a Drantos e Kraven.

— Eu não posso. *Você* não pode. Não me faça me arrepender deste dia, Pai. É um segredo muito perigoso. Foi egoísta de minha parte compartilhá-lo, mas o guardei profundamente desde que descobri a verdade. Abotorus nunca soube que eu não era dele, mas planejava matar todos com sangue Lycan no clã. Isso incluiu todos os companheiros e companheiras. Mesmo a sua própria. Todos éramos defeituosos para ele porque sentíamos emoções.

— Você é perfeito. — Disse Velder. — Você é meu filho.

Aveoth teve que desviar o olhar e ele recuou, soltando Velder e certificando-se de que ele o soltasse também. Limpou a garganta e então manteve o olhar novamente. — Este segredo está seguro?

— Sim. Eu não faria nada para colocá-lo em perigo. — Velder piscou mais lágrimas e sorriu. — Eu tenho outro filho. — Essa felicidade rapidamente desapareceu. — Eu gostaria de saber. Eu teria... — Sua voz se apagou.

— Não vá por aí. Você encontrou sua verdadeira companheira e teve dois filhos que ama. Lorde Abotorus teria caçado você e minha mãe se ela fugira da promessa que seus pais fizeram por seu noivado. Isso manteve ambos vivos. E agora tenho dois irmãos. Eles são bons homens e como senhor do meu clã, posso mantê-los seguros. Isso funcionou da maneira como deveria ser e eu agradeço por isso.

— Por isso que você desistiu de Dusti e Bat sem lutar.

— Sim. Eu nunca mataria meus irmãos.

— Agora encontrou sua própria companheira. Ela é uma Gárgula? Eu tenho cem perguntas. Quero saber tudo sobre você.

— Ela é filha de um dos filhos de Decker. É uma longa história, mas conversarei com você novamente em breve. Nos encontraremos em segredo, se desejar. Também gostaria de conhecê-lo melhor.

— Eu adoraria isso. A qualquer momento. Em qualquer lugar. — Velder de repente parou. — Merda! Ela é uma VampLycan?

— Metade. Sua mãe era humana.

A boca de Velder se apertou.

— Seu clã se recusa a se acasalar com nossas mulheres. Será que eles o desafiarão para a liderança?

— Já foi resolvido e meu clã está ciente do que ela é. Ficará tudo bem. Preciso ir agora. Minha companheira foi sequestrada. —Ele empurrou o polegar para a cabeça de Decker. — O bastardo a sequestrou quando ela foi pegar suas coisas de seu apartamento e eu ainda não a verifiquei para ver se ele a machucou de alguma forma. Parecia bem, mas preciso ir até ela.

— Claro.

— Devemos realizar uma reunião para que nossos clãs possam se misturar. Minha Jill pode gostar de conhecer suas primas, com as quais seus filhos se acasalaram.

— Gostaria disso. Se tiver algum problema com seu clã aceitando sua companheira ou qualquer outra coisa, tem meu apoio total e o de todos os outros clãs VampLycan. A morte de Decker seria motivo suficiente para que eles ficassem ao seu lado. Estamos aqui para você, o que precisar.

— Aprecio essa oferta, embora tenha amigos e executores de confiança no meu clã. Podemos manter meu reinado. Eu os escolhi bem.

— Eles sabem a verdade sobre você?

— Que você é meu pai? Apenas um. Kelzeb. Nós somos amigos desde o início de nossas vidas. Preciso ir. Jill está me esperando nas falésias. Providenciarei para nos encontrarmos em breve.

— Estou ansioso para isso. — Velder deu um passo à frente e apertou a mão dele. — Fico feliz que você seja meu filho, mesmo que não possa contar para os outros.

Um nó se formou na garganta de Aveoth e ele teve que engolir com força.

— Estou contente de *ser* seu filho.

Velder deixou-o ir. — Volte logo. Quero conhecê-lo melhor.

— Irei. Por favor, compartilhe a notícia da morte de Decker com os outros clãs. Deixe-os saber que ele nunca mais os incomodará.

— Com prazer.

Aveoth abriu suas asas, preparando-se para fazer um voo. Então ele fez uma pausa. — Você tem uma caixa dentro de sua casa que eu possa usar? Preciso disso para minha companheira. Ela gosta de me provocar e é hora de devolver o favor.

O pedido pareceu surpreender Velder. — Hum, tenho certeza que há algo. Entre.



Capítulo Dezenove

Jill caminhava pela sala de estar. Ela estava ciente de que Fray a observava com diversão.

— Lorde Aveoth está seguro. Você está preocupada sem motivo.

— Onde ele foi?

— Ele não me disse exatamente. Apenas agarrou a cabeça e voou, mas disse que voltaria logo. Lorde Aveoth não ficará afastado de você por muito tempo.

— Ele deveria ter voltado logo.

— Meu palpite? Ele precisava voar e mostrar a cabeça para os quatro clãs VampLycan para mostrar a prova da morte. Seria melhor fazer isso antes da decomposição começar.

Ela parou de se mover, observando-o.

— Ewww.

— Ver uma cabeça fresca é muito melhor que um dia depois. De outra forma, poderia ter começado a decomposição enquanto estava sendo levada por aí.

— Tudo bem, eu não quero ouvir mais nada. Isso é nojento. Fico feliz por ter comido um sanduíche quando chegamos aqui ou iria perder meu apetite.

Fray piscou. — Eu não queria incomodar Lorde Aveoth.

— Você é um homem estranho.

— Aceitarei isso como um elogio, minha senhora.

Ela gostava de Fray.

— Está com fome? Poderia preparar alguma coisa enquanto aguardamos, já que está preso comigo.

— Estou bem, mas obrigado. Posso falar livremente?

— Claro.

— Você não deve oferecer para preparar refeições aos guardas. Não se faz.

— Já estou causando estragos, verdade?

Ele encolheu os ombros.

— Tudo bem com o círculo confiável de Aveoth. Você precisa aprender mais sobre o que se espera como a senhora de Lorde Aveoth.

— Não farei nada certo.

— Discordo. Posso me sentar?

— Por favor.

— Eu realmente gosto de você. — Ele riu enquanto se sentava no sofá. — Todo mundo aqui é bastante formal e retraído.

Jill caiu em um assento de frente a ele.

— Percebi. A má notícia é que começo a suar quando tento ser agradável ou vou a algum restaurante. Entende meu problema?

— Por quê?

— Eu cresci pobre. E me sinto tão fora do lugar. Lembro-me de ter ido a um encontro com esse cara alguns anos atrás, que me levou a um desses restaurantes realmente elegantes. Eles perguntaram que tipo de *água* que eu queria. Eu entrei em pânico.

— A água é água.

— Eu sei! — Ela assentiu. — Mas acho que você pode tê-la com gás ou outras coisas. Ainda estou confusa sobre isso. Apenas me lembro de me sentir como se quisesse sair pela porta. Meu encontro riu quando me viu com dificuldade para fazer o pedido. Não lido bem com situações como essa. Agora, aqui estou eu.

— Você terá que aprender por amor a Lorde Aveoth. Sua mãe irá ajudá-la e nós também.

— Ótimo. Eu odiava a escola.

Ele riu.

— Eu também. — Fray ficou de pé de repente e seu olhar foi para as portas abertas da varanda. — Aqui vem ele.

Jill também ficou de pé e apertou as mãos na frente dela. — Não me traga uma cabeça. — Ela cantou. — Por favor, deixe cair.

Fray suavemente bufou. — Ele tem algo em suas mãos. Tenho excelente visão.

— Merda! — Ela mordeu o lábio. — Certo. Não vomite. Isso não é sexy.

Fray olhou para ela e arqueou uma sobrancelha. — Palavras de ânimo para si mesma.

Um sorriso apareceu. Aveoth pousou na varanda e Jill não pode deixar de notar a caixa azul que ele segurava. Parecia algo que deveria guardar um chapéu, mas sabia que era algo muito pior. Ele trouxe a cabeça para casa depois de tudo. Talvez ela não precisasse abrir.

Ele tirou o olhar dela para observar Fray.

— Obrigado.

— Eu vou embora. — Disse Fray sem hesitação. Então rapidamente saiu para a varanda, estendeu as asas e saltou para o ar.

Jill lançou olhares nervosos entre a caixa e Aveoth.

— Você está machucada? — Ele colocou a caixa em uma mesa próxima e diminuiu a distância entre eles, alcançando seu rosto.

Ela se afastou. — A cabeça estava nas suas mãos!

Ele sorriu. — Eu lavei as mãos na casa de Velder enquanto estava lá para informá-lo da morte de Decker. — Ele segurou suas bochechas e se inclinou para que seus rostos estivessem quase nivelados. — Você está machucada? Diga-me a verdade.

— Tenho algumas contusões, meu ombro está deslocado e tenho uma leve dor de cabeça por receber um soco no rosto. Provavelmente não estou no meu melhor. Fray sugeriu que eu fosse tomar banho, mas queria esperar por você.

Ele a soltou e deslizou a mão pela coxa, retirando uma adaga. — Meu sangue irá curá-la. Apenas algumas gotas devem fazê-lo.

— Não quero que você tenha que fazer isso por mim.

— Você é minha companheira e não há como permitir que você sofra. — Ele ofereceu a adaga. — Segure-a.

Ela segurou. — Não cortarei você, Aveoth.

Ele tirou a camisa, mostrando o peito. — Você é muito fofa. — Ele tirou a adaga dela.

— Eu não iria tão longe, mas você não me irritou ultimamente. — Ela sentiu lágrimas em seus olhos. — Eu pensei que nunca mais o veria.

— Você está presa comigo para sempre. Claro, nunca permitirei que você deixe as falésias novamente.

— Eu deveria discutir com você sobre isso, mas depois do que passei, realmente não *quero* ir.

Ele levantou a adaga e apontou para o peito. — Sem copo desta vez. Quero sentir seus lábios em mim. Você está pronta para ser curada, Jill?

Seus olhos estavam mudando de cor, brilhando prata e azul brilhante. — Sim. E também estou excitada. Então podemos fazer sexo.

Ele sorriu. — Sim. — Ele cortou a pele e jogou a adaga em direção ao sofá.

Ela caminhou na direção dele, colocando as mãos em seu peito quente e subiu na ponta dos pés. Ele era muito alto. Ela olhou para o sangue, lambeu os lábios e abriu a boca. O sabor de seu sangue provavelmente nunca seria algo que ela desejava, mas não se importava. Ele envolveu seus braços ao redor dela, abraçando-a com firmeza enquanto bebia dele. A ferida se fechou bem rápido e ela deixou um beijo na pele onde esteve.

Ele a levantou de seus pés, caminhou com ela para o quarto. Seu olhar foi para a abertura no quarto que costuma bloquear.

— Você não vai fechá-la?

— Mais tarde.

— Bom plano. — Ela o queria tanto. — Está com raiva de mim pela besteira que eu disse quando estava com aqueles idiotas?

Ele rosnou baixo e levou-a ao banheiro, depois colocou-a suavemente em seus pés. — Tire a roupa. — Ele recuou e soltou-a.

— Você está? — Ela pressionou.

— Estava muito mais preocupado com a bomba. Matar aquele bastardo foi muito bom

— Fray disse que todos estão mortos. Ele estava falando a verdade, certo? Ninguém escapou?

— Todos mortos. — Ele se curvou e arrancou as botas. — Tire as roupas ou as rasgarei.

Tirou a camisa e passou a calça pelas pernas. — A parte triste é que tivemos todos esses problemas e ainda não tenho as minhas coisas.

— Nós temos o que você queria.

Ela se acalmou. — Minha mochila?

— As cinzas de sua mãe estão intactas. A urna nem sequer foi lascada. Eu chequei.

Ela lutou novamente com lágrimas. — Obrigada.

— Você nunca precisa me agradecer por nada.

Ele ligou o chuveiro e não pode deixar de olhar para todo o corpo dele.

— Você é meu super-herói, Asas. Sabe disso, não é?

Os cantos de sua boca se curvaram para cima. — Você é minha companheira super-sexy. — Seu olhar a percorreu, então ele grunhiu, apertou sua cintura e a girou, curvando-se para inspecionar sua pele. — Você disse que não estava realmente ferida. Todo seu quadril está vermelho.

— Provavelmente estava preto e azul antes do sangue que você me deu. Estou me sentindo bem. Nem dói mais.

Ele se endireitou. — Você nunca mais deixará o meu lado.

— Isso pode ficar estranho.

Ele franziu a testa.

— Quer dizer e quando você precisar pegar um livro e sentar-se no seu trono no banheiro? Eu *então* não quero estar perto de você então ou ter você *comigo* quando for a minha vez de estar. Há amor e amor em um relacionamento. Nós temos que ter alguns limites, Asas. Eu, depois de tudo, tomo sangue por você. Compromisso é importante.

Ele riu. — Você sempre vai me provocar e me dar trabalho?

— Provavelmente. Aposto que sua vida era chata antes de eu entrar nela. Foi-me dito de uma boa fonte que todos nos penhascos são um pouco chatos e formais. Você está sendo salvo disso. —Ela sorriu.

Ele envolveu seus braços ao redor dela, tirou-a de seus pés e entrou debaixo do chuveiro. Sua boca tomou posse da dela e Jill gemeu, abrindo-se para ele enquanto tocava seu grande corpo. Asas era muito forte e ela tinha uma sensação de que estava prestes a fazer sexo contra a parede de azulejos em suas costas. Ela teria dito a ele que sempre quis fazer isso, mas o calor inundou seu corpo e seu clitóris começou a latejar. Cada centímetro de pele sentia isso.

Oh homem. Aqui vamos nós novamente. A droga de acasalamento está de volta. Eu tenho tanta sorte! Esta é uma coisa sobre a qual nunca vou me queixar.

Aveoth percebeu o que estava acontecendo quando Jill agarrou suas costas e moveu os quadris contra ele. O cheiro de sua excitação quase o colocou de joelhos. Por qualquer motivo, seu corpo parecia continuar liberando hormônios da devastação. Ele se afastou do beijo.

— Sinto muito, querida.

— Apenas diga isso se você planeja parar. — Ela estendeu a mão e apertou seu cabelo. — Foda-me.

Ele ajustou-a, abraçou as coxas e alinhou os quadris até que seu pau rígido deslizasse contra suas dobras molhadas. Ela estava pronta para ele e precisava dela. Ele lentamente empurrou para dentro, amando o jeito que sua boceta esfregava seu eixo.

— Sim! — Ela jogou a cabeça para frente e mordeu-o no ombro.

A sensação de seus dentes suaves apertando sua pele com força suficiente para quase doer, rompeu seu controle. Ele entrou profundamente e com força, acalmando-se por um momento e então começou a empurrar freneticamente.

— Minha companheira. Minha Jill. — Ele disse.

— Mais rápido. — Ela pediu. — Duro, Asas. Adoro essa droga. A sensação de seu peito esfregando contra meus mamilos vai me fazer gozar... mude sua pele.

Ele o fez e seus gemidos ficaram mais altos. Ele acariciou seu pescoço e mordeu. O gosto de seu sangue quando ela gozou, sua boceta apertando-o forte e aqueles músculos ao redor de seu pau o fizeram gozar também. Ele gemeu, segurando-a enquanto gozava e até que seu sêmen parou de fluir.

Aveoth cuidadosamente retraiu suas presas, mordeu sua língua e lambeu as marcas. — Eu te amo.

— Eu também te amo. Sem asas desta vez?

— Você disse para mudar de pele. É mais fácil segurá-las antes que eu faça isso. — Ele tocava com o lóbulo da orelha com a boca. — E pensar que eu me preocupava que pudesse assustá-la quando nos acasalamos.

— Adoro tudo, Aveoth. As asas, a pele dura e a mordida. — Ela ergueu a cabeça e olhou nos olhos dele. — Eu aceito você. Primeiro tive medo, mas não mais.

Ele a beijou nos lábios. — Desculpe pelos hormônios.

— Eu não. O sexo sempre será quente entre nós. É como pedir desculpas por uma merda estúpida. Não há necessidade. Eu chamaria isso de bônus.

— Você é incrível.

— Eu também estou muito excitada. Tudo dói.

Ele colocou-a para baixo. — Vamos limpar primeiro. Você tem cheiros que me fazem querer voltar e matar os cadáveres.

Ela pegou o shampoo. — Você tem coisas melhores a fazer. Comigo.

Ele a amava. Isso lembrou seu presente esperando na sala de estar. Ele a ajudou a lavar o cabelo e eles se lavaram. Ele a tomou contra a parede novamente até que ficaram sem fôlego e saciados.

— Vá para a cama.

— Certo. Você não vem comigo?

— Em um momento. — Ele a observou ir, então sorriu. — Tenho que retribuir por estar bem e viva, baby. — Ele saiu do banheiro e entrou na sala de estar para pegar a caixa que conseguiu na casa de Velder.

Jill sentou-se nua no meio da cama com um sorriso no rosto enquanto entrava no quarto – até que viu a caixa azul.

— Ah não. Eu estava brincando sobre me trazer a cabeça. Eu disse que tinha que caber dentro da minha bolsa e eu não tenho uma. Uma vergonha, certo?

Ele se sentou e se aproximou, colocando-a entre eles. — Eu sempre mantenho minha palavra. A honra é importante para mim.

Ela manteve as mãos apertadas no colo. — Eu respeito isso. Então, ganhei uma cabeça. — Ela riu e olhou para cima. — Acho que eu deveria chupá-lo em vez disso. — Ela estendeu a mão e gentilmente empurrou a caixa para mais perto dele.

Seu pau endureceu. —Adoraria sua boca ao redor dessa parte de mim, mas você deve realmente abrir isso e olhar para dentro.

Ela lambeu os lábios, mostrando sua língua rosa.

— Querido, farei qualquer coisa para não fazer isso. Seja um homem e aceite a indireta. Explodir na minha boca ou traumatizar sua companheira. Decisão fácil, certo? Vamos jogar a cabeça no penhasco.

Ele teve que se controlar para manter o sorriso no rosto. — Eu matei por você. O mínimo que você poderia fazer é olhar dentro.

— Isso foi um golpe baixo. — Ela fez uma careta. — Certo. Você tem um bom psicólogo nas falésias? Talvez eu precise de uma sessão ou duas depois disso, mas não me afasto de um desafio. Poderia ter que mudar o meu lema, porém, de enfrentar as coisas de frente. — Ela levantou as mãos e gentilmente usou seus dedos indicadores e polegares para apertar a tampa. — Eu posso fazer isso. Uma rápida olhada e está feito.

Aveoth sorriu. Ela olhou para cima.

— Acha isso divertido, Asas? Eu não fui criada em uma caverna, bárbaro. Eu sei. Preciso me ajustar ao novo estilo de vida das cavernas. Aqui vai.

Aveoth observou seu rosto quando ela empurrou a tampa e depois olhou rapidamente. Ela franziu a testa, olhando para ele. — Eu não vi uma cabeça. Ou senti o cheiro de uma. Não que eu saiba como seria, mas eu imaginava que fosse nojento.

— Dê uma olhada.

Ela olhou para ele com desconfiança.

— Você está tão brincando comigo, não é? — Ela respirou fundo. — Você irá pagar por isso, Asas! — Ela levantou a tampa e desta vez olhou.

A pequena caixa preta dentro a fez deixar cair a tampa na cama. Ela empurrou a cabeça para cima, mantendo o olhar fixo. — Isso é o que eu acho que é?

Ele alcançou e abriu a caixa menor. — Você é minha companheira, mas você também é humana. Eu sei que um anel de casamento é uma tradição importante quando se comprometem. — Ele mostrou o que estava dentro.

Seus lábios se separaram e as lágrimas encheram seus olhos.

— Safiras azuis em ouro branco. Isso me faz lembrar dos seus olhos... — Ela estendeu a mão esquerda e sorriu para ele. — Eu amei! Coloque-o.

Ele gentilmente tirou o anel da caixa e empurrou-o em seu dedo. Ele se encaixou perfeitamente. Ela afastou a caixa do caminho e se jogou nele. Ele a pegou, ajustando-a para que ela ficasse em seu colo.

— Eu te amo. Isso foi tão doce. Obrigada.

— Nós poderíamos realizar um casamento se você quiser. Não será em uma igreja, mas a cerimônia tem significado para alguns humanos.

— Estou tocada, mas não é necessário. Obrigada por oferecer, no entanto.

— Nosso relacionamento precisa ser um compromisso. Você disse e eu concordo. Não quero que se sinta como se tivesse que deixar tudo para construir sua vida aqui.

— Estou tão feliz que disse isso. Os vestidos de espartilho devem ser proibidos e vamos tirar pelo menos quatro metros de tecido de todos.

Ela o divertia. — Isso levará algum tempo.

— Como em cem anos ou dois e depois vamos nos vestir como as pessoas estão agora?

Ele beijou seus lábios. — Você é tão inteligente. Nunca mude.

Ela admirava o anel. — Devíamos celebrar.

— Você quer que eu organize uma festa para o clã se alegrar com nosso acasalamento?

— Eu estava pensando em algo mais privado. *Estamos* nus e em sua cama. — Ela piscou. — E você ainda está liberando hormônios.

Ele segurou seu rosto.

— *A nossa* cama. Eu estava tão solitário antes de você chegar. Obrigado por ter vindo para mim.

— Bem, não foi como se perguntassem. Nunca pensei em dizer isso, mas estou tão feliz por terem me sequestrado.

— Nós teremos uma boa história para contar aos nossos filhos um dia.

— Sim teremos. Nossos bebês morcegos também serão fofos. Eu sei disso.

— Você realmente não pretende continuar chamando-os assim, não é?

— Certo. É como Batman, mas mais bonito. Eles vão adorar. Quer dizer, logo depois de me conseguir uma televisão, então eles saberão quem é esse super-herói.

Ele abraçou-a mais perto. — Providenciarei uma televisão.

— E cabo. A internet também pode ser agradável neste século.

Ele se virou e colocou-a sob ele. — Você quer saber o que eu quero lhe dar agora?

— É grande e duro? — Sua mão percorreu seu estômago. — Estou me aproximando?

— Sim.

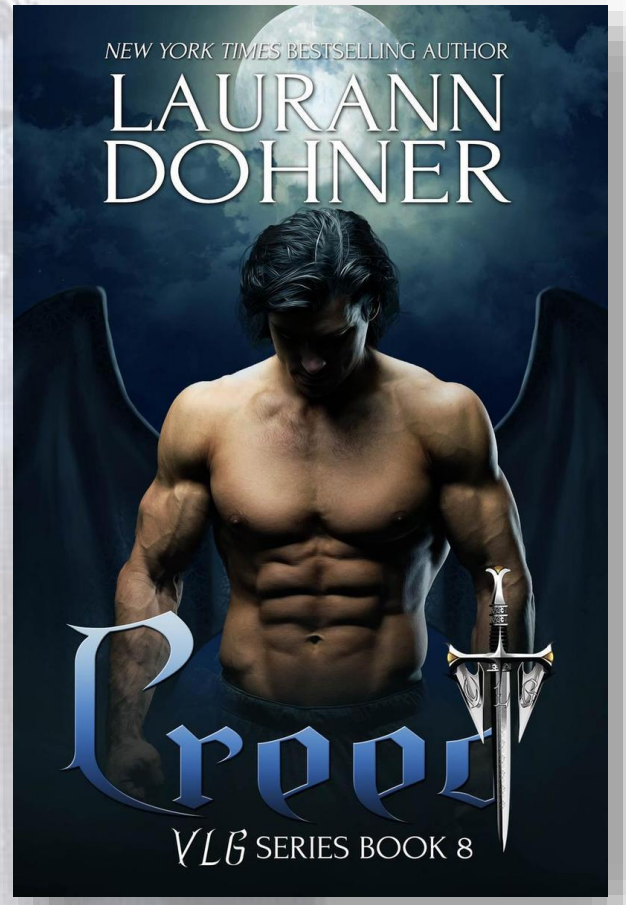
— Então me dê, Asas.

— Sempre, Jill.



Fim.

Próximo!



Sinopse

Angel foi afastada de uma vida de abuso quando criança, por um anjo da guarda que voou com ela em seus braços e lhe deu a um casal de Lycans para cuidar e amar. Era inevitável que ela desenvolvesse sentimentos por seu salvador difícil de alcançar, o GarLycan que protegia sua matilha. Ao amadurecer, estes sentimentos se aprofundaram a algo mais depois de passar um tempo com ele, apenas para ser rejeitada por seu herói. Triste, Angel deixou a matilha, afastando-se para distanciar-se da dor. Agora, anos mais tarde, sua mãe a chama para casa. O guardião da matilha está em necessidade....

Creed é emocionalmente distante e frio. Precisou ser assim para sobreviver a uma vida dura. Sua única fraqueza é Angel. Ela merece uma vida feliz, algo que ele não pode lhe dar. Ele nasceu na servidão e não é permitido ter uma companheira. No entanto, a cada trinta anos entra em calor. A devastação está sobre ele e Angel está decidida a estar ali para ele. Ele irá levá-la a sua guarida, acorrentá-la e finalmente será capaz de tocá-la...

Creed e Angel logo descobrem que sua noite de felicidade tem consequências perigosas.



Parabéns!

Shifter's Homeland

2 anos

Dezembro 2017